



POMPEU BORBA

MEMÓRIAS

ALFREDO JOSÉ G. DE ARAÚJO BORBA

ALFREDO JOSÉ G. DE ARAÚJO BORBA

POMPEU BORBA

MEMÓRIAS

Impressão: Fontenele Publicações
Editora: Kadydja Albuquerque Borba
Revisão: Anna Guedes.
Capa, projeto gráfico e diagramação: Everton Pinheiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Borba, Alfredo José Gouveia de Araujo
Pompeu Borba : memórias / Alfredo José
Gouveia de Araujo Borba. -- 1. ed. -- Salvador :
Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-19200-1

1. Borba, Pompeu 2. Família 3. Genealogia
4. Memórias da família Borba I. Título.

21-60422

CDD-929.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Família : História : Genealogia 929.2

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

“Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar a nossa alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso.”

Fernando Pessoa

Agradecimentos

Foram muitas pessoas que me ajudaram com estímulo, com material de pesquisa, com fotografias, com depoimentos gravados, com revisões e críticas dos textos originais ou simplesmente, mas não menos importante, com apoio apaixonado.

Inicialmente quero agradecer à primeira pessoa com a qual compartilhei a ideia de escrever este livro e, sem a menor hesitação, me deu todo o incentivo que eu necessitava para embarcar em um projeto assim: Nadja Maria Albuquerque Borba, minha mulher e companheira de quarenta e um anos, mãe dos meus filhos Kadydja, Victor e Ingrid Albuquerque Borba, que também me apoiaram desde o primeiro momento. Kadydja, além do incentivo, me forneceu suporte técnico com a elaboração das capas e com a revisão dos originais.

Maria da Conceição Lins Borba - madrinha Concita - e os meus irmãos Plácido, Flávio, Lúcia Helena, Álvaro e Sérgio Borba, além do estímulo desde o princípio, me deram seus depoimentos, gravados ou escritos, com informações fundamentais.

Quero fazer um agradecimento especial a uma pessoa igualmente muito especial: Inêz Maria Gouveia Borba, a irmã mais nova do meu pai, a quem considero minha irmã mais velha. O seu apoio empolgado, as inúmeras conversas que tivemos, a ajuda nas pesquisas, a ida a cartórios e outros engenhos, as fotografias antigas e as entrevistas gravadas que ela fez com parentes foram imprescindíveis. Teria sido impossível escrever este livro sem a sua ajuda.

Juntamente com Inêz, quero fazer um agradecimento especial à minha prima Maria de Fátima de Borba Campos, filha da minha querida tia Detinha, de quem herdou a paixão e zelo pela família e suas tradições. Fátima e seus irmãos Jorge e Paulinho mantêm no Engenho Boa Vista um grande acervo de fotografias e objetos da família. Ela e Inêz garimpam e me enviaram fotografias de valor inestimável não apenas para ilustrar o livro, mas como fonte de pesquisa através das anotações feitas pela minha avó em várias delas. Fátima também visitou o cartório de Itambé e me deu depoimentos importantes.

Os testemunhos detalhados e com toda a paciência possível que recebi de tio Mário, de tio Vital e de tia Elzinha, irmãos do meu pai, foram extremamente valiosos, além de serem uma demonstração de carinho com ele e comigo e me deixaram muito feliz.

Sobre a minha mãe, de quem conhecia pouca coisa, recebi um depoimento de Maria do Carmo de Araújo Silva, a minha tia Carmi, sua irmã mais nova, escrito com muito carinho, um verdadeiro presente.

Na pesquisa sobre os meus avós maternos e seus antepassados, envolvi e recebi ajuda de, literalmente, dezenas de primos e primas. O entusiasmo com que a maioria dos membros da família encarou o trabalho de pesquisar e registrar a história dos nossos antepassados foi contagiante.

Agradeço, também, a Ieda Gouveia e a Tarcísio Gouveia pelas fotografias e depoimentos sobre os nossos parentes do Engenho Recreio.

Um agradecimento especial ao meu cunhado Gilberto Santos de Albuquerque pelo encorajamento e pelas inestimáveis revisões e comentários dos textos originais.

Agradeço, enfim, coletivamente, a todos que de alguma forma contribuíram com o seu trabalho e com o seu tempo para viabilizar a realização deste projeto.

Prefácio

O projeto de escrever esse livro nasceu do desejo de Alfredo – filho mais velho de Pompeu – de imortalizar a trajetória de vida do seu pai.

Pompeu era um homem de temperamento forte, imperativo e que não se deixava abater pelas circunstâncias que a vida lhe apresentava.

Dentro desse contexto, não se poderia escrever sobre ele sem fazer referência à história do Engenho Oriente – nosso berço – dos nossos avós, nossos pais e irmãos, indo até o início de tudo no Engenho Glória e nossos antepassados.

Um trabalho de pesquisa sério, feito com muito comprometimento com a veracidade dos fatos, como Alfredo José Gouveia de Araújo Borba, formado em Engenharia Mecânica e aposentado pela Petrobras, costuma ser: homem íntegro, fiel, comprometido com tudo aquilo a que se propõe fazer. Características que marcam o perfil de nossa família.

Esta obra, pela sua abrangência, foi escrita em quatro partes. A primeira e segunda partes relatam as origens de nossa família, a história do Engenho Oriente, de Aparecida e sua importância na vida de Pompeu, sua amada e mãe de seus três filhos mais velhos, que prematuramente foi levada pelo nosso Pai Maior.

Um marco para a terceira e quarta partes do livro foi seu segundo casamento, com Concita, nossa prima,

quando ele se ausenta dos canaviais da Zona da Mata Norte de Pernambuco e parte para construir sua vida como pecuarista na Caatinga Paraibana e então trilha o sucesso, se tornando referência no mundo da pecuária.

Pompeu se tornou um referencial de dinamismo e empreendedorismo não só para nós, seus familiares, como para os amigos que tão bem soube cultivar e, ainda, a nível nacional, como na criação de gado da raça Sindi.

Neste livro também são relatados causos interessantes, histórias, poesias, dentro do contexto das MEMÓRIAS DE POMPEU BORBA. Uma leitura agradável que flui de forma a nos transportar a uma viagem de volta às nossas origens, à nossa história de vida, uma viagem no tempo – SAUDADES.

Nós somos frutos de nossa história.

Inêz Maria Gouveia Borba
Engenho Oriente, 25 de setembro de 2020.

Introdução

Ao iniciar o planejamento do projeto de escrever as memórias do meu pai me deparei com duas alternativas: escrever na terceira pessoa, como seria o normal para uma biografia, ou escrever na primeira pessoa, me incluindo na narrativa. Depois de refletir um pouco, optei pela segunda escolha. Tratando-se de um livro sobre a minha família, seria estranho para mim chamá-los de maneira formal. Prefiro chamar o meu pai de “meu pai” do que de “Pompeu Borba”; ou “madrinha Candinha”, ao invés de “Dona Cândida Inocência”. No entanto, em determinados trechos da narrativa, refiro-me a eles mais formalmente, por parecer-me mais adequado àquele contexto.

Os termos “padrinho” e “madrinha” são muito usados no fluxo do texto. É comum, pelo menos na minha família, chamar os avós de “padrinho” e “madrinha”, mesmo sem existir uma relação formal de apadrinhamento. Por exemplo, Mário Veloso Borba, avô do meu pai, é chamado por todos os netos e seus descendentes de “padrinho Mário”. Como um dos seus bisnetos, me refiro a ele assim no texto na maioria das vezes.

Outra decisão importante foi quanto aos limites físicos e temporais da história a ser contada. Até onde eu deveria voltar no tempo? E lateralmente na árvore genealógica, qual seria a linha de corte?

Desde a concepção do projeto eu tinha a convicção de que, para contar a história do meu pai, seria fundamental contar a história do Engenho Oriente. Mas contar a história

de Oriente não seria possível sem falar de suas origens no Engenho Glória e das pessoas envolvidas na sua formação e construção. Achei importante, também, retroceder duas ou três gerações nos troncos das famílias que formaram a do meu pai, tendo como limite as informações possíveis de serem obtidas: Pereira **Borba**, Cruz **Gouveia** e Cunha **Gouveia**. Para facilitar o entendimento e eventuais consultas, uma pequena árvore genealógica de cada um desses troncos é disponibilizada logo no início do livro, bem como alguns mapas mostrando os locais onde os fatos narrados aconteceram.

Com essa abrangência, a história narrada na primeira e na segunda parte do livro estendeu-se para vários antepassados e seus engenhos de açúcar nos municípios de Itambé, Timbaúba, Ferreiros e Goiana, como Oriente, Glória, Recreio, Boa Vista, Perori, Bonfim, Vundinha e Lages.

As memórias não seriam completas sem a história da minha mãe. O que acrescentou o Engenho Trigueiro, dos meus avós maternos, no município de Vicência, também na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

As terceira e quarta partes do livro saem dos canaviais verdes e chão molhado da Zona da Mata de Pernambuco e vão para a vegetação da Caatinga e chão seco do Agreste paraibano, nos municípios de Itatuba e Campina Grande, onde o meu pai encontrou e desenvolveu a sua vocação especial de criador.

Escolhi usar os nomes das coisas como eram, ou ainda são, usados nos locais onde se passaram os fatos narrados. Assim, aparecem termos como “tacha”, “cambiteira”, “moita do engenho”, “casa de purgar”, “pão de açúcar”, “bagaceira”, “foreiro”, “feitor”, “cavalo baixeiro”, “eito”, entre muitos outros. O leitor da minha geração, ou anteriores, nascido na Zona da Mata não terá problema em entender o significa-

do de tais nomes. Por outro lado, as gerações mais novas e o leitor de outras regiões terão certa dificuldade. Nada tão grave que um bom dicionário não resolva.

Da mesma forma, os diálogos foram escritos em linguagem coloquial, com as palavras como são faladas nos locais onde aconteceram. Entre as principais fontes de pesquisa que utilizei estão as entrevistas com os meus tios, tias e outros parentes. Os diálogos descritos por eles são muito parecidos com os que realmente ocorreram.

Pesquisei, igualmente, um amplo material escrito em livros, textos acadêmicos, jornais, revistas e almanaques antigos. Alguns trechos mais relevantes para o contexto foram transcritos, visando o registro histórico, mesmo em detrimento da fluência do texto. Decidi pelas transcrições literais, mesmo em português antigo em alguns casos, também pelo seu valor histórico. Para diferenciar, os textos transcritos estão em itálico, com fonte menor e com recuo em relação ao texto normal.

Algumas das fotografias utilizadas não estavam em perfeito estado de conservação, mas são relevantes para a história narrada. Além disso, mostram as dificuldades reais de manter-se acervos particulares, sujeitos à ação do tempo, como tudo enfim.

A história de Pompeu Gouveia Borba é inspiradora para a sua família. Contá-la de forma fiel, sem exageros afetivos ou omissões, é uma enorme responsabilidade. Estou convicto de que a inclusão da sólida fundação formada pela história dos seus antepassados foi uma decisão acertada.

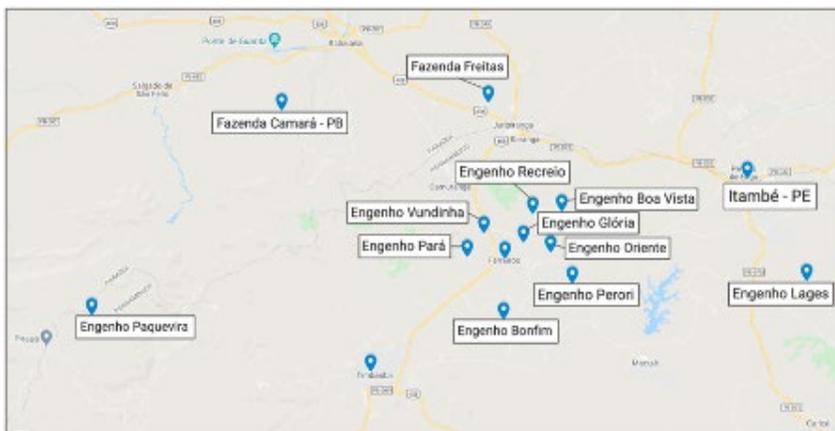
Alfredo José Gouveia de Araújo Borba
Salvador, 27 de agosto de 2020.

Mapas

Os mapas a seguir mostram os principais locais onde aconteceram os fatos narrados neste livro.



Fonte: Google Maps.



Fonte: Google Maps.

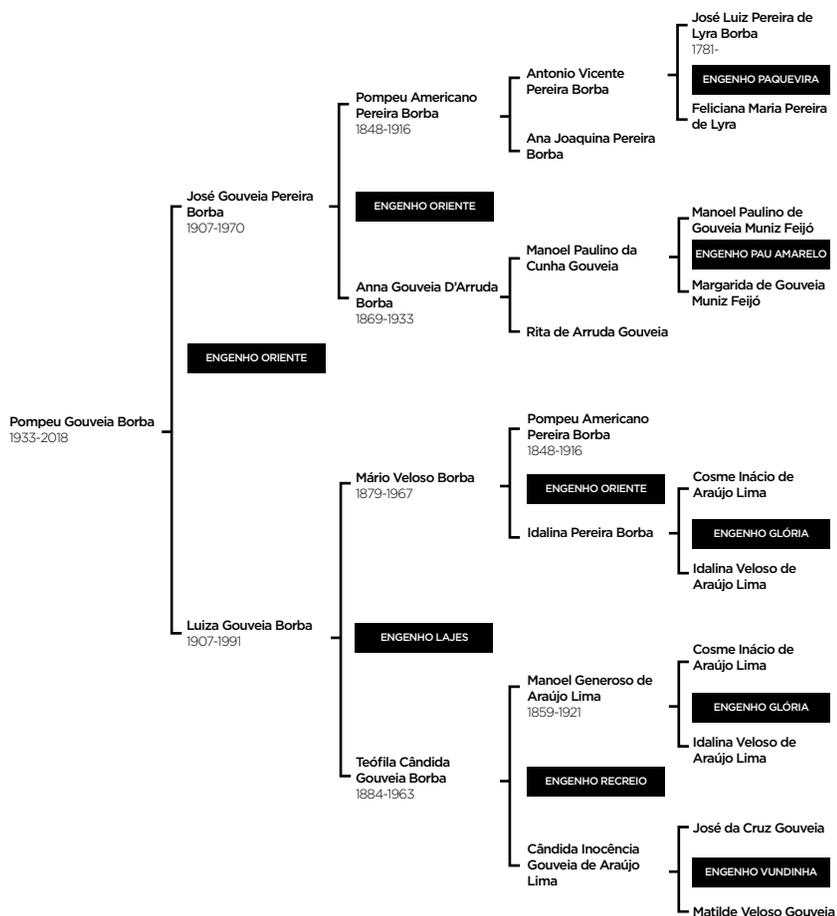


Fonte: Google Maps.

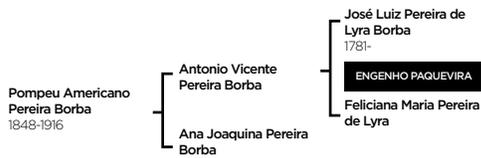
Árvores genealógicas

Os antepassados de Pompeu Gouveia Borba e os seus engenhos de açúcar.

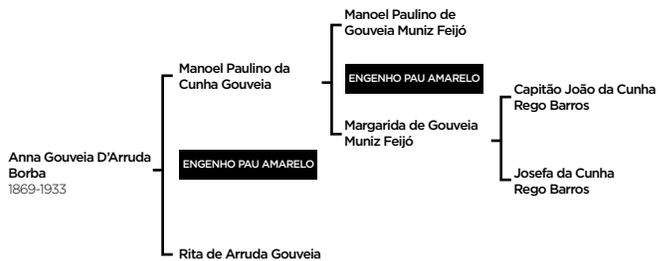
Visão geral:



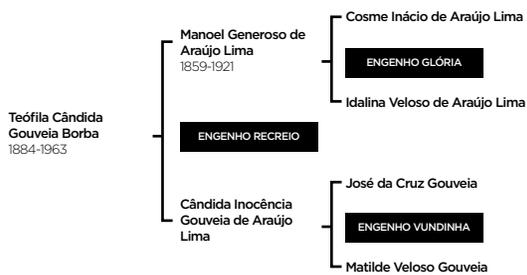
O tronco Pereira **Borba**:



O tronco Cunha **Gouveia**:



O tronco Cruz **Gouveia**:



Sumário

Parte 1:	
Anos de Glória	24
O Mundo em 1933	27
Padrinho Pompeu e o Engenho Oriente.....	30
A Casa-Grande	44
Madrinha Naninha	54
A Decadência dos Velhos Banguês	65
O Engenho Banguê de Oriente	80
Padrinho Generoso e os Engenhos Glória e Recreio.....	98
Cândida Inocência e a Família Cruz Gouveia.....	108
Itambé.....	114
Padrinho Mário e o Engenho Lages.....	119
Ferreiros.....	129
Luizinha e José Borba	130
O Casamento.....	130
Os Filhos.....	131
Histórias de Zé Borba.....	131
A Força Serena de D. Luizinha.....	142
Meninos de Engenho.....	152
As Primeiras Escolas.....	160

Parte 2:	
Anos Rebeldes.....	164
Vida de Estudante.....	166
Em Nazaré da Mata.....	166
Em João Pessoa.....	167
Em Recife.....	168
O Trabalho no Eito	172
A Fazenda Camará	174
A Carta	176
Aparecida.....	178
Dona Lia, Seu Alfredo e o Engenho Trigueiro	184
O Vaqueiro	196
Sabão e Leite.....	200
O Engenho Boa Vista.....	203

Parte 3:	
Anos de luta	212
A “Bacatela”.....	214
Desaparecida	224
Concita.....	230
Oriente Ameaçado	236
Aposentadoria de José Borba	245
Os Grossos	260
O Início.....	260
Itatuba.....	265
Solução para os Três Filhos	266
A Marca “P”	270
Mãos à Obra.....	272

A Raça Santa Inês	284
A Raça Quarto de Milha.....	284
Zé Lagoa	285
Férias.....	287
A Entrega dos Grossos.....	289
Campo Verde.....	291
Jucá Limpo	291
Construções	293
O Trabalho em Campo Verde	296
A Raça Sindi	299
Riacho do Navio	310
Parte 4:	
Anos de Colheita.....	316
Exposições	318
Os Leilões.....	320
SINDI P.....	322
As Viagens pelo Interior do Brasil	329
O Legado	332
Linha de Tempo.....	342
Apêndice	352
O Engenho Martiniano.....	352
Engenhos e Proprietários.....	356
História de uma Pintura.....	366
Considerações Finais.....	374

PARTE 1:
ANOS DE GLÓRIA



Desenho a bico de pena por Mário Gouveia Borba

O Mundo em 1933

No quarto dia do mês de junho de 1933, um domingo, nascia um menino na casa-grande do Engenho Oriente. Era o terceiro parto na vida do casal Luiza Gouveia Borba e José Gouveia Pereira Borba, ambos com apenas vinte e cinco anos, ele ainda faltando quarenta e três dias para completar. Era o terceiro parto, mas o primeiro menino. Luizinha, como era chamada Dona Luiza, tinha uma menina de três anos, Detinha, e havia perdido outra em um parto difícil no ano anterior.

Naquela época os partos eram feitos em casa, com a ajuda de uma parteira, ainda mais quando morava-se no campo, a dezenas de quilômetros da cidade mais perto. O Engenho Oriente está localizado no município de Itambé, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, a cerca de 30 km da cidade e praticamente à mesma distância de Timbaúba. O parto de Luizinha no ano anterior teve complicações que a parteira não conseguiu resolver e a sua sogra, Anna Gouveia d'Arruda Borba — madrinha Naninha, para os futuros netos —, hesitando para não assustar a jovem nora, demorou a enviar um portador a cavalo para trazer um médico de Timbaúba. A criança, uma menina, não resistiu. Não é difícil imaginar, portanto, o alívio e a alegria quando, dessa vez, a criança chorou alto e a parteira anunciou que era um homem e era perfeito. O seu nome foi escolhido em homenagem ao avô paterno, Pompeu.

O sogro de Luizinha era também o seu avô, Pompeu Americano Pereira Borba, o padrinho Pompeu, como ela e os outros netos e netas o chamavam. Ele foi casado duas

vezes. Do primeiro casamento teve, entre outros filhos, Mário Veloso Borba, o padrinho Mário — ou Dindinho, para os netos —, pai de Luízinha. Após enviuvar da primeira esposa, padrinho Pompeu casou-se com madrinha Naninha, tendo mais sete filhos, dos quais sobreviveu apenas o último, José Gouveia Pereira Borba, que vinte e dois anos depois viria a se casar com Luízinha, sua meia-sobrinha, quatro meses mais velha do que ele. Os casamentos consanguíneos eram muito comuns entre os proprietários de terras de Pernambuco até a primeira metade do século passado.

Naquele primeiro domingo de junho de 1933 nasceu um menino fisicamente perfeito na casa-grande do Engenho Oriente. Esse menino seria batizado Pompeu Gouveia Borba, o protagonista deste livro e meu pai.

A tranquilidade daquele domingo de 1933 no Engenho Oriente, no seu relativo isolamento dos acontecimentos do mundo, era uma cômoda ilusão, pois lá fora a vida fervilhava de fatos que definiriam o destino de todos, inclusive dos que viviam naquele pedaço de terra distante dos grandes centros onde as peças eram movidas no tabuleiro da história.

Os principais fatos ocorridos muito distante dali, naquele ano de 1933, e publicados na imprensa oficial do estado de Pernambuco, foram:¹

30 de janeiro - O presidente Roosevelt lança o New Deal, plano econômico para recuperar a economia norte-americana fortemente impactada pela crise de 1929.

30 de janeiro - Adolf Hitler é nomeado chanceler na Alemanha.

1º de abril - Nazistas iniciam boicote às lojas de judeus. No dia 7 daquele mês, os judeus são proibidos de trabalhar em repartições do governo alemão.

¹ **1915-2015 Almanaque Centenária, edição comemorativa dos 100 anos de criação da Imprensa Oficial de Pernambuco.** Recife: CEPE - Companhia Editora de Pernambuco, 2016.

26 de abril - É criada a Gestapo, a polícia secreta nazista.

21 de maio - O Governo concede anistia aos revolucionários de 32.

4 de julho - O líder indiano Mahatma Gandhi é preso por incitar a desobediência civil.

6 de julho - É criado o Instituto Brasileiro de Estatística.

1º de dezembro - O Governo assume metade da dívida bancária dos cafeicultores.

Além disso, três dias antes, em 1º de junho, foi assinado o decreto que criava o Instituto do Açúcar e do Alcool - IAA, o que aumentava o poder de intervenção estatal na economia canavieira do país,² de particular interesse para aquela família. Foi lançado, também naquele ano, o livro *Casa-Grande & Senzala*, do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre e, no cenário nacional, o Governo Provisório de Getúlio Vargas, instaurado pela Revolução de 1930, convocou uma Assembleia Nacional Constituinte para elaboração da nova constituição, implementada em 1934. O Interventor Federal do Estado de Pernambuco durante o Governo Provisório da República foi Carlos de Lima Cavalcanti, dono dos jornais recifenses *Diário da Manhã* e *Jornal da Tarde*.

E, assim, a vida do menino Pompeu começava em um mundo conturbado, em rápida transformação, saído há cerca de quinze anos da maior e mais mortífera guerra que já havia ocorrido e caminhando a passos largos para uma outra ainda pior. Esses acontecimentos impactavam inclusive o preço do açúcar, o que afetava diretamente as condições de vida de todos daquela região.

² CAMPOS DE CARVALHO, Zóia. **Doce amargo: produtores de açúcar no processo de mudança, Pernambuco, 1874-1941**. São Paulo: Annablume Editora, 2001. p. 75.

Padrinho Pompeu e o Engenho Oriente

Não é possível narrar as memórias de Pompeu Gouveia Borba sem contar, primeiro, a história do Engenho Oriente, que, por sua vez, está ligada à história de Pompeu Americano Pereira Borba (1848-1916), o padrinho Pompeu, e ao seu casamento com Idalina Veloso Borba, filha do senhor do Engenho Glória, Cosme Ignácio de Araújo Lima.

Em meados do século XIX o Engenho Glória abrangia as terras de vários futuros engenhos de Itambé, à época um distrito do município de Goiana.³ Essas terras foram se desmembrando à medida que as filhas e filhos do “Capitão” Cosme Ignácio⁴ iam se casando. Como dote do casamento de sua filha Idalina, ele doou ao jovem casal cerca de 400 hectares das terras do Engenho Glória. Essas terras formaram o Engenho Oriente. É neste ponto que começa a nossa história.

Pompeu Americano foi quem trouxe o sobrenome Borba para o meu pai. Ele era filho de Antônio Vicente Pereira Borba, da família do Engenho Paquevira, localizado na Serra do Pirauá, em Macaparana, que até a década de 1920 era um distrito de Timbaúba, e Ana Joaquina do Sacramento.

3 O município de Itambé foi criado pela Lei Provincial nº 720, de 20 de maio de 1867, como desmembramento de Goiana e Nazaré.

4 *Era muito comum os senhores de engenho terem patentes militares da Guarda Nacional. Cosme Ignácio é mencionado no Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, de 1860, como alferes, equivalente a segundo-tenente mais tarde. Já no jornal Diário Novo, de 18/11/1847, ele é citado com o título de capitão, talvez mais como um título de destaque do que como uma patente propriamente dita.*

Era, também, primo de Manuel Antônio Pereira Borba (1864-1928), que viria a ser governador de Pernambuco entre 1915 e 1919 e senador da República entre 1920 e 1928, filho de Simão Velho Pereira Borba, também do Engenho Paquevira.

Quando conheceu Idalina, Pompeu Americano era arrendatário do Engenho Panorama, em Timbaúba. Nessa época as terras que viriam a formar o Engenho Oriente estavam arrendadas. O rendeiro havia construído uma pequena casa de taipa numa colina, à sombra da Mata Atlântica, como sede da fazenda. Cosme Ignácio, o pai de Idalina, providenciou a permuta do arrendamento de Panorama pelo, então, arrendatário de Oriente, antecipando a ida da filha e do seu marido para a sua nova propriedade.

Após o casamento, Pompeu Americano e Idalina tomaram posse das terras de Oriente, cuja pequena casa de taipa foi melhorada para acomodar os recém-casados e, ao longo dos próximos anos, à medida que os filhos foram nascendo, foi sendo ampliada para acomodar a crescente família. A parte ampliada já foi construída em alvenaria. Assim nasceu o Engenho Oriente, trazido por Idalina para a nossa família.

No início, a cana era moída no Engenho Glória, até que Pompeu Americano contratou a montagem de um engenho banguê⁵ para a produção de açúcar bruto. O maquinário a vapor era importado, geralmente do Reino Unido, como o de Oriente. Não foi possível determinar com precisão o ano da montagem do engenho, estimo que tenha se dado entre os anos de 1875 e 1885. A construção de um engenho banguê, com capacidade de produção entre 2 mil e 3 mil

5 *“Banguê = forno de tijolo dentro do qual se acende o bagaço ou a lenha, por uma fornalha localizada na extremidade, cujas chamas aquecem o fundo das tachas, de forma chata e hemisférica, saindo o fumo por uma chaminé situada na extremidade oposta”. Cf. Mattos, 1942:65, e Jambeiro, 1973:19. Citado por CAMPOS DE CARVALHO, Zóia. **Doce amargo: produtores de açúcar no processo de mudança, Pernambuco, 1874-1941.** São Paulo: Annablume Editora, 2001.*

pães de açúcar por ano – um pão de açúcar tinha cerca de 90 kg – custava em torno de 20:000\$000 a 30:000\$000 (vinte a trinta contos de réis), o equivalente ao valor total da produção de açúcar no período de um a dois anos. A título de comparação, segue um anúncio publicado na edição de 19 de março de 1910 do jornal A Província, que ofertava [sic]:

“POR SESENTA CONTOS DE RÉIS.

Vende-se o engenho Retiro do município de Nazareth, districto de Alliança, com uma légua de fundo e meia de largo, aproximadamente, montado a vapor, produzido por fogo do assentamento, com casa para bagaço grande e de tijollos, distillação optimamente montada açude muito próximo a distillação e ao engenho, com quarenta casas para moradores, todas bem conservadas. com diversos sítios com muitas fructeiras entre as quaes notam-se laranjeiras, mais de 100 pés de coqueiros, algumas mangueiras, muitos cajueiros, bananeiras etc., bom cercado, ainda algumas capoeiras, 8 bois de correia, 2 carros em perfeito estado, 4 animaes para carga, 2 para sélla, grande e bem construída estribaria, casa de vivenda grande de pedra e cal e bem construída, diversas casas de farinha, ainda outros açudes, com safra fundada para 600 pães de assucar; a tratar com o proprietário no mesmo engenho”.

Considerando que a formação do engenho foi nos estertores finais da escravidão no Brasil, Oriente não teve trabalho escravo sob a administração de Pompeu Americano. Esse fato é coerente com a história do seu primo Manoel Borba, que, durante a década de 1880, quando cursava a Faculdade de Direito do Recife, “ao lado de Martins Júnior, Joaquim Nabuco e Maciel Pinheiro, dedicou-se às campanhas abolicionista e republicana, seguindo assim o pensamento político de seu pai, que não utilizava mão de obra escrava em seu engenho”.⁶ A minha avó, Luizinha, costumava afirmar que Oriente nunca teve escravos, reforçando esse entendimento.

Falando em Manoel Borba, existe uma interessante história que o meu pai costumava contar, sobre a infância do

⁶ CEHIBRA, Fundação Joaquim Nabuco, Apipucos; *Série Documentos Pessoais (Completa)*; *Série Produção Intelectual. Acervo Manoel Borba (Pastas 1 a 4 – docs. 1 a 24 g 4)*.

primo político de padrinho Pompeu, seu avô paterno, sobre a qual não pude comprovar até onde vão os fatos e onde começa a lenda familiar.

Ele contava, provavelmente tendo ouvido do seu pai, [sic] “...Manoel Borba era filho de Simão Pereira Borba, do Engenho Paquevira, e eles eram muito amigos do pai de Epitácio Pessoa. Então, fizeram um acordo entre eles: o pai de Epitácio trazia o filho para a casa de Simão, conversavam até tarde da noite, dormia lá e na manhã seguinte entregava Epitácio a Simão para levá-los até a estação - nesse tempo a estação não era em Timbaúba, era em Pureza -, onde pegavam o trem para o Recife. A linha de ferro não tinha chegado ainda em Timbaúba. Os dois se formaram desse jeito”.⁷ Essa história tem um detalhe adicional, uma espécie de arremate da lenda da família, que conta que um dos dois pais teria dito, vendo os filhos caminhando para a estação, *‘um será governador do estado e o outro será presidente da República!’*, sem dizer quem seria o quê. A “profecia” se realizou.

Tentando apurar essa história, verifiquei que Epitácio Pessoa perdeu o pai e a mãe, vítimas de varíola, aos sete anos, tendo sido entregue aos cuidados de um tio materno, que viria a ser o barão de Lucena e que, na ocasião, era presidente da província de Pernambuco.⁸ Portanto, a história contada pela família deve, certamente, ter sofrido liberdades poéticas ao longo das décadas de transmissão oral.

7 Gravação feita por Arabela Pessoa Guerra em uma reunião da família poucos anos antes de meu pai falecer.

8 “Epitácio Pessoa” - FGV-CPDOC fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/epitacio-lindolfo-da-silva-pessoa

Em 10 junho de 1903, o Diário de Pernambuco publicou a seguinte nota anunciando a morte de Simão Velho, pai de Manoel Borba e irmão de padrinho Pompeu [sic]:

“Realizaram-se no dia 29 de maio na capella de Monte Alegre desta freguezia, as exequias mandadas celebrar pelo descanso eterno do sr. Simão Velho Pereira Borba. Concorreram ao acto funebre, além do dr. Manoel Borba e coronel José Borba, filhos do morto, o dr. Antonio Vicente Pereira de Andrade, prefeito e chefe politico deste municipio [São Vicente-PE], coronel Antonio Jorge, capitães Urbano Andrade, Antonio Pedrosa, Antonio Barbosa, Genuino de Britto, Josino de Araujo, Feliciano Gomes de A. Pereira e muitos outros.



Prédio (moita) do Engenho Oriente no início do século XXI, já sem as ferragens e sem o bueiro, visto da casa-grande (acervo da família).

Até o final do século XIX, padrinho Pompeu e Idalina tiveram sete filhos, entre eles Mário Veloso Borba (1879-1967), que assumirá, a partir da segunda década do século XX, após a morte do pai, o papel de patriarca da família. O filho mais velho do casal, Antônio Veloso Borba, teve uma história misteriosa. Deixo aqui o meu pai contar, como só ele sabia [sic]: *“...Padrinho Pompeu tinha uma propriedade, um lugar chamado Encruzilhada, uma propriedade pequena, chamavam um ‘vapor de algodão’...E tio Antônio arranhou lá uma namorada, que naquele tempo diziam que era ‘falada’, naquela época, né? A família não aprovou, então padrinho*

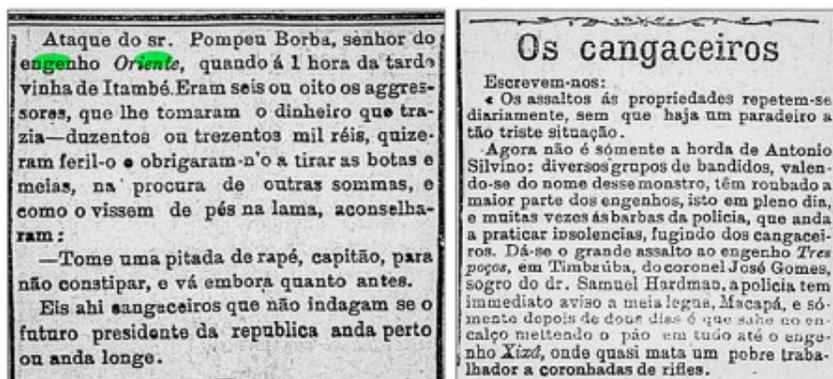
*Pompeu proibiu terminantemente ele namorar com essa moça. Nesse tempo, ia embora um pessoal para o Amazonas, para o negócio da borracha, aí ele foi no meio desse povo. No caminho, logo devolveu a moça, porque realmente ela não era, hahaha... e foi embora para o Maranhão. Depois chegou uma carta dele, padrinho Pompeu já tinha morrido, entregaram à madrinha Naninha. Madrinha Naninha era mãe de meu pai, né? Porque pai é irmão dos outros só por parte de pai. Padrinho Pompeu enviuvou...".*⁹ Neste ponto da gravação fizeram uma pergunta e a conversa enveredou para outra história e mudou a atenção de todos. Outras fontes da família contam que tio Antônio foi para o Pará e que madrinha Naninha recebeu algumas cartas dele após a morte de padrinho Pompeu, mas tia Flora, irmã de tio Antônio, muito autoritária e moralista, escondeu essas cartas e nunca as respondeu. A família nunca mais teve notícias dele.

O que quer que tenha levado tio Antônio a ir embora, se uma paixão fulminante ou um voo para a liberdade, longe de um pai que talvez fosse um senhor de engenho em tempo integral, nunca saberemos. Mas bem que ele tentou restabelecer uma ponte de volta e não foi lhe dada a chance.

Antes da virada do século, Idalina morreu e Pompeu Americano casou-se com Anna Gouveia d'Arruda Borba, a madrinha Naninha. Para essa nova fase da vida padrinho Pompeu construiu, em 1900, uma nova casa-grande, numa parte aplainada da colina, abaixo da casa antiga e mais perto da moita do engenho, a qual ficava em um nível mais baixo do que o da casa, devendo-se descer uma pequena ladeira de uns cinquenta metros para chegar ao terreiro do engenho.

⁹ Gravação feita por Arabela Pessoa Guerra em uma reunião da família poucos anos antes de meu pai falecer.

Antes de entrarmos na casa-grande, cabe aqui uma história curiosa que descobri, entre outras tantas, pesquisando os jornais da época. Padrinho Pompeu sofreu um assalto na estrada que liga Itambé ao Engenho Oriente. A notícia saiu em dois jornais da capital, o *Jornal do Recife* e *A Província*, em 13 de junho de 1906. Na mesma página do *A Província* saiu, também, notícia sobre um assalto praticado por “cangaceiros” no Engenho Três Poços, em Timbaúba.



Notícias do assalto ao “Sr. Pompeu Borba” e dos assaltos de “cangaceiros” em Timbaúba no jornal *A Província*, de 13 de junho de 1906.

Algumas observações sobre as notícias: Pompeu Americano é chamado informalmente pelo título de capitão pelos assaltantes, mas uma nota do *A Província* do ano anterior o intitulava *tenente-coronel*; a frase final na nota é enigmática. Acredito que faça referência ao fato de padrinho Pompeu ser primo de Manuel Borba, um político já em ascensão no estado, com pretensões nacionais.

Escrivães:
 José Bezerra Cavalcanti.
 Theophilo Ottoni.
Supplentes do juiz substituto seccional:
 João do Rego Cavalcanti Sobrinho.
 cap.
 José Pedro Bandeira de Mello, cap.
 Manoel Joaquim Carneiro d'Albuquerque, cap.
Ajudante do procurador da Republica:
 Luiz Antonio B. de Menezes.
Supplentes do Juiz municipal:
 1.º Joaquim Francisco C. Lins, ten. cor.
 2.º Pompeu Americano P. Borba, ten. cor.
 3.º Supplente: Manoel José Correia Gayão, ten. cor.
Supplentes dos juizes de districto:
 1.º districto:
 Joaquim Francisco d'Albuquerque.
 Vicente Barbalho da Silva.
 2.º districto:
 Fabio Cesar d'Araujo Lima.
 José Camello Pessoa Mendes.
 Manoel Belisario da Cruz Gouveia.

Cargos administrativos em Itambé – PE, indicando a patente de Pompeu Americano Pereira Borba: tenente-coronel da Guarda Nacional. (Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial – RJ – 1911).

O assalto pode ter sido, sim, praticado por cangaceiros, pois bandos aterrorizavam o norte de Pernambuco e o Agreste da Paraíba entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, inclusive o mais famoso deles na época, o bando de Antônio Silvino. Uma notícia publicada no Jornal A Província, em 21 de janeiro de 1905, relata vários assaltos desse bando às regiões de Cruangi, Timbaúba e Macaparana, denunciando a conivência de parte da polícia e de alguns administradores de engenhos. Segue a transcrição literal da notícia [sic]:

OS CANGACEIROS

Continuam os moradores de vasta zona do interior de Pernambuco vivendo, em sua maioria, sob os vexames, e as ameaças de meia dúzia de criminosos da peor espécie.

Julgamos inútil chamar a respeito a atenção das primeiras autoridades do estado, porque há muito se implora uma providencia e até hoje os mesmos bandidos só têm encontrado amparo e auxílios.

Limitamo-nos, por isso, a registrar as notícias que recebemos de fonte insuspeita.

Hontem mandou-nos um dos nossos informantes a seguinte:

A 1 hora da madrugada de 7 do corrente chegaram a Cruangy os célebres Cocada, Rio Preto e Relâmpago, e passaram a noite em um pastoril.

Depois, em companhia de uma praça de polícia, assaltaram o povoado, conseguindo arrecadar 500\$000.

Cruangy dista apenas légua e meia de Timbaúba e tem como subdelegado um homem quasi analphabeto, administrador de um engenho, e que entrega o policiamento a dois filhos desordeiros.

Ao chegarem os cangaceiros a Cruangy o tal subdelegado teve aviso, porém só mandou comunicação ao delegado, em Timbaúba, às 9 horas do dia, para dar fuga aos assaltantes!

Cocada e os dois companheiros partiram de Cruangy às 7 horas, passando pelos engenhos: Julião, onde receberam 20\$000 do dono de uma venda e 50\$ do senhor do engenho; Quandús, 10\$ do dono da venda e 35\$ do senhor de engenho; Jussará, 35\$ da venda pertencente à senhora do engenho; Pindoba, 10\$ do dono da venda; Palma, 20\$ da dona da venda e 30\$ do senhor do engenho; Lagôa d'antas, 50\$ do senhor do engenho.

Ahi demoraram-se muito e, depois do jantar, seguiram às 4 horas da tarde com destino ao povoado Macapá, tendo por fim o assassinato do sr. Manoel Francisco de Paula, a quem haviam roubado na véspera.

Junto a Macapá fica o engenho Macapasinho, onde se hospedaram, sendo amavelmente acolhidos pelo administrador.

Ahi estavam, promptos sem dúvida a realizar o seu criminoso projecto, quando o sr. Manoel Francisco de Paula, com quatro praças de polícia e dois paisanos, poz cerco ao engenho.

O administrador disse-lhes, porém, que os cangaceiros já se haviam retirado há muito...

Entretanto, só no dia seguinte, às 4 horas da manhã, de lá sahiram os bandidos, com destino ao engenho Paquevira, onde segundo dizem – estavam hospedados Antônio Silvino e seus outros auxiliares.

O delegado de Timbaúba, alferes Tito Salvador, entregou à disposição do sr. Manoel Francisco de Paula as quatro praças por não ter confiança alguma no actual subdelegado, que é intimo do grupo de Antônio Silvino e o auxiliou no último assalto.

Attenda bem o desembargador Sigismundo Gonçalves: ao ter notícia desse facto, o chefe de polícia, dr. Santos Moreira, mandou retirar de lá as praças que haviam cercado o enge-

nho Macapasinho, deixando outras à disposição do referido subdelegado.

É' ou não a polícia que protege aquelle grupo de bandidos?

O delegado de Timbaúba não perseguiu Antônio Silvino e seus companheiros porque dispõe apenas de oito praças.

Timbaúba não está livre de um assalto e o sr. Manoel Francisco de Paula tem a vida sob as ameaças não só dos cangaceiros como do próprio subdelegado.

Esse era o clima de intranquilidade que reinava na região canavieira na Mata Norte de Pernambuco àquela época.

Uma outra nota publicada no Jornal A Província, em 2 de fevereiro de 1911, ilustra bem a vida social, sempre em torno da religião, das famílias mais destacadas da região no início da segunda década do século XX. Tratava-se de um anúncio sobre a festividade religiosa que se realizaria na igreja de Nosso Senhora da Conceição, do povoado de Ferreiros, em homenagem a São Sebastião, no dia 22 de fevereiro de 1911. Muitos dos nomes citados aparecem mais adiante na nossa história. Segue a transcrição na íntegra [sic]:

Eleição

dos juizes e mais devotos que teem de festejar o glorioso martyr São Sebastião, que se venera na egreja de N. S. da Conceição do povoado de Ferreiros, município de Itambé, no dia 22 do corrente.

Juíza da bandeira

A senhorita Severina Velloso Freire, filha do coronel Julio Velloso Freire.

Juízes protectores

Major João Francisco do Carmo.

Major Antonio Parede.

Dr. Pedro Tavares de Mello.

Major Mauricio Travasso de Moura.

Major Luiz Travasso de Moura.

Major Manoel Guedes Correia Gondim.

Srs. Narcizo Maia & C.

Srs. Othon & Mendes.

Sr. Adelino Rodrigues.

Sr. João Rufino da Fonseca.

Srs. Silva Rodrigues & C.

Srs. Alves de Carvalho & C.

Srs. Francisco Pinto & C.

Capitães:

*José Pacheco.
Virgínio Velloso Freire.
Severino Velloso de Mello.
Damião José Pereira.
Domício Leopoldo de Andrade.
João da Cruz Gouveia.
Pompeo Americano Pereira Borba.*

Capitão:

*Paulino Velloso Pereira Borba.
Felipe José Barboza.*

Juízas protectoras

*Exmas. Sras. dd.:
Henriqueta Correia M. Rezende.
Idalina Correia de Araujo Lima.
Idalina Tavares de Mello.
Flora Nunes Machado.
Maria Ascensão Velloso Freire.
Maria Augusta da Cruz Gouveia.
Rosalina César Pessoa de Andrade.
Rosalina Pereira da Silva.
Anna de Arruda Pereira Borba.
Candida de Gouvêa Lima.
Theophila de Gouvêa Pereira Borba.
Senhorinha Velloso Borba.
Feliciano d'Oliveira Lima.
Emília de Noronha Faria.
Etelvina Eliza de N. Faria.
Anna Barboza.
Manoella de Miranda Velloso Freire.*

Juízes por eleição

Coroneis:

*Julio Velloso Freire.
Claudino Sonel da Cruz Gouvêa.
Cezario Cezar de Noronha Faria.
Olympio G. de Noronha Faria.
José Cezar Marinho Falcão.
João de Andrade.
João de Andrade Sobrinho.
Raymundo Moura.
José Pereira da Silva.
João Ferreira de Souza.
Joaquim Moura.
Mizael Monte Negro.
Antonio Velloso Freire.
Benjamin Nunes Machado.
José Velloso Freire.
Fabio Cezar de Araujo Lima.
Dr. Bráulio Gonçalves.
Dr. Ernesto Vieira Santos.*

Juízas por eleição

*Exmas. Sras. dd.:
Olegaria Amaral de Gouveia.
Luiza Gonzaga de Araujo Mendes.*

*Francisca Ferreira de Souza.
Rozaria Guedes.
Francisca Pereira da Silva.
Helena Velloso Pereira Borba.
Josepha Xavier de Noronha Faria.
Anna Carolina de N. Faria.
Maria Pereira de Barros.
Leonilla Hermelinda de Paiva.
Olindina Carvalho de Paiva.
Duçolina Noberto.
Maria Adelaide Ley.
Juvina Alves de Mello.
Izabel de Moraes Coelho.
Narciza Lyra da Silva.
Amalia Alves.*

Juízes por devoção

*Tenentes coronéis:
José Victor de Carvalho.
Samuel da Costa.
Antonio Severino Velloso.
Firmino Valerino de Arsenio.
Emiliano Pereira Borges.
Sebastião Noberto.
Capitães:
Antonio Camello P. Vasconcellos.
Manoel Belisario da Cruz Gouvêa.
Luiz Danta Lima.
Mario Velloso Borba.
Major Bellarmino G. N. Faria.
Tenentes:
Abílio Júlio de N. Faria.
Flavio Cezar de Araujo Lima.
Ismael Victor da Cruz Gouvea.
José Ignacio de Araujo Lima.
Gustavo Pereira Borba.
Domingo Pereira Borba.
Severino Nunes Machado.
Manoel Damião Pereira.
José de Oliveira Barros.
Abilio Cavalcanti.
José Gomes de Mello Rezende.
Tertuliano de Souza.
Cicero Alves de Andrade.
João Ferreira.
Severino Alfredo de Oliveira.
Agridino Noberto.
José Severino Alves.
Noberto Sebastião.*

Juízas por devoção

*As senhoritas:
Maria Christina T. de Mello.
Adélia de Araújo Lima.
Idalina d'Araújo Lima.
Maria Júlia da Cruz Gouveia.*

*Maria Augusta d'Oliveira.
Petronilla d'Oliveira Lima.
Antonia d'Oliveira Lima.
Herotide Velloso de Rezende.
Lydia C. Correia d'Oliveira.
Candida Velloso da Silveira.
Augusta da Silva Telles.
Francisca do Carmo Telles.
Julia da Silva Telles.
Josepha de Mesquita Guedes.
Felicia C. de Moraes.
Severina Barboza da Silva.
Maria Barboza da Anunciação.
Izaura C. d'Oliveira Lima.
Izaura Xavier de Araujo.
Josepha Rosalina da Silva.
Antonia Rosalina da Silva.
Maria Bezerra Cavalcanti.
A comissão
Olivio d'Araujo Lima.
Pedro Ferreira de Souza.
José Camello Pessoa Mendes.
Está conforme.
Timbaúba, 31 de janeiro de 1911.
Vigário José Marçal.*

Pompeu Americano Pereira Borba morreu em 23 de julho de 1916, aos 68 anos, com o seu primo Manoel Borba já no segundo ano do mandato de governador de Pernambuco, deixando o Engenho Oriente para a viúva, madrinha Naninha, e seu filho de apenas nove anos, José Gouveia Pereira Borba, bem como para os herdeiros do primeiro casamento. As partes dos herdeiros foram posteriormente compradas por madrinha Naninha, ficando o engenho integralmente com ela.

POMPEU AMERICANO PEREIRA BORBA
 30.ª dia


 Anna de Gouveia Borba Benjamin A Nunes Machado e família, Helena Velloso Borba, Mario Velloso Borba e família, Domingos Velloso Borba e família, Gustavo Velloso Borba e família, Fabio Velloso Borba e família, Olympio Nabor Pereira Borba e família, Benvenuto Pereira Borba convidam a todos os parentes e amigos para assistirem ás missas, que por alma de seu nunca esquecido esposo, sogro, pai e irmão **POMPEO AMERICANO PEREIRA BORBA**, mandam celebrar na matriz de Timbauba, ás 8 horas do dia 23 do corrente, trigesimo dia de seu fallecimento.

Penhorados, agradecem a todos que se dignarem de comparecer a este acto de religião e caridade, assim como aos que tomaram parte nos demais actos do infausto acontecimento e tiveram a gentileza de apresentar os seus sentimentos de pezar.

(8511).

Nota sobre a missa de 30º dia da morte de Pompeu Americano Pereira Borba, realizada na Igreja Matriz de Timbaúba, em 23 de agosto de 1916.

Nota-se que todos os filhos e filhas (ou genros) estão listados, com exceção do primogênito, Antônio Velloso Borba.

(A Província, 20 de agosto de 1916).



Pompeu Americano Pereira Borba. Foto emoldurada e pendurada no apartamento de Pompeu Gouveia Borba, em João Pessoa (acervo da família).

A Casa-Grande

A casa-grande do Engenho Oriente se impõe pela sua localização e presença marcantes, olhando com as quatro janelas da sua ampla fachada para a moita do engenho abaixo. É grande, mas é simples e austera. Traduzindo, talvez, os tempos já difíceis para os banguês no início do século. A época das suntuosas e imponentes casas-grandes tinha ficado para trás, relegada a um passado imposto pelo avanço inexorável do novo, do moderno, da eficiência industrial dos engenhos centrais¹⁰ e das usinas de açúcar,¹¹ tornando difícil a luta pela sobrevivência dos outrora gloriosos produtores de açúcar bruto.

Quem chega a Oriente, ao passar pelo grande pé de mulungu à direita da estrada, onde outrora havia uma porteira, e antes de atingir o balde do açude, tem a atenção logo atraída pela casa-grande, levemente à esquerda, através do açude, em cujas águas é perfeitamente refletida entre as “pastas” em dias de pouco vento. A moita do engenho fica logo ao final do balde, ao lado direito, no nível da estrada, submissa à casa-grande na colina à frente. Uma pequena e íngreme ladeira, à esquerda, bem em frente ao engenho,

10 *Os engenhos centrais eram empresas de capital aberto, frequentemente estrangeiro, que desvinculava a atividade industrial da produção de açúcar da atividade rural de cultivo da cana. O modelo dos engenhos centrais foi uma tentativa malsucedida do Governo Imperial de melhorar a eficiência e qualidade do processo de produção de açúcar na segunda metade do século XIX (O Trem para Branquinha. Recife: CEPE - Companhia Editora de Pernambuco, 2018).*

11 *As usinas são versões ampliadas dos engenhos onde grande parte das terras e a indústria (maior e mais moderna) continuam a pertencer aos mesmos proprietários (O Trem para Branquinha. Recife: CEPE - Companhia Editora de Pernambuco, 2018).*

leva ao grande terreiro cortado na colina com duas garagens ao fundo, uma barreira do lado direito e a lateral da casa do lado esquerdo.

A casa foi construída com calçada na frente e na lateral para o terreiro, mas sem varandas, as quais só foram acrescentadas mais de 70 anos depois. As paredes são tão largas que podíamos sentar, ou até deitar, quando crianças, na janela da sala da frente olhando o engenho abaixo e o canal nas ondulações das terras para o oriente mais além. Hoje elas não parecem tão largas assim...

As duas janelas do lado esquerdo da fachada são as da sala de visitas, cuja porta larga, de duas folhas, abre para a calçada do terreiro. As outras duas janelas da frente são do primeiro quarto. De arquitetura simples, os quartos ficam todos alinhados no lado direito do grande retângulo que forma a casa. O primeiro, a contar da frente, tem duas janelas frontais e mais uma lateral. Todos os quatro quartos, mais a despensa e o quarto de empregadas, no final da casa, têm uma janela para lateral que dá vista para o açude e, nos meus tempos de menino, para o jardim da minha avó, bem mais baixo do que o nível da casa.

O quarto dos meus avós, José e Luizinha Borba, não era o primeiro, mas o segundo. Isso nunca me estranhou, mas hoje, escrevendo estas memórias, de repente achei estranho eles não usarem o melhor quarto, com três janelas e vista para dois lados da casa. Me ocorreu que, muito provavelmente, padrinho Pompeu escolheu esse quarto para ele quando construiu a casa e, após a sua morte, madrinha Naninha, sua esposa, manteve o quarto para ela pelo resto da vida; ficando o meu avô, seu filho, com o segundo quarto da casa e nunca tenha se mudado. Caso seja esse o real motivo, seria uma boa demonstração de algumas características marcantes de nossos avós, as quais herdamos em

maior ou menor grau, como a reverência pelos mais velhos, o respeito pelas tradições e o comportamento metódico.

Lembro que o quarto da frente foi usado pela minha mãe e meu pai no período que eles moraram em Oriente, na segunda metade da década de 1950. Mas essa é uma história para ser contada mais adiante...

A sala de visitas, a primeira, de comprimento equivalente aos dois primeiros quartos, tem uma porta e uma janela para o terreiro, além das duas janelas frontais, e uma porta larga que leva para a segunda sala, a de jantar. Essa sala também tem o comprimento de dois quartos, o terceiro e o quarto, e uma janela e uma porta largas, de duas folhas, para o terreiro. Essa é a porta mais movimentada da casa, a entrada principal no dia a dia. Há uma pia na parede, logo à esquerda da porta de entrada. Uma porta larga interliga a sala de jantar à cozinha. Para quem vai em direção à cozinha, fica a porta da despensa, à esquerda. Nos anos de 1950 foi construído um banheiro interno, utilizando-se a parte da cozinha encostada à sala de jantar. Até então o banheiro ficava nas instalações localizadas no quintal.

A cozinha é grande e tinha um enorme fogão de lenha, demolido após a morte do meu avô e substituído pelo fogão de ferro da casa de Timbaúba. A única janela da cozinha fica na lateral para o terreiro. Curiosamente, essa é a única da casa com barras verticais de madeira, formando uma espécie de grade. Como nos seus primeiros setenta anos de existência a casa não teve geladeira, a comida perecível era salgada e ficava guardada na cozinha e na despensa, atraindo com seu cheiro animais de todos os tipos, domésticos ou não. Daí a necessidade das barras na janela da cozinha.

Ao atravessar outra porta larga chega-se ao quintal, uma área retangular com um muro do lado direito de quem

sai da cozinha com cerca de 30 metros de comprimento, um portão no final e uma fileira de aposentos do lado esquerdo para as empregadas, o antigo banheiro da casa, a lavanderia e um quarto de lenha colado à parede da casa que, anos depois, foi transformado em um pequeno quarto para tio Vital, irmão mais novo do meu pai. O quarto tinha um beliche, uma pequena janela voltada para o açude e algumas pequenas prateleiras na altura do beliche superior repletas de livros de bolso com histórias fantásticas sobre a Segunda Guerra e sobre os pistoleiros do Far Oeste, que alimentaram a minha imaginação e o gosto pela leitura já na década de 1960.

O quintal descrito é, na realidade, o primeiro quintal. No lado oposto ao da cozinha há uma porta para um segundo quintal onde ficavam os galinheiros e, mais tarde, o quarto da lenha.

Na época de padrinho Pompeu as mobílias eram, certamente, mais simples e rústicas e foram sendo substituídas, por uso ou por melhorias, ao longo dos anos. Lembro das mobílias das duas salas na década de 1960, com várias delas ainda sendo usadas até hoje. Na sala da frente destacavam-se o piano e um gramofone de manivela de 78 rotações, que era um móvel em si. O piano foi presente de casamento de padrinho Mário para a minha avó, sua filha. Ela tocava e todas as suas filhas aprenderam a tocar. A vitrola foi comprada pelo meu avô. Ele gostava muito de música. De Luiz Gonzaga, por exemplo, a favorita era Assum Preto. Além disso, ele gostava muito de ouvir tango e bolero. Apesar do seu jeito fechado, era sensível e tinha bom gosto.

As crianças se divertiam quando a corda da vitrola ia ficando fraca, o som ficava arrastado, então os meninos davam corda bem rápido, deixando o som acelerado, fora de ritmo.

Na sala de jantar destacava-se, na minha época, a mesa redonda com tampo giratório, ainda hoje em uso, que veio para Oriente também da casa de Timbaúba. A mesa original, da época de padrinho Pompeu, era uma grande mesa retangular de dez lugares que ocupava, com as cadeiras, a maior parte do espaço da sala. Essa mesa foi para a despensa. Sobressaíam-se, também, as cristaleiras, um guarda-louça e o relógio de pêndulo tipo oito fabricado pela Ansonia,¹² provavelmente tão antigo quanto o próprio banquê do Engenho Oriente.

O meu avô metodicamente dava corda e acertava a hora daquele relógio diariamente. Tenho gravado na memória, como um filme antigo, a sequência com ele abrindo o compartimento inferior, parando o pêndulo, pegando a chave, abrindo o compartimento superior, maior, introduzindo a chave em um buraco no mostrador, girando a chave, introduzindo a chave no outro buraco e girando em sentido contrário, mexendo nos ponteiros e, a mágica!, colocando o pêndulo para oscilar. Funcionava! Era um mistério para mim.

Descobri recentemente que ele utilizou a vida inteira o horário solar,¹³ que apresenta diferenças em relação ao horário civil utilizado no restante do país, chegando a mais de quinze minutos em determinadas épocas do ano. Acredito que ele acertava o seu relógio portátil no horário solar através de uma estação de rádio e, daí, para o relógio de parede.

12 *A Ansonia Clock Company foi um fabricante de relógios fundado em 1851, em Ansonia, Connecticut (EUA). Em 1878 a fábrica foi transferida para o Brooklyn, Nova Iorque, onde funcionou até seu fechamento definitivo, no final da década de 1920.*

13 *Atualmente, essa diferença chega a +16 min 33 s (3 de novembro) e a -14 min 6 s (11 de fevereiro) (HORÁRIO SOLAR APARENTE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hor%C3%A1rio_solar_aparente&oldid=57577436).*

O Engenho Oriente funcionava no horário solar, assim como, é provável, todos os outros engenhos da região. Pensando bem, fazia todo o sentido do mundo utilizar o horário solar em uma época onde a informação circulava na velocidade de um homem a cavalo e quando a imensa maioria das pessoas do campo determinava os horários de suas principais atividades dando uma olhada para localizar o Sol ou observando o comprimento das sombras.



Casa-grande do Engenho Oriente, construída em 1900 (acervo da família).

O telhado de duas águas, com uma cumeeira longa e muito alta, é visível de todos os aposentos, pois a casa não tem forros e as divisões internas são feitas por meias-paredes. Quando a casa estava cheia, em festas ou outras ocasiões, as crianças maiores dormiam em redes na sala principal. Naquela época, a luz elétrica provinha de um moto-gerador a diesel, que meu avô ligava antes do anoitecer e desligava nunca depois das nove horas da noite. Lembro do medo que sentia quando a luz era desligada, ficando aceso apenas um pequeno candeeiro de manga à querosene e os retratos das pessoas mortas pendurados na parede tremulando com a chama. As portas que interligam as salas e a cozinha, todas abertas, deixavam ver o vão enorme e escuro, que me fazia



A casa-grande de Oriente na década de 1930. É possível ver acima, à direita, a casa-grande antiga (acervo da família).



A casa-grande de Oriente, 2019 (acervo da família).

afundar na rede e me enrolar no lençol. Mas acredito que a casa não era mal-assombrada, pois nunca vi nada sobrenatural. Bem, acho que eram apenas sonhos...

No decorrer dessa viagem ao passado voltaremos muitas vezes à casa-grande de Oriente, que foi o centro do mundo para a nossa família por mais de meio século.



Pintura ainda em esboço de Ana Emília Gouveia Borba (Nitinha) mostrando a casa-grande e seu reflexo no açude (acervo da família).



Pintura de Ana Emília Gouveia Borba (Nitinha) mostrando a casa-grande como vista da moita do engenho (acervo da família).



*Detalhes da casa-grande
de Oriente (acervo da
família).*





O antigo piano da casa-grande de Oriente (acervo da família).

Madrinha Naninha

A primeira dona da nova casa-grande do Engenho Oriente foi a segunda esposa de padrinho Pompeu, Anna Gouveia d'Arruda Borba (1869-1933), filha de Manoel Paulino da Cunha Gouveia, um dos herdeiros e rendeiro do Engenho Pau Amarelo, localizado em Goiana, e de Rita de Arruda Gouveia.

Conhecida por todos da família como madrinha Naninha, foi ela que trouxe o tronco Cunha **Gouveia** para a família, através do meu avô, seu único filho.

O avô paterno de madrinha Naninha foi o major Manoel Paulino de Gouveia Muniz Feijó, senhor do Engenho Pau Amarelo, falecido em 2 de setembro de 1852. Ele foi casado com Margarida Coutinho da Cunha Rego Barros, que era irmã do seu principal adversário político, João Joaquim da Cunha Rego Barros, o 2º barão de Goiana. O major Manoel Paulino foi um senhor de engenho e um político destacado que esteve ativamente envolvido nos movimentos de Independência em Goiana na primeira metade do século XIX, como a Revolução Pernambucana de 1817 e a Revolução Praieira de 1848:¹⁴

“Na Zona da Mata Norte, foram muitos os conflitos. João Vieira da Cunha, Manoel Pereira de Moraes, Manoel Paulino de Muniz Feijó e Francisco Honório Bezerra de Menezes, todos grandes senhores de engenho assumiram postos na polícia civil em Paulista,

¹⁴ MACIEL DE CARVALHO, Marcus Joaquim e DORNELAS CÂMARA, Bruno Augusto. **A Insurreição Praieira**. Almanack Braziliense n° 8, de novembro de 2008, p. 20.

Igarassu e Itamaracá, durante o governo praieiro. Todos participariam da Insurreição em 1848”.

As tropas revolucionárias de 1848, já em franco declínio, tiveram um confronto decisivo com as tropas legalistas no Engenho Pau Amarelo, de Manoel Paulino de Gouveia Muniz Feijó:

“Após a derrota do Recife, a Praia entrou em agonia. Dividiu-se em dois grupos: um, liderado por Borges da Fonseca e apoiado por João Roma, que se dirigiu para o norte, levando a revolta até o Brejo de Areia na Paraíba; outro, sob a liderança do capitão Pedro Ivo, voltou à Água Preta e procurou ressuscitar a famosa guerra usada pelos cabanos, a guerra de guerrilhas, que foi chamada de “guerra das matas”.

O grupo de Borges da Fonseca voltou à Goiana, que ocupou após combate, e seguiu para o Brejo paraibano pelo vale do Capibaribe Mirim. No engenho Pau Amarelo travou batalha com as forças legais, quando o engenho foi incendiado e um dos seus chefes, o legendário João Roma, foi mortalmente ferido, falecendo poucos dias depois.

Na Paraíba ele ocuparia a cidade do Brejo da Areia, em zona agrícola e canavieira, mas não pôde manter o controle militar por não obter apoio da população, retomando ao Recife e se estabelecendo nas matas de Catucá, reduto de negros que fugiam à escravidão e de brancos que se opunham ao governo”.¹⁵

A tia paterna de madrinha Naninha, Margarida Emília da Cunha Gouveia, conhecida por “Senhorinha”, foi casada com o coronel Feliciano Cavalcanti da Cunha Rego, o barão de Timbaúba.

Mesmo sendo de uma família tão influente, madrinha Naninha foi extremamente reservada. Não sabemos, por exemplo, a sua data de nascimento. Também não deixou uma única fotografia. Mas sabemos que teve pelo menos três irmãos: Manoel Paulino de Arruda Gouveia, Agrício de Arruda Gouveia e Emílio de Arruda Gouveia; e uma irmã, Idalina Clara da Cunha Gouveia.

15 CORREIA DE ANDRADE, Manuel. **A Revolução Praieira**. Revista *Princípios*, Edição 55, Nov/Dez/Jan, 1999-2000.

Casou, provavelmente muito jovem, com Pompeu Americano Pereira Borba, o senhor do Engenho Oriente, viúvo e já na casa dos cinquenta anos, pai de sete filhos do primeiro casamento. Entre 1900 e 1907 ela teve sete filhos, mas perdeu os seis primeiros. O único que sobreviveu foi José Gouveia Pereira Borba, o pai do meu pai, Pompeu Gouveia Borba.

Tantas perdas de filhos fez de madrinha Naninha uma mãe superprotetora e possessiva. O menino José Borba foi criado cercado de cuidados excessivos. Por exemplo, ela sempre completava com água a metade da xícara de café dele, para esfriar e evitar que ele tivesse uma congestão se tomasse uma rajada de vento – um hábito que o meu avô levou para a vida toda. Seu café era sempre com água e muito açúcar, três conchas das grandes. O que, talvez, possa ter contribuído para a sua diabetes, ainda antes dos quarenta anos.

Outra história que exemplifica a proteção excessiva que madrinha Naninha exercia sobre seu filho único era contada pelo meu pai, com o seu inato dom de contador de histórias que nos segurava durante horas sentados à mesa após o jantar. Ele contava que padrinho Pompeu comprou uma casa em Timbaúba quando José Borba começou a estudar, dos seis a sete anos de idade, e pagava a anuidade toda de uma vez. Madrinha Naninha percorria com o filho os 30 km entre Oriente e Timbaúba, a cavalo ou de carro de boi, no começo da semana e voltava para o engenho no fim da semana, para não deixar o filho interno em uma escola particular, como era de costume. Caso ela ouvisse falar na ocorrência de algum caso das doenças infantis comuns na época, tipo papeira, catapora ou sarampo, providenciava logo um portador para levar um bilhete para Oriente solicitando um carro de boi para levá-los de volta ao engenho. Durante o mês de provas, ela trazia o filho para o

engenho, para ele não se contrariar. O resultado foi que ele estudou apenas dois anos, o suficiente para ser alfabetizado.

Mas, nas palavras do meu pai, ele “gostava muito de ler. Lia muito! Você, conversando com ele, parecia que estava conversando com um doutor!”.

Madrinha Naninha sempre esteve muito próxima ao filho. Quando ele se casou, ela ficou com muito ciúmes. Não gostava nem que a minha avó guardasse as roupas do marido, pois sentia como se o seu lugar de mãe e de dona de casa estivesse sendo invadido. Quando Luizinha queria conversar com José Borba, tinha que procurar um lugar fora da casa-grande.

Meu avô dizia com frequência, já adulto, que fora “criado para ser um fresco” ou “tratado como rapariga”! Com doze anos não pegava numa faca para não se cortar.

No entanto, à medida que a fui conhecendo melhor, durante as pesquisas para estas memórias, passei a admirar essa mulher que nasceu no século XIX em uma família de senhores de engenho, casou ainda muito jovem com um outro senhor de engenho, cerca de 30 anos mais velho do que ela, em um casamento muito provavelmente arranjado. Uma jovem que perdeu seis filhos antes de conseguir criar o único que sobreviveu. Que perdeu o marido quando o filho havia acabado de completar nove anos, ficando responsável pela administração do Engenho Oriente em uma época difícil para a indústria açucareira, em especial para os engenhos banguês e, no final, conseguiu mantê-lo íntegro e funcionando, casou o filho e teve uma descendência prolífera.

Com a morte de padrinho Pompeu e o filho com apenas nove anos, madrinha Naninha assumiu o Engenho Oriente. Para ajudar na administração, que não era “coisa de

mulher”, trouxe um sobrinho dela, conhecido por Seu Américo, até o menino José Borba ter idade para assumir as responsabilidades de tocar o engenho, o que ocorreu com cerca de doze anos. O sobrinho ainda ficou um tempo ajudando até madrinha Naninha certificar-se de que o filho poderia assumir sozinho.

Não querendo deixar o sobrinho sem ocupação, ela comprou uma propriedade na serra de Macaparana. Tio Gustavo e tio Domingos, filhos de padrinho Pompeu, enteados dela, garantiram o negócio. Mas ela enfrentava uma época muito ruim nos negócios de Oriente e, além disso, o sobrinho não cumpriu a sua parte no pagamento, o que levou à perda da propriedade e do montante já pago.

A sua irmã solteira, Idalina, morava com ela em Oriente. Ela dormia no terceiro quarto da casa, o chamado “quarto dos santos” – devido aos retratos de santos pendurados nas paredes – ao lado do quarto de Luízinha. Era conhecido também como o “quarto de tia Idalina”.

Madrinha Naninha faleceu no Engenho Oriente, em 27 de dezembro de 1933, seis meses após o nascimento do neto Pompeu. Ela não queria ser enterrada no túmulo de padrinho Pompeu, em Timbaúba. Preferiu ficar em um pequeno túmulo no cemitério de Itambé, “um lugar que ninguém mexesse mais com ela”, segundo contava a minha avó às filhas. A sua irmã Idalina faleceu também em Oriente, em 1936, e está sepultada no túmulo de padrinho Mário, em Itambé.

Padrinho Mário chamava a sua madrasta, madrinha Naninha, de “Dona Aninha”. Minha tia Elzinha – Elza Maria Borba Correia de Oliveira – me contou que sempre que se encontrava com padrinho Mário, seu avô, ele dizia para ela:

— *Mas é o retrato de Dona Aninha!*

O pai de madrinha Naninha, Manoel Paulino da Cunha Gouveia, foi um dos protagonistas de uma história dramática ocorrida em meados do século XIX, mais parecida com um roteiro de filme e que ilustra bem a questão trágica da escravidão e as conturbadas relações sociais, jurídicas e políticas do período. O Diário de Pernambuco publicou, na quarta-feira 16 de dezembro de 1857, um comunicado escrito por um advogado de Goiana, Dr. Floripes, para o “Exmo. Sr. presidente da província” – o governador do estado à época do Império – em nome de uma escrava chamada Rita, que teria tido a sua liberdade prometida pelo seu dono no leito de morte. Mas um cunhado do falecido, e seu herdeiro declarado, negou a liberdade à Rita. A sobrinha do senhor falecido saiu em defesa da escrava liberta, contratando um advogado para defendê-la. Então, o herdeiro vendeu a escrava para Manoel Paulino da Cunha Gouveia, senhor do Engenho Pau Amarelo, por 500\$000 (quinhentos mil réis), que assumiu a luta judicial pela posse da pobre escrava.

A seguir a transcrição literal do comunicado publicado [sic]:

*“Comunicados.
COMARCA DE GOIANNA.
14 de dezembro [1857].*

Um brado de socorro, que de seu cárcere no engenho Pao-amarelo dirige ao Exm. Sr. presidente de província a misera liberta Rita no maior auge de angústia e afflicção.

Sabem todos na povoação de N. S. do O’ que sendo meu bom senhor, que Deos tenha em glória, accommettido do terrível flagello do cholera mandou chamar alguns seus vizinhos, e perante elles em seus últimos, e bem tristes instantes de vida, declarou entre outras cousas, que deixava liberta a sua escrava Rita; entregando seis horas depois sua alma pura ao creador.

Ora sendo essa declaração tão solemne julguei completa a minha ventura, por passar do estado do cativo para o de liberdade.

Terrível decepção!

Um cunhado de meu bom senhor, julgando-se com direito a ser seu herdeiro universal, para logo enristou a lança contra mim, e

contra uma sobrinha de meu bom senhor, que se constitue minha protectora ou antes meu anjo da guarda. A força apoderou-se de mim, chamando-me sua escrava, e ameaçando-me com surras, e com vender-me a algum senhor de engenho tigre. Vendo minha protectora que minha liberdade estava em perigo, aconselhou-se com o Dr. Floripes advogado na cidade de Goianna, e este immediatamente requereu o sequestro de minha pessoa, afim de que eu bem garantida podesse mover contra esse meu tyranno acção de reduccão de testamento nuncupativo a pública forma.

Feito o depósito de minha pessoa, e posta a acção em juízo, o meu tyranno, como que moderou sua sanha e furor contra mim. Mas, com muito dó o digo, recrudesceu em ódio contra minha bemfeitora, e em um dia a espancou em sua própria casa: pelo que apresentou a minha protectora uma queixa em juízo sendo accusador com licença do juízo no impedimento da queixosa, o mesmo Dr. Floripes.

Vendo o meu Tyranno que os trabalhos lhe cresciam, assentou que se dembaraçaria de todo vendendo-me a algum poderoso do lugar, que estivesse a cavalleiro das autoridades e da lei, para assim adquirir a dupla vantagem de embolsar o preço da venda e adargar-se com o nome e valimento do comprador contra as acções civis e criminaes prepostas em junho. Assim aconteceu : vendeu-me a Manoel Paulino da Cunha Gouveia, rendeiro do engenho Pao-Amarello, pelo commodo preço de 500\$, sob a condição de sustentar a lide contra minha liberdade, e de protege-lo na acção criminal.

Feito este pacto, immediatamente Manoel Paulino da C. G. requer do Dr. Estellita, com quem muito privava, que, sendo elle meu comprador, não podia consentir que eu estivesse em poder do depositário tenente-coronel Bento José das Neves Wanderley, que sendo abonado por ser senhor de engenho não era chão, e que por isso fosse removido o meu depósito para outro depositário chão e abonado.

Passe mandado, foi o despacho do juiz, e eu fui tirada do poder do tenente-coronel Bento, senhor do engenho Canabrava, onde quasi já gozava dessa liberdade tão gabada e appetecida por todos mormente pelo mísero captivo, e fui depositada, quem o diria! em poder do bacharel Viriato Aurelio da Cunha Gouveia, irmão de meu novo tyranno Manoel Paulino, e seu sócio no engenho, que mora na mesma casa de vivenda com o depositário seu irmão!!!

Fui logo, como se devia esperar, e foi concertado entre o comprador e officiaes da remoção com assentimento de juiz posta a disposição do irmão do depositário. Este me tem tratado como eram as christães captivas em terra de mouros. Ah! porque não morri no mesmo dia, e hora em que meu bom senhor, assentou fazer-me feliz! Pelo menos não soffreria também comigo essa mulher anjo, que por meu bem, attrahio sobre si tantos males!

Sim, Exm. Sr., logo que o mui-alto e poderoso Manoel Paulino, meu segundo tyranno, estendeu seu braço valedor e acenou de longe, paralysoo a queixa dada por minha protectora a Sra. D. Angela de Messias, contra o meu primeiro tyranno seu espancador; e apenas há mais de anno pode dar tres ou guatro testemunhas; e com muita difficuldade pude eu dar as seis testemunhas na accção de reducção do testamento nuncupativo; porque o Dr. Viriato, meu depositário, e o comprador Manoel Paulino, conseguiram por tal arte magnetisar ao Dr. Estellita, que este obedecia aos seus caprichos com a mesma promptidão, com que o sonâmbulo obedece aos acenos de magnetisador.

Pelo mesmo motivo não quiz meu advogado requerer a minha remoção para outro depositário, nem dizer afinal da causa de reducção do testamento de meu bom senhor, emquanto durasse a judicatura do juiz com quem tanto privavam meus perseguidores, e isto a despeito de saber que eu vivia espancada, encorrentada, encarcerada, e em trabalhos forçados, segundo affirmavam algumas pessoas que me viam no engenho ou entre os escravos do tyranno na plantação ou limpa de cannas.

Mas apenas tomou conta da vara municipal de 1º supplente Dr. Joaquim Francisco Cavalcanti Lins, meu advogado, requereu a minha remoção, que sendo deferida não teve lugar, por que o depositário declarou, depois das 24 horas que lhe foram assignadas, que eu tinha fugido com medo dos officiaes.

Oh! eu fugir ! Bem quizera! Mas como quebrar meus ferros, e illudir a vigilância dos guardas durante o dia, passando as noites em cárcere! Ah! se eu pudesse fugir teria certamente procurado a casa de minha protectora, ou a de meu advogado!

Requereu por isso meu advogado mandado de prisão contra o depositário que foi deferida na forma da lei; e indo os officiaes executar o mandado, não acharam o depositário, que se occultou, como certificaram os officiaes. O que fazer então? Requerer ao juiz auxílio de força a fim de ver se preso o depositário, ou intimidado me entregava ao juiz!

Foi deferida a petição para ser cercado e varejado o engenho, com força do destacamento; e indo a força com os officiaes, não encontraram nem o depositário nem a mim, que fui mandado alta noite para casa de um parente do depositário, e de meu tyranno, sempre em ferros e sempre vigiada como um martyr de Marrocos.

Porém dirá V. Exc. e porque recorrer a mim tendo a comarca autoridades, civis e criminaes, e um delegado militar com força a sua disposição? Ah! senhor; he verdade que o Dr. Lins e o major Pinheiro tem se coberto de honras glórias, ajudados pelo mui digno e brioso Dr. promotor: he verdade também que o Sr. Dr. juiz de direito tem reprovado esses attentados acintosos contra a lei e as autoridades, e que está bastantemente magoado, segundo creio, e se meu bem estar estivesse dentro de suas altribuições, talvez

eu já não gemeria. He verdade finalmente, que toda a comarca reprova tão inqualificável procedimento inda não visto até hoje no lugar ; mas, senhor, quasi que elles tem esgotado os recursos da lei e da autoridade, e o que mais podem fazer he repetir as buscas no engenho para a prisão do depositário, o que elle sempre illudira'; mormente agora que irritado o depositário, e seu irmão e mais alguns parentes pelo cerco do engenho, ameaçam ao juiz major Pinheiro com - Você há de pagar isto tudo, - ao meu advogado com insultos, e injúrias em algum jornal, asseverando e protestando que a questão Rita he questão de capricho, de honra e brio de família: e minha protectora já está' exaurida de dinheiro e por isso temo não servir de Isaac sacrificada ao furor do meu terrível Abrão, e recorro a V. Exc. como o mais forte da provincia, pedindo-lhe sua protecção, e que no meu sacrificio tome o lugar daquelle, que no sacrificio de Isaac suspendeu o cutelo de Abrão prestes a descarregar-se sobre seu innocente filho.

V. Exc. informando-se do Sr. Dr. juiz de direito, que he um dos mais bellos ornamentos da magistratura brasileira, e este dos juizes e do digno Dr. promotor sabera' que he verdade tudo quanto allega a mísera e mesquinha Rita.

Já se preparam, senhor, denúncias contra o juiz major Pinheiro, que succedeu ao Dr. Lins, e que teve o arrojo e hombridade de mandar cercar e varejar o castello feudal de Pao-Amarello! Em fim todos que se tem interessado por esta infeliz tem de

soffrer jungidos ao pelourinho. Mas todos querendo podem zombar das roucas e bravatas de meus perseguidores; mas não assim a miseria captiva, a desditosa Rita.

Releva que V. Exc. saiba que o meu depositário tendo dito, que me havia evadido com medo dos officiaes, confessa agora em uma petição feita ao juiz e por elle mesmo assignada, que eu fui capturada, e que por isso requeria remoção para um parente.

Ah! senhor, só querem parentes para meus depositários, e parentes que me entreguem ao mesmo comprador. Mas eu quero qualquer depositário que não seja parente ou amigo do meu tyranno. Peço pouco, Exm. Sr., por qae V. Exc. não ouvirá' meu brado de soccorro? Sim; eu o espero, se não por mim ao menos pela humanidade.

Releva mais observar a V. Exe. que os meus tyrannos são sobri-nhos do Sr. commandante superior, mas do número daquelles, que sempre o tem guerreado politicamente, e com quem o nobre commendador não tem a mínima relação; porque elles dizem - que a melhor herança que seu pai lhes deixou foi o ódio que lhe votavam, - e não duvido que se elle aqui estivesse eu teria mais um protector, e inda o espero.

Finalmente, Exm. Sr. soou a hora de se abaterem esses potentados de aldêias. S. M. I. cujo patrocínio também invoco, o quer, e V, Exe. o pode fazer por bem desta comarca opprimida a tanto

*tempo por esses vampiros. E Deos também o quer por que, elle
- deposuit potentes de sede et exaltavit humiles -*

A liberta Rita por seu advogado”.

Infelizmente não sabemos a conclusão dessa triste história. Terá as forças políticas em embate sido favoráveis a um desfecho justo? Ou, o que é mais provável, terão entrado em acordo para acomodar os seus interesses, à revelia da justiça? Essa história sugere elementos que vão além das questões de compra e venda de escravos, pois tem todos os ingredientes das disputas políticas tão comuns em Pernambuco na época, particularmente em Goiana.

Em meados do século XIX a importância econômica de Pernambuco para o Império era inquestionável e o município de Goiana era uma das potências econômicas e políticas do estado, como evidencia uma interessante nota escrita por José Lins do Rêgo no Diário de Pernambuco, publicada em 5 de setembro de 1952, sobre a visita que Imperador D. Pedro II fez ao estado, e a Goiana, no ano de 1859. A seguir, a transcrição literal [*sic*]:

Pedro II e Pernambuco José Lins do Rêgo

“O sr. Guilherme Auler reuniu num volume o diário de viagem a Pernambuco realizado pelo Imperador Pedro II e pela Imperatriz dona Tereza Cristina, em 1859. Era por este tempo o Imperador um jovem monarca de barbas negras, já com aquela seriedade do homem grave tão em contraste com as expansões ruidosas do pai. Na época dessa viagem imperial Pernambuco começava a criar corpo de província maior de todo o norte. A cana de açúcar permanecia a riqueza comercial.

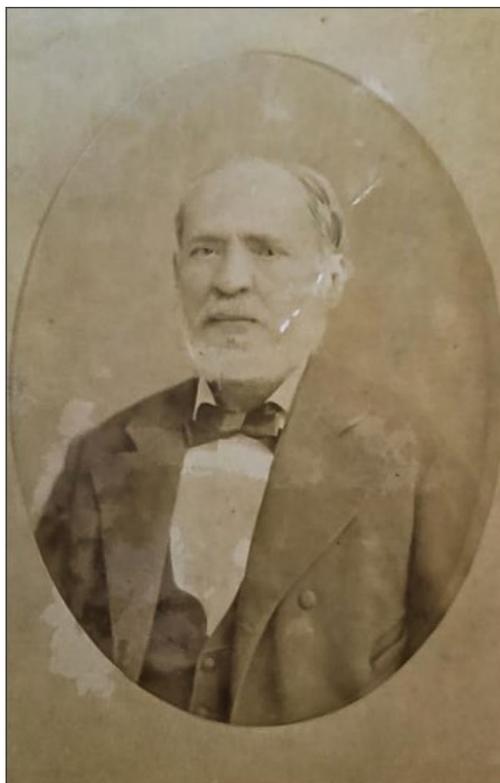
Começava-se a adotar a energia a vapor nos engenhos, e a ação progressista do conde da Boa Vista fizera-se sentir na arrumação do Recife. O imperador queria ver o Interior da província e não parou um instante durante todo o tempo. Andou nos primeiros trens até o Cabo e como as locomotivas não dispunham de apito a partida do comboio era anunciada por foguetes.

Na cidade do Cabo o Imperador quis saber de tudo, de tudo tomava nota, O inglês teve que se arrebentar para acompanhá-lo

por toda a parte. Viu vagons construídos nas oficinas do Cabo com camassari. madeira pernambucana. Na visita à cidade de Goiana, encontraria as rivalidades políticas acirradas de tal modo que teria de se hospedar em duas casas para não provocar ciu-mados. É ele mesmo quem diz: “há muita intriga em Goiana com a rivalidade existente entre o João Joaquim do Rego Barros, o 3º Barão de Goiana, e Antonio Francisco Pereira. Parece-me ambos excelentes pessoas, ainda que tive uma queixa contra o último por causa de terras”.

O Imperador visitava escolas, quartéis, fortalezas, lugares históricos, igrejas. Queria saber de tudo. Num colégio de meninas foi à biblioteca das moças e lá encontrou muitos romances franceses traduzidos. Havia até um romance do cabeludo Paulo de Kock.

Fez muito bem e sr. Guilherme Auler em dar uma completa edição deste diário. É um documento de primeira ordem para o estudo de uma época”.



Manoel Paulino da Cunha Gouveia, pai de Anna Gouveia d'Arruda Borba, a madrinha Naninha (acervo da família).

A Decadência dos Velhos Banguês

Os primeiros engenhos para produção de açúcar de cana instalados no Brasil, ainda na segunda década do século XVI, menos de vinte anos depois da chegada dos portugueses ao litoral da Bahia, eram movidos à força humana escravizada – indígenas e/ou africanos. Rapidamente os engenhos foram sendo construídos nas capitânicas de Pernambuco, São Vicente e Bahia e, já na segunda metade dos anos de 1500, a exportação de açúcar tornou-se a principal atividade econômica da Colônia, superando a receita da extração de pau-brasil e propiciando a real colonização portuguesa, com a fixação do colono à terra.

O auge da exportação de açúcar do Brasil ocorreu nas primeiras décadas do século XVII, antes da invasão holandesa. As capitânicas de Pernambuco e da Bahia eram as que mais produziam e tinham a maior quantidade de engenhos. A tecnologia evoluiu para a tração animal e hidráulica, sendo esta última limitada pela necessidade de água corrente em quantidade suficiente para mover as moendas sem interrupção.

A disputa comercial pelo mercado europeu de açúcar foi um dos principais motivos da invasão holandesa no Brasil, em 1624, fixando-se na região Nordeste, a mais produtora. No entanto, os holandeses priorizaram a produção de açúcar nas Antilhas, mais próximas da Europa, o que causou a primeira crise da atividade açucareira do Brasil. Com a expulsão dos holandeses, em 1654, Portugal não conseguiu retomar a quantidade e os preços do açúcar exportado para a Europa.

A evolução tecnológica dos engenhos de açúcar foi lenta. Após a introdução da tração animal e hidráulica, a principal inovação foi na área de cozimento do caldo, com a unificação das tachas em um assentamento de tijolos, com uma única fornalha para todas, o que ampliava a capacidade de cozimento, aumentando, conseqüentemente a produção de açúcar. Os gases quentes produzidos na queima da lenha, ou do bagaço, na fornalha eram canalizados por baixo do assentamento das tachas e direcionados pelo bueiro para a atmosfera. Esse tipo de forno, ou fornalha, era chamado banguê, dando esse nome aos engenhos que o usavam. Essa tecnologia foi implementada nas Antilhas em torno de 1725, mas só chegou ao Brasil, em Pernambuco, no início do século XIX, cerca de cem anos depois.¹⁶ Banguê também é o nome dado a um tipo de padiola de cipó trançado, com duas toras de madeira como suporte para as mãos, utilizada principalmente para o transporte de bagaço seco por duas pessoas.

No início do século XIX o Brasil precisava aumentar a exportação de açúcar para manter-se competitivo no mercado internacional, concorrendo com o açúcar de beterraba europeu. Era necessário, portanto, a introdução de novas tecnologias tanto na parte agrícola quanto na indústria. Com esse intuito foi introduzido o sistema de acionamento a vapor em engenhos de Pernambuco, nas primeiras décadas de 1800.

O alto investimento necessário e a complexidade tecnológica envolvida dificultaram as conversões dos banguês de acionamento animal para vapor. Com a instalação da fundição *Harrington & Starr* em Recife, em 1829, começaram

16 CAMPOS DE CARVALHO, Zóia. **Doce amargo: produtores de açúcar no processo de mudança, Pernambuco, 1874-1941.** São Paulo: Annablume Editora, 2001.

a surgir mais engenhos movidos a vapor no estado,¹⁷ com equipamentos mais baratos do que os importados. No entanto, a máquina de acionamento continuou a ser importada, principalmente do Reino Unido. Por outro lado, o baixo custo da terra e da mão de obra mantiveram o sistema improdutivo da agricultura extensiva, dificultando o aumento desejado de produtividade e de obtenção de preços competitivos no mercado.

Na segunda metade do século XIX, além da concorrência dos engenhos antilhanos, os quais se favoreciam das políticas coloniais europeias, da menor distância até o mercado e dos grandes aperfeiçoamentos tecnológicos, o açúcar brasileiro passou a enfrentar, também, a forte concorrência do açúcar de beterraba produzido na Europa.

Os produtores de açúcar de beterraba entraram no mercado estrangeiro, derrubando os preços mundiais do açúcar ao ponto de, em 1900, os produtores de açúcar mascavo estarem ganhando menos da quarta parte dos preços obtidos sessenta anos antes!¹⁸

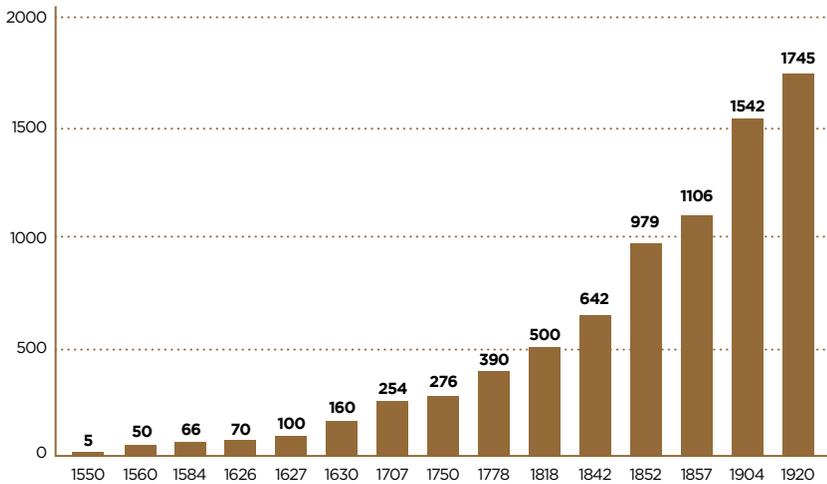
Apesar das dificuldades no mercado externo enfrentadas pela indústria açucareira brasileira, baseada nos banguês, a quantidade de engenhos em Pernambuco disparou no século XIX e início do século XX, vide gráfico a seguir, publicado na página 7 da revista quinzenal *Economia e Agricultura*, editada pela “Comissão de Defeza da Produção do Assucar”, em 5 de agosto de 1933.

17 CAMPOS DE CARVALHO, Zóia. **Doce amargo: produtores de açúcar no processo de mudança, Pernambuco, 1874-1941**. São Paulo: Annablume Editora, 2001. p. 26.

18 BARROS MEIRA, Roberta. **Banguês, engenhos centrais e usinas: O desenvolvimento da economia açucareira em São Paulo e a sua correlação com as políticas estatais (1875-1941)**. Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, 2007, p. 6-7.

Engenhos de Pernambuco

1550 a 1920



A crise da indústria açucareira do Brasil na segunda metade do século XIX, base importante da economia do Império, levou o Governo a implementar uma política para o setor visando aumentar a produtividade não atingida pelos velhos banguês através do incentivo de crédito estatal para a instalação dos engenhos centrais, grandes unidades industriais mais modernas e mais eficientes do que os banguês, passando os senhores de engenhos a serem os fornecedores da matéria-prima para esses engenhos, os quais só desempenhavam as atividades industriais – as atividades agrícolas seriam desenvolvidas pelos antigos banqueiros.

Apesar do esforço do governo os engenhos centrais fracassaram, principalmente, pela dependência de matéria-prima dos senhores de engenho, que reativavam facilmente os seus banguês quando os preços da cana não compensavam o fornecimento.

Elza Coelho de Souza escreveu no seu trabalho “Engenhos e Usinas”:¹⁹

“Até fins do século XIX, os ‘banguês’ dominaram na indústria açucareira do Brasil, quando, então, como um melhoramento, foram instalados os primeiros engenhos centrais, criados pela necessidade de se melhorar a qualidade do produto, garantindo-lhe boa colocação nos mercados estrangeiros, deste modo, fazendo face aos concorrentes que surgiam no comércio internacional.

Foram eles montados graças à associação de alguns banguzeiros, estimulados e auxiliados financeiramente pelos governos de então. Nesta época inicia-se a decadência acentuada dos engenhos ‘banguês’, que com seu açúcar bruto, foram vencidos pela técnica e industrialização sempre crescentes. Perdem eles sua função industrial, passando os seus proprietários a meros fornecedores de cana às ‘centrais’, que se dedicam, exclusivamente, à industrialização de matéria-prima particular.

Com a rígida subdivisão do trabalho agrícola e industrial não podiam, porém, os engenhos centrais subsistir. Em consequência das frequentes crises, ocasionadas por diferentes fatores: falta de preparo técnico do operariado no manejo dos maquinismos das fábricas, deficiência dos métodos agrícolas, desorganização das plantações com a abolição do trabalho servil, agravadas ainda, pela instabilidade do suprimento de matéria-prima pelos fornecedores, independentes da fábrica, uma modificação impôs-se na estrutura econômica e social da indústria açucareira.

A usina de açúcar torna-se, então, latifundiária, a fim de garantir com suas próprias plantações, o suprimento, pelo menos, de parte da matéria-prima a ser industrializada em suas fábricas. O aumento da concorrência entre as numerosas usinas, leva-as a adquirirem cada vez mais terras. É então que muitos dos primitivos e decadentes engenhos são absorvidos pela grande propriedade. Desmontadas todas suas instalações, permanecem apenas os extensos canaviais.

Ao lado da decadência dos engenhos, verificou-se o desaparecimento quase completo dos seus tradicionais meios de transporte: o carro de boi, a carroça e o animal de carga. Utilizados somente para transportar a cana ou a lenha, do interior dos canaviais, ou da mata para os “pontos”, à margem das ferrovias, foram substituídos no transporte dos produtos, pelas estradas de ferro. E assim, ligando com seus trilhos de aço as terras mais longínquas da usina, contribuiu a ferrovia, segundo GILENO DE CARLI, para a ampliação do grande domínio rural.

19 *Engenhos e Usinas. COELHO DE SOUZA, Elza. in: Tipos e Aspectos do Brasil. – Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica – Instituto Brasileiro de Geografia – Fundação IBGE. Rio de Janeiro, 1970.*

(...)

A evolução da indústria do açúcar transformando o antigo senhor de engenho em fornecedor de cana e determinando a absorção dos ‘banguês’ pelas usinas, verificou-se, principalmente, na importante zona açucareira do Nordeste: Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Paraíba.

(...)

A usina, contrariamente ao que ocorria com os engenhos, contribui para a decadência e empobrecimento das cidades nas zonas açucareiras. Em Pernambuco, por exemplo, Goiana, Igarassu, Ipojuca, Serinhaém cidades que, cercadas antigamente de centenas de engenhos, eram progressistas, movimentadas, constituindo verdadeiros entrepostos comerciais, onde vinham abastecer-se os banguêzeiros, entraram em decadência depois da instalação das usinas, que centralizam toda a vida econômica da região.

Pelas dificuldades de transporte, os senhores de engenho tinham em Pernambuco, por exemplo, Goiana, Igarassu, Ipojuca, Serinhaém cidades que se situavam nas cercanias de suas propriedades.

No entanto, com o advento da usina e a construção das estradas de ferro e rodovias, as distâncias desapareceram. O usineiro emigrou para a capital”.

Nos cem anos entre os meados do século XIX aos meados do século XX, a região canavieira do Nordeste presenciou a lenta transformação de um sistema de produção semifeudal, representado pelos engenhos, para um sistema industrial capitalista, representado pelas usinas de açúcar.

Em Itambé, nas proximidades do Engenho Oriente, a Usina Central Olho d’Água foi um exemplo dessa transformação vivida intensamente pela nossa família.

Segue a transcrição de uma matéria publicada na revista “O Assucar e o Algodão em Pernambuco”, em 1929 [sic]:

“USINA CENTRAL OLHO D’ÁGUA

A Usina Central Olho d’Água, está situada no município de Itambé à margem da estrada de rodagem que liga Itambé a Timbaúba, distando 24 kilometros daquela cidade e 18 desta.

Anteriormente era um engenho de assucar que transformado em Usina, moeu pela primeira vez em 1928.

Pertence à firma Hardman & Tavares, da qual fazem parte os sócios Arthur Tavares de Mello e o agrônomo José Hardman Cavalcanti.

A Usina não possui propriedades agrícolas, sendo o fornecimento de canna feito pelos seguintes engenhos alheios: Zumby, de propriedade do dr. Pedro Tavares de Mello, actualmente arrendado ao dr. Simplicio Tavares de Mello, com capacidade annual para 2.000 toneladas de canna; Vundinha, pertencente ao Cel. João da Cruz Gouveia, com capacidade para 2.000 toneladas; Bôa Vista, pertencente ao sr. Joaquim Campos, com capacidade para 3.000 toneladas, além do engenho Olho d'Água, de propriedade do sócio Arthur Tavares de Mello, em área de 10 hectares no qual está situada a Usina, com capacidade para 10.000 toneladas. Além destas tem mais a propriedade Perory, pertencente ao Cel. Benjamin Nunes Machado, com capacidade para 10.000 toneladas annualmente, propriedade esta que começará a fornecer na safra futura.

A sua via férrea actualmente é de 6 kilometros, com a bitola de 0,75; o material rodante é de 10 carros para 10 toneladas de cannas, 10 wagons de 6 toneladas e 15 carros de 4. Não tem communição com a Great Western, sendo o transporte de assucar feito por caminhões alheios de retorno a Recife.

Tem capacidade para esmagar 150 toneladas de cannas e fabricar 5.000 litros de álcool em 22 horas, em aparelhos do fabricante LEPAGE-URBAIN.

Na secção de moendas a Usina dispõe de um terno e esmagadores de 18x30, sem pressão hydraulica, nem circulação interna, com esteira de cannas e um segundo terno de moendas pertencentes ao antigo engenho banguê, funcionando como repressão, sendo esta provida de esteira de bagaço para alimentação das caldeiras.

Na secção de fabricação dispõe a usina de enxofreira com injeção de vapor para os gases; 2 mexedores de cal; uma bomba "duplex" para elevação do caldo à decantação; 2 esquentas caldo, com 120 metros de superficie de aquecimento; 6 decantadores; 1 tanque de xarope para o triplice effeito; um triplice effeito com 1.600 pés de superficie de aquecimento e cujo vácuo é feito por meio de uma bomba de ar húmido, horizontal, typó FLETCHER, 2 clarificadores com serpentina; 1 tanque de xarope para os vácuos; 2 eliminadores; 1 filtro-prensa; 3 tanques para mel, de 1º jacto e tres ditos de segundo jacto. Os dois vácuos, funcionam com uma bomba vertical FLETCHER-EDWARDS, de ar húmido, accionada por uma machina a vapor.

Conta com 2 caldeiras de FLETCHER, com 120 ms. de superficie de aquecimento e 120 libras de pressão.

Trabalham na fábrica em período de moagem cerca de 50 operários divididos em duas turmas, trabalhando cada uma, 12 horas.

A tabella de pagamento de cannas é a seguinte: 3\$000 – 7\$000, variação \$250, tomando-se por base o preço médio da arroba de crystal, na quinzena.

O rendimento médio industrial é de 72 kilos de assucar crystal, compreendidos os 1º e 2º jactos e 15 kilos de 3º jacto por tonelada de cannas.

É correspondente da Usina, em Recife, a firma Nunes Machado & Cia., estabelecida com escriptorio à rua dos Guararapes n. 21.

A imagem do senhor de engenho como um homem rico e todo-poderoso, uma espécie de senhor feudal colonial, é equivocada, pelo menos a partir da segunda metade dos anos de 1800.

“Ainda que os engenhos fossem um símbolo de riqueza, na maior parte das vezes os senhores tinham prejuízo ou muito pouco lucro. Seu prestígio advinha de uma importância mais simbólica do que propriamente ligada a seus rendimentos, e frequentemente os engenhos quando passados de pais para filhos pouco rendiam, a não ser esse legado de status e muitas vezes de títulos de nobreza”.²⁰

Um estudo sobre o perfil do senhor de engenho entre os anos de 1822 e 1888, em Pernambuco, concluiu que “a fama de ricos dos senhores de engenho não podia ser generalizada, porque existiam diferenças econômicas entre eles”.²¹ O estudo mostrou que:

“Dos 37 inventários analisados, 5,4% dos senhores deixaram dívidas para seus herdeiros, 27,0% legaram bens no valor inferior a 10:000\$000, 37,8% entre 10:000\$000 e 50:000\$000, 10,8% entre 50:000\$000 e 100:000\$000, 6,0% entre 100:000\$000 e 200:000\$000. Apenas 2,7% deixaram mais de 200:000\$000, o equivalente ao valor de duas vezes e meia o engenho Noruega,

20 *“Máquina a vapor nos engenhos” – O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira – historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4391:maquina-a-vapor-nos-engenhos&catid=169&Itemid=215*

21 CAMPOS DE CARVALHO, Zóia. **Doce amargo: produtores de açúcar no processo de mudança, Pernambuco, 1874-1941.** São Paulo: Annablume Editora, 2001. p. 15.

um dos mais caros entre os 48 avaliados, mas que, em 1897, foi transformado em propriedade agrícola da usina Timbó-Assu.

Também, havia senhores de um só escravo, sem casas e sobrados na cidade, sem fazenda, sem sítio, sem safra de cana, sem bois, sem pães de açúcar, sem ouro, sem prata e até sem móveis e louças dignos de figurar num inventário”.

A sucessão de crises na indústria canavieira provocadas pelas oscilações do preço do açúcar continuou na primeira metade do século XX, fortalecendo a necessidade de usinas modernas, mais eficientes e produzindo açúcar de melhor qualidade, exigida pelo mercado. Os velhos banguês não tinham a menor chance diante dessa realidade. Os anos de 1930, 1940 e 1950 viram o fechamento de centenas de engenhos em Pernambuco. Os mais resistentes às mudanças inexoráveis mantiveram suas fornalhas acesas até o fim da década de 1950, como foi o caso do Engenho Oriente, antes de entrar definitivamente em fogo morto.

Engenhos menores continuaram a produzir aguardente, rapadura ou mel para o mercado local. Atualmente, muitos engenhos produzem cachaças artesanais de qualidade e desenvolvem atividades voltadas para o turismo.

“MELANCÓLICO DESTINO DOS BANGUÊS²²

Superados em nosso País, embora ainda em pleno vigor na Nicarágua, os engenhos-banguês não conseguiram resistir à tecnologia das usinas, concorrendo para sua desativação um conjunto de planos de governo que incluem estradas, transportes, meios de comunicação, processos de comercialização, legislação trabalhista e o advento da moderna fábrica de açúcar.

Mas ainda existem, readaptados para o fabrico de mel e de aguardente. Muitos resistem apenas como paisagem, descortinados aqui e ali, com seus bueiros brancos surgindo em cada curva do Vale do Siriji.

Alguns continuam vivos no verso do poeta Gomes de Moura: ‘É um marco indicando o presente e o passado na força senhoril de suas tradições. Eis o velho banguê quase que eternizado, sobranceiro a enfatizar modernas invenções’.

Poucos, porém, continuarão imortalizados, como Cuieiras, Conceição, Araticuns, Tabocas e Balanço, intimamente ligados à minha vida e às gerações do porvir”.

Achei oportuno transcrever aqui o poema “*Engenho morto*”, de Ludovico de Ataíde, publicado no livro “*Vale do Siriji, histórias que meu pai contou*”, de Lourenço Tavares de Melo Filho (1984 – Recife, p. 323).

22 MELO FILHO, L. Tavares de. (1984). **Vale do Siriji, histórias que meu pai contou**. Recife. p. 419.

ENGENHO MORTO

Ludovico de Ataíde

*Aquele resto de paredes carcomidas
Que na deserta paisagem além se vê
Entre a ramagem de viçosa jitirana,
São ruínas de um engenho de moer cana
Onde se fazia açúcar bruto. Era um banguê.*

*De olhos fechados, agora eu sinto e vejo
A casa grande... a bagaceira,
A capelinha de culto à padroeira
Onde o mês de maio se rezava...
O cheiro do melão cozinhando,
O gado manso ao redor pastando,
O carro de boi moroso se arrastando
A gemer com o peso da carga que levava...
Tudo alí, enfim, era tão belo
E um recanto, assim, ameno e tão singelo
Só mesmo nos antigos engenhos se encontrava.*

*Cana caiana, flor de cuba,
Cristalina;
Cana preta,
Cana roxa, cana fita,
Cada qual fosse mais doce,
Mais viçosa e mais bonita.*

*O Senhor de Engenho, homem grisalho
Era bom, alegre e prazenteiro
Que amava a sua gente e o seu trabalho.
Então, na época de estio, na fase da moagem,
Muito cedo, bem disposto ele acordava
E no engenho era sempre o primeiro que chegava.*

*Logo mais por toda a redondeza
Se ouvia o silvo forte de um apito prolongado
Que ele mesmo o cordel acionava...
A fomalha da caldeira estava acesa
E a faina do dia começava.*

*A máquina vibrando
O engenho moendo
O caldo escorrendo
A caldeira salvando.*

*Velho-moço, feliz, sempre a sorrir,
O dono do engenho não se cansava.
Quando o monte de cana ia baixando
Ou na caldeira se a pressão via cair,
Sua gente ao trabalho estimulava.*

*Cambiteiro
Cevadeira
Maquinista
Fornelheiro!...
Tomba cana pra esteira
Bota cana na moenda
Não deixa o engenho parar!
Levanta o fogo da caldeira
Bota lenha na fomalha,
Põe bagaço, empurra palha,
Bota a roda prá virar!*

*Mas tudo alí acabou!
Só resta agora a lembrança
- A lembrança e a saudade
É somente o que ficou -
Foi tudo arrasado!
Quebraram a porteira
Derrubaram o cercado
E nem mais um sinal
Onde era a bagaceira.*

*Pouco além daquela barca, lá embaixo,
No fundo da ribanceira
Corria lento o riacho.
É num recanto discreto
À sombra de secular gameleira
(Um belo exemplar de flora
De magestoso tamanho),
Havia um poço d'águas puras, cristalinas,
Onde as vivazes meninas,
As moças da casa grande,
Nuíhas tomavam banho...*

*Aquelas águas tão puras
Que suaves, deslisavam
No poço da gameleira
Onde as moças se banhavam,
Estão imundas, repugnantes, escuras!...
Até as aves que alí cantavam
Saltitando na ribeira,
Também desapareceram!*

*É a Natureza vencida
Pois como o engenho que morreu,
Tudo ali perdeu a vida.*

*Cana caiana, flor de cuba,
Cristalina;
Cana preta,
Cana roxa, cana fita,
Cada qual fosse mais doce,
Mais viçosa e mais bonita.*

*Vejo hoje, em pensamento, o casarão colonial
De chão batido, pesadão, sem portas,
Onde vivi os meus sonhos de criança...
Enquanto na emoção dessa lembrança
Sinto que assim como o velho engenho que morreu,
As minhas ilusões também ficaram mortas!*

Para concluir esse tópico sobre a decadência dos engenhos banguês, segue um artigo sobre o carro de boi, de Lúcia Gaspar, bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco:²³

“Sendo originário da Idade da Pedra ou do período Neolítico, o carro de boi surgiu no Brasil com os primeiros engenhos de açúcar, na época da colonização portuguesa.

Foi um dos primeiros instrumentos de trabalho, além do mais antigo e principal veículo de transporte utilizado no País, principalmente nas áreas rurais, por quase três séculos.

O carro é composto por duas rodas, uma grade ou mesa de madeira e um eixo. As rodas são feitas de madeira de boa qualidade, com um anel de ferro de forma circular nas extremidades, para garantir maior resistência. Primitivamente, o carro não era ferrado e as pessoas diziam que ‘o carro andava na madeira’.

A grade possui cerca de três metros de comprimento por um e meio de largura, com duas peças mais resistentes de cada lado e uma terceira no meio, mais comprida, destinada a atrelar o carro à canga, uma peça, também de madeira, com mais ou menos um metro de comprimento, contendo um corte anatômico para assentar bem no pescoço do boi, sendo segura por uma correia de

²³ GASPAR, Lúcia. Carro de boi. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php. Acesso em: 14 ago. 2020.

couro chamada de brocha. A grade é apoiada sobre um eixo. O ponto de apoio da grade sobre o eixo são duas peças de madeira chamadas cocão. O chiado ou cantiga característica do carro de boi é produzido pelo atrito do cocão sobre o eixo.

As madeiras utilizadas na construção dos carros de boi tinham que ser fortes, principalmente as das rodas. As mais usadas eram o pau d'arco, a aroeira, a sucupira, a carnaubeira.

O carro de boi pode ser puxado por uma, duas ou mais juntas ou parelhas. Cada junta possui dois bois, que trabalham um ao lado do outro, unidos pela canga.

Nos terrenos mais planos e em trabalhos mais leves utiliza-se, normalmente, uma parelha e nos mais pesados, desenvolvidos em terrenos mais acidentados, duas ou mais, uma atrás da outra. As parelhas são conjugadas por uma corrente que liga as cangas.

Nos engenhos, durante o verão, época da moagem, o boi era atrelado ao carro para transportar a cana e o açúcar e, no inverno, ao arado para revolver e cavar a terra destinada ao plantio da cana-de-açúcar.

O condutor do carro que comanda os bois é chamado de carreiro. Normalmente, utiliza uma vara fina, com mais ou menos três metros de comprimento, contendo uma ponta de ferro para ferroar o animal, castigando-o ou indicando a direção a ser seguida. Usa também um chapéu de couro, um peitoral e um facão, colocado numa bainha de couro pendurado no cinto.

Os bois se acostumam de tal forma com o carreiro que, muitas vezes a um simples chamado dele, se dirigem vagarosamente e ficam parados próximo ao local onde são normalmente encangados. Batizados com nomes pitorescos, como Cara Preta, Presidente, Azulão, Lavareda, Malhado, Pachola, Curió, atendem pelo nome ao chamado do carreiro.

No início o linguajar do carreiro, elemento fundamental para a manobra dos carros de boi, não passava de sons gaguejados como 'ôu!'... para parar os bois ou 'êi!'... para fazê-los descer ladeiras. Evoluiu depois para frases e expressões tipo 'Vamos embora!' e 'Volta, boi Azulão!', 'Carrega, boi Malhado!'. O carreiro dirigia-se ao animal específico que queria comandar, sendo seus gritos reconhecidos e atendidos.

Além de ajudar no transporte de cana, açúcar e lenha nos engenhos, o carro de boi servia para transportar mudanças e conduzir pessoas. Havia também uma versão coberta. Foi utilizado como carruagem para a nobreza rural brasileira; como transporte de bandas de música das cidades para o interior e vice-versa; para levar as famílias sertanejas às festas de Natal e Ano Novo, quando eram todos enfeitados para a missão e, ainda, nas campanhas políticas, servindo de elemento de aproximação entre eleitores e candidatos.

Nos anos de 1939 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, devido à falta combustível para caminhões e automóveis, o carro de boi voltou a aparecer por algum tempo em certas regiões do País ajudando a transportar cargas e pessoas.

Atualmente, em Goiás, é utilizado pelos romeiros que vão da cidade de Damolândia para o Santuário do Divino Pai Eterno, no município de Trindade (a cerca de 74 km de distância) para participar da Festa de Trindade, que acontece no final do mês de junho e início de julho. Os carros são enfeitados e participam de um desfile que é muito concorrido e apreciado pelos participantes da festa.

Na história do Brasil, o carro de boi aparece na Colônia, no Império, na República, na Revolução de 1930, no Estado Novo. Pode apresentar variações de 'modelos' e nomes: carro, carroça ou carreta, como no Rio Grande do Sul, porém, nenhuma cidade, vila, povoação, fazenda, sítio, do litoral ao sertão ignora a existência deste rústico e primitivo meio de transporte, que ajudou a fazer a história do Brasil".

O Engenho Banguê de Oriente

À época do meu avô, José Gouveia Pereira Borba (1907-1970), o Engenho Oriente produzia de 2 mil a 2.500 pães de açúcar por safra. Nos anos bons, poderia chegar a até 3 mil pães. Uma tonelada de cana produzia aproximadamente um pão de açúcar, que pesava em torno de 90 kg.

Além da produção de açúcar e cachaça, o engenho criava gado. Os roçados de feijão, fava, milho, batata, macaxeira, inhame etc. eram apenas para o consumo da casa-grande.

O engenho, como praticamente todos na época, usava o sistema de foro, que consistia em ceder uma área para um morador e sua família cultivarem, pagando uma renda (ou foro) para o senhor do engenho. Oriente tinha quatro foreiros, que trabalhavam com o meu avô. Plantavam cana nos seus sítios e moíam no engenho. Era uma espécie de arrendamento de uma pequena área pago com 30% da produção de açúcar oriunda da cana plantada. O restante da produção agrícola do foreiro, como milho, feijão, macaxeira, entre outras, era dele. Mas a terra, casas e outras instalações eram propriedade do engenho. Entre os foreiros de Oriente da época de José Borba estavam Joaquim Vieira, o último dos foreiros, e Severino Vieira. Cada um ocupava uma área de cinco a oito hectares. Portanto, a área total ocupada com foreiros era de 25 a 30 hectares, menos de 10% dos 400 hectares do engenho. Quando um deixava o engenho, outro ocupava o lugar.

Uma parte das terras do engenho era de pasto para pecuária. As canas eram plantadas em alguns cercados em sistema de rodízio. Naquela época as canas davam, no máximo, três safras – planta, soca e ressoca nas várzeas. Depois da ressoca deveria-se cortar em outra área, deixando a cana remanescente para o gado pastar. Quando o gado já tinha comido toda a ressoca de uma área, ele era retirado e fazia-se nova planta nessa área, e assim por diante. Portanto, a pecuária e a agricultura conviviam e se completavam nessa região.

Uma parte de Oriente, conhecida como “bacatela” (forma antiga da palavra “bagatela”), não era usada para plantação de cana, mas se tornou importante na vida do meu pai ao final da década de 1950, como veremos.

A cana, depois de cortada e amarrada em feixes, era transportada para o engenho em carros de boi. Só mais tarde, já na década de 1950, meu avô comprou um pequeno trator, que passou a ajudar no transporte da cana. O engenho tinha quatro carros de boi, os quais o mantinham moendo, com mais um de reserva para quando um dos outros quebrava. O carreiro era pago por produção, contando-se a quantidade de feixes transportados. Em Oriente não se usava burros cambiteiros, como em outros engenhos. O relevo permitia que os carros de boi pegassem a cana diretamente no corte.

Os carros de boi carregados de cana manobravam com destreza no pátio do engenho e descarregavam o mais próximo possível da moenda, formando piquetes, enchendo o salão de entrada do engenho, onde às vezes as pilhas de cana chegavam até o lado de fora. Essa cana abastecia a “mesa”, de onde um trabalhador alimentava o terno de moenda, desfazendo os feixes de cana com agilidade e jogando para o lado os olhos de cana que serviam de amarras.

As moendas eram movidas pelo trem de engrenagens acionado pela máquina a vapor. A máquina de Oriente era importada, da marca Robson, inglesa. O maquinista ficava acompanhando o tempo todo o funcionamento da máquina e a pressão da caldeira, através do manômetro. Era um olho no manômetro e o outro na máquina. Era essa a principal função do técnico maquinista, além de garantir a lubrificação dos mancais, o estado de conservação e fazer pequenos reparos não especializados.

Lembro de ver, ainda criança, o Engenho Oriente moendo. A máquina a vapor e as engrenagens enormes me fascinavam. Nunca esqueci das massas giratórias do controlador de admissão de vapor do grande cilindro horizontal. Essas massas esféricas girantes eram responsáveis por manter a velocidade da máquina independentemente da carga na moenda. Mais de duas décadas depois eu me tornaria especialista em equipamentos e sistemas similares utilizados em refinarias de petróleo e em plantas petroquímicas.

O caldo espremido na moenda escorria por uma bica para o parol, um tanque que acumulava e controlava o fluxo de caldo de cana para a primeira das cinco tachas do assentamento. Do outro lado da moenda saía o bagaço da cana espremida.

O caldo era transferido de uma tacha para outra durante o processo de cozimento usando-se os “cocos”, espécie de conchas com os cabos longos e penduradas por cordas numa madeira que ficava longitudinalmente acima das tachas, funcionando como mão de força. Junto da última tacha ficava o tanque raso para bater o mel. Da última tacha o mel era transferido para este tanque e batido com um rodo para iniciar a cristalização. Depois, era transportado para as formas através de baldes. As formas cônicas eram mantidas em pé encaixadas em furos nas tábuas que formavam

o “teto” do tanque da casa de purgar. Cada forma tinha um furo embaixo, mantido fechado com uma rolha de madeira para o mel não escorrer antes de se transformar em açúcar. Depois que o açúcar estava cristalizado na forma, a rolha era removida e o mel que não havia cristalizado escorria para o tanque de baixo. Esse mel tinha o sugestivo nome de “mel de furo”. Todo esse processo, do parol até a casa de purgar, era comandado pelo “mestre de açúcar”.

O mel de furo acumulado no tanque da casa de purgar era a matéria-prima para a fabricação de cachaça durante o período de entressafra, quando o engenho ficava parado, funcionando apenas a destilação. A cachaça era um subproduto nobre, pois garantia uma receita permanente no engenho, o bastante para pagar os custos da folha de pagamento tanto da parte industrial quanto da parte agrícola.

Durante o período de moagem, a cachaça era feita com a borra removida das tachas durante o cozimento do caldo de cana. Nesse processo, durante o cozimento, as impurezas presentes no caldo subiam em forma de borra, que era removida com uma escumadeira para uma bica – pequeno canal cimentado – que corria paralelamente ao assentamento das tachas. Essa borra (também chamada de “esborro”) era retirada das duas ou três primeiras tachas e escorria para um depósito na parte de trás do engenho, perto da destilação. Daí era enviada para a fermentação.

A boca da fornalha ficava no final do assentamento, depois da última tacha. O fogo aquecia as tachas para o cozimento do caldo e os gases quentes passavam pelos tubos da caldeira, aquecendo a água e gerando o vapor que movimentava a máquina de acionamento da moenda. Depois de passar na caldeira os gases iam para o bueiro, que jogava uma pluma de fumaça escura no céu. O maquinista controlava a pressão da caldeira desviando o gás para a chaminé

pelos registros do desvio, controlando a quantidade de gás quente que passava pela caldeira. Quando a válvula de segurança, que ficava em cima da caldeira, começava a abrir, o maquinista atuava manualmente nos registros dos gases quentes, jogando mais gás direto para o bueiro.

Toda essa energia vinha do bagaço seco, alimentado através da grande boca faminta da fornalha.

A destilação tinha a sua fornalha própria, à lenha, de baixo do alambique, aquecendo a garapa fermentada e direcionando pelo topo os vapores para a serpentina imersa no tanque de água, onde a cachaça se condensava e escorria pela torneira no final da serpentina. Era então armazenada no depósito de madeira.

O mestre de açúcar determinava quais as formas estavam prontas para serem retiradas da casa de purgar e levadas para o balcão de secagem, uma área cimentada fora do prédio do engenho onde as formas eram viradas de cabeça para baixo e os pães de açúcar eram retirados inteiros, como blocos cônicos de açúcar. Esses grandes torrões eram quebrados com enxada e espalhados no balcão para secar.

Meu avô construiu um alpendre na área de secagem para o caso de ocorrência de chuvas enquanto o açúcar estava secando. Nesses momentos o açúcar era rapidamente deslocado para baixo do alpendre. Uma vez bem seco, era armazenado a granel em um quarto no final da casa do engenho, chamado “encaixamento” – em tempos anteriores não se vendiam o açúcar em sacos, mas em caixas de madeira. O açúcar só era ensacado quando vendido, quando os compradores enviavam os sacos vazios. Toda a produção do Engenho Oriente era de açúcar bruto – sem refino.

A produção de açúcar já tinha compradores certos. Na década de 1930, os sacos de açúcar eram transportados em

carros de boi para a estação ferroviária de Timbaúba, para daí serem transportados para Recife, mas, em décadas posteriores, os compradores iam pegá-los de caminhão no engenho. Um dos melhores compradores do açúcar produzido pelo meu avô era de Campina Grande.

Os aguardenteiros andavam com suas tropas de burro comprando cachaça nos engenhos para vender na região da Caatinga, Itabaiana, Pilar, Ingá...

As bodegas tinham os seus próprios depósitos. A cachaça era uma bebida de baixa qualidade, mas muito vendida em todas as vendas e bodegas mais humildes.

Meu avô combinava com os engenhos vizinhos o preço da aguardente. Mas, frequentemente, os vizinhos, querendo vender mais, baixavam o preço. Então, ele ficava só observando os aguardenteiros passarem com suas tropas, sem parar no engenho.

- *Não vai querer aguardente, não, mestre?*
- *Vô não, seu Zé! Vamos lá no engenho de Seu Fulano.*
- *Tá bom, vá! Quanto é a cachaça lá?*
- *É tanto.*

Mais barato do que o combinado. Meu avô, cabeça-du-ra como ele só, parava a destilação, mas não baixava o preço. Quando acabava a aguardente dos engenhos em volta, os aguardenteiros começavam a aparecer.

- *Tem cachaça, seu Zé?*
- *Tenho.*
- *Quanto é?*
- *Tanto.*
- *Mas tá muito caro! Lá no engenho de Seu Fulano é mais barato.*
- *Então vá comprar lá!*
- *Ah, mas lá já acabou...*
- *Pois a minha é no preço que falei!*

Uma aplicação prática da lei da oferta e da procura!

Quando era moída a cana dos lavradores (foreiros), parava-se a moagem das canas do engenho. Moía-se as canas de um foreiro e colocavam-se as formas com os pães de açúcar produzidos em um lugar separado na casa de purgar, e assim sucessivamente, até que as canas de todos os foreiros fossem moídas. Dessa forma era mais fácil contabilizar quantos pães de açúcar cada um produziu naquela safra. Trinta por cento do valor ficava com o engenho. A unidade de medida era pães de açúcar. Uma vez anotada a quantidade de pães produzidos, o açúcar era todo secado e guardado junto. Cada foreiro recebia o equivalente ao total de quilos produzidos, considerando-se um pão de açúcar de 90 kg, uma vez que o preço de venda era por quilo.

A unidade de medida em toneladas, empregada atualmente para cana de açúcar, só começou a ser usada na região depois da chegada das usinas, quando o senhor de engenho deixou de produzir pães de açúcar e virou fornecedor de cana.

O bagaço saía da moenda e caía no vira-bagaço, uma espécie de alçapão de madeira mantido no lugar por um gancho de ferro. Quando estava cheio, um menino posicionava o boi arrastando um couro estendido bem em baixo e soltava o gancho, descarregando a carga do vira-bagaço em cima do couro. Depois de colocar o vira-bagaço de volta, preso com o gancho, o menino puxava o boi com o couro, com uma pilha de bagaço em cima, arrastando até a bagaceira.

Uma das partes que formavam o engenho banguê, a bagaceira era uma grande área aberta e plana na parte de trás da casa do engenho onde o bagaço era espalhado para

secar ao sol. A quantidade de caldo que ficava no bagaço era uma evidência da ineficiência do engenho banguê, que não tinha como disputar com os processos modernos das usinas, com seus picadores e seus vários ternos de moenda, espremendo até o último caldo e tirando muito mais açúcar por tonelada de cana.

Enquanto o menino do boi ia e voltava, a moenda continuava cuspidando bagaço no vira-bagaço e escoando o caldo da cana dentro do parol.

Em Oriente usava-se boi para puxar o couro com o bagaço úmido, saído da moenda, e usava-se éguas para puxar o couro com bagaço seco para a fornalha.

Era uma diversão para os meninos pular em cima da pilha de bagaço sendo transportado pelo couro. Meu avô geralmente tolerava essa brincadeira, mas quando estava de mau humor gritava logo, de seu lugar no paredão:

– Ô, mestre, tira esse menino daí!

Mas o que ele não tolerava mesmo era que os meninos subissem no couro sendo arrastado pelo boi sem bagaço, o que o estragava prematuramente. Quando chegava no lugar escolhido para descarregar, o menino manobrava o boi, fazendo-o voltar por cima do bagaço, virando o couro, o que despejava a carga e o couro voltava vazio. Os meninos mais afoitos subiam no couro na hora da virada para pegar o solavanco quando o couro deixava a pilha para trás.

Na bagaceira trabalhavam cerca de cinco pessoas espalhando o bagaço para secar melhor ao sol. Normalmente eram os trabalhadores mais idosos, que não aguentavam mais o serviço pesado no eito.

O bagaço, quando seco, era transportado para a casa de bagaço, um galpão grande, fechado, para ficar protegido do tempo. Nos dias de chuva o engenho usava o bagaço seco armazenado lá. Quando a safra acabava e o engenho parava, a casa de bagaço ficava cheia, esperando a próxima safra. Isso era estratégico para a volta do engenho na moagem seguinte, pois mantinha a fornalha alimentada nos primeiros dias, enquanto o novo bagaço produzido secava.

A casa de bagaço de Oriente tinha cocheiras cobertas em volta, onde a vacaria ficava e onde, todas as manhãs, o pessoal da casa-grande ia tomar leite cru.

O período da safra ia de setembro a fevereiro ou março. Na entressafra o trabalho se concentrava no “apontamento” do engenho, na parte industrial, e no plantio e limpeza dos canaviais, na parte agrícola. Enquanto isso, a destilação estava a todo vapor, usando mel de furo como matéria-prima para a aguardente.

Com o engenho parado, era feito o apontamento, ou seja, a revisão geral dos equipamentos, tais como caldeira, tachas, tanques, entre outros. A máquina a vapor era apenas conservada, mas raramente era aberta, pois requeria mão de obra muito especializada. As tachas eram feitas de chapas de aço cravadas e eram removidas para retirar eventuais vazamentos e recravamento.

Os carros de boi de Oriente, durante a época do meu avô, eram feitos artesanalmente pelo mestre carpinteiro Zé Pedro. Ele escolhia a sucupira na mata, derrubava, arrastava até o engenho com bois e trabalhava a madeira, paciente e caprichosamente, até transformá-la em um carro de boi. Nessa época ele trabalhava exclusivamente para o Engenho Oriente, era um empregado especializado, com um salário melhor.

Zé Pedro iniciou sua carreira trabalhando no Engenho Boa Vista com Fábio Cesar de Araújo Lima, filho do velho Cosme Ignácio, do Engenho Glória. Tio Fábio gostava muito de Zé Pedro. Quando saiu de Boa Vista, arrendou o engenho a Seu Joaquim Campos, que manteve Zé Pedro como carpinteiro por recomendação de tio Fábio.

— *Se preocupe não, Zé Pedro! O que Seu Fábio fazia por você, eu continuo fazendo a mesma coisa.*

— *Tá certo, Seu Quinca!*

Mas ele acabou saindo de Boa Vista e foi para o Engenho Vundinha, de João da Cruz Gouveia. Trabalhou lá por um tempo, depois saiu e ficou fazendo serviços avulsos, indo finalmente morar em Recife com a família. Meu avô estava precisando de uma pessoa para trabalhos de carpintaria no engenho e um dia, passando por Ferreiros, encontrou com ele:

— *Zé Pedro, o que estás fazendo?*

— *Nada! Estou morando no Recife, parei de trabalhar, e vim aqui a passeio.*

— *Quer ajeitar uns carros de boi meus?*

— *Vou, sim! Eu vou em casa, pego as ferramentas e tal dia eu venho.*

Veio, e ficou com meu avô pelo resto da vida!

Em Oriente ele fazia as refeições com a família na casa-grande e dormia em uma das garagens, que era usada como oficina e local de guardar ferramentas. A cada dois ou três meses ele ia passar duas ou três semanas com a família em Recife.

Fazia todos os serviços de carpinteiro com maestria, desde a antiga arte de fazer carros de boi às porteiças ou consertos de portas. Lembro quando, meninote de 8 ou 9 anos, ficava admirando a destreza com que ele aparava um tronco de sucupira, que seria um carro de boi, com o seu machado afiado. Eu ficava horas na moita do engenho, já de

fogo morto na época, vendo-o serrar as peças, aplinar as superfícies, escavar os encaixes e, finalmente, montar cada parte perfeitamente encaixada, sem usar pregos, como num passe de mágica. Todo o processo levava semanas e ele, diariamente, estava lá, ora afiando a ferramenta, ora fazendo medições e riscando com o lápis largo de grafite, ora arrancando lascas finas da madeira dura com a plaina manual ou escavando com o formão e o martelo os encaixes precisos.

Uma certa feita tio Cláudio, já trabalhando no engenho como rendeiro, pediu para ele fazer um trabalho, mas queria um serviço rápido, sem muito capricho.

— *Zé Pedro, faça um serviço assim, assim...*
— *Faço!*

Então ele começou a fazer a peça, caprichando no polimento, com a paciência e o foco que lhe eram peculiares.

— *Zé Pedro, não precisa polir muito não. Pode ir mais ligeiro, de qualquer jeito tá bom!*
— *Venha fazer, então! Você me manda fazer merda, depois vem um amigo seu aqui e pergunta: “quem fez essa merda?”; aí você responde: “foi Zé Pedro!”; você não vai dizer que foi você que mandou, não.*

O processo que coroava a fabricação do carro de boi era a colocação dos aros de ferro nas rodas, ou “ferrar as rodas”. Levava-se as rodas de madeira para a beira do açude, ao lado do engenho, colocava-se no chão o aro de ferro já fabricado sob medida em Timbaúba, fazia-se uma pilha de bosta seca de boi em cima do aro e tocava-se fogo. Depois de um bom tempo ele ficava rubro e bem dilatado, então pegava-se com ferramentas o aro, colocando-o sobre a roda, batendo-se com marretas para força-lo a se encaixar na parte externa da roda. Depois que o aro de ferro estava no lugar, jogava-se água para resfriá-lo e apagar o fogo que sempre iniciava na madeira da roda. Pronto! O aro estava firmemente no lugar, preparado para aguentar os buracos e as pedras das estradas de terra do engenho. Uma vez

ferradas as rodas, o carro de boi estava pronto para sair cantando seu canto característico, provocado pelo atrito ensebado entre o eixo das rodas e o “cocão” de cada lado da mesa.

Certa vez, meu avô estava supervisionando um serviço de pedreiro no sangradouro do açude para instalação de telas visando evitar a saída de peixes quando o açude sangrava. Precisando de uma régua para esquadrear as paredes, ele pediu:

— Antônio Américo, vá lá em cima e peça a Zé Pedro a régua dele.

Quando Zé Pedro escutou o pedido, disse:

— Minha régua? Pra melar de cimento? Mando nada!

Antônio Américo voltou com a resposta:

— Ele disse que não mandava, não, seu Zé. Ele disse que não queria melar a régua dele de cimento, não.

— Vá lá e diga pra ele fazer uma tábua parecida com a régua dele e me mandar. E diga a ele que meta a régua dele no fundo!

Ao receber o recado, Zé Pedro falou, na bucha:

— Meto! Meto todinha, mas não empresto!

Ele trabalhou no engenho até velho, quando meu avô já tinha passado a administração para tio Cláudio. Já não fazia trabalhos pesados, passava a maior parte do tempo conversando com o meu avô, como velhos amigos, ou na fazenda Grossos, na Paraíba, com o meu pai, fazendo e consertando porteiros, principalmente. Depois, foi definitivamente para Recife, onde moravam as filhas.

O Engenho Oriente moeu até o final da década de 1950. Depois passou a fornecer cana, como todos os engenhos da região já vinham fazendo há anos. O interessante é que meu avô nunca forneceu cana para a Usina Central Olho d'Água, a poucos quilômetros do engenho. A cisma começou quando, anos antes, a usina decidiu estender a sua estrada de ferro da cambiteira até o Engenho Laços. Para tanto, teria que passar pelas terras dos engenhos Recreio e Boa Vista. Os proprietários desses engenhos, todos da família, se opuseram aos planos da usina, com o apoio de vários outros senhores de engenho, entre ele José Borba. Os orgulhosos banguzeiros ainda resistiam ao avanço tecnológico que vinha mudando um sistema estabelecido há séculos. Nessa época Oriente estava um período sem moer, tendo fornecido para várias usinas da região, como a Cruangi, a Aliança, a Santa Teresa, a Brasil, entre outras. Bastava se aborrecer com uma usina, meu avô mudava para outra. Depois ele decidiu, bem ao estilo dele, voltar a moer:

— Vou moer no meu engenho mesmo. Não tem futuro ficar negociando com esses cabras, não!

Os anos passaram e os engenhos começaram a fornecer cana para a Usina Olho d'Água, menos um: o do meu avô. Como era bem do seu jeito de ser, foi um dos últimos a parar de moer na região, resistiu o quanto pôde contra o inevitável.

Quando finalmente parou de moer, cedendo ao poder econômico da modernidade, forneceu cana para várias outras usinas, inclusive a São João, na Paraíba, a mais de setenta quilômetros do engenho, mas não forneceu para a Olho d'Água.

Certa feita, enquanto ele fornecia cana para a usina Santa Teresa, o caminhão dele quebrou ainda perto do engenho. Seneval, do Engenho Bonfim, fornecia para a Usina Olho d'Água e, tomando conhecimento do problema do

caminhão de Oriente, ordenou que o caminhão dele passasse lá, transbordasse a cana do caminhão quebrado e levasse para a Olho d'Água, onde seria pesada como se fosse dele. Quando ele recebeu o dinheiro, foi repassar ao meu avô, que disse:

- *Eu não quero, não. Se você tivesse deixado se perder lá na estrada, era melhor!*
- *Mas, Zé, a cana não entrou em nome de Oriente, não, entrou em nome de Bonfim!*
- *Mas o dinheiro é de lá. Eu não recebo!*
- *O que eu faço com esse dinheiro?*
- *Bote na caixa das almas, dê às raparigas, faça o que quiser. Eu é que não quero!*

Oriente só começou a fornecer cana para a Olho d'Água depois que tio Cláudio – Cláudio Gouveia Borba, irmão do meu pai – assumiu, em 1964. Com ele, a safra de Oriente aumentou para 17 mil toneladas, pois ampliou muito a área plantada.

Meu avô resistiu bravamente, enquanto foi possível, para manter a fornalha do seu engenho banguê acesa.

Itambé	Eng. Araçá	Ferdinando Vellozo Borba	100.000000	1.250
"	Bom Fim	Benjamin Nuno Machado	250.000000	2.000
"	Bebedouro	Damião José Pereira	200.000000	1.250
"	Boa Vista	Joaquim Campos	150.000000	1.875
"	Bela Vista	Domicio Leopoldo d'Andrade	100.000000	1.000
"	Barra	Adelino Dias Pereira	18.000000	1.333
"	Cachoeira	Dorotheu Pereira Lira	230.000000	2.666
"	Cana Brava	Maria Ceilina Cavalcante Lins	220.000000	3.125
"	Cordão	Márcio Cassiano de O. Vasconcelos	300.000000	3.750
"	Carnaúba	José Fabricio d'Araujo Peixó	100.000000	2.500
"	Camará	Alfredo Oliveira	130.000000	2.500
"	Floresta	Lidilo Galvão	5.000000	400
"	Pigueiredo	Manoel Guedes Corrêa Gondim	100.000000	1.875
"	Ocoão	José Francisco Xavier	130.000000	1.875
"	Gloria	Augusto Gouveia Lima	150.000000	1.875
"	Gracioso	João Antonio P. Guedes	20.000000	1.200
"	Gumeleira	Rual Lino Vieira de Mélo	200.000000	2.500
"	Guabiraba	Artur Pacifico d'Araujo Pereira	400.000000	3.750
"	Hortas	Maximiliano Teixeira Gomes	130.000000	2.250
"	Jocundo	João Antonio P. Guedes	20.000000	1.200
"	Jardim	A. F. Corrêa Lima	400.000000	3.750
"	Laços	Joaquim Cortês de A. Lima	120.000000	1.875
"	Monge	João Cesar Vieira de Mélo	100.000000	1.875
"	Morcos	Fedro Resende de Sousa	10.000000	1.000
"	Manimbu	Severino C. da Vasconcelos Dutra	60.000000	5.333
"	Meirim	Virgílio Pacifico d'Araujo Pereira	300.000000	2.500
"	M. Carmelo	Joel de Albuquerque Mélo	200.000000	1.750
"	Novo	Rafael Pacifico d'Araujo Pereira	400.000000	3.750
"	Oriente	Ana Gouveia Borba	120.000000	1.800
"	Usim Olho d'Agua	Hárdman, Tavares & Cin.	450.000000	245.000
"	Eng. Lagoa	Mário Veloso Borba	200.000000	5.000
"	Pará	Helena Vellozo Borba	200.000000	1.875
"	Pão Amarelo	Rual Lino Vieira de Mélo	100.000000	1.250
"	Paraiso	Fausto Benjamin Gouveia	180.000000	2.500
"	Recreio	José Ignacio Gouveia	120.000000	1.000
"	Usim S. Ploca	Benjamin Nunes Machado	250.000000	4.000
"	Eng. S. João	José Tolentino Pereira Gomes	200.000000	2.500
"	R. Sebastião	Antonio Guedes Filho	200.000000	3.125
"	São Antonio	José Gouveia de Araujo Lima	350.000000	3.750

Capital e produção (em sacas de 60 kg) dos engenhos de Itambé (fonte: Revista Brasil Açucareiro – Ano II, Volume III – Maio 1934, n. 3).



Engenho Oriente no final da década de 1930 (acervo da família).



Paredão do assentamento do Engenho Oriente, visto da bagaceira, em 1983 (acervo da família).



Engenho Oriente em 2019 (acervo da família).



Bagaceira do Engenho Oriente em 2019 (acervo da família).



Ruína da moita do Engenho Oriente em 2019 (acervo da família).



Sobradinho na moita do Engenho Oriente, 2019 (acervo da família).



Casa de bagaço do Engenho Oriente em 2019
(acervo da família).

ENGENHO GLORIA
Augusto Cesar Gouveia Lima
Açúcar Mascavo
Pura Aguardente de Cana

Tamblé - Pernambuco

ENGENHO BOA VISTA
JOAQUIM CAMPOS
(Ass. da Coop. dos Banguazeiros)
PRODUTOR DE PURÍSSIMA
AGUARDENTE DE CANA
TAMBÉ - PERNAMBUCO

Engenho Vundinha
NELSON DA CRUZ GOUVEIA
(Da Coop. dos Banguazeiros)

PRODUZ
AÇÚCAR MASCADO
AGUARDENTE DE CANA
TAMBÉ - PERNAMBUCO

Quase um milhão de vacinas fabricadas em 3 meses

Ele - Janeiro (Lavoura)
Segundo informação levada ao conhecimento do ministro Daniel de Carvalho, pelo diretor da Divisão de Defesa Sanitária Animal do Ministério da Agricultura, o movimento dos laboratórios das Inspetorias Regionais subordinadas àquela Direção e instaladas em Furtalaza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Florianópolis e Porto Alegre, no 3.º trimestre do ano passado, foi o seguinte: total de vacinas fabricadas - 643.818, representando um valor de Cr. 305.627,80 e proporcionando uma renda de Cr\$ 179.800,90 no serviço em questão.

Destas vacinas, que se destinavam ao combate hemático e sintomático, oferta das vacinas contra a peste suína, febre aftosa, varíola e doenças de outras doenças, foram vendidas . . . 227.293 e aplicadas gratuitamente 102.313. As restantes foram distribuídas a outras inspetorias regionais.

ANIBAL GOUVEIA CIA. LTDA.

FARELO
DE CAROÇO DE ALGODÃO

— 0 —

Fornecedores, sob constrangimento, de farelo de caroço de algodão, à Secretaria de Agricultura do Estado de Pernambuco

— 0 —

Rua Mariz e Barros, 328, 1.º

RECIPE PERNAMBUCO

24

Lavoura e Criação.

Propagandas de produtos de engenhos de Itambé-PE publicadas na revista "Lavoura e Criação" de jan./mar. de 1948.

Padrinho Generoso e os Engenhos Glória e Recreio

Manoel Generoso de Araújo Lima (1859-1921), o padrinho Generoso, era filho de Cosme Ignácio de Araújo Lima, senhor do Engenho Glória, que foi o formador de tantos engenhos importantes para a nossa família, entre eles Oriente e Recreio.

Padrinho Generoso era casado com Cândida Inocência Gouveia de Araújo Lima, que tinha **Cruz Gouveia** como sobrenome de solteira. Quando se casaram, formaram o Engenho Recreio, desmembrado do Engenho Glória. Uma de suas filhas foi Teófila Cândida Gouveia Borba, que viria a ser a mãe de Luizinha, minha avó, mãe do meu pai, Pompeu Gouveia Borba.

O pai de padrinho Generoso, Cosme Ignácio, na velhice enlouqueceu e passou o resto dos seus anos trancado em um quarto com janela gradeada na antiga casa-grande do engenho. Com a incapacidade e posterior morte do pai, padrinho Generoso assumiu o Engenho Glória.

Meu pai tinha uma grande admiração por padrinho Generoso. Ele costumava contar histórias do bisavô materno, como esta, gravada por Arabela Pessoa Guerra em uma reunião da família, poucos anos antes de meu pai falecer [*sic*]:

— Pompeu, você poderia falar sobre o seu padrinho Generoso?
— Ele era meu padrinho porque era meu bisavô.
— Ele era pai de quem?
— Pai de Mintoó, a mulher de padrinho Mário. Teófila, a gente chamava “Mintoó”.

E começou a contar uma história engraçada do bisavô [sic]:

Padrinho Generoso era uma pessoa muito boa, mas gostava muito de beber. Quando ele tirava para beber, ele pintava miséria. Ele gostava muito de cavalo baixeiro, cavalo bom de passada, cavalo bonito. Naquele tempo, tinham gosto com cavalo como hoje se tem com carro. Nos domingos, ele ia para a feira de Ferreiros e tinha aquele pessoal que vendia panelas de barro. Ele passava com o cavalo na passada por cima das panelas de barro e quebrava tudo. Caso um pobre pedisse uma esmola e o vendedor de farinha não desse, ele descia do cavalo, puxava a faca – ele tinha uma faca grande – e cortava o saco do pé à boca, dizendo:

— *Come farinha aí, menino! Isso é Mané Generoso que tá dando!*

Agora, o cara não dissesse nada a ele naquele momento. Dois ou três dias depois, o vendedor ia no Engenho Glória, chegava lá pela bagaceira desconfiado e perguntava:

— *O coronel tá aí?*
— *Tá.*
— *Ele tá bom?*
— *Tá, pode ir!*

Aí ele ia e dizia:

— *Coronel, naquele dia o cavalo do senhor espantou-se e passou por cima das minhas panelas de barro, quebrou tudo.*
— *Mané Generoso não dá prejuízo a ninguém! Quanto te devo?*

Se tivesse quebrado vinte panelas, o vendedor, esperto, dizia:

— *Cem panelas, coronel.*

Ele pagava na hora, sem questionar”.

E meu pai continuava:

Eu sei muitas histórias de padrinho Generoso porque Seu Inácio, que foi vaqueiro de meu pai, foi criado por ele. Andou muito na garupa do cavalo dele. Depois, quando Seu Inácio já estava ficando maiorzinho, padrinho Generoso comprou um cavalo pequeno para ele. Seu Inácio viveu toda a vida com padrinho Generoso, até ele morrer. Depois ficou tomando conta de uma propriedade que era de tio Zé Inácio, filho de padrinho Generoso. A propriedade era Maracujá. Depois tio José Inácio suicidou-se...”

Nesse ponto acaba a gravação.

Manoel Generoso e Cândida Inocência tiveram oito filhos, seis mulheres e dois homens. Entre as filhas, além de Teófila - a minha bisavó Mintohó, já citada - , eles tiveram também Idalina, que se casou com Pedro Tavares de Melo e foram os pais de Maria do Carmo Tavares Campos, Carminha.

Carminha se casou com Joaquim Pereira Campos, o Seu Joaquim, arrendatário e, posteriormente, senhor do engenho Boa Vista. Do casal nasceu Pedro Tavares Campos, que se casou com a sua prima em segundo grau, Maria Bernadete de Borba Campos, a tia Detinha, irmã mais velha do meu pai, que teve um papel fundamental na vida dele como conselheira e protetora. Mas essa história contaremos mais à frente.

Algumas tragédias aconteceram na família de padrinho Generoso e madrinha Candinha. A primeira delas foi a morte prematura de uma de suas filhas, Isaura, como publicado em uma nota no Diário de Pernambuco, de 7 de janeiro de 1922 [sic]:

"FALLECIMENTOS

No engenho "Gloria" (município de Itambé), residência de sua genitora, a exma. sra. d. Candida Gouveia, faleceu no dia 27 do mez proximo passado, victima de febre puerperal a exma. sra. d. Isaura Gouveia Lima, esposa do sr. Severino V. Araujo Lima.

Era ella irmã dos srs. José Ignacio e Augusto Gouveia e cunhada dos srs. dr. Pedro Tavares e coronel Mario Borba. Contava a extincta 24 annos de idade e deixou um filhinho com 15 dias de existência".

O filho citado, que ficou órfão de mãe com apenas 15 dias de vida, foi José Gouveia Lima, mais conhecido como Zé Veloso, que duas décadas depois veio a ser o senhor do Engenho Recreio. Órfão da mãe, José Gouveia foi criado no Engenho Glória.

Dos dois filhos de padrinho Generoso, tio José Ignácio assumiu o Engenho Recreio e o segundo, tio Augusto, assumiu o Engenho Glória após a morte do pai.

A segunda tragédia da família ocorreu cerca de duas décadas depois da morte de Isaura. Tio José Ignácio cometeu suicídio no Engenho Recreio, envenenando-se. Ele teve um caso fora do casamento com uma das empregadas da casa-grande, levando-o a uma crise pessoal que acabou por tirar-lhe a vida tragicamente.

José Gouveia, já com cerca de vinte e um anos e casado com a sua prima Alcina – também neta de padrinho Generoso –, foi para Recreio ajudar a sua tia viúva, Maria do Carmo, mais conhecida como Yayazinha. Com a ida dela para Itambé, José Gouveia assumiu a administração do Engenho Recreio e, posteriormente, passou a ser seu proprietário.

Era muito comum os senhores de engenho participarem ativamente na política, seja diretamente, na administração da cidade, em algum cargo eletivo ou dando suporte explícito a um partido ou político. Manoel Generoso não era uma exceção.

O Jornal de Recife, na edição de 1º de setembro de 1882, traz a nomeação de Manoel Generoso de Araújo Lima para tenente da 3ª Companhia do 10º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional.

O mesmo Jornal de Recife, nas edições de 6 de janeiro de 1882 e de 6 de janeiro de 1892, com uma diferença de exatamente dez anos, informava que Manoel Generoso de Araújo Lima foi nomeado 1º suplente de delegado do Termo de Itambé e o seu irmão, Fábio César de Araújo Lima, o 3º suplente.

O Diário de Pernambuco, na edição de 29 de março de 1889, informava que Manoel Generoso de Araújo Lima passou de 3º para 2º suplente do Juiz Municipal e de Órfãos do Termo de Itambé.

Afirmando a sua posição política conservadora, ele fez publicar no jornal A Província, de 25 de julho de 1914, uma declaração de apoio ao então governador de Pernambuco, Emídio Dantas Barreto, do Partido Republicano Conservador (PRC).²⁴ Segue a transcrição [sic]:

“Declaração

*De um pequeno patriota de Itambé, municipio de Pernambuco. Sempre fui conservador, pois respeito e venero as tradições de nossa patria.
Sou um pequeno auxiliar do governo presente e acho que tenho o direito de dizer tambem alguma cousa. E isso que eu tenho a dizer, é um agradecimento ao governador do estado de Pernambuco.
Hoje veje os melhoramentos que parecem um milagre da Providencia.
Deus foi quem mandou este homem. Que Deus o conserve no governo d'este Pernambuco e vocês tambem.
Portanto, viva nosso governador, nosso general Emygdio Dantas Barreto.
Devemos pedir ao nosso Deus que depois do quatriennio marcado pela lei, venha outro igual porque continuarão os melhoramentos de nosso estado.*

*Como um simples patriota, irmão e amigo me assigno
Manoel Generoso d'Andrade Silva.
Itambé – Engenho Gloria”.*

Em agosto de 1921, o “coronel” Manoel Generoso adoece gravemente, como foi notificado no jornal A Província, em 12 de agosto de 1921 [sic]:

²⁴ O Partido Republicano Conservador (PRC) foi um partido político brasileiro criado em outubro de 1910 com o objetivo de representar os ideais republicanos das elites agrárias de estados descontentes com a política do café-com-leite, que detinha o poder federal nas mãos dos estados de São Paulo e Minas Gerais, os dois maiores colégios eleitorais. PARTIDO REPUBLICANO CONSERVADOR. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Partido_Republicano_Conservador&oldid=59131603.

“ENFERMOS:

Em seu engenho “Gloria”, no municipio de Itambé, acha-se gravemente enfermo o sr. cel. Manoel Generoso de Araujo Lima, adiantado agricultor n’aquelle municipio.

São seus medicos assistentes os drs. Ferreira Lima e Tavares Mello”.

E, finalmente, o Diário de Pernambuco, na edição de 18 de agosto de 1921, publica nota do seu falecimento [sic]:

Em seu engenho “Gloria”, situado no visinho municipio de Itambé, falleceu, pelas 14 horas do dia 11 do corrente, o sr. coronel Manoel Generoso de Araujo Lima, antigo conceituado agricultor e proprietario allí e muito relacionado nesta cidade [Timbaúba].

O coronel Manoel Generoso, que desapareceu com a idade de 62 annos, foi victima de antigos e crueis padecimentos. Era o extincto casado com a exma. sra. d. Candida de Araujo Lima, deixando deste consorcio uma numerosa familia.

Entre os seus filhos destacam-se os srs. José e Augusto de Araujo Lima, ambos tambem agricultores no referido municipio, e ainda a exma. sra. d. Candida [Idalina] Tavares de Mello, esta esposa do Dr. Pedro Tavares de Mello, deputado estadual de Pernambuco.

O corpo foi sepultado, pelas 14 horas de hontem, no cemiterio Público desta cidade” [Timbaúba].



Manoel Generoso, a esposa, Cândida Inocência, e a filha Idalina (acervo da família).



Casa-grande do Engenho Glória, 2020 (acervo da família).



Janela gradeada do antigo quarto de Cosme Ignácio na casa-grande do Engenho Glória, 2020 (acervo da família).



Moita do Engenho Glória, 2020 (acervo da família).



Moita do Engenho Glória, 2020 (acervo da família).



Manoel Generoso de Araújo Lima - foto emoldurada e pendurada em uma das paredes do apartamento de Pompeu Gouveia Borba, em João Pessoa (acervo da família).



Casa-grande do Engenho Recreio, 2020 (foto de Tarcísio Gouveia).



Moita do Engenho Recreio, com a casa-grande ao fundo, 2007 (foto de Tarcísio Gouveia).

• Cândia Inocência e a Família Cruz Gouveia

A esposa de padrinho Generoso, Cândia Inocência de Araújo Lima, era filha do capitão José da Cruz Gouveia, senhor do Engenho Vundinha. Conhecida por todos da família como madrinha Candinha, foi ela que trouxe o tronco Cruz Gouveia para a família, através da minha avó, sua neta.

O pai dela, José da Cruz Gouveia, foi casado duas vezes. Madrinha Candinha é filha do primeiro matrimônio, com Matilde Veloso Gouveia. Entre os vários irmãos do primeiro casamento de seu pai, destacam-se Ismael Emiliano da Cruz Gouveia, que foi prefeito de Timbaúba entre 15 de novembro de 1910 a 1912; João da Cruz Gouveia, que assumiu o Engenho Vundinha após a morte do pai; e José da Cruz Gouveia Filho, que tornou-se um próspero comerciante em Recife na primeira metade do século XX.

Ismael Emiliano e José abriram em sociedade a empresa Ismael Gouveia & Irmão, em Timbaúba, de acordo com nota no A Província, de 21 de novembro de 1900 [sic]:

De Ismael Emiliano da Cruz Gouveia e José da Cruz Gouveia, sob a firma Ismael Gouveia & Irmão, para o commercio de generos do paiz, á rua da Constituição n. 65. da cidade de Timbaúba, deste estado, com o capital de 12:000\$000, sendo a sociedade em nome colectivo.

A firma foi desfeita em 1910. Ismael radicou-se em João Pessoa e José da Cruz Gouveia Filho, em Recife. Destaco aqui o seu filho Fernando da Cruz Gouvêa (escrito dessa forma mesmo), jornalista e historiador, cuja apresentação feita pela Companhia Editora de Pernambuco - CEPE transcrevo a seguir:

Fernando da Cruz Gouvêa nasceu no Recife em 1927 e faleceu em setembro de 2015. Jornalista e historiador, foi colaborador do Diário de Pernambuco por mais de três décadas, até 2009.

Pesquisador do Instituto do Açúcar e do Alcool, foi fundador e primeiro diretor do Museu do Açúcar, de 1962 a 1964. Notabilizou-se como biógrafo, tendo conquistado em 1977 os prêmios da Academia Brasileira de Letras e da Academia Pernambucana de Letras, e o prêmio Alfredo de Carvalho, do Governo de Pernambuco, pelo seu primeiro livro, Oliveira Lima, Uma Biografia; e o prêmio Alfredo de Carvalho em 1985, com o livro O Partido Liberal no Império: O Barão de Vila Bela e sua Época. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, o Instituto Histórico de Vitória de Santo Antão e a Academia Paulista de História.

Do segundo casamento do capitão José da Cruz Gouveia, com Anna Maria de Lima Gouveia, destaco nestas memórias Maria José Gouveia, conhecida na família como tia Zuzica. Ela nunca se casou, passava temporadas no Engenho Oriente e morava em João Pessoa, onde tinha uma escola particular. Na segunda metade da década de 1940, ela foi professora de tio Mário, irmão do meu pai - ele não tem boas memórias dessa época. Mas, essa história fica para a parte 2 do livro...

Encontrei um interessante artigo sobre tia Zuzica escrito pelo paraibano Clemente Rosas e publicado no blog *Revista Será?*,²⁵ em 10 de março de 2017, o qual transcrevo a seguir [sic]:

Causos Paraibanos - Velhas Professoras - Zuzica

Esta era famosa pela severidade. Maria José Gouveia era o seu nome, mas o apelido familiar chegou às salas de aula, muito embora nós, alunos, não fôssemos autorizados a tratá-la assim. Uma de suas auxiliares, excepcionalmente mansa, a chamava de madrinha Zica.

Digo excepcionalmente porque a outra, Dona Natália, fazia par à mestra-chefe. De lábios finos e nariz adunco como uma feiticeira, não tinha qualquer ternura com as crianças. Eu a vi, numa ocasião, quebrar um lápis, com borracha acoplada, na cabeça de um aluno. E no meu primeiro dia de aula com ela, em que fui forçado

25 ROSAS, Clemente, *Causos Paraibanos - Velhas Professoras - Zuzica*, Blog *Revista Será?* - João Pessoa - 2017 (revistasera.info/2017/03/causos-paraibanos-velhas-professoras-zuzica-clemente-rosas).

a usar caneta pela primeira vez – daquelas de pena áspera, de molhar no tinteiro – tive uma boa amostra da insensibilidade daquela criatura. Ao receber o caderno com a cópia encomendada, escrita com a letrinha tremida de um garoto de seis anos, que até então só conhecia lápis, riscou a página com tinta vermelha, de cima abaixo, vociferando:

- Isso eu não corrijo!

Nesse tempo, a palmatória já tinha sido abolida. Mas havia os nós dos dedos para os “cascudos”, as réguas para reguadas, o quartinho escuro, o cimento áspero do piso para se ficar de joelhos, em castigo. A regra era a da punição física para os desatentos e pouco estudiosos. Eu e meu irmão escapamos apenas por não serem esses os nossos casos.

A escola funcionava numa salinha ao lado de uma capela, e também em espaços separados dentro da igreja. Lembro bem do terror que me assaltou quando, aluno de Dona Lourdes, a afilhada que comandava o 3º ano, cheguei, num dia em que ela havia faltado, e adentrei o recinto, então sob o controle único da velha Zuzica: dos dois lados da nave, divisei fileiras de meninos de joelhos, em castigo por motivos diversos.

Noutra ocasião, quando um garoto cumpria uma das penas mais brandas – ficar de pé atrás do quadro negro, uma estrutura de madeira descolada da parede – via-a, descontraidamente, enquanto escrevia a lição no quadro, vibrar, com a outra mão, reguadas cegas no castigado inquieto, sem preocupação quanto à forma como ele estaria sendo atingido.

Pior destino teve um dos seus sobrinhos, obrigado pelos pais a morar com a educadora da família. Apanhava em casa e na escola. Era um garoto extremamente retraído, que reencontrei, muitos anos depois, como profissional da arquitetura em Recife. E dele ouvi o relato dos sofrimentos passados, cujas marcas psicológicas conservava, mesmo na vida adulta.

Um belo dia, fomos informados pela mestra, sem a menor gentileza, de uma novidade:

- Amanhã vou receber aqui um aluno novo. Um menino muito fino, educado, não é para se misturar com vocês. Tenham respeito com ele.

Era um carioca, de sotaque carregado, cheio de sofisticções e mesuras, com quem logo antipatizamos. Trazia uma caneta “automática”, novidade que a velha abominava, pela possibilidade de acabar a carga de tinta em plena aula. E não dava outra coisa:

- Dona Maria, faltou “tchinta”!

E vinha a resposta, com irritação mal disfarçada:

- Está bem, meu filho, mas não deixe faltar mais não...

Na saída, o calouro estendeu a mão para a Dona Maria, que, desacomodada com aqueles rapapés, na pressa de corresponder ao gesto, derrubou o monte de cadernos que segurava, para nosso discreto deleite.

Mas a fase cerimoniosa do relacionamento com o novato durou pouco, tanto para ela como para nós. E a linha dura acabou prevalecendo.

Só uma vez recebemos, eu e meu irmão, manifestações de afeto de Dona Maria José: quando nos saímos bem, no final do curso, em uma espécie de exame geral de todas as escolas. Sobretudo meu irmão, a quem uma jovem professora tentou, sem sucesso, fazer confundir os conceitos de “área” e “perímetro”. Fizemos bonito, e Dona Zuzica, orgulhosa e feliz, nos abraçou.

Anos depois, já universitário e com presença em jornais e suplementos literários, na forma de poemas e crônicas, reencontrei casualmente Dona Maria José na rua. Velhinha, solitária, pareceu-me frágil e carente. Foi às lágrimas, ao rever o aluno que, para ela, já era um intelectual de fama e conceito. Surpresa! Sob toda aquela antiga truculência, havia sentimento!

O “garoto extremamente retraído” citado no texto é o meu tio Mário Gouveia Borba.

Os filhos do segundo casamento do capitão José da Cruz Gouveia fizeram publicar uma nota de homenagem pelo seu aniversário, no jornal A Província de 3 de janeiro de 1902 [sic]:

“Salve 31 de dezembro de 1901

Hoje é para nós o dia de maior alegria porque completa mais uma flor no jardim de sua preciosa existencia o nosso prezado pai, capitão José da Cruz Gouveia.

Desejamos que muitas datas iguaes a esta se reproduzam por muitos annos, augmentando assim as glorias que assistem aos seus filhos que o estimam.

Engenho Vundinha, (Timbaúba) 31 de dezembro de 1901.

*Arnulpho Tharcicio da Cruz Gouveia
José Maria da Cruz Gouveia.
Joel Esdras da Cruz Gouveia
Maria José da Cruz do Espírito Santo”.*

Seis meses depois, o capitão faleceu. A família publicou nota da missa de 30º dia no jornal A Província de 20 de agosto de 1902 [sic]:

“Capitão José da Cruz Gouveia

TRIGESIMO DIA

Anna Maria Gouveia Lima, Ismael Gouveia, sua mulher e filhas, José Gouveia e suas filhas, João Gouveia, Fausto Gouveia, Manoel Gouveia, Candida Gouveia Lima, Narcisa Gouveia Lima, Maria Gouveia, Rachel Gouveia, Francisca Gouveia, Henriqueta Gouveia, José Maria, Joel Gouveia, Maria José, Arnulpho Gouveia, Manoel Generoso d’Araujo Lima e Olympio Borba, agradecem do intimo d’alma a todos os parentes e amigos, que se dignaram acompanhar à sua ultima morada os restos mortaes de seu nunca esquecido esposo, pai, avô e sogro José da Cruz Gouveia, e de novo os convidam para assistirem às missas, que em suffragio à su’alma mandam celebrar na matriz de Timbaúba, sexta-feira, 22 do corrente, às 8 horas da manhã, trigesimo dia do seu fallecimento, e confessando-se desde já eternamente agradecidos àquelles que comparecerem a este acto de religião e amisade”.



José da Cruz Gouveia e Anna Maria de Lima Gouveia, sua segunda esposa (acervo da família, com anotações de minha avó Luízinha).



*Maria José Gouveia (tia Zuzica)
(acervo da família).*

Itambé

Localizada na região da Mata Norte de Pernambuco, na fronteira com o estado da Paraíba, o município de Itambé é o mais importante para os acontecimentos narrados até agora.

Segue a transcrição do resumo da sua história como descrita no site Wikipédia:²⁶

As terras onde hoje se situa o Município de Itambé foram primitivamente habitadas pelos índios cariris. Não se conhece, com precisão, a data das primeiras penetrações de não índios nem a da radicação dos primeiros colonos não índios. Sabe-se, entretanto, que, nos fins do século XVI, começaram a chegar correntes de povoamento constituídas de portugueses e de mazombos.

André Vidal de Negreiros, um dos heróis da expulsão dos holandeses de Pernambuco, erigiu uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Desterro, no lugar conhecido como Itambé, assim denominado em virtude da grande quantidade de calhaus avermelhados que, em choque uns com os outros, produzem faíscas. Há quem atribua a preferência do guerreiro a voto feito para que fossem desterrados os invasores da pátria. Doou ele, para patrimônio da igreja, todo o terreno da futura freguesia, gravando, também, o Engenho Novo de Goiana e de Palha, além de várias fazendas de gado, com extensão superior a 120 quilômetros.

A doação foi confirmada pelo alvará de janeiro de 1681, que concedia, ao administrador e a seus sucessores, a graça de nomear o pároco da freguesia. Essa concessão consta, também, da Carta de Apresentação passada, em Lisboa, pela Mesa de Consciência e Ordens no dia 2 de outubro de 1746. A eleição simples do pároco passou, mais tarde, a ser atribuição da Casa de Misericórdia de Lisboa, dependendo, apenas, de aprovação régia.

²⁶ ITAMBÉ (PERNAMBUCO). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: [pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Itamb%C3%A9_\(Pernambuco\)&oldid=58970762](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Itamb%C3%A9_(Pernambuco)&oldid=58970762). Acesso em: 21 ago. 2020.

O desenvolvimento político e cultural acompanhou o desenvolvimento econômico. De 1797 a 1801, funcionou o Areópago, onde o doutor Arruda Câmara fazia propaganda dos ideais da Revolução Francesa. Em 1874, teve lugar a rebelião de matutos, conhecida por Quebra Quilos, que culminou com a invasão de Itambé pelos insurretos, no dia 30 de novembro.

Grande fator para o desenvolvimento do lugar foi, sem dúvida, a exportação das chamadas pedras de fogo a fim de serem transformadas em pequenas lâminas, posteriormente utilizadas em armas de fogo.

Com a denominação de Itambé, foi criado o distrito por força da Carta Régia de 6 de janeiro de 1789. Segundo outra fonte, o distrito deve sua criação à Lei Provincial 1055, de 6 de junho de 1872. A Lei Provincial 720, de 20 de maio de 1867, criou o Município de Itambé com território desmembrado dos de Goiana e Nazaré. A instalação se verificou a 1º ou 10 de fevereiro de 1868. Em virtude da Lei Provincial 1318, de 4 de fevereiro de 1879, a sede municipal recebeu foros de cidade.

Por efeito do Decreto-Lei Estadual 235, de 9 de dezembro de 1938, o município e o distrito de Itambé tiveram seus topônimos simplificados para També. Por ocasião do Recenseamento Geral de 1960 compunha-se de 5 distritos: També (sede), Camutanga, Caricé, Ibiranga e Ferreiros, este último criado em 1948, com parte do distrito de Camutanga. De acordo com as leis estaduais 4940 e 4953, ambas de 20 de dezembro de 1963, foram emancipados os distritos de Camutanga e Ferreiros. Assim, o município está constituído, hoje, de 3 distritos: També (sede), Caricé e Ibiranga.

Pela Lei Estadual 7006, de 2 de dezembro de 1975, o município de També voltou a denominar-se Itambé.

Hoje, o município é composto por Itambé (sede) e os distritos de Ibiranga, Caricé e Quebec.

Até a segunda ou terceira década do século XX era usual que os mais importantes cargos administrativos, militares e políticos dos municípios e distritos da região canieira de Pernambuco fossem ocupados por membros das famílias proprietárias das terras. Itambé não era uma exceção, os senhores de engenho ocupavam, pessoalmente ou através de familiares, os principais cargos, eletivos ou não. Os almanaques anuais e jornais da época mostram bem esse fato em Itambé.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco - 1860

Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional:

- Tenente-coronel, Joaquim Francisco C. Lins
- Quartel-mestre, José Teixeira Borba
- Tenente, Manoel da Cunha Cavalcanti
- Alferes, João Tavares de Mello
- Tenente, Manoel Guedes Correia Gondim
- Alferes, Cosme Ignácio de Araújo Lima
- Capitão, Claudino V. Freire
- Tenente, Paulino Velloso Freire
- Alferes, Jorge C. de Araújo Lima
- Capitão, Antônio Guedes Gondim

Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola (PE) - 1869

Suplente do Juiz Municipal:

- Ernesto Justiniano da Silva Freire - Barão de Itambé

Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola (PE) - 1881

Juiz Municipal:

- Bacharel Lourenço Bezerra Vieira de Mello
- 1º Suplente: Barão de Itambé
- 2º Suplente: Pompeo Americano Pereira Borba
- 3º Suplente: Simão Velloso Pereira Borba

Almanak do Estado de Pernambuco: Administrativo, Mercantil Agrícola e Industrial - 1894

Conselho Municipal (Vereadores):

- Tenente-coronel Bellarmino Gonçalves de Noronha Faria
- Tenente-coronel Joaquim Francisco Cavalcanti Lins
- Capitão Joaquim Candido Pereira de Lyra
- Tenente José Pedro Bandeira de Mello
- Tenente José Cesar Marinho Falcão
- Christovão Vieira Leitão de Mello
- Joaquim José da Rocha
- Francisco d'Arruda Cunha Gouveia
- Manoel Clemente da Cunha Rego

O resultado da eleição municipal de Itambé para conselheiros (vereadores):

- Bellarmino G. N. Faria... 235
- Manoel d'A Ne Lima... 235
- Professor José F. B. Aguiar... 235
- Luiz Guedes C. Gondim... 200
- Manoel Cesar M. Falcão... 200
- Pedro Ribeiro P. Lacerda... 200
- Pedro Gomes C. d'Andrade... 200
- Benjamin Nunes Machado... 200
- Eduardo Hugo... 200
- Braulio Amorim... 38
- Braziliano Aliemão... 38
- Vicente Barbalho... 37
- Mario Velloso Borba... 37
- Cesario G. Oliveira... 36
- João Carlos da Silva... 35
- Tertuliano P. Lyra... 33

Almanak Laemmert – RJ – 1913

Suplente do Juiz Municipal:

- 1º Joaquim Francisco C. Lins, tenente-coronel
- 2º Pompeu Americano P. Borba, tenente-coronel
- 3º Manoel José Correa Gayão, tenente-coronel

Nesse mesmo ano, entre os conselheiros municipais está o capitão Eduardo Hugo Cavalcanti Lins, que viria a ser sogro de Álvaro Veloso Borba, o padrinho Álvaro, tio do meu pai; e o médico da cidade era o Dr. Pedro Tavares de Mello, senhor do Engenho Zumbi e membro da família fundadora da Usina Olho d'Água. O neto de Pedro Tavares de Melo, Pedro Tavares Campos (1927-1994), casou-se com a irmã mais velha do meu pai, Maria Bernadete de Borba Campos, a tia Detinha.

O *Almanak Laemmert - RJ - 1913* traz também uma interessante descrição da Itambé do início da segunda década do século XX [sic]:

Itambé

É termo da comarca de Timbaúba. Comprehede a parochia de N. S. do Desterro, que se compõe dos povoados de Carice, Ferreiros, Serrinha e Camutanga. Dotado pela natureza de um clima saluberrimo, de um solo fertilissimo e de uma topographia elegante, muito se recommenda pelo seu clima e optima agua. Freguezia em 1842, comarca por lei n. 730 de 30 de Maio de 1867 e cidade em 4 de Fevereiro de 1879, lei nº 1318.

O primeiro parcho foi Manoel Thimoteo de Azevedo Campos e o 1º juiz de direito o Dr. Felinto Henrique de Almeida.

A cidade é annexa á villa de Pedras de Fogo no Estado da Parahyba e dista seis leguas da Estação de Pureza da Great Western, a mesma distancia do canal de Goyana, por onde recebe a maior parte dos generos de estiva expostos ao mercado, 20 leguas da cidade do Recife, capital do Estado. Representa agradável aspecto e possui bons predios e a principal rua do commercio, que se denomina rua do Dr. Rosa e Silva, é illuminada a carboreto.

A aprazivel cidade de Itambé tem dois elegantes monumentos construidos pelos catholicos: o 1º de Jesus Redemptor, commemorando o fim do seculo: o 2º da Virgem Maria, commemorando o dogma da sua Immaculada Conceição.

Communica-se com a capital do Estado por meio de automoveis, sendo o percurso feito em 3 horas.

Este melhoramento trouxe ao municipio immenso contentamento.

O municipio conta 25.000 habitantes com 500 eleitores.

Nota-se a pouquíssima quantidade de eleitores em relação ao total da população. Nessa época o voto ainda não era um direito universal. Menores de vinte e um anos, mulheres, analfabetos, mendigos, soldados rasos, indígenas e integrantes do clero não podiam votar.

Padrinho Mário e o Engenho Lages

Mário Veloso Borba (1879-1967) nasceu na antiga casa-grande do Engenho Oriente, filho de Pompeu Americano Pereira Borba e Idalina Veloso Borba. Nasceu mais ou menos na mesma época do engenho banguê a vapor construído pelo seu pai em Oriente. Começou a trabalhar como feitor do seu pai, padrinho Pompeu, nos canaviais do engenho.

Com menos de vinte anos ficou órfão de mãe. Na virada do século XIX para o século XX seu pai se casou novamente e construiu a atual casa-grande do Engenho Oriente para a nova esposa, em 1900.

Com vinte e três anos incompletos, em 1902, casou com a sua prima legítima, Teófila Cândida, filha do seu tio Manoel Generoso de Araújo Lima, irmão da sua mãe. O casamento foi assim anunciado no *Diário de Pernambuco* de 12 de setembro de 1902 [sic]:

“No engenho Gloria teve lugar ha dias o casamento do tenente Mario V. Pereira Borba, filho do nosso amigo tenente-coronel Pompeu Americano Pereira Borba, com a exm. sra. d. Theophila d’Araujo Lima, filha do capitão Manoel Generoso d’Araujo Lima.

O acto religioso, foi celebrado pelo nosso vigario conego Julio do Rego Barros e o civil presidido pelo juiz do 2º districto, capitão Cesario Cesar Noronha Faria”.

Após o casamento, foi trabalhar como rendeiro no Engenho Recreio, do seu sogro. Em 16 de março de 1907 teve a sua primeira filha, Luiza, a mãe do meu pai. O casal teve mais cinco filhas e um filho, Álvaro Veloso Borba, que viria a ser o sogro do meu pai no seu segundo casamento, em 1962.

Em 1917 Mário Borba comprou o Engenho Lages em um leilão público, uma vez que o engenho era propriedade do estado. O engenho foi arrematado na segunda tentativa, pois na primeira apenas ele fez oferta e o leilão foi cancelado. Na segunda vez, visando evitar um novo cancelamento, ele convidou o cunhado, Benjamin Nunes Machado, para participar, quando arrematou o engenho pelo valor de 20:200\$000 (vinte contos e duzentos mil réis), valor bem abaixo do preço de mercado na época.

Lages, desde a época do Império, vinha sendo motivo de disputas judiciais entre o estado e compradores que não honravam seus compromissos com o erário. Em 1917 o estado realizou nova licitação pública para a venda da propriedade, que foi finalmente vendida a Mário Veloso Borba.

Esse leilão foi explorado politicamente pelos adversários de Manoel Borba, então governador de Pernambuco, primo legítimo de padrinho Pompeu. Os adversários do governador não perderam a oportunidade de fazer discursos na câmara federal, no Rio de Janeiro, atacando Manoel Borba e classificando Itambé como um “*feudozinho borbista*”.²⁷

Os adversários políticos do governador argumentavam que a propriedade tinha instalações de um engenho banguê, além das terras e das canas, que valiam muito mais do que o preço da venda. No entanto, o engenho existente na propriedade estava literalmente abandonado, com suas ferragens invadidas pelo mato. Padrinho Mário construiu novas instalações em local diferente das existentes, alguns quilômetros mais adiante, compreendendo a casa-grande e a moita do engenho. As ruínas das instalações antigas,

27 *Jornal A Província* – Artigo **A Política Pernambucana**, 19 de outubro de 1917.

memórias do descaso com a coisa pública, passaram a ser chamadas de “engenho velho”.

Enquanto construía a casa-grande e o banguê a vapor no engenho recém-adquirido, padrinho Mário continuou morando no Engenho Recreio. A casa-grande do Engenho Lages foi construída em 1920. Depois que se estabilizou lá, ele comprou a casa de Itambé, a menos de dez quilômetros do engenho; a fazenda Freitas, em Juripiranga, Paraíba; e as fazendas Grossos e Souza, em Itatuba, no Agreste da Paraíba, região de Caatinga.

A casa da fazenda Grossos foi construída em 1931. Padrinho Mário criava gado e passava parte do seu tempo aí. Na segunda metade da década de 1950, com mais de setenta e cinco anos, ele sofreu uma queda de cavalo nos Grossos ao abrir uma porteira montado, fraturando o quadril. Foi levado para o Hospital Português do Recife e passou meses engessado do tórax ao pé. Nunca se recuperou completamente e teve que se locomover em cadeira de rodas pelo resto da vida.

Depois do acidente, padrinho Mário ficou morando na sua casa em Itambé. Com a morte da esposa, passou a viver entre os engenhos Lages e Oriente, passando temporadas com o filho, Álvaro, e outras com a filha Luizinha.

Ele costumava gemer muito à noite. Em Oriente ele dormia no quinto quarto, já perto da cozinha, enquanto meus avós dormiam no segundo quarto. Mas com as meias-paredes, os gemidos acordavam a minha avó, que, certa vez, pegou o candeeiro, foi até o quarto dele e perguntou se ele estava com muitas dores:

- Não, minha filha.
- Então por que o senhor está gemendo tanto?
- Porque eu gosto de gemer!

Os bisnetos mais velhos, como eu, não esquecem padrinho Mário. Ele ficava na cadeira de rodas, mas sempre com uma bengala no colo. Quando um dos bisnetos passava por perto, ele pegava a bengala e usava a parte curva para puxar a criança pelo pescoço e fazer perguntas:

— Como é o seu nome? É filho de quem? Você sabe onde fica o rio Amazonas?

Ele gostava muito de geografia. Na casa de Lages, tinha um mapa-múndi na parede.

Já bem velho e esclerosado ele costumava, à noite, chamar por padrinho Álvaro, quando estava em Oriente, ou pela minha avó, quando estava em Lages.

Na noite de 27 de maio de 1967, no Engenho Oriente, a minha avó acordou com ele gritando. Chegando ao quarto dele, ela o encontrou molhado de suor tentando levantar o guarda-roupas usando a bengala como alavanca:

— Graças a deus tu chegastes, Luizinha! Eu estou tentando levantar essa baraúna para poder passar. Estou preso aqui!

No dia seguinte ele faleceu, aos oitenta e sete anos.



*Mário Veloso Borba
(acervo da família).*



Casa-grande do Engenho Lages, 2020 (acervo da família).



Caneta de Mário Veloso Borba (acervo da família).



Mário Veloso Borba. Foto emoldurada e pendurada na Fazenda Campo Verde (acervo da família).



Seu Luiz, vaqueiro de Mário Veloso Borba, na Fazenda Grossos (acervo da família).



Bodas de ouro de Mário Veloso Borba e Teófila Cândida, 1952 (acervo da família).



Mário Veloso Borba e Teófila Cândida (acervo da família).



Casa da Fazenda Grossos sucumbindo ao tempo e ao abandono, 2020 (foto de Flávio Borba).



Bodas de ouro de Mário Veloso Borba e Teófila Cândia, 1952 (acervo da família).



Personagens na página seguinte.

1 - Mário Veloso Borba	17 - Luiza Gouveia Borba
2 - Teófila Cândida Gouveia Borba	18 - José Gouveia Pereira Borba
3 - Marlene Lins Borba	19 - Cláudio Gouveia Borba
4 - Mário Lins Borba	20 - Inêz Gouveia Borba
5 - Marconi Lins Borba	21 - Ana Emília Gouveia Borba
6 - Vital Gouveia Borba	22 - Maria da Conceição Lins Borba
7 - Plácido Gouveia Borba (Cidinho)	23 - Maria Veloso Borba
8 - Marluce Lins Borba	24 - Mário Antônio Borba
9 - Antônia Lins Borba (Tonita)	25 - Mauro Borba de Araújo Pereira
10 - Álvaro Veloso Borba	26 - Mair Borba
11 - José Batista C. de Araújo	27 - Mário Gouveia Borba
12 - Iêdo Borba	28 - Maria Bernadete de Borba Campos
13 - Inês Borba de Araújo	29 - Pedro Tavares Campos
14 - João Alfredo B. de Aguiar	30 - Pompeu Gouveia Borba
15 - Nair Borba de Aguiar	31 - Pompeu Veloso
16 - Helena Veloso Borba	32 - Dr. Zoé Borba

Ferreiros

O povoado de Ferreiros, hoje município, teve um papel importante na era dos engenhos de açúcar que o cercavam. Disponibilizava para os engenhos serviços de manutenção de ferragens, abastecimento de mercadorias e mão de obra, além de serviços religiosos e cemitério.

Segue a transcrição do resumo da sua história como descrita no site IBGE | Cidades@:²⁸

“Acredita-se que a origem da povoação de Ferreiros, deu-se nos fins do século passado, quando no lugar, onde hoje se ergue a cidade, residiam alguns ferreiro (artífices que trabalhavam com ferro). As casas destes homens, eram oficinas de consertos dos equipamentos dos engenhos de açúcar, que se situavam na periferia. De forma; que quando os senhores de engenho tinham um tacho, um alambique, ou outra peça qualquer para consertar, chamavam o trabalhador, punham aquela peça no carro-de-bois, e ordenavam que levantassem para “os ferreiros”, para que fossem restauradas. Mais tarde, com a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição, foram se erguendo outras casinhas que deram origem ao povoado. Corria o ano de 1889. Na mesma época, residia em uma casa de pedra nas imediações dos “ferreiros”, o latifundiário Henrique David, que segundo contam os antigos, era um homem cruel, que costumava experimentar suas armas novas, em criaturas humanas. Era em suas terras que os “os ferreiros” residiam e que naquela época chamava-se ‘Carrapateiras’”.

A capela de Nossa Senhora da Conceição foi construída em 1889. O povoado de Ferreiros pertencia ao município de Itambé e foi emancipado em 8 de março de 1964.

28 IBGE | Cidades@ | Pernambuco | Ferreiros | História & Fotos - Disponível em: cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/ferreiros/historico. Acesso em: 23 ago. 2020

Luizinha e José Borba

• O Casamento

Quando José Gouveia Pereira Borba, meu avô paterno, pediu a mão de Luiza Gouveia Borba, Luizinha, ao pai dela, Mário Veloso Borba, seu meio-irmão, ele ouviu como resposta a preocupação de padrinho Mário com o futuro da filha, considerando que eles não poderiam casar no civil, tendo em vista o fato de José Borba ser tio dela. Argumentou que, se viessem a se separar, Luizinha ficaria sem nada. Isso irritou meu avô, que engoliu e guardou, como era característico dele.

De qualquer forma, o casamento aconteceu apenas no religioso, em 20 de abril de 1929, no Engenho Lages, com autorização do pai dela e do bispo. Casaram no civil anos depois, quando a legislação aplicável foi alterada.

Quando, finalmente, realizaram o casamento civil, um almoço foi oferecido no Engenho Oriente. Terminado o almoço, meu avô falou para padrinho Mário:

— Está satisfeito agora? Você achava que eu iria deixar Luizinha sem nada? Tudo que eu tenho, a metade é dela!

Meu avô nunca perdoou completamente o sogro pela desconfiança.

• Os Filhos

José Borba e Luizinha tiveram nove filhos, quatro mulheres e cinco homens:

1930 - Maria Bernadete

1941 - Elza Maria

1933 - Pompeu

1943 - Plácido (Cidinho)

1935 - Mário

1946 - Vital Maria

1937 - Ana Emília

1950 - Inêz Maria

1939 - Cláudio

No decorrer da narrativa do livro contarei um pouco da história de cada um dos meus tios e tias, muito importantes na vida do meu pai e na dos seus filhos.

• Histórias de Zé Borba

Quando José Borba assumiu o engenho, com cerca de doze anos, ainda criança, as coisas não estavam fáceis. Às dificuldades naturais da idade, dívidas assumidas com a propriedade do Seu Américo, sobrinho de madrinha Naninha, e o pagamento das partes dos outros herdeiros somavam-se as dificuldades enfrentadas pelos baguezeiros, já em franca obsolescência, como força econômica. Durante anos ele, a sua mãe e, depois, a sua esposa, Luizinha, enfrentaram

dificuldades financeiras. Ele ia para a feira em Timbaúba a cavalo e, para comprar as coisas necessárias para o engenho – como ferramentas, parafusos, instrumentos de trabalho e coisas do gênero – tinha que ficar devendo no comércio. Era comum receber cartas “malcriadas” do armazém de ferragens cobrando os atrasados. Ele guardava, metodicamente, todas essas cartas. Quando as coisas melhoraram e ele pagou todas as dívidas, continuou comprando na mesma loja de ferragens em Timbaúba, a que mandava duras cartas de cobrança. Anos depois, já em situação financeira muito melhor, ele atrasou um pagamento e recebeu uma carta do armazém, mas dessa vez em tons bem mais amenos. Meu avô foi lá falar com o dono do estabelecimento, velho conhecido:

– Seu Ismael, a carta dessa vez foi bem-educada, bem diferente das outras do passado!

A objetividade, sem rodeios ou meias palavras, era uma característica marcante dele. Virtude ou defeito? Depende do contexto e de quem julga. Eu prefiro pessoas assim, verdadeiras.

Em um dia típico no Engenho Oriente, nas décadas de 1940 ou 1950, o meu avô levantava muito cedo e ia para o trabalho, que na safra era, principalmente, no prédio do engenho e no corte de cana; enquanto na entressafra o principal trabalho era na planta e limpa da cana e no apontamento do engenho.

Ele só voltava para casa por volta das oito horas da manhã, sol já alto no céu, pendurava uma toalha nas costas e subia a ladeira em direção à casa antiga, seguia em frente até o “açude de cima”, onde tirava a roupa, ficando só de calção, descia os batentes da casinha de banho que existia numa das extremidades do balde, entrava na água e ficava

boiando com a barriga para cima no meio do açude, numa espécie de comunhão com a natureza do lugar onde nasceu, se criou e morou a vida toda. Enquanto isso o café da manhã esperava para ser posto quando ele chegasse do açude, o que acontecia por volta das nove horas, com todos já ansiosos para comer.

Ele chegava, removia a folhinha do dia da parede perto do relógio de pêndulo e, após saber qual era o santo do dia, a fase da Lua, entre outras informações, sentava-se para tomar o café, finalmente.

A mesa, nas três refeições, tinha sempre que estar cheia, senão meu avô achava que estava faltando comida. No café da manhã e no jantar eram servidos o que a terra dava: inhame, batata, macaxeira, fruta-pão, entre outros produtos do engenho. O cuscuz era feito de milho ralado, o café era produzido no engenho e torrado em casa. Os queijos de manteiga e de coalho, bem como a manteiga, eram feitos em casa também. Os ovos eram da criação da minha avó. O leite vinha do curral, fresquinho. Comprava-se pouca coisa, quase tudo era produzido no engenho.

Depois do café, José Borba voltava ao trabalho. Durante a moagem do engenho ele ficava a maior parte do tempo no paredão que dava para a bagaceira, de onde via toda a movimentação no engenho: a chegada da cana, a alimentação da moenda, a operação da máquina a vapor e da caldeira, o transporte do bagaço no couro até a bagaceira, o cozimento do caldo no assentamento, o batimento do mel, enfim, tudo o que acontecia de importante.

O paredão era o seu “escritório”. Para chegar nele tinha-se que atravessar o vão entre a caldeira e a moita, onde ficava a moenda, por cima de uma tábua, numa altura de três metros do chão abaixo, onde o boi do couro manobra-

va para receber a carga do vira-bagaço. A caldeira, com a sua válvula de alívio, ficava bem próxima ao paredão. A presença do senhor do engenho no coração das atividades do banguê, ao lado da caldeira, tinha um forte valor simbólico para o moral dos trabalhadores.

Na hora do almoço ele subia a ladeira até a casa-grande. Por volta das doze e meia, no horário solar, o almoço era posto na grande mesa retangular de dez lugares da sala de refeições.

O consumo de carne era só nessa refeição. Como não havia geladeira, minha avó preparava as carnes para a semana toda na banha de porco e tirava as porções diárias. Era um cardápio simples, do dia a dia: farofa de jerimum, fruta-pão refogado, omelete e, às vezes, macarrão. Naquele tempo não se usava suco, era ponche. Bolos e doces sempre presentes à mesa eram sobremesas garantidas. Os doces do Engenho Oriente, especialidade da minha avó, eram imbatíveis! Quando o engenho estava moendo, ela refinava o açúcar e Caca, moradora do engenho desde a infância do meu avô, era a mestra no refino. Ela também fazia licor, usando álcool de cereal. Era simplesmente delicioso, bem diferente dos de hoje, feitos com cachaça ou whisky. Lembro do doce de laranja feito com laranja-da-terra.

Depois do almoço, meu avô descia para o serviço, onde ficava até o final da tarde, quando os trabalhos paravam. Segundo Inêz Maria, sua filha mais nova, ele costumava sentar na mesa da moenda, recostado, com ela no colo, conversando com os trabalhadores no final do dia.

Às sete horas da noite saía o jantar, sempre farto. Quase uma repetição do café da manhã.

Depois do jantar, meu avô lia um pouco e logo se recolhia. Sua noite era curta, pois acordava muito cedo.

Gostava muito de ler, principalmente sobre história. Lia muito sobre a Segunda Guerra Mundial, em livros e nas Seleções do Reader's Digest.²⁹

Livros eram os presentes que ele adorava receber. Sua filha mais velha, Maria Bernadete - tia Detinha - costumava presentear-lo com livros. Normalmente lia na calçada, na esquina da casa, perto da porta da sala de visitas.

Conversando com tio Mário - Mário Gouveia Borba - durante as pesquisas para estas memórias, ele lembrou das viagens de carro de boi de Oriente para Lages quando era criança, numa distância de mais de 30 km. Instalavam um toldo de lona nos fueiros do carro de boi, colocavam um colchão grande no lastro e a turma toda ia em cima do colchão. Meu avô ia na frente, sentado na mesa do carro, seu lugar favorito. Ele do lado direito e o carreiro no lado esquerdo.

Tio Mário lembrou, também, que certa vez a família ia para uma missa no povoado de Ferreiros. Já estavam atrasados, pois eram muitos filhos para trocar de roupa. Era na Semana Santa, o inverno começando, o pasto todo verde. "Aquele pasto novo que dá caganeira em boi". Meu avô, de paletó branco, sentado no seu lado da mesa do carro, estava irritado com o atraso. O carreiro era João Luzia,

29 *Nome que recebem as versões brasileira e portuguesa da Reader's Digest, revista mensal criada em 1922 por Lila Bell Wallace and DeWitt Wallace em Chappaqua, Nova York, Estados Unidos. Publicada em 35 línguas e distribuída em 120 países, a revista é vendida predominantemente por assinatura. SELEÇÕES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sele%C3%A7%C3%B5es&oldid=58667052. Acesso em: 23 ago. 2020.*

de confiança do meu avô. Impaciente, ele reclamava com João Luzia que os bois estavam muito devagar:

– *Vamos, mestre! Apresse os bois, está na hora da missa!*

O carreiro fazendo o que podia e meu avô insistindo:

– *Me dá essa macaca aí! Vamos, boi!*

E começou a bater com a macaca no boi do seu lado. Com as lapadas, o velho boi de carro se contraiu e lançou um jato de bosta mole e quente bem no colo de Seu Zé Borba, que se voltou para João Luzia:

– *Você é um merda, seu cabra! Olha o que você fez! Agora tenho que voltar para trocar de roupa.*

O experiente carreiro, já conhecendo os rompan-tes do patrão, deu meia volta no carro e voltaram para a casa-grande.

Ilustra bem as dificuldades financeiras em que vivia a maioria dos senhores de engenho no século XX o fato do meu avô, às vezes, ter que pegar dinheiro na cooperativa de crédito de Timbaúba. Ele ia para a feira aos sábados e passava na cooperativa para pegar o dinheiro das despesas semanais do engenho. Domingo de manhã era o dia de pagamento da folha dos trabalhadores.

Ele sentava-se numa cadeira na janela da sala de jantar, os trabalhadores formavam uma fila na calçada e o feitor ficava ao lado da janela, também na calçada. Os trabalhadores eram chamados um a um, pelo nome, as medições de quadras de serviços feitos eram confirmadas pelo feitor e somadas, os resultados anotados na caderneta e os pagamentos feitos em dinheiro. Certa vez, no meio do pagamento, vendo que o dinheiro não seria suficiente para toda

a folha da semana, José Borba fez um bilhete para Benjamin Nunes Machado, senhor do Engenho Perori, seu cunhado:

“Benjamin, por favor, mande pelo portador a importância de tantos mil réis para completar a minha folha, que o dinheiro não deu”.

Dobrou o bilhete, chamou um portador e ordenou:

— Vá correndo até Perori e entregue esse bilhete a Seu Benjamin e volte com o dinheiro rápido, que o pessoal está esperando. Vá logo!

O portador pegou o cavalo e saiu correndo para o Engenho Perori, tomando o caminho mais curto. No meio da estrada encontrou, em sentido contrário, um portador a cavalo, também apressado, vindo de Perori com um bilhete para meu avô:

“José, por favor, mande pelo portador a importância de tantos mil réis para a minha folha, depois lhe pago”.

Os portadores decidiram, então, trocar de bilhetes e voltar cada um para o seu engenho, com outro bilhete e sem dinheiro.

Continuando a garimpar no fundo da memória, tio Mário lembrou da surra que levou do meu avô porque foi flagrado “pegando carona” na roda grande da máquina do engenho. A engrenagem maior do trem de redução, a que girava na velocidade mais lenta, na rotação da moenda, tinha os dentes grandes o suficiente para permitir a uma criança apoiar os pés e ser içada lentamente com o giro da roda dentada. Era uma diversão muito perigosa, pois se ela caísse entre as engrenagens sofreria graves ferimentos, podendo até ser fatal. Por isso a merecida surra educadora!

Eu, ainda muito criança, lembro das cabaças com caldo de cana que ficavam no paredão. Tinha uma com caldo doce, novo, uma com caldo azedo, fermentado de um dia para o outro e outra com o caldo “picado”, uma mistura do caldo doce com o azedo. O caldo com pão era o café da manhã dos trabalhadores do engenho. De manhã sempre tinha um vendedor de pães com a sua bicicleta e um enorme balaio no bagageiro estacionado no terreiro do engenho.

Tempos depois, com o engenho parado há anos, o assentamento da caldeira e das tachas foi transformado em cocheiras para engordar gado, as ferragens removidas, tudo desfigurado. Sinais de outros tempos, nos quais os velhos banguês não tinham mais lugar.

Meu avô gostava muito de trabalhos manuais com madeira. Era um passatempo que ele cultivava com frequência. Tinha as ferramentas e um torno, onde fazia tampas de quartinha e outras coisas do gênero. Lembro que ele fez para mim, e para meus dois irmãos, carros-de-mão todo em madeira. Nos presenteava com a maior satisfação. Adorávamos os presentes feitos por ele. Lembro bem de quando ele nos deu, a cada um, uma faca com bainha de couro, tendo o cuidado de esmerilhar a ponta, arredondando-a, para evitar acidentes. As facas não cortavam praticamente nada, mas guardo na memória essas demonstrações de carinho do meu avô.

Ele gostava muito também de fogos de artifício. Quando ainda era moço, fabricava-os ele mesmo, mas depois de um princípio de incêndio no quarto onde guardava os fogos, deixou de fabricar e passou a comprar. A festa de São João era a única que ele gostava. Continuou fazendo balões e tinha o maior prazer em soltá-los na data, na presença de toda a família reunida em Oriente.

O primeiro carro do meu avô foi um Ford 39 comprado de segunda mão, ainda na década de 1940 – nessa época, Timbaúba ainda tinha bonde puxado a burros, lembrou tio Vital durante a nossa entrevista.

Anos depois ele trocou esse carro por um Ford 46, que foi de Seneval Nunes Machado, senhor do Engenho Bonfim. O próximo carro foi adquirido já no fim da década de 1950, uma Rural 58, vermelha e branca, trocada pelo Ford 46 com João Passo Mago, negociante de automóveis de Timbaúba. Essa Rural ficou com ele por muitos anos. Lembro bem dela, de quando ele nos apanhava, eu e meus irmãos, em Timbaúba todos os sábados, após a feira, para nos levar para o Engenho Oriente, trazendo-nos na segunda-feira de manhã.

O gênio forte do meu avô era a sua característica mais marcante. Certa ocasião ele estava para fazer uma reforma na casa-grande, planejando o alpendre que não foi feito pelo seu pai, padrinho Pompeu, quando construiu a casa em 1900. Além disso iria colocar energia elétrica, instalando um gerador a diesel, e comprar uma geladeira para a cozinha, uma ostentação na época. A minha avó, preocupada com as despesas e sem dar valor a luxos, disse:

— Mas, José, você já está com tantos gastos e ainda vai fazer isso tudo?

Foi o suficiente para ele se aborrecer e nunca ter construído o alpendre, nem comprado geladeira para casa. Algum tempo depois ele instalou o gerador e colocou luz elétrica. Mas morreu e não comprou uma geladeira. Todo sábado ele trazia de Timbaúba um enorme isopor cheio de gelo, mas geladeira, nunca!

Ele ligava o motor a diesel ao anoitecer, por volta das seis horas da tarde e desligava assim que sentia sono, por volta das nove horas. Quando batia o sono, ele se levantava, ia até o muro do quintal e puxava um arame, instalando por ele para desligar o motor do gerador, que ficava em um quarto fora da casa, anexo à garagem. Com a escuridão e o silêncio reinantes, todos se recolhiam aos seus aposentos e o dia estava encerrado.

Meu avô tinha uma quadra plantada de cana crioula e caiana, moles e muito doces. Toda tarde ele pedia a alguém para cortar e trazer um feixe de cana, que era colocado na calçada na frente da casa, onde ele, rodeado pelos filhos pequenos, descascava pacientemente as canas, com uma peixeira pequena e muito bem amolada, distribuindo roletes para os filhos e chupando a sua parte. Anos mais tarde ele ficou diabético. Terá sido por conta das doses diárias de açúcar, que ele tanto gostava? Ironia do destino para quem sempre viveu da produção de açúcar.

A diabetes foi diagnosticada na década de 1950, logo após a morte prematura do seu filho Plácido, tio Cidinho, com apenas treze anos. Ele começou, então, a tomar insulina diariamente, mas não fazia um regime rigoroso como deveria. Nas crises mais complicadas, quando a glicemia chegava a mais de 400 mg/dL, ele ia para Recife. Quando melhorava voltava para o engenho, onde não demorava a sair da dieta novamente.

Na última crise ele foi para Recife e ficou na casa de tio Mário, enquanto se consultava e tratava-se com o seu médico. Uma tarde, ele estava na rede na sala da casa quando começou a passar mal e o transferiram, com dificuldade, para a cama. Tio Mário veio do trabalho e encontrou ele muito

mal, saiu apressado para ligar para o médico, Doutor Paulo Borba, um parente, e quando voltou, ele estava agonizando. Morreu praticamente nos braços do filho, no dia 22 de junho de 1970, aos 62 anos, ironicamente no dia anterior à única festa que ele realmente gostava, a véspera de São João.

O velório foi na casa dele, em Timbaúba. Lembro que estava na fazenda Grossos, nas férias de meio de ano, quando alguém chegou cedo trazendo a notícia da morte do meu avô. Meu pai juntou a família e fomos todos para Timbaúba. Eu estava a pouco mais de quinze dias de completar meus quinze anos. Nesse dia eu vi, pela segunda vez, lágrimas escorrerem dos olhos do meu pai.

O sepultamento foi no cemitério de Timbaúba, no túmulo da família, o mesmo onde a minha mãe havia sido sepultada dez anos e sete meses antes. Foi um dia sombrio, foi quando senti, pela primeira vez, conscientemente, a dor da morte.

O falecimento foi assim anunciado no Diário de Pernambuco de 23 de junho de 1970 [sic]:

“JOSÉ GOUVEIA PEREIRA BORBA

NOTA DE FALECIMENTO

Luiza Gouveia Borba e seus filhos, genros, noras e netos, comunica aos seus parentes e amigos, o falecimento de seu muito querido, espôso, pai, sógro e avô - JOSÉ GOUVEIA PEREIRA BORBA - ocorrido ontem, às 15 horas à Avenida Caxangá nº 4.230 Iputinga, e convida a todos para o seu sepultamento, que será realizado nas ... de (hoje), na Cidade de Timbaúba, saindo o féretro da residência do extinto, à Rua Dr. Alcebiades nº 355 - Timbaúba.

O corpo foi trasladado pela Casa Funerária Baptista”.

Nota no Diário de Pernambuco anunciando a missa de sétimo dia [sic]:

“JOSÉ GOUVEIA PEREIRA BORBA

7º DIA

O SINDICATO DOS CULTIVADORES DE CANA DE AÇÚCAR, NO ESTADO DE PERNAMBUCO e a ASSOCIAÇÃO DOS FORNECEDORES DE CANA DE PERNAMBUCO, convidam os seus associados para assistirem às Missas de 7º dia que serão celebradas por alma do seu associado - JOSÉ GOUVEIA PEREIRA BORBA - no dia 29 do corrente, às 7 horas, na Matriz do Espinheiro.

Agradecem aos que comparecerem.

• A Força Serena de D. Luizinha

Luiza Gouveia Borba, a minha avó Luizinha, nasceu no Engenho Recreio quatro meses antes do meu avô, em 16 de março de 1907.

Passou a infância em Recreio, mudando-se para o Engenho Lages com a família quando padrinho Mário construiu a casa-grande do engenho, por volta de 1920. Estudou em Goiana, interna no Colégio Sagrada Família.

Em 1929, após se casar com José Borba, meio-irmão mais novo do seu pai, foi morar no Engenho Oriente com o marido, a sogra - madrinha Naninha - e uma cunhada solteira - Idalina. A convivência com a sogra, superprotetora e autoritária, não deve ter sido fácil.

Já em 1930 teve a primeira filha, tia Detinha. Em 1932 perdeu uma filha em um parto complicado e, em 1933, deu

à luz Pompeu, o meu pai, no dia 4 de junho. Teve mais sete, entre filhos e filhas, até 1950.

Ela criou as filhas com uma base religiosa muito sólida. Frequentavam as missas em Ferreiros, deslocando-se de carro de boi. Trabalharam, juntamente com as mulheres dos outros engenhos da região, nas feiras de arrecadação de fundos através de rifas, parques de diversão, entre outras atividades, para obras na Igreja de Nossa Senhora da Conceição do povoado.

Ela praticava um importante trabalho com as famílias dos moradores do engenho. Cuidava dos curativos quando necessário. Tinha as tinturas e preparava todo o material para usar como curativos. As pessoas iam na casa-grande quando precisavam de ajuda. As mulheres dos trabalhadores, quando engravidavam, recebiam um enxoval. Ela ia até a casa dos moradores levar pessoalmente o enxoval para a criança. Era uma espécie de assistência social com as limitações da época, ou apesar delas.

Inêz Maria, a sua filha mais nova, que me ajudou e apoiou muito neste trabalho, me falou durante uma das nossas inúmeras conversas:

— A gente vai vendo nos mínimos detalhes a pessoa incrível que ela foi!

É realmente notável o cuidado que a minha avó teve com a sua descendência, organizando e fazendo anotações nas fotos da família, visando as próximas gerações. Uma coisa rara de se encontrar.

A dedicatória feita por ela na foto do casal que enviou para tia Detinha e tio Pedrinho, e para cada um dos filhos e filhas casados, é um testemunho dessa sua visão toda especial.



Foto de Luízinha e José Borba com seguinte dedicatória escrita por Luízinha:

“Detinha e Pedrinho

Guardem numa página do seu álbum esta lembrança nossa para os descendentes de vocês conhecerem seus antepassados.

José Gouveia Borba e Luíza Gouveia Borba

Engenho Oriente - 19-3-963”

Na época das “comidas de milho” Oriente era um paraíso, lembra Inêz. Luízinha, no comando da casa, cozinhava tachos de milho no grande fogão de lenha da cozinha. Os meninos comiam mas de dez espigas de milho cada um. Hábito que meu pai nunca abandonou!

Os tachos abarrotados de milho passavam a noite no fogo, cozinhando lentamente. De manhã cedo a casa ficava tomada pelo cheiro do milho verde cozinhado. Os meninos e as meninas saíam da cama direto para o fogão e cada um

pegava a sua espiga para começar o dia. Além do milho cozinhado, não faltavam também pamonha e canjica durante todo o período do “inverno”, como é chamada a estação das chuvas no Nordeste, a época da “festa do milho”. As pamonhas saíam das panelas para as urupemas enormes e ficavam esfriando em cima da larga parede da janela da despensa, com o vento vindo através do açude.

As mesas do café da manhã e do jantar eram fartas dessas comidas, além de tapioca e arroz-doce. Também nunca faltavam inhame, batata-doce, fruta-pão, queijo assado e muita manteiga. Tudo vindo dos roçados e dos currais do engenho.

Os doces que minha avó fazia eram um capítulo à parte! A variedade era proporcional ao que se tinha na terra: doce de leite, doce de batata, doce de caju, doce de goiaba, doce de laranja-da-terra, doce de banana e passa de caju – as passas de banana eram feitas pelo meu avô.

Tenho muito vivas na memória as cenas do meu avô colocando as bananas-anãs bem arrumadas nas urupemas, que, por sua vez, eram colocadas em cima do telhado da garagem, no oitão da casa-grande, para pegar sol. As urupemas com as bananas eram cobertas com filó, para evitar moscas e outros insetos. Não existia pressa. O ritmo era ditado pela natureza: a intensidade do sol ou as eventuais chuvas determinavam a duração do processo. Depois de prontas, as passas eram arrumadas em travessas de vidro, até o topo. Os sabores disso tudo estão impregnados na memória da família!

Nada era mais especial, no entanto, do que a noite da véspera de São João. A enorme fogueira pronta no terreiro, a mesa da sala abarrotada de comida de milho, feita especialmente para a noite do São João! As travessas imensas de canjica feitas e enfeitadas pela minha avó com desenhos de

canela em pó representando temas juninos, tais como fogueiras, balões, fogos, bandeiras, frases como “Viva São João!”...

As crianças ficavam encantadas com tudo e todos se deliciavam com os pratos.

Lá fora, a fogueira já queimando e alguns meninos impacientes já soltando traques e “peido-de-véia”. As crianças menores soltavam traque-de-sala, estrelinhas e cobrinhas elétricas. Os maiores já se arriscavam com os mijões e bombas maiores. Não faltavam os fogos que lançavam tiros, apitos e lágrimas. Tinha também os balões feitos pelo meu avô.

Invariavelmente alguém sofria queimaduras nas vésperas de São João. Na maioria das vezes eram pequenas, nada que um pouco de manteiga e meia hora de choro não curassem. Mas, às vezes, as queimaduras eram sérias. Lembro que uma vez um filho de um morador, soltando fogos no terreiro da casa-grande, estava com uma caixa de cobrinhas elétricas no bolso da camisa e uma cobrinha acesa caiu exatamente neste bolso, acendendo todas as outras da caixa e provocando uma enorme queimadura no seu tórax.

O meu pai manteve, enquanto éramos crianças, a tradição de muitos e variados fogos na véspera de São João e uma grande fogueira. Era uma noite aguardada com ansiedade. Tive o prazer de propiciar isso aos meus filhos, quando ainda era possível ser um pouco irresponsável e confiar no anjo da guarda deles.

Algumas pessoas foram muito importantes para os meus avós e para a história do Engenho Oriente, pela ajuda e apoio que sempre propiciaram.

Uma delas foi Basília, moradora antiga, que ensinou ao meu avô antes dele ir para a escola em Timbaúba. Terminou a vida caducando e a minha avó a colocou no abrigo do padre Zé Coutinho, em João Pessoa.

Outra pessoa importante na vida deles foi Caca. Ela morava num sítio no engenho. Caca foi uma espécie de babá do meu avô. Era muito respeitada por todos.

Não podemos esquecer de Luzia, que morava e trabalhava na casa-grande desde muito moça. Chegou em Oriente por volta de 1945. Ela veio de um sítio próximo à Usina Olho d'Água. Tinha pouquíssima instrução, passou a vida toda na cozinha e nos serviços domésticos da casa-grande. Tinha uma personalidade forte, não ouvia reclamações sem uma resposta na ponta da língua. Certa vez a minha avó reclamou que o banheiro estava sujo, ela respondeu na bucha:

— Mas eu lavei! Eu não tenho culpa. Seu Pompeu vai pro banheiro e não apruma a “dereção”, aí depois vão dizer que eu não lavei o banheiro. Eu lavei sim!

No final, todos se divertiam com a maneira de ser de Luzia.

Uma outra vez, durante o café da manhã, com uma visita, Luzia só apareceu na sala de jantar no final da refeição. Minha avó perguntou:

— Onde você estava, Luzia? Já te chamei foi muito.

— Eu tava dando de mamar aos “poicos”!

Na realidade, ela estava dando mamadeira aos porquinhos recém-nascidos de uma porca que não tinha leite suficiente para amamentar todos.

Ela gostava de tomar uma pinga de vez em quando. Passava na destilação do engenho e pegava um pouco para “consumo próprio”. Gostava muito de ir para as festas em

Ferreiros. Arrumava-se toda. Uma vez, bebeu mais do que de costume e acabou dormindo na festa. Quando acordou de manhã, apressou-se para chegar no engenho antes do café. Como viu que não daria tempo de preparar comida, trouxe debaixo do braço um pão dormido que pegou na festa. Ao chegar no engenho serviu o pão para tio Vital, que já administrava o engenho na época.

– Não, Luzia, pode deixar. Eu vou tomar café na rua hoje!

Já velha, ela costumava assistir televisão na sala da frente com tio Vital. O aparelho de TV ficava perto da porta do quarto de tio Vital e Luci, sua esposa. Ela perguntava:

– Seu Vital, Seu Chacrinha vem hoje?

Se a resposta fosse afirmativa, ela se produzia da forma que podia; tomava banho, vestia a “roupa de festa”, colocava brinco, anel, correntes, se perfumava toda e sentava numa cadeira da sala esperando o Seu Chacrinha aparecer na tela.

Certa vez ela estava assistindo a um jogo de futebol, observando um jogador machucado saindo de maca, comentou:

– Eu não sei o que esse povo vê. Fica esse bando de “homi” correndo atrás de uma bola pra lá e pra cá, depois um cai, vem outros com um banguê, botam esse “homi” em cima do banguê e carregam ele pra dentro do quarto de dona Luci. Eu não sei como o quarto de dona Luci cabe tanto “homi”!

A minha avó, já no final da vida, tinha a preocupação em morrer e deixar Luzia, pois para lidar com ela tinha-se que ter muita paciência, principalmente na idade avançada em que estava. Ela conquistou o seu lugar na família depois de uma vida inteira na casa-grande de Oriente. Aconteceu, então, que Luzia morreu cinco meses antes da minha avó.

A sua morte foi causada por um ferimento no pé que não cicatrizava e ela se negava a ir a um médico. Como o ferimento não cicatrizou e se agravou, Inêz a levou para Recife

e a internou em um hospital, mas foi tarde, ela teve a perna amputada logo abaixo do joelho. Recebeu alta do hospital de Recife e foi internada no hospital de Ferreiros. Tio Vital a visitava diariamente e levava uma garrafa de leite do engenho. Mas ela não se recuperou, falecendo poucas semanas após a internação.

A dedicação de tio Vital chamou a atenção do médico, a ponto de ele perguntar a razão daquela diligência toda:

— Ela chegou na minha casa primeiro do que eu! Vou cuidar dela até o fim.



Comemoração dos 25 anos de casados de Luizinha e José Borba, 1954. Atrás, da esquerda para a direita: Cláudio, Aparecida, Pompeu, Mário, Cidinho, Pedro Campos, Detinha, Nitinha e Elzinha. Na frente: Jorge Campos, Inêz Maria e Vital (acervo da família).



*José Borba com Pompeu a cavalo
- Engenho Oriente, década de 1930
(acervo da família).*



*Luizinha com Mário, no colo, Detinha e Pompeu ao lado - Engenho
Oriente, final da década de 1930 (acervo da família).*



Luizinha com filhos e parentes - Engenho Oriente, início da década de 1940 (acervo da família).



*Acima, Detinha e Pompeu - Engenho Oriente, final da década de 1930 (acervo da família).
À esquerda, Luzia com o seu cachimbo, Engenho Oriente (acervo da família).*

Meninos de Engenho

O menino Pompeu viveu intensamente a sua infância no Engenho Oriente. A irmã Detinha, três anos mais velha, sempre foi muito companheira e sua defensora durante a vida toda. O irmão Mário, dois anos mais novo, era o companheiro e a “vítima” das travessuras.

Posso afirmar, por experiência própria, que ser criança no campo, principalmente em um engenho de açúcar que moía, é inesquecível. Os dias começam muito cedo e são cheios de possibilidades de aventuras incríveis. Essas aventuras muitas vezes tinham como consequência o terrível castigo de ficar sentado em uma cadeira na sala da casa, durante horas, com o mundo chamando lá fora. Os castigos e carões sempre eram muito merecidos. Os anjos da guarda dessas crianças privilegiadas trabalhavam em dobro. Às vezes, numa distração, acontecia um acidente mais grave, como queda de cavalo, coice de mula, queda de árvore, cortes diversos. Mas, geralmente, eram resolvidos em casa mesmo, com um carão e um bom curativo. As cicatrizes conquistadas eram memórias de histórias para contar.

Conversando com tio Mário sobre a infância deles em Oriente, ouvi as suas histórias com uma ponta de saudade, lembrando das minhas:

Eu deveria ter uns doze anos. Pompeu sempre foi assim, meio dominante. Então ele inventou de criar bode lá em Oriente. Disse:

— Vamos fazer um cercado.

O auxiliar dele era eu. Ele marcava as estacas e me botava para cavar os buracos! Hahahaha!

Ele marcava os lugares dos buracos e dizia:

– Você tem que cavar aqui e aqui e aqui...

Marcava a cerca todinha, me deixava cavando e ia fazer as picadas. Uma vez eu cavei bem em cima de um formigueiro. Comecei a chorar e ele me dando carão.

Depois da cerca pronta colocamos os bodes, mas eles fugiram todos, seria necessário uma cerca de muito mais arames!

De outra feita, os meninos Pompeu, Mário e Cláudio estavam há muito tempo tentando pegar, com um alçapão, um canário da terra muito bonito, bem amarelinho, da cabeça quase vermelha, que cantava livre nas árvores em volta da casa-grande. Nessa época meu avô havia comprado, há pouco tempo, um conjunto de doze cadeiras para a sala de jantar, um luxo que ele raramente se dava. As cadeiras, da marca Gerda, do Rio Grande do Sul, eram muito bonitas.

Os meninos tinham armado o alçapão numa árvore da mata atrás da casa e aguardavam, ansiosos, o canário cair na isca e entrar na armadilha. Junto estava um pequeno cabrito que foi rejeitado pela mãe e era criado na mamadeira por eles. Para onde eles iam o pequeno cabrito os seguia, inclusive dentro de casa, para desespero da minha avó.

Com a chegada do meu avô do seu banho matinal no açude, era a hora do café da manhã e o canário não havia entrado no alçapão. Melhor não se atrasar para o café, chegar depois do meu avô na mesa era uma falta grave, passível de um carão. Correram para casa e pegaram logo os seus lugares na mesa. As meninas de um lado e os meninos do outro, cada um no seu lugar já certo, com meu avô na cabeceira e a minha avó na segunda cadeira do lado direito dele, depois de tia Detinha. O cabrito, acostumado a viver pulando nos móveis dentro de casa, correu e deitou-se embaixo de Pompeu, que logo o amarrou no pé da cadeira com uma pequena corda. Começaram a comer, apressados

para voltar à importantíssima atividade de capturar o infeliz passarinho. De repente um dos meninos, filho de um morador, gritou lá de fora que o canário tinha caído no alçapão. Como que impulsionados por uma mesma mola, os meninos pularam das cadeiras e saíram desembestados da sala, correndo na direção da árvore onde estava o canário preso na armadilha. O cabrito saiu, também, em disparada atrás dos meninos com a cadeira Gerdau a reboque, aos pulos atrás dele, que, espantado, corria ainda mais, tentando escapar da cadeira. Não é difícil imaginar a cena da surra que eles levaram e o provável castigo a que foram sentenciados por destruírem uma das cadeiras novas. Não sei que destino teve o pobre canário, mas gosto de pensar que a sua libertação tenha sido um dos castigos dos meninos. O cabrito não deve ter tido um bom destino quando as férias acabaram e os meninos voltaram para a escola.

Tio Cláudio, o terceiro dos filhos homens, seis anos mais novo do que o meu pai, nasceu em 1939. Foi um garoto muito travesso, sempre aprontando como um típico menino de engenho, cheio de energia. Ele costumava saltar da tábuca que ligava a moita do engenho ao paredão para cima do couro cheio de bagaço que era puxado por um boi. Numa das vezes, talvez a última, bateu com a testa no gancho de ferro que segurava o vira-bagaço. Subiu chorando até a casa-grande com o rosto todo ensanguentado, para desespero da minha avó. Nada de mais grave, felizmente. Mais um bom trabalho do seu anjo da guarda!

Certo dia, a família foi fazer uma visita a parentes no Engenho Figueiredo, próximo à cidade de Itambé. A família do engenho era mais abastada e serviram no lanche doce com queijo do reino, uma ostentação. Minha avó preparou o prato de tio Cláudio com doces e pedaços de queijo do

reino, tendo o cuidado de remover as cascas vermelhas. Percebendo que ele estava guardando todos os pedaços de casca de queijo no bolso da camisa, ela reclamou baixinho e ele respondeu em alto e bom som:

— *Vou levar as cascas para comer em casa!*

Tio Vital, o mais novo dos homens, nasceu em 1946. A essa altura meu pai e tio Mário já não estavam mais no engenho, estudavam em internatos. Para eles, liberdade, agora, só nas férias.



Pompeu brincando no terreiro da casa-grande do Engenho Oriente, fim da década de 1930 (acervo da família).



Detinha, Pompeu e Mário - Engenho Oriente, década de 1930 (acervo da família).



Pompeu e Mário - Engenho Oriente, década de 1930 (acervo da família).



Pompeu - Engenho Oriente, década de 1930 (acervo da família).



Pompeu e Detinha - Engenho Oriente, fim da década de 1930 (acervo da família).



Pompeu e Detinha - Engenho Oriente, fim da década de 1930 (acervo da família).



Vital - Engenho Oriente, fim da década de 1940 (acervo da família).

As Primeiras Escolas

Pompeu e Mário começaram a estudar em Timbaúba. iam a cavalo na segunda-feira cedinho. Estudavam na escola de D. Maria Elvira. Ficavam internos na escola em Timbaubinha. Pompeu não estudava muito, mas tirava notas boas; tio Mário, por outro lado, só tirava notas baixas – “2, 3, 0”, segundo ele.

Meu avô ia para a feira de Timbaúba a cavalo e, certo dia, depois da feira, foi à escola pegar os boletins. As notas de tio Mário estavam muito ruins. Meu avô levou as cadernetas no bolso até o local onde os cavalos ficavam, então tirou-as e, abanando-as, deu um tremendo sermão em tio Mário:

— Seu malandro, você não quer nada! Faça como seu irmão. Siga o exemplo do seu irmão!

Nesse dia tio Mário levou uma surra com um cinturão de couro grosso.

Depois, eles foram estudar no colégio do professor Zé Mendes, o então Colégio Timbaubense. Nessa fase eles ficaram morando na pensão de Dona Nenê, que hospedava muitos estudantes filhos de senhores de engenho da região, alguns parentes. Essa pensão ficava a poucos metros da escola de D. Maria Elvira.

Como os outros filhos, tio Cláudio foi para uma escola particular em Timbaúba quando atingiu a idade de iniciar os estudos, por volta dos 6 a 7 anos. A escola foi, também, a de D. Maria Elvira. Depois de um tempo lá, foi para o Colégio Timbaubense, seguindo o passo dos irmãos, mas ficou no internato de Zé Mendes.

A comida do internato de Zé Mendes não era suficiente para a “caldeira” que movia o “moleque Cláudio”, como o próprio Zé Mendes passou a chamá-lo após a reclamação que ele fez ao meu avô sobre a pouca comida servida no internato. Deste dia em diante, ele passou a ser servido em um prato fundo e ganhou o apelido carinhoso do professor.

Em outra ocasião, Zé Mendes descobriu que o “moleque” Cláudio estava “furtando” cocos verdes da casa dele, onde ficava o internato, do seu pé de coco-anão. Mais uma confusão! Mas esses problemas não aplacaram o apetite juvenil de tio Cláudio. Ainda pensando nos cocos, ele teve uma ideia genial: furá-los no pé usando um saca-rolhas, bebendo a água sem os tirar. O professor Zé Mendes, vendo os seus preciosos cocos caindo secos, achou que os coqueiros estavam doentes. Um colega flagrou tio Cláudio furando os cocos e exigiu, em troca do silêncio, que ele também furasse para ele, até que Zé Mendes descobriu mais essa do “moleque”.

Eu fui aluno do Colégio Timbaubense durante todo o primário e o ginásio, na década de 1960. Tenho excelentes recordações da escola e do professor José Mendes. Segue um pouco da sua história, como publicada no site do Colégio:³⁰

30 *Colégio Timbaubense - História* colegiotimbaubense.com.br/o-colegio/historico. Acesso em: 25 ago. 2020.

Colégio Timbaubense

História

O Colégio Timbaubense foi fundado pelo Professor José Mendes da Silva, no dia 02 de fevereiro de 1934. José Mendes da Silva, nasceu no dia 01 de dezembro de 1905. Foram seus pais Silvano Francisco Mendes da Silva e Julia Gomes da Silva. Estudou no Colégio Americano Batista, em Recife ao concluir o curso voltou à terra natal para, com a vocação de educador que foi sua maior característica, fundar o Educandário que recebeu o nome de Externato Timbaubense.

Os cursos oferecidos no ano de sua fundação eram o PRIMÁRIO e o de ADMISSÃO. Em 1935 instaurou-se aos cursos já mantidos o Curso Prático de Comércio – Guarda Livros que tinha duração de três anos e também a finalidade de preparar candidatos para concursos. Nesse curso a grade era composta pelas disciplinas: Português, Francês, Inglês, Geografia, História, Matemática, Contabilidade, Direito Comercial. Todas ministradas pelo Professor José Mendes da Silva e eram adotados compêndios (livros) de sua autoria.

Pela Portaria Ministerial nº 109 do Ministério da Educação e Saúde, datada em 26 de fevereiro de 1951, foi autorizado o funcionamento do GINÁSIO TIMBAUBENSE.

Em 1955 foi realizada a 1ª Festa de Ex-Alunos do Professor José Mendes da Silva. Além da quantidade incalculável de ex-alunos, que vieram rever o mestre, estavam presentes diversas autoridades, entre elas o Exmo. Sr. Dr. Aderbal Jurema, Secretário de Educação do Estado de Pernambuco.

Um novo tempo estava surgindo no Ginásio Timbaubense. Pela Portaria Ministerial nº 228 foi autorizado o funcionamento da ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO TIMBAUBENSE.

A primeira turma do Curso Técnico de Contabilidade foi diplomada no exercício de 1959, foram exatamente quarenta e cinco turmas (45) de técnicos em Contabilidade. Em 1970, houve uma nova festa de ex-alunos, onde o Professor José Mendes da Silva foi condecorado com a Medalha Pernambucana do Mérito, classe ouro, em reconhecimento ao trabalho realizado pelo emérito educador em prol do desenvolvimento do ensino no Estado de Pernambuco. Ao completar 50 anos de magistério, o professor José Mendes da Silva foi homenageado pelo Governador do Estado recebendo a Medalha Pernambucana do Mérito, classe Ouro como prova do reconhecimento de seu valor como pessoa, como professor, como idealista.

Falece em 04 de abril de 1974. Foram 40 anos de muita dedicação, amor e luta pela educação. Assumiu a direção, a partir desta data, Edna Maria Carvalho Moraes, que permanece até os dias atuais. Em 2004 a denominação passou a ser Colégio Timbaubense - Ensino 1º e 2º Graus e, atualmente Colégio Timbaubense”.

Estamos na primeira metade dos anos de 1940, em plena Segunda Guerra Mundial. Acaba aqui, para Pompeu, os anos de menino livre de engenho. Começa a fase de sua vida em que ele irá procurar o seu caminho. Uma busca atribulada e indócil de adolescente, chegando na juventude dos vinte anos ainda sem encontrar o seu destino.

PARTE 2:
ANOS REBELDES



Desenho a bico de pena por Mário Gouveia Borba

Vida de Estudante

• Em Nazaré da Mata

Depois dos primeiros anos de estudo em Timbaúba, Pompeu e Mário foram para o colégio São José de Nazaré da Mata, o famoso “colégio do padre Mota” – um internato rigoroso, entre os melhores de Pernambuco. Só podiam sair aos domingos e, mesmo assim, se tivessem boas notas.

Esse rigor excessivo não era bem aceito pelo menino acostumado à liberdade da vida em um engenho onde cada dia era uma aventura. Mesmo sob o rigor dos meus avós, ele tinha muito espaço para dar vazão ao seu espírito naturalmente rebelde. Nos poucos anos que passou em Timbaúba, ele costumava ir todos os fins de semana para Oriente. Agora, num internato mais distante e bem mais rigoroso, ele sentia o peso da disciplina e a falta da liberdade. Mas, ao invés de se acomodar ou se abater, ele encontrava alguma forma de transgredir o regulamento onde e quando fosse possível.

Pompeu não demorou a descobrir que guardavam as bandejas com pães doces na despensa do refeitório, anexa à cozinha, que tinha uma janela alta com grade na parte de trás. Ele improvisou um espeto amarrado em uma vara comprida, colocou alguns tijolos junto à parede para alcançar a janela e espetou alguns pães para retirá-los da despensa e levá-los para comer longe dali. Repetiu essa operação durante vários dias, até que foi flagrado por um colega que exigiu que pegasse pães para ele também, caso contrário denunciaria o “furto” ao padre. A notícia foi se espalhando e Pompeu teve que “pescar” pães para vários colegas para

não ser denunciado, até que os padres notaram que os pães estavam sumindo estranhamente e acabaram com a farra.

Em outra ocasião, Pompeu entrou às escondidas na despensa do colégio e ficou maravilhado com a quantidade e a diversidade de comida, mas o que mais o atraiu foi um belo cacho de bananas maduras. Ao sair da despensa, foi visto pelo padre, que foi atrás dele. Tio Mário riu muito ao lembrar esta cena, Pompeu correndo pelo refeitório com o padre atrás e as bananas caindo pelo caminho.

• Em João Pessoa

Em 1947, aos doze anos, tio Mário foi para João Pessoa estudar com tia Zuzica, que morava em um casarão nas proximidades da Lagoa – Parque Sólon de Lucena – e ensinava na sua escola particular. Ele não morava com ela, e sim na pensão das irmãs do renomado padre Zé Coutinho. Todo dia tia Zuzica passava os deveres de casa para os alunos e tio Mário ia estudar com ela para fazê-los.

— Eu me sentava de um lado da mesa e ela se sentava do outro. Quando percebia que eu estava fazendo alguma coisa errada, jogava em mim o que tivesse na mão, jogava tinteiro, metia a régua na minha cabeça. Fez miséria comigo! Era brava demais!

Tio Mário realmente não poderia ter boas memórias de tia Zuzica.

Depois meu pai também foi para João Pessoa, com cerca de 14 anos, estudar no Colégio Marista, mas não gostou do internato e pediu ao pai para sair. De acordo com tio Mário, ele gostava de sair para namorar, o que no Marista era muito difícil.

De alguma forma ele convenceu o meu avô e conseguiu sair do Marista, indo para o colégio do professor Nery

- Colégio Lins de Vasconcelos - e morando em pensão. Era tudo que ele queria. Mas, depois de uma pequena confusão envolvendo uma dívida com outro aluno, que causou a ida de meu avô à João Pessoa, ele saiu do colégio e foi para o Marista de Recife.

Tio Mário, tendo concluído o primário com tia Zuzica, precisou fazer o exame de admissão para entrar no Colégio Marista de Recife e cursar o ginásio, pois o curso de tia Zuzica, sendo uma escola particular, não era reconhecido.

Faço aqui um parêntese para observar como o meu avô se esforçou para propiciar a melhor educação possível para os seus filhos e filhas, não medindo esforços para matriculá-los nos melhores colégios.

• Em Recife

Meu pai não queria ir para o Marista, pois já conhecia sua rigorosa disciplina no pouco tempo que passou no de João Pessoa. Tentou argumentar com o meu avô, sem sucesso:

– *No Marista, não!*

– *Você termina é no Marista!*

Foi a primeira medição de forças que meu pai teve com o meu avô e, evidentemente, perdeu a batalha. Mas a guerra ainda estava em curso.

Ele ficou no internato dos “maiores”, enquanto tio Mário ficou no dos “menores”.

Os padres às vezes arrecadavam dinheiro dos alunos para as obras do colégio. Diziam:

– *Os alunos internos não são obrigados, mas quem não contribuir não sai no final de semana!*

Claro que Pompeu e Mário não comunicaram ao meu avô essa “regra”. Seria perda de tempo. Mas isso colocou pressão adicional no espírito rebelde do meu pai. Não sair nos fins de semana? Impossível!

Atrás do colégio Marista de Recife ficava, não muito longe, o Largo da Santa Cruz, onde está a igreja de mesmo nome. Todo ano, no mês de agosto, era realizada uma festa religiosa muito famosa na época.

— *Enchia de meninas! — Lembrou tio Mário.*

O colégio era todo cercado por um muro alto. Na parte de trás tinha um canil com uns oito cães. Serviam, juntamente com o muro alto, tanto para evitar a entrada de ladrões vindos de fora como para coibir a saída dos internos.

Pompeu, quando chegou ao colégio, foi logo fazendo amizade com os cachorros. Toda vez que saía do refeitório, levava um pedaço de carne e ia até o canil, chamava os cachorros pelo nome e dava carne a eles.

Chegou a época da festa, que começava às seis horas e acabava por volta da meia-noite. Num sábado, Pompeu esperou até a hora de todos dormirem, nove horas, trocou de roupa, desceu furtivamente até o quintal, chamou os cachorros pelo nome, baixinho, entrou no canil, pulou o muro para a rua de trás e foi para a festa no Largo da Santa Cruz, com intenções nem um pouco religiosas.

Na volta, já passando da meia-noite, subiu cuidadosamente no muro, mas os cachorros começaram logo a latir, sem reconhecê-lo. Ele falava baixinho para os animais se calarem e jogava comida, que tinha trazido no bolso. Os cães finalmente se calaram, mas os padres tinham ouvido a algazarra e já estavam acompanhando o que acontecia. Enquanto isso, Pompeu, sem saber que

era observado, desceu do muro, saiu do canil e foi rapidamente para o dormitório.

No dia seguinte meu avô recebeu um telegrama solicitando o seu comparecimento ao colégio. Ao chegar, foi logo encaminhado ao parlatório, onde os pais falavam com os alunos internos.

Alguém avisou ao meu pai:

— *Teu pai tá aí.*

Ele apareceu no parlatório de cabeça baixa, encabulado. Quando meu avô o viu, já sabendo o que ele tinha feito e que seria expulso do colégio, deu-lhe uma esculhambação, falou tudo o que estava engasgado na viagem até o Recife.

— *Você tá pensando que vai para o engenho aparar bigode e pentear cabelo, é? Você vai é dar duro! Vai trabalhar no pesado, né no maneira não! Você quer ir mesmo?*

— *Quero!*

A minha avó Luizinha, ao lado, chorava aperreada.

O meu avô, virando-se para tio Mário, disse:

— *Olhe, não siga o exemplo do seu irmão não, viu, mestre?!*

E, assim, meu pai encerrou a sua vida de estudante, com o ginásio incompleto e aos 16 anos, deixando de ser um exemplo para os irmãos.

Meu avô fez de tudo ao seu alcance para que meu pai tivesse uma educação da melhor qualidade, nas melhores escolas de Pernambuco e da Paraíba, em uma época na qual as coisas não eram fáceis: estradas ruins, meios de transporte deficientes, dificuldades financeiras e sistema de comunicação muito precário. Some-se a isso tudo o fato dele próprio ter tido pouca educação formal.

Nesse contexto, não é difícil imaginar a decepção e frustração sentidas por ele quando se convenceu de que Pompeu não queria mais estudar.

No entanto, tio Mário, que gostava mais da vida na cidade do que no campo – *“Eu não concebia a terra”*, nas palavras dele – continuou os estudos no Marista até concluir o segundo grau. Esperava estudar quatro, mas perdeu um ano por causa da cadeira de latim: *“Era uma miséria aquela matéria, as declinações...”*. Depois que saiu do Marista, ele fez vestibular. Nessa época, começou a tocar violão e fazer farras com Cláudio Araújo, irmão da minha mãe, também estudante em Recife.

Estava morando em pensões. Inicialmente morou na pensão de Donina, uma tia de Marlene Souto Maior – que viria a ser a sua esposa – de São Vicente Ferrer que tinha muitos hóspedes de Timbaúba e regiões vizinhas. Nas pensões, a comida geralmente era muito ruim, então, quando queriam mudar de comida, mudavam de pensão. Tio Mário relembra:

— Por causa dessa brincadeira de violão eu perdi dois vestibulares. Só passei no terceiro que tentei, em 1959.

Em 1963, ele concluiu o curso de Arquitetura.

O Trabalho no Eito

Chegando em Oriente, José Borba botou o filho para trabalhar no corte de cana, contando os feixes a serem transportados pelos carreiros para o engenho.

Mas não tardou para o espírito rebelde do meu pai atrapalhar os planos do meu avô mais uma vez. Ele começou a abandonar o serviço no corte de cana, por algumas horas, para encontrar-se com “namoradas” pelas terras do engenho. Quando meu avô aparecia no serviço, os trabalhadores não diziam nada, abafavam, escondiam, inventavam outra coisa, que ele tinha ido ali e voltava logo.

Um dia meu avô chegou e o carreiro estava pegando cana sem ser contada. Ele reclamou com o carreiro, que respondeu irritado:

– E eu vou ficar parado? O feitor não está, eu pego essa mesmo...

Nesse momento Pompeu chegou e meu avô o repreendeu fortemente. Discutiram, meu avô pegou uma cana e bateu nele na frente de todos. Existe uma versão dessa história que justificaria esta atitude extrema: um dos trabalhadores, que estaria sendo traído pela mulher, o denunciou ao meu avô.

O fato é que meu pai foi para casa, pegou o cavalo e umas roupas e foi embora do engenho. A minha avó perguntou para onde ele ia, ele disse que não sabia, que depois resolvia.

Meu avô chegou de cara amarrada. Vendo minha avó chorando, disse:

— Não se aperreie, não, que eu sei onde ele está. Ele está em Espinho Preto com Pompeu Americano, que é quem sustenta malandro! Eu vou lá essa semana acertar uma viagem com Pompeu Americano para olhar a Fazenda Camará, você vai comigo e lá a gente fala com ele.

Espinho Preto era a fazenda de Domingos Veloso Borba, tio Domingos, irmão do meu avô por parte de pai. Pompeu Americano era o filho dele, que administrava a fazenda, e era cerca de dez anos mais velho do que o meu pai.

No dia seguinte meus avós foram em Espinho Preto e meu pai estava lá mesmo. Quando viu o carro chegando, correu por trás da casa para não ser visto. Pompeu Americano ia entrando pelo portão dos fundos e, quando o viu correndo, segurou-o:

— Pra onde você vai?

— Vou me esconder. Pai vem chegando e não quero falar com ele, não. Ontem ele deu em mim e hoje ele não dá mais não. Se ele der em mim de novo, ele vai ver!

— Você tá doído, é?! Você vai falar com ele, sim. Não vai acontecer nada disso. Nem ele vai dar em você e nem você vai fazer nada. Vamos pra lá!

Quando chegou na frente da casa, ele tomou a bênção. O meu avô respondeu com a cara fechada, minha avó chorando. Meu avô foi para um canto conversar com Pompeu Americano e minha avó, ainda chorando, ficou conversando com meu pai, pedindo para ele voltar, e ele sem querer dar o braço a torcer. Finalmente, ele disse que iria voltar.

— Vá buscar suas coisas.

— Não! Não vou hoje, não. Vou amanhã no meu cavalo, que eu vou precisar dele no engenho.

No dia seguinte ele foi e meu avô não deu nada mais para ele fazer. Ficou no engenho, desocupado por alguns meses.

A Fazenda Camará

Meu avô finalmente fechou o negócio da Fazenda Camará, em Salgado de São Félix, na Paraíba. Corria o ano de 1950. Como na nova fazenda não tinha casa, ele mandou construir a casa do vaqueiro – Seu Inácio – e acrescentou um quarto para meu pai do lado de fora da casa.

Cedeu uma área para ele colocar um roçado e financiou as despesas. Com esse primeiro roçado, meu pai ganhou um bom dinheiro e pensou em comprar uns bois. Foi perguntar ao meu avô se ele poderia comprar umas reses.

– Não! Se você começar a comprar boi, daqui a pouco eu vou ter que sair, só vai caber seu gado. Não dá pra mim e pra você aqui, não!

Aí arrematou:

– Compre galinha, que é um bom negócio!

Para meu pai, essa resposta foi um insulto. A sua reação foi usar o lucro que teve no roçado para comprar um cavalo, correr vaquejadas e fazer farras com novos amigos pela beira do rio Paraíba, entre Salgado de São Félix e Itabaiana.

No ano seguinte, gastou todo o lucro do roçado da mesma forma. Meu avô emprestava dinheiro a ele para os roçados e ele o pagava, mas gastava todo o lucro em farras e vaquejadas. Meu avô ficava sabendo e se aborrecia muito.

A situação entre os dois foi se deteriorando. Meu pai gastava tudo que lucrava com os novos amigos. Chegou a tentar emprego através de Paulo Pessoa Guerra, então

deputado federal e que viria a ser, em 1964, governador de Pernambuco, casado com Virgínia, sobrinha do meu avô, filha de tio Domingos. Mas, com o ginásio incompleto, nem um político de destaque como Paulo Guerra poderia conseguir um bom emprego para Pompeu.

Em 1950 meu avô comprou, também, uma casa em Timbaúba. A casa ficava fechada durante a semana, sendo usada apenas aos sábados, quando ele e a minha avó iam fazer as compras da semana na feira da cidade. Passavam o dia lá e voltavam à tarde para o engenho. A casa foi usada, também, por tia Detinha no final da gravidez dos dois primeiros filhos. No fim da década de 1950 a casa foi usada por tia Nitinha, acompanhando os irmãos mais novos, Vital e Inês Maria, que estudaram nesse tempo em Timbaúba.

Na época que trabalhava na Fazenda Camará, meu pai encontrava-se com os pais nessa casa, aos sábados. Mas, com a piora do relacionamento dele com o meu avô, estes encontros foram rareando, para a angústia da minha avó, que só recebia notícias do filho através de terceiros e, geralmente, de forma negativa, o que a deixava muito triste.

A Carta

Inconformada com a situação entre o marido e o filho, D. Luízinha resolveu escrever uma carta a Pompeu demonstrando toda sua preocupação e sofrimento de mãe, mas com a firmeza necessária para tentar mudar o comportamento do meu pai.

Segue a transcrição da carta na íntegra:

“Oriente - 23 - 10 - 953

*Meu querido Pompeu
Que Deus te abençoe e te encaminhe para o bem!*

Parece que o teu tempo não chega mais, nem para vir me visitar nos sábados em Timbaúba e receber a minha benção? Passo a semana preocupada sem notícias tuas, ansiosa que chegue o sábado para te ver, saber como vão teus negócios; e ultimamente não sei porque não tens me dado este prazer. Cuidado Pompeu! Não faças asneiras na vida! Para que estas corridas na Camará, quando teu pai tem horror a estas coisas, que só vem prejudicar o gado? Quando não acontece algum acidente, mas o gado fica amedrontado, a ponto de não poder avistar alguém a cavalo em direção a eles; quando teu pai vai correr o gado a cavalo que o encontra assombrado, ganhando o mato, avalia logo que está sendo perseguido em corridas. Não contraries a mim e sobretudo a teu pai, com quem só tens contado até hoje. Com quem te arrumastes para trabalhar até o presente? Depois do destocamento do roçado, fostes de encontro as ordens dele, te adiantando no banco da maneira que fizestes, ele apesar de tão indignado como ficou contigo, já disse a Sr. Inácio este ano que entra Pompeu pode trabalhar no campo que destocou; dinheiro eu não posso mais lhe garantir; porém o trator, o gado os cultivadores estão ali para facilitar o serviço dele. Tu em vez de procurar viver na linha, para conquistar o coração de teu pai, estás cada dia criando novos aborrecimentos! Ninguém proíbe te distraíres em corridas, já que gostas de um esporte tão extravagante; mas pelo amor de Deus meu filho, acabes com esses treinos na Camará junto com esses companheiros que tens arrumado. Eles se distraem contigo e as conseqüências recaem sobre ti, que és o responsável pelo que houver.

Faças esses ensaios em outra parte.

Pensa Pompeu que já tens 20 anos; é preciso levar a vida a sério e criares juízo. Olha como está difícil uma colocação! A tempo que Sr. Joaquim pelega para colocar José, e até aqui só tem encontrado promessa e conversa bonita. Tu não abusando do que teu pai te facilita, podes te julgar um rapaz colocado; pois tens terra a vontade para trabalhar e teres o gado que quiseres sem pagares nenhum tostão, e mais a facilidade da machina para o trabalho. Não abuses meu filho do que chega fácil em tuas mãos! O que arrumastes com Paulo Guerra? Nada. E assim será com outros a quem te apresentares para pedir colocação, tão difícil hoje, sobretudo para os que não tem capacidade intelectual.

Pelo amor de Deus não digas a ninguém que teu pai não é bom para ti, que não te facilita nem dinheiro e nem terra para trabalhares, quando tudo isto tens obtido das mãos dele da melhor boa vontade. Se não quer mais te garantir no banco, tu fostes o único culpado. Lembra-te que quando estás trabalhando direito, como teu pai fica mais satisfeito, te tolerando bem, e alimentando esperanças em ti. Como fiquei satisfeita um dia do ano passado que ele chegou da Camará, tão satisfeito contigo e me disse; o roçado de Pompeu está até bom, foi o único algodão tratado que vi naquela zona. Que diferença meu filho para o coração desta mãe que te quer tanto, ouvir um elogio teu da boca de teu pai que fica tão satisfeito também, quando estás encaminhando direito. Procura conservar a tradição do teu nome que até aqui tem se mantido nos demais netos que o possuem. Perfeito não há ninguém neste mundo. Mas havendo controle e boa vontade se consegue o principal para a vida.

Então estás disposto a ouvir os conselhos de tua mãe, que não tem farol nem fantasia? Choro e rezo as caladas pela tua felicidade, cada vez que ouço qualquer censura desfavorável sobre ti. És o mais velho, procura dar o bom exemplo aos outros. Já que não destes nos estudos; procura levar uma vida de trabalho, de sensatez e de boas ações, dignas de um filho do Oriente e um neto do nobre e elevado cidadão 'Pompeu Americano Pereira Borba'.

Não te aborreças com meus conselhos. Eles exprimem toda a amizade que te dedico. Só acertarás na vida enquanto ouvires os conselhos de tua mãe. Não deixes de aparecer sempre aos sábados em Timbaúba. Isto é um consolo para mim.

Tenha a minha benção e ponhas em prática os meus conselhos. Saudades e um forte abraço da tua Mamãe".

Texto adicionado na margem da carta:

"Conserva esta minha carta; talvez hoje a leias com indiferença, mas um dia quando eu não existir mais para te dar conselhos, ela será a minha substituta junto a ti".

Meu pai guardou a carta por toda a sua vida.

Aparecida

Pompeu levava, com frequência, gado para o matadouro de Timbaúba. Para não passar pela rua principal do bairro de Timbaubinha, a Regente Amaro Jorge, ele escolhia a de trás, Vital Brasil, até a rua do Matadouro.

Um dia, já próximo ao matadouro, um boi bravo resolveu deitar-se ao pé do muro nos fundos de uma casa. Enquanto Pompeu e os vaqueiros tentavam fazer o boi se levantar, as moças da casa correram para o quintal e ficaram olhando por cima do muro a atividade barulhenta. Nessa confusão, Pompeu trocou olhares com uma das moças que estavam se divertindo com aquela algazarra. Pronto! Por causa dessa breve troca de olhares, talvez um sorriso, eu estou aqui escrevendo estas memórias.

A moça era Maria Aparecida, filha de Alfredo Gomes de Araújo, dono do Engenho Trigueiro, um dos maiores de Vicência, nessa época já de fogo morto.

A partir daí começou o namoro dos dois. Vindo da Fazenda Camará para Timbaúba, ele sempre passava bem em frente ao número 76 da rua Regente Amaro Jorge, a casa de Aparecida.

Com a continuação do namoro, Pompeu resolveu comprar uma charrete para poder passear com a namorada pelas ruas da cidade. Tudo que ele fazia chegava nos ouvidos de José Borba - aumentado, infelizmente —, que ia se aborrecendo com os gastos de dinheiro do filho.

A estrada entre Camará e Timbaúba não era toda transitável de charrete na época, entre 1952 e 1953. Na altura da Estação Rosa e Silva, na fronteira entre Paraíba e Pernambuco, a estrada era apenas uma trilha estreita. Pompeu teve uma ideia de como resolver o problema: fazer um atalho, nessa parte, pela linha do trem com a charrete. Nesse trecho da estrada de ferro havia um corte estreito, não daria para passar o trem e a charrete ao mesmo tempo. Na ida para Timbaúba, ele parava na estação, que era antes do corte, e perguntava se vinha trem. Não vindo, ele colocava a charrete na linha e seguia por uma boa distância, des preocupado, até chegar novamente em estrada carroçável.

Na volta de Timbaúba para a fazenda, ele tinha um problema: não havia como saber se vinha trem ou não na linha. Mas, para um impetuoso garoto de 20 anos, isso não era problema que o fizesse desistir. Pompeu, sem saber se vinha trem ou não, colocava a charrete nos trilhos e passava pelo corte estreito o mais rápido que era possível naquelas condições. Nunca encontrou um trem. Estou aqui como prova!

Perguntado como faria se aparecesse um trem com ele no meio do corte, Pompeu respondia sem pestanejar:

— Eu saltava da charrete, subia na barreira, puxava o revólver e mandava o maquinista parar, senão atirava!

Meu avô tinha um cavalo mangalarga, baixo, no qual só ele podia andar. Um dia Pompeu resolveu ir para Timbaúba no cavalo de meu avô, para fazer bonito com a namorada. Depois que saiu de Timbaúba, já à noite, foi dormir na Fazenda Espinho Preto com os primos Pompeu Americano, Rominho e Samu. Chegando na fazenda dos primos, tirou a sela, lavou o cavalo no açude, que ficava perto da sede da fazenda, e o deixou amarrado com uma corda

longa, que o permitia tomar água no açude e se alimentar do capim farto que havia na várzea atrás do balde. No dia seguinte, quando foi pegar o cavalo, o encontrou dentro do açude afogado e enforcado com a corda. Não é necessário dizer a confusão e o tamanho do aborrecimento para meu avô que esse acidente causou. Precisou o primo Pompeu Americano intervir, mais uma vez, para contornar a situação.

Nessa fase, o conflito entre Pompeu e o pai chegou ao auge. As vaquejadas com os amigos, às vezes na própria fazenda e com o gado do pai, as despesas com a namorada, os empréstimos no banco, a morte do cavalo predileto, tudo chegando nos ouvidos de meu avô, para o desespero de minha avó, levaram a uma situação insustentável.

José Borba chegou a pensar em publicar uma nota de jornal contra Pompeu, tirando qualquer responsabilidade e aval que tivesse sobre ele. Seu Joaquim Campos, o sogro de tia Detinha, pessoa muito conciliadora, foi falar com o meu avô em Oriente para não tomar uma atitude tão extrema contra o filho.

— Zé Borba, não faça isso, ele é seu filho!

Presentes no momento dessa conversa estavam, além de meu avô e Seu Joaquim, Carminha, esposa de Seu Joaquim, a minha avó e tia Detinha. José Borba atendeu ao pedido e conselho sensatos do pai do seu primeiro genro.

Nesse meio tempo, o namoro evoluiu para noivado. Nesse dia, Pompeu deu um acordeom de presente para Aparecida.



Maria Aparecida, foto de formatura - 1950 (acervo da família).



Maria Aparecida e Pompeu (acervo da família).



Almoço nas bodas de prata de Luizinha e José Borba. Também na foto Aparecida e padrinho Mário - Engenho Oriente, 1954 (acervo da família).



Almoço nas bodas de prata de Luizinha e José Borba. Também na foto Aparecida, Pompeu, padrinho Mário e Mauro Borba - Engenho Oriente, 1954 (acervo da família).



Casamento de Maria Aparecida e Pompeu - Timbaúba, 16/09/1954 (acervo da família).



Casamento de Maria Aparecida e Pompeu - Timbaúba, 16/09/1954 (acervo da família).

Dona Lia, Seu Alfredo e o Engenho Trigueiro

O Engenho Trigueiro tem uma característica peculiar, realmente incomum entre os engenhos da Mata Norte de Pernambuco: a casa-grande e a moita foram construídas praticamente coladas à vila de Trigueiro, na época distrito do município de Nazaré. Atualmente pertence a Vicência, que foi elevada à categoria de município pela Lei Estadual nº 1931, de 11/09/1928.

Essa povoação teve início ainda no Brasil Colonial, onde escravos fugidos faziam palhoças precárias, segundo o testemunho oral que passa de pai para filho entre os seus antigos moradores. A povoação se desenvolveu no século XIX, com construção de casas de alvenaria, comércio e uma pequena igreja, erguida por volta de 1870 e dedicada à Nossa Senhora das Dores.

Não temos registros de quando foram construídas a casa-grande e a moita do engenho banguê. Estimamos que se deu em algum momento na virada do século XIX para o século XX, considerando que na escritura de compra de Trigueiro por **João Gomes da Cunha Pedrosa**, em 1895, por um valor de 8:000\$000 (oito contos de réis), não consta entre as benfeitorias o chalé da casa-grande e nem o engenho banguê.

A tabela a seguir mostra os donos de Trigueiro nos anos que conseguimos comprovar, considerando os registros encontrados nos almanaques anuais e escrituras públicas.

Ano	Proprietário/Evento	Obs.
1869	Manoel de Oliveira e Silva	Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola (PE) - 1869
1881	Joaquim Alves Camello d'Araujo Pereira	Idem - 1881
1895	João Gomes da Cunha Pedrosa compra o Engenho Trigueiro por 8:000\$000 (oito contos de réis)	Escritura de 26/06/1895 , no Cartório do 1º Ofício de Nazaré da Mata
1909	João Gomes da Cunha Pedrosa compra o sítio Linda Flor , anexo a Trigueiro, por 700\$000 (setecentos mil réis)	Escritura de 20/12/1909 , de Nazaré da Mata
1923	João Gomes da Cunha Pedrosa assina contrato de arrendamento do Engenho Trigueiro , em 09 de março de 1923, para Alfredo Gomes de Araújo	No manuscrito, João Gomes da Cunha Pedrosa alega problemas de saúde e faz algumas exigências para o caso de sua morte
1924	O Engenho Trigueiro é transferido definitivamente para Alfredo Gomes de Araújo , no valor de 85:000\$000 (oitenta e cinco contos de réis)	Escritura de 18/11/1924 , no Cartório do 1º Ofício de Nazaré da Mata

Em 1909, o proprietário de Trigueiro, **João Gomes da Cunha Pedrosa**, comprou o sítio Linda Flor, incorporando-o às terras do engenho. Em março de 1923, ele, declarando-se incapacitado por questões de saúde, e a esposa assinam contrato de arrendamento do engenho para **Alfredo Gomes de Araújo**, casado com a afilhada deles, Maria Barbosa de Araújo – Dona Lia, minha avó materna –, em 1918.

Em novembro de 1924, a propriedade do Engenho Trigueiro passa definitivamente para **Alfredo Gomes de Araújo**, por meio de escritura pública de 18 de novembro de 1924, com um valor de 85:000\$000 (oitenta e cinco contos de réis), mais de dez vezes o valor da compra de 1895.

Maria Barbosa de Araújo nasceu no segundo dia do mês de agosto de 1902, filha de Antônio Francisco de Araújo e Joaquina Barbosa de Araújo. Teve uma infância difícil, perdendo a mãe logo cedo. O pai, procurando construir uma nova vida, entregou Maria e as suas duas irmãs para que fossem criadas por tias. As três irmãs foram separadas e Maria não era feliz com a tia que a criava.

Foi então que a sua madrinha, D. Maria Dornelas de Araújo, e o esposo, João Gomes da Cunha Pedrosa, donos do Engenho Trigueiro, a trouxeram para morar com eles na casa-grande do engenho.

Ainda muito moça, Maria conheceu o jovem agricultor Alfredo Gomes de Araújo, filho de José Gomes de Araújo e Ana Barbosa de Araújo, e se apaixonaram. Alfredo, nascido em 27 de dezembro de 1897, de família oriunda do Engenho Gitó, era quase cinco anos mais velho do que ela.

Foi então que “aos vinte quatro dias de outubro de mil novecentos e dezoito, às quatorze horas nesta povoação do Trigueiro do distrito de Vicência, município de Nazareth”, como consta no livro terceiro de registro de casamento do primeiro cartório do município de Vicência, Alfredo e Maria casaram-se na pequena igreja da povoação, “onde fica a residência do Major João Gomes da Cunha Pedrosa”. Certamente um dia de grande festa em Trigueiro.

Consta ainda no livro terceiro de registro de casamento que estavam presentes “as testemunhas Severino Ramos

de Oliveira, de trinta e seis anos, agricultor e morador nesta povoação e Pedro Gomes de Oliveira, de trinta e quatro anos, agricultor e morador na cidade de Timbaúba” e, continuando, “receberam-se em matrimônio Alfredo Gomes de Araújo, de vinte e dois anos, solteiro, natural deste Estado, agricultor e morador nesta povoação, filho legítimo de José Gomes de Araújo e dona Anna Barbosa da Silva, e dona Maria Barbosa de Araújo, de vinte e um anos de idade, solteira, natural deste Estado digo deste Município e moradora nesta povoação, filha legítima de Antonio Francisco de Araújo e dona Joaquina Barbosa de Araújo os quais no mesmo acto declaram serem parentes no quinto grau da linha civil”.

E assim foi selado o matrimônio de Dona Lia e Seu Alfredo, ela com apenas dezesseis anos, apesar do acréscimo de idade no registro de casamento, e ele ainda a dois meses de completar vinte e um anos. Podemos, sem dúvidas, afirmar que foram felizes para sempre. Tiveram cinco filhas e dois filhos, que lhes deram uma quantidade enorme de neto(a)s, bisneto(a)s e trineto(a)s. Ela chamada de “Aiai”, ou “lá”, e ele chamado de “Pim”, apelidos carinhosos colocados pelos netos mais velhos e adotados por todos os que se seguiram.

Alfredo Gomes de Araújo se tornou o “major” Alfredo Araújo após a morte do “major” João Gomes da Cunha Pedrosa, com quem passou a trabalhar depois do casamento com sua afilhada, D. Lia, e de quem recebeu o engenho através de escritura pública de 18 de novembro de 1924, passando a ser um banguzeiro do Vale do Siriji.

A revista Brasil Açucareiro (do IAA), de maio de 1934, lista Trigueiro com um “capital” de 180:000\$000 (180 contos de réis) e capacidade de produção de 3.125 sacos de 60 kg de açúcar bruto por ano, o que o colocava entre os cinco maiores engenhos de Vicência.

Apesar de Trigueiro ser um dos mais importantes banguês da região, a fornalha do bravo engenho só ficou acesa até 1947, ano que se apagou definitivamente, ficando de fogo morto para sempre, como tantos outros engenhos, devido ao avanço inexorável do progresso – representado, naquela época, pelas Usinas de Açúcar, muito mais eficientes, produtivas e fabricando um açúcar de qualidade superior ao do velho e glorioso Banguê. A conclusão do processo Nº 28.341/48 do IAA, transferindo a cota de produção de açúcar de Trigueiro para a Usina Barra e autorizando a venda do maquinário do engenho, foi a formalização do “fogo morto” do velho Trigueiro.

Com o engenho parado e a família já estudando na cidade, D. Lia e Seu Alfredo se mudaram para a casa da Rua Regente Amaro Jorge, 76, em Timbaúba, Pernambuco, onde passaram a viver com a renda dos arrendamentos das terras de Trigueiro.

Com o falecimento de Alfredo Gomes de Araújo, aos 91 anos, e de Maria Barbosa de Araújo, aos 92 anos, o Engenho Trigueiro foi dividido entre os herdeiros.

Meu avô, de quem herdei o primeiro nome, recebeu a maior homenagem com a qual uma pessoa pode sonhar um dia: ter o seu nome imortalizado em uma escola. Um lugar onde crianças e adolescentes têm uma chance real de sair da prisão da ignorância, tendo acesso, democraticamente, ao conhecimento acumulado pela humanidade.

*“Pertencente à rede municipal de ensino da cidade de Vicência, a Escola Municipal Alfredo Gomes de Araújo atende cerca de 342 educandos, matriculados em três turnos funcionais. A comunidade quilombola de Trigueiros também é atendida por essa unidade escolar”.*³¹

31 Olhar a prática: um exercício de reflexão [recurso eletrônico]/ Leila Andrade, Marilse Araújo – São Paulo: Ação Educativa, 2014.

A crônica Cavaleiro da Saudade, escrita por Cláudio Gomes de Araújo – tio Cláudio, irmão de minha mãe –, expressa com maestria as memórias e o saudosismo de quem nasceu e cresceu no Engenho Trigueiro.

Cavaleiro da Saudade

Cláudio Gomes de Araújo

O cavaleiro esporeou o cavalo, que investiu contra a íngreme encosta. Já no meio da ladeira, ele parou e voltou-se para apreciar a imensa paisagem que se descortinava lá em baixo, formada pelo verde ondulante do canavial em contraste com o azul do céu resplandecente. Caminhões carregados com cana de açúcar, levantavam poeira na estrada que cortavam a propriedade. Logo em baixo, o velho engenho abandonado, o grande bueiro derrubado, a destilaria servindo de depósito, a casa de purgar em escombros e a direita, a casa-grande também abandonada, indiferente a tudo e a todos, cujo alpendre servia de dormitório aos desocupados do engenho, como ali outrora toda pintada e bem asseada, não houvesse abrigado em suas amplas dependências, o “major” Alfredo Gomes de Araújo e sua família, tal, a ociosidade naquele instante. Atrás da casa-grande, via-se o vestígio do estábulo e mais na frente, os restos da cavalaria onde a lembrança dos famosos ginetes e das vacas leiteiras, percorreu a mente saudosa. O homem apeou-se do cavalo, sentou-se à sombra de uma frondosa jaqueira e divagou profundamente.

Naquela manhã de setembro, o dia amanheceu mais belo. O sol majestoso, invadiu por entre as frestas da telha da casa-grande, acordando a meninada. Na cozinha, o cheiro de café quentinho torrado em casa, aromatizava todo ambiente feito pelas mãos da preta Sá Quina, enquanto Eugênia, punha sobre o cuscutz, o leite farto tirado das vacas que ainda mugiam no curral, pelo ordenhador conhecido como “Joaquim Doutor”.

Sentado à mesa, o “major” Alfredo e dona Lia, serviam os filhos e respondiam sempre as perguntas curiosas. Já no pé da calçada, um gordo cavalo alazão esperava pacientemente pelo Sr. do engenho, que todos os dias sobre o seu dorso, percorria os serviços da propriedade. Perto do animal, um moleque de pés achatados, segurava as rédeas, era o negro Manoel Lê-lê, cria do engenho e que desempenhava a função de cocheiro.

— Bom dia, Lê-lê! — Disse o major, assim que o avistou.

— Bom dia, patrão — respondeu o negro.

— Diga ao Biôla — continuou o Seu Alfredo — que sele o castanho, o rosilho e o rodado, que os meninos vão andar daqui a pouco. Diga também que desleite a vaca patativa e prenda o bezerro de lenço branco, meia noite e bonina as quatro da tarde, que amanhã quero mais leite. Diga a ele, que peça a Joaquim Doutor!

E assim, começava a labuta diária cujo diálogo foi interrompido pelo apito estridente do engenho, que soltando pelo bueiro uma fumaça escura, contrastava com a fumaça branca desprendida pela caldeira. E o engenho moía.

Já sentado no velho sobradinho que era o escritório do engenho, os meninos assistiam a moagem da cana. A máquina movia-se bravamente, movendo a roda volante, a roda espora e a moenda que engolia feixes sobre feixes de cana flor de cuba. O velho Martins o maquinista, de tempos em tempos limpando as mãos com sujos trapos, vigiava o manômetro da caldeira. No parol, o caldo escorria como uma cachoeira. Vez por outra, alguém empunhando uma cuia, tomava um bocado do precioso líquido, que deixava sobre o nariz, um bigode branco. Lá em baixo, o assentamento chefiado pelo Severino Laranjeiras, desprendia uma fumaça branca e cheirosa.

— Mané Altino — ordenava o mestre de açúcar, — passa caldo pra frente, que a gente tem que aumentar as formas hoje, vai na casa de purgar, diz ao Zé Severino que deixe de beber e vamos encher logo essas formas!

Na boca da fornalha João Bezerra empunhando um gancho de ferro, empurrava o bagaço seco na enorme boca que parecia a entrada do inferno. Na estrada, os carros de bois apareciam cheios de cana, eram o Zé Salvino, o chefe dos carreiros e logo atrás, vinham o Dunga, o Antônio Tomé, o Bione e o Caetano, que com enorme perícia, faziam manobras entre os picadeiros de cana.

— Zé Salvino — dizia o feitor Severino Andrade, — vamos logo com isso, ainda tem cana no ponto para dez carros. Vá com o Dunga para Jati e mande os outros para Miranda!

E a fumaça cheirosa vinda das tachas de mel impregnava o ar e deixava a pele pegajosa. Lá fora, a burra corujinha, era manobrada por João Samuel, puxando o couro do bagaço e empilhando para secar na bagaceira, enquanto o bueiro fino da caldeira, aspergia o ar com gotículas de água como se fossem gotas de chuvas.

— Sabino! — Dizia o major Alfredo. — Diga aos cambiteiros, que mande cana, eles pensam que estão passeando? Solte o burro gigante e pegue o roxinho que ele está mordendo mais do que Satanás e eu quero ver ele morder com cana no espinhaço.

Logo em baixo, perto das tachas, o mel estava sendo batido. Um enorme rodo de madeira, jogava mel de encontro com as paredes do tanque, que após sua retirada, deixava enormes placas de rapadura que era distribuída com a garotada. E tudo era festa, o barulho das máquinas, a fumaça cheirosa, os carros de boi chiando, o seca-açúcar cheio e o apito estridente ecoando nas serras, emprestando ao ambiente um clima de satisfação e alegria. Na destilaria, a aguardente escorria mansamente da

serpentina, onde, de vez por outra, alguém empunhando uma quenga tomava um gole para esquentar. Nas noites de maio, a igreja do povoado de Trigueiros ficava repleta. O noiteiro, era anunciado de véspera pelo zelador, o Sr. José Freitas. Todos cantavam as ladainhas tiradas por Dona Lia e por sua filha mais velha Inez, conhecida como uma pessoa pura e de bom coração. Nos corredores, os homens com vozes graves, também rezavam e cantavam, lá estavam os Martins, os Biones, os Lelés, os Samués, e os Bezerras. Tudo era fé comungavam com uma paz de espírito tão grande, que se confundiam com uma só família.

Na primeira sexta-feira de cada mês, era celebrada uma missa, todos com exceção dos crentes, teriam que ir missa. A família Araújo já vestida, esperava com ansiedade o velho Padre Guedes, pároco de Vicência. De súbito, ele aparecia na curva do caminho, montado numa burrinha castanha e trazendo na garupa, seu fiel sacristão, que logo descia, apeava, falava com todos entre aborrecido e cansado, sentava numa velha cadeira de balanço e invertendo o desbotado guarda-chuva, retirava a pesada bota, substituindo por um sapato preto e lustroso. Depois desta operação, é que trocava algumas palavras com o major e sua mulher. Finda a missa, o almoço bastante farto pela preta Sá Quina, era servido pelas copeiras Petronila e Eugenia que perto da mesa distribuíam a comida. E a conversa transcorria sobre assuntos vários, principalmente o que o velho padre apreciava, a política. E mais um dia se passava.

À noite, logo após a ceia, o major se trancava em seu gabinete iluminado por uma velha lâmpada a álcool e em companhia do feitor, seu Bila, o bodegueiro e do cabo de campo, resolviam os últimos problemas do dia. Findo os quais, ligavam o velho rádio de bateria e ouviam o Repórter Esso, com os noticiários sobre a guerra mundial. Depois, tudo era silêncio. Os candeeiros eram apagados, a casa-grande caía em grande escuridão e o silêncio era total só sendo interrompido pelo chocalho das vacas no curral e coaxar dos sapos no riacho de Maria do Canto. A meninada, ora com medo, ora pensando nas travessuras de outro dia, olhavam o velho telhado como se procurassem pelas frestas, alguma estrela solitária que lhe fizessem companhia.

Depois de longa espera, chegava o mês mais ansiosamente esperado, o mês de junho, e com ele, o São João. Na frente da casa-grande, uma enorme fogueira já estava preparada por Biôla, por ordem do major. Em cima do guarda-roupa, uma enorme arupemba, continha os fogos de artifício fabricados de encomenda pelo fogueteiro Clementino de Aliança. As quatro da tarde, começavam a chegar os convidados, que, geralmente vinham a cavalo, em enorme e desabalada carreira que chegavam resfolegantes em frente a casa-grande. Os cochereiros de plantão, se encarregavam de levá-los para o banho e a ração. Na cozinha, os caldeirões de canjica, milho cozido e pamonha, borbulhavam no fogo. Sá Quina, Petronila e Eugenia, orientadas por dona Lia, faziam os últimos preparativos na grande mesa da sala de visitas. Às seis horas, as lâmpadas a álcool eram acesas e os convidados

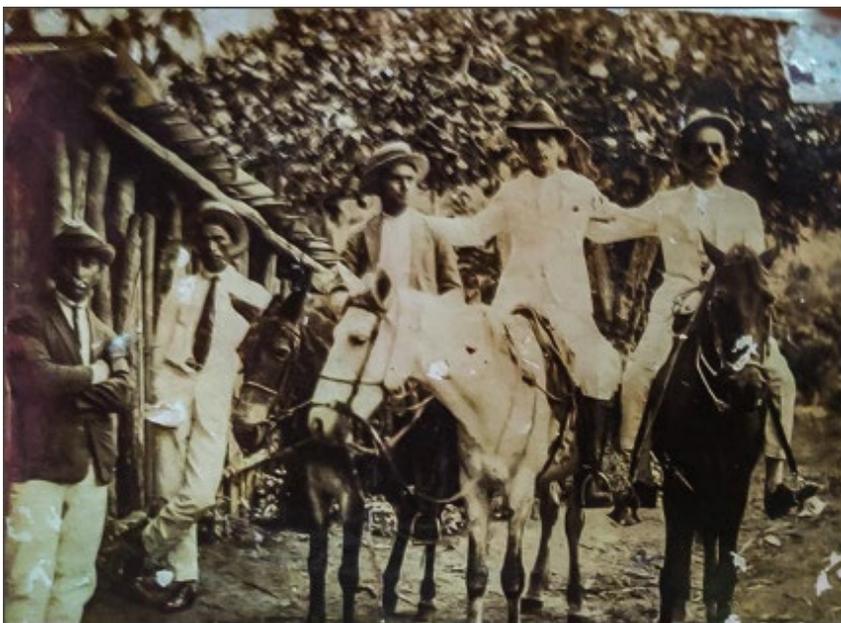
enchiam as panças. Logo após, um sanfoneiro era contratado para o arrasta-pé. Lá fora, o fogueteiro espoucava ecoando nas serras, num quarto contíguo à sala, o major Alfredo com os parentes e convidados, jogavam poker, regrado a aguardente “Chora na Rampa”. Em redor da fogueira, os meninos, soltavam diabinhos, estrelinhas e mijão, enquanto outros, passavam sobre as brasas e se tornavam compadres e comadres de fogueira. A noite passava depressa como tudo o que é bom nessa vida. No outro dia, a fogueira ainda ardia, como se quisesse reascender as chamas daquela maravilhosa noite.

O cavaleiro acordou de seu devaneio e notou que passara horas lembrando coisas inesquecíveis e remoendo saudade. Enxugou as lágrimas que escorriam pelas faces, levantou-se, montou o alazão, volveu a cabeça lentamente como se olhasse pela última vez e balbuciou baixinho:

— Ah, meu Deus, se aquele tempo voltasse!



Dona Lia e Seu Alfredo (acervo da família).



O "major" Alfredo Gomes de Araújo, no cavalo branco, e amigos (acervo da família).



Casa-grande do Engenho Trigueiro, em 2014, após restauração (acervo da família).

Vicência	Eng. Artificiais	Urbano Ramos	183-0005000	1.500
"	" Água Doce	Geminiano Pedrosa (Rendeiro)	50-0005000	2.250
"	" Acroíto	Elisa de Andrade Lima	150-0005000	2.000
"	" Água Branca	Antonio de Moraes Camara	45-0005000	500
"	" Alcaparra	Feliciano Lapenda	150-0005000	1.250
"	" Bom Viver	Emerenciana Maranhão Andrade	107-0005000	1.125
"	" Belmonte	Miguel Ramos Andrade Lima	150-0005000	2.430
"	" Belem	Leonel Gomes de Andrade	75-0005000	2.000
"	" Cachoeira	Manoel José de Lima	135-0005000	2.125
"	" Canaveira	Manoel Estelita de Oliveira Mélo	300-0005000	5.000
"	" Cipo	Napoleão Xavier de Moraes	190-0005000	2.533
"	" Concordia	Tertuliano Gomes de Araujo	50-0005000	750
"	" Firmata	Severina Cabral de Lima	183-0005000	2.500
"	" Iguaçu	Antonio Flavio Passoa Guerra	200-0005000	2.000
"	" Imbuí	Abdias Veiga	210-0005000	5.000
"	" Jundiá	João Correia	195-0005000	4.000
"	" Jatobá	Severina Cabral de Lima		2.250
"	" Laranjeiras	Balduno Belem	133-0005000	2.533
"	" Liberdade	Luiz Xavier Gurjão	77-0005000	625
"	" Mulatas	Joaquim Dias Borba	120-0005000	1.250
"	" Nova Vida	João Ribeiro Cav. Albuquerque	135-0005000	2.000
"	" Pirilampo	Apolonio Honorino de Mélo	100-0005000	1.250
"	" Pagy	Antonio de Oliveira Mota	210-0005000	3.750
"	" Poco Comprido	Joaquim Passoa Guerra	200-0005000	4.650
"	" Pombal	Antonio Jorge d'Oliv. Vasconcelos	183-0005000	3.125
"	" Prado	Eloy Vieira de Vasconcelos	150-0005000	2.650
"	" Ribeiro Grande	José de Moraes Camara	135-0005000	575
"	" Ribeira	Severino Camilo Calado Gurjão	70-0005000	1.875
"	" S. José	Manoel João d'Araujo	100-0005000	2.500
"	" Sabão	Luiz Gomes d'Andrade Lima	90-0005000	1.875
"	" Samary	Mario C. Carneiro da Cunha	135-0005000	2.000
"	" Tabatinga	José Gonçalves Guerra	140-0005000	2.750
"	" Trigueiro	Alfredo Gomes de Araujo	180-0005000	3.125
"	" Traayras	José Pereira Góes Guerra	80-0005000	1.500
"	" Testandubo	Odilon C. de Moura	135-0005000	2.500
"	" União	Antonio Emiliano A. Pereira	60-0005000	1.250
"	" Viração	Francisco José Domingues	60-0005000	1.875
"	" Vertentes	Miguel Ramos Andrade Lima	60-0005000	1.875
"	" Vicência	João Borba Maranhão	133-0005000	3.125

Página da revista *Brasil Açucareiro*, de maio de 1934, mostrando o "capital" (em contos de réis) e a produção de açúcar (em sacos de 60 kg) de engenhos de Vicência (fonte: IAA).



As filhas e filhos de D. Lia e Seu Alfredo. Em pé, da esquerda para a direita: Maria Madalena, Carlos e Ignêz. Sentados: Maria das Graças, Cláudio, Carmi e Maria Aparecida. Foto tirada em 1958, na comemoração de 40 anos de casados de seus pais (acervo da família).



Seu Alfredo e D. Lia com os netos Suely, Clênio e Alfredo José - Timbaúba, 1957 (acervo da família).

O Vaqueiro

Brigado com o pai e com casamento marcado, meu pai começou a procurar um emprego. Encontrou um para administrar uma fazenda em São Bento do Una, no agreste pernambucano, cujo dono morava em Recife. Sem alternativas, foi tentar a sorte.

O trabalho na realidade era mais serviço de vaqueiro do que propriamente de administração. Ele tinha que dar conta de tudo, desde acordar às quatro horas da manhã para tocar o gado e tirar leite, embaixo de um frio danado, a resolver qualquer problema que eventualmente ocorresse. Não era o que parecia ser, mas ele ficou lá assim mesmo, pois não tinha outra opção.

O sogro conseguiu para ele um auxiliar, um rapaz chamado Manoel Pedro de Santana, mais conhecido como Manoel Caboclo - ou Mané Caboclo -, que foi criado no Engenho Trigueiro, filho de um compadre dele. Manoel prestou serviço militar em Recife, depois ficou fazendo bicos em Timbaúba, até que apareceu a oportunidade de ir para São Bento do Una com meu pai, como seu braço direito e companheiro de aventura.

Nesse meio tempo, meu pai casou e levou a mulher para morar em São Bento do Una. Ele costumava dizer que tirou uma filha de senhor de engenho de casa e levou-a para morar numa casa de vaqueiro, cuja mesa principal era uma caixa de sabão, de madeira.

Nesse período nasceu, em Timbaúba, no mês de julho de 1955, o primeiro filho do casal, cujo nome escolhido era uma homenagem aos dois avós: Alfredo José. E o casal ficou vivendo assim, Aparecida passando temporadas com o filho na casa dos pais e Pompeu trabalhando na fazenda em São Bento do Una.

Certa vez, tia Detinha e tio Pedrinho, seu marido, visitaram Pompeu e Aparecida na fazenda em São Bento do Una. Minha avó, Luízinha, ficava enlouquecida de preocupação com o filho distante, e tia Detinha era muito solidária com a mãe nos momentos difíceis. Foi, então, até onde morava o irmão e a cunhada, para ter notícias e ver com os próprios olhos a situação.

Tia Detinha encontrou uma casa muito simples, com poucos móveis.

— *Meu deus do céu, Pompeu! Onde você está? — Foi a reação dela.*

— *Mas, Aparecida...*

— *Tem nada não, Detinha. Meu Alfredo vai me dar tudo...*

Um dia, ocorreu um desentendimento com um proprietário de uma fazenda vizinha, que deixava com frequência algumas cabras entrarem na plantação de palmas e na vazante da fazenda. Meu pai, já irritado com a situação, prendeu as cabras e exigiu que o vizinho pagasse o prejuízo, mas ele se recusou. Meu pai estava indo para Timbaúba visitar a mulher e o filho, deixando ordem para Manoel Caboclo não devolver os animais enquanto o vizinho não pagasse, sob pena de se ver com ele.

Quando voltou, na segunda-feira, a confusão estava formada. O vizinho chamou a polícia e meu pai, firme, disse que as cabras só seriam devolvidas se o vizinho

pagasse o prejuízo causado. Finalmente ele pagou e passou a respeitá-lo, mas as relações ficaram ruins.

Um dia, enquanto ele esperava o ônibus para Recife, numa das suas viagens para Timbaúba, sentado em um bar que servia de parada de ônibus, o delegado se sentou junto dele e perguntou:

— É você que é Pompeu?

— Sim, sou eu mesmo. O que é que falta?

— Você vai tomar uma comigo.

— Eu tomo outro dia, hoje não.

— Você vai tomar é hoje! Bota aí, menino, duas lapadas, uma pra mim e outra pra ele. Quero ver se ele não vai tomar!

— Vai perder seu tempo. Eu não vou tomar, não. Você vai tomar as duas!

O delegado continuou com a insistência, que era na realidade uma provocação, com o copo na mão estendida para Pompeu, que, já irritado, “soltou-lhe o braço”, derrubando o delegado com um murro. No chão, o delegado foi com a mão no revólver, mas algumas pessoas o seguraram, evitando uma desgraça. Pompeu, já de cabeça quente e sempre impetuoso, falou:

— Soltem ele. Deixem ele puxar o revólver. Ele pensa que só quem sabe atirar é ele?

Depois que os ânimos se acalmaram, meu pai pegou o ônibus sem maiores problemas. Quando voltou na segunda-feira, soube que o delegado havia sido transferido para outra cidade. Esse incidente foi a gota d’água que faltava para ele desistir do emprego de vaqueiro em São Bento do Una.

Ele pediu as contas, voltou para Timbaúba e ficou desempregado, morando na casa do sogro com a mulher e o filho. Decidiu, então, falar com o político Paulo Guerra

outra vez. Paulo Guerra conseguiu emprego para ele e para a mulher em Araçoiaba, pequena cidade a 60 km de Timbaúba, para as bandas de Recife. Mas Pompeu soube que o emprego da mulher seria de professora do município e o dele, de auxiliar de cartório da justiça, ganhando menos do que a esposa. Ela, formada em Pedagogia, seria professora, e ele, com o ginásio incompleto, fazia serviços de contínuo, levando documentos do cartório para o fórum e vice-versa, serviços de limpeza, entre outros do gênero. Ele prontamente recusou:

— Não nasci para ser sustentado por mulher, não!

Continuou desempregado em Timbaúba, na casa do sogro. Devia ser terrível para ele essa situação, mas dar o braço a torcer e voltar para Oriente estava fora de cogitação.

Foi então que D. Luizinha – sempre ela, a sua mãe – foi falar com ele com uma ideia sobre montar uma saboaria.

— Mas, mãe, eu não sei nem do que é que se faz sabão, como vou botar uma saboaria?

Sabão e Leite

Determinada a ajudar o filho – então beirando os 23 anos, casado e já pai de um menino –, minha avó falou com o pai dela, padrinho Mário, que morava numa casa enorme na rua principal de Itambé, bem na divisa entre Pernambuco e Paraíba. Na realidade, a casa ficava no lado da rua que era da Paraíba, Pedra de Fogo; no outro lado da rua era Pernambuco, Itambé. O casarão ocupava um quarteirão; tinha um grande quintal, cheio de fruteiras, e uma garagem no fundo, dando para a rua de trás, onde ele também tinha duas pequenas casas. Cedeu uma das casas para Pompeu e a família morarem. Tudo de graça! Coisa de avô...

A saboaria foi montada na garagem da casa de padrinho Mário, que também emprestou o dinheiro para a compra dos equipamentos.

Começou a experiência do meu pai como fabricante de sabão, tendo Mané Caboclo como auxiliar. Mas o sabão produzido era muito ruim, mole, se desmanchava com água. A minha avó, quando ia visitar o filho, comprava caixas de sabão para ajudá-lo. Em Oriente meu avô, ao lavar as mãos com o sabão de baixa qualidade, ficava assobiando de cara amarrada.

Pompeu não conseguia produzir sabão com a qualidade mínima para o mercado, mesmo com ajuda de “especialistas”. Ia de cidade em cidade pela região tentando vender o estoque de sabão nas feiras. Na semana seguinte, quando chegava em uma feira onde havia vendido na semana anterior, geralmente recebia muitas reclamações. Uma vez teve

que devolver o dinheiro a várias pessoas que chegaram reclamando de problemas de pele causados pelo sabão.

As dívidas foram se acumulando. Nesse período, em março de 1957, nasceu o segundo filho, que recebeu o nome de Plácido, em homenagem ao irmão do meu pai que havia falecido no ano anterior, com apenas treze anos. Aparecida foi ter o filho em Timbaúba e ficou na casa dos pais, enquanto Pompeu tentava acertar a saboaria.

Como só tinha “sopa” entre Itambé e Timbaúba uma vez por semana, nas segundas-feiras, dia da feira de Itambé, Pompeu ia a pé para Timbaúba, nos sábados, ver a mulher e os filhos. Certo dia, José Borba ia para Timbaúba na sua Rural, quando o filho Cláudio, que ia dirigindo o carro, disse:

— Pai, aquele é Pompeu que vai ali na frente. Ele vai pra Timbaúba, pra casa de Seu Alfredo. Paro pra levar ele?

— Não! — Foi a resposta seca.

Tio Cláudio passou por ele morrendo de pena, mas não podia parar, caso contrário iria sobrar para ele.

Pompeu resolveu, então, colocar uma vacaria numa cocheira improvisada no quintal de padrinho Mário. As vacas foram cedidas por Pompeu Americano, que estava saindo da Fazenda Espinho Preto e não tinha ainda onde colocar o gado. Meu pai tirava o leite com a ajuda de Mané Caboclo e entregava de casa em casa aos clientes, carregava ração para as vacas... trabalho duro, coisa da qual ele nunca teve medo. Mas, depois de algum tempo, ele percebeu que, tirando todas as despesas, o que sobrava para ele não chegava à metade do que pagava a Mané Caboclo. Não era suficiente para ele, a mulher e os filhos. Decidiu, então, fechar os negócios em Itambé.

Nas pesquisas para estas memórias, soube que Mané Caboclo – Manuel Pedro de Santana – foi para a Fazenda Freitas quando saiu de Itambé e, mais tarde, para Fazenda Souza, onde faleceu em 2018. O mesmo ano do falecimento do meu pai!



*Manuel Pedro de Santana, o “Mané Caboclo”
(acervo da família).*

O Engenho Boa Vista

Sem mais alternativas, com dois filhos e mulher para sustentar, Pompeu resolveu dar o braço a torcer e voltar para Oriente, onde tinha bastante terra para trabalhar e casa para morar. Foi, então, ao Engenho Boa Vista pedir ajuda à sua irmã mais velha, Detinha, para escrever uma carta ao pai pedindo para voltar para o engenho. Detinha, como sempre uma protetora do irmão, escreveu a carta à sua maneira. Quando ficou pronta, chamou Pompeu à Boa Vista para assiná-la. Pompeu leu atentamente e exclamou:

— *Ah! Estou me rebaixando demais, não vou assinar essa carta não!*

— *Você é quem sabe. Tu queres o quê? Que papai te peça perdão, é? Ele não vai pedir nunca! Se quiseres, faz a carta e manda entregar a ele, pois eu não entrego, não!*

Pompeu, sem alternativas, assinou a carta a contragosto. José Borba recebeu a carta, leu e guardou. Na primeira oportunidade, quando esteve em Timbaúba, foi à casa de Seu Alfredo Araújo falar com o filho. Foi direto ao assunto, como era sua característica:

— *Paulo Guerra não ofereceu um emprego a você? Por que não pegou?*

— *Não peguei porque a mulher ia ganhar mais do que eu e não nasci para ser sustentado por mulher, não! E porque eu devo. Devo ao senhor, devo a Pompeu Americano, devo a Seneval, devo a Mauro dos Freitas, devo a padrinho Mário. Trabalhando para os outros eu não vou conseguir pagar, não! Agora, se eu trabalhar pra mim, tenho certeza de que um dia eu pago.*

— *Vá. Mas dinheiro eu não tenho, não. Arrumo a terra pra você, não vou lhe cobrar nada, mas dinheiro pra você trabalhar não tenho, não.*

A continuação dessa história deixo para a Parte 3.

Gostaria de falar um pouco sobre o Engenho Boa Vista e sobre Maria Bernadete de Borba Campos, minha tia Detinha, pela importância que ela teve na vida do meu pai e, também, na minha.

Boa Vista, até a década de 1920, pertenceu a Fábio Cesar de Araújo Lima, filho do velho Cosme Ignácio, do Engenho Glória, e irmão de Manoel Generoso, do Engenho Recreio. Em 1924, Fábio arrendou o engenho para Joaquim Pereira Campos, um jovem muito responsável e trabalhador. Nascido em Igaracu, o seu pai mudou-se para Timbaúba, onde montou um comércio, depois foram para um engenho chamado Julião.

Lourenço Tavares de Melo Filho, no seu livro “Vale do Siriji, histórias que meu pai contou” (1984, Recife. p. 419), assim descreve Joaquim Pereira Campos [sic]:

“JOAQUIM PEREIRA CAMPOS

A relação de amizade de Joaquim Pereira Campos com meu pai data de 1917, ao chegar este a Tabocas, sendo ele ‘rendeiro’ do Engenho Independência. Na época, era solteiro, namorador e de aspecto rude. Entretanto, com o tempo, fomos notando que se tratava de um homem de visão ampla, profundamente leal, fazia e conservava amigos.

Mané Gonçalo, Manoel Gonçalo de Andrade, que foi o administrador do ‘barracão’, costumava enaltecer suas qualidades de pessoa das mais estimadas tanto entre os trabalhadores quanto entre as famílias de senhores-de-engenho locais.

Extremamente respeitador, destacou-se entre os solteirões de boa cepa da região.

Concluído o seu contrato, passou o arrendamento do Engenho Independência para Antônio Celso de Araújo, transferindo-se, Joaquim, para Timbaúba, onde constituiu família, casando-se com Maria do Carmo Tavares de Melo, que passou a assinar-se Tavares Campos e era filha de Pedro Tavares de Melo e Idalina Gouveia Tavares de Melo.

Do enlace, surgiram os filhos: Pedro, Maria de Lourdes, José e Maria Bernadete Tavares Campos. Joaquim Pereira Campos era filho de José Joaquim Pereira Campos e Francisca Coelho Leite Campos”.

Depois que arrendou Boa Vista, Seu Joaquim conheceu a futura esposa em um Carnaval em Timbaúba. Ele fazendo corso a cavalo e ela de carro. Jogou jetones e serpentina para Carminha – Maria do Carmo Tavares de Melo – e daí se apaixonaram. Ela era filha de Pedro Tavares de Melo, senhor do Engenho Zumbi, e de Idalina Tavares de Melo, filha mais velha de padrinho Generoso. O pai dela não se agradou muito, a princípio, do interesse de Joaquim Campos por Carminha, por ele ser um “forasteiro”.

Carminha foi criada por Fábio Cesar de Araújo Lima, tio de sua mãe, até a morte da esposa dele, quando ela voltou para a casa do pai. Portanto, a infância dela foi no Engenho Boa Vista, que era de Fábio. Com o casamento com Seu Joaquim, em junho de 1926, ela retornou para Boa Vista para sempre, pois o seu marido acabou comprando o engenho.

O filho mais velho do casal, Pedro Tavares Campos, casou-se com a irmã mais velha do meu pai, Maria Bernadete de Borba Campos, tia Detinha. Eram primos em segundo grau. Meu avô deu quatro bezerras no casamento deles. Foi com essas bezerras que tio Pedrinho começou a sua criação.

Tio Pedrinho teve as mesmas oportunidades de educação que a maioria dos filhos de senhores de engenho. Chegou a estudar no Colégio Nóbrega, um dos melhores de Recife. Mas teve uma história diferente do meu pai, pois quando decidiu não estudar mais, o seu pai, Joaquim Campos, acolheu a decisão do filho e o ajudou no começo em Boa Vista.

Carminha ficou cega aos 42 anos, vítima de glaucoma. Passou por todo um processo de cirurgias em Recife, onde alugaram casa para o tratamento, sem sucesso. Eles moraram sempre na casa-grande do Engenho Boa Vista. A casa de tia Detinha e tio Pedrinho foi reformada a partir de um antigo barracão do engenho.

A casa-grande original era quase inteiramente de taipa. Quando já estava em péssimo estado, foi demolida e construída outra no mesmo lugar e com a mesma planta, visando facilitar o deslocamento de Carminha, já ambientada na casa antiga.

Nos anos de 1950 era comum as viagens de carro-de-boi de Oriente para Boa Vista e Recreio.

As crianças adoravam. Era colocado, no lastro do carro-de-boi, um colchão de capim coberto com colchas, um toldo preso nos fueiros e a família toda ia em cima do colchão, com exceção do meu avô, que sempre ia sentado na mesa, do lado direito, e o carreiro, João Luzia, do lado esquerdo. Nesses passeios da família até os engenhos vizinhos era usada apenas uma junta de bois. Para o transporte de cana eram usadas duas juntas ou mais, quando a carga era muito pesada ou o terreno muito acidentado.

Para chegar a Boa Vista, ainda nas terras de Oriente, passávamos pela casa do feitor Manuel Correia, pela mata, pelo sítio de Joaquim Vieira, foreiro do engenho, onde havia uma cacimba com uma forma de barro enterrada numa nascente, perto da mata. A água cristalina e bem fria acumulava-se na forma, de onde era retirada para beber. Seguindo em frente, ladeira abaixo, chegava-se ao riacho do Gitó, a divisa dos engenhos Oriente e Boa Vista.

Nas décadas de 1970 e 1980, tio Pedrinho e tia Detinha tinham também casa de praia em Pitimbu. Os veraneios lá foram memoráveis para nós. Um detalhe interessante é que tio Pedrinho decidiu aproveitar uma parte do quintal da casa para instalar uma vacaria, visando vender leite fresco para os veranistas para ajudar a pagar as despesas da casa. Mas também era uma fonte de muitas reclamações da vizinhança, já que a vacaria produzia, naturalmente, muitas moscas. Além disso, Zé, o tratador das vacas, as levava todos os dias para a beira-mar para tomarem banho. Os veranistas mais sensíveis não gostavam de ver vacas na praia!

Contando um pouco da história de tia Detinha:

Ela nasceu em Oriente, em 13 de fevereiro de 1930, e passou a primeira infância no engenho. Aos oito anos foi interna no Colégio Santa Maria, em Timbaúba. Já adolescente conheceu, de longe, um rapaz, irmão de uma colega da escola, e ele se apaixonou por ela. Trocavam cartas através da irmã dele. Ele e os amigos faziam serenatas para as internas do colégio.

Isso tudo irritava as freiras do internato, que acabaram contando para o meu avô, em um dia de visita no parlatório, o que vinha ocorrendo. Tia Detinha, surpreendida e apreensiva, engoliu uma carta do rapaz.

Contrariado, meu avô a transferiu para o Colégio Sagrada Família, em Goiana, também um internato administrado por freiras.

Detinha prometeu para ela mesma que nunca mais poria os pés no Colégio Santa Maria. No entanto, mais de duas décadas depois, ela se viu obrigada pelas circunstâncias a matricular a sua filha Fátima no internato do Santa Maria, em Timbaúba, onde ela ficou um ano.

Detinha acabou gostando muito do Sagrada Família, onde concluiu o Curso Normal Rural, equivalente ao segundo grau, que a tornaria habilitada para o magistério do curso primário.

Depois que concluiu o curso em Goiana, voltou para o Engenho Oriente e desenvolveu um trabalho social, voluntário e de forma intuitiva, com as famílias dos moradores do engenho. Casou-se, em 1952, com Pedro Tavares Campos, tio Pedrinho, por quem era apaixonada, indo morar no Engenho Boa Vista. Tiveram três filhos: Jorge, o primeiro neto do meu avô, Paulo Roberto - Paulinho - e Maria de Fátima. Primos com os quais fomos criados como irmãos.



Casa-grande antiga do Engenho Boa Vista, com Seu Joaquim e Carminha na varanda (acervo da família).



Casa-grande do Engenho Boa Vista em 2020 (acervo da família).



Engenho Boa Vista - casa de Detinha e Pedrinho (acervo da família).



Casamento de Detinha e Pedrinho, Engenho Oriente - 1952 (acervo da família).



Carnaval em Timbaúba - década de 1950. À direita, Detinha e Pedrinho. No centro, Zé Campos e Diva, sua esposa. À esquerda, ao fundo, Seu Joaquim Campos e, em primeiro plano, sua filha Betinha (acervo da família).

PARTE 3:
ANOS DE LUTA



*Desenho a bico de pena por **Mário Gouveia Borba***

A “Bacatela”

Depois da conversa com o meu avô, meu pai foi para Oriente com a família. Chegando lá com Aparecida e os dois filhos, ficaram inicialmente na casa-grande. Ele pensava em ajeitar uma das casas da sede antiga do engenho, que ficava mais acima em relação à casa-grande, para sua família.

Mas aí aconteceu algo inesperado: José Borba se apaixonou pelo filho mais novo de Pompeu, Plácido, ainda um bebê de braços com menos de um ano. A criança derreteu o coração do avô, que em pouco tempo estava chamando o neto de “meu pintinho”, apelido que pegou de imediato e para sempre. Daí em diante, o meu irmão Plácido passou a se chamar Pintinho e, depois, Pinto. A mudança para a casa velha foi esquecida e a minha família ficou na casa-grande do Engenho Oriente. A presença de Pinto abrandou a tensão entre Pompeu e o seu pai.

Meu avô cedeu uma das melhores áreas de Oriente para o meu pai plantar cana e botar roçado, a “Bacatela”. A primeira planta de cana foi em uma área pequena, de apenas dois a três hectares. Ele saía de madrugada para o trabalho e por volta das oito horas tio Vital, então com uns doze anos, levava o café dele no campo. Pompeu trabalhava muito cavando sulco, carregando feixe de cana na cabeça para colocar nos sulcos, serviço pesado mesmo. Durante a limpa da cana, ele pegava um boi e um cultivador emprestados do engenho, quando não estavam sendo usados, arranjava um menino para puxar o boi e ele próprio passava o cultivador para remover o mato da cana. Na safra, a cana era moída no engenho, sem custos, a quantidade de pães de açúcar era

contabilizada e o açúcar era vendido junto com o produzido pelo engenho, sendo pago a Pompeu o equivalente ao que foi produzido por suas canas. A essa altura, em abril de 1958, nasceu Flávio, o terceiro filho de Aparecida e Pompeu.

Além da planta de cana, ele botou roçados de batata e de cará, trabalhando com afinco e mantendo um controle detalhado de todas as suas despesas e receitas – o tipo de organização que manteria por toda a vida e que, certamente, foi um dos fatores do seu sucesso.

Na segunda planta, a área foi maior e o lucro deu para começar a pagar aos seus parentes credores, deixando para quitar a dívida com o pai por último, já que era de casa. Quando ele conseguiu pagar todo os credores foi, então, pagar o que devia ao meu avô. Mas José Borba não quis receber. Não quis nem conversar sobre o assunto.

No outro dia logo cedo Pompeu foi para Timbaúba, para a feira de gado, como fazia toda semana, para ver alguma coisa para negociar, comprar ou vender uma rês ou outra. Nesse dia, antes de ir para a feira de gado, ele foi primeiro ao banco e depositou o valor da sua dívida diretamente na conta do meu avô, assim que o banco abriu. Quando meu avô chegou ao banco, mais tarde, o gerente disse:

— *Seu Zé, tem um dinheiro aí na sua conta, que Pompeu depositou.*

— *Quanto é?*

— *Cinquenta e cinco mil cruzeiros, Seu Zé.*

(Valor hipotético, que daria para comprar uma pequena boiada. Equivalente a cerca de três mil dólares na época).

— *Pegue esse dinheiro e abra três cadernetas de poupança!*

Foram, então, abertas três cadernetas de poupança em nome dos netos Alfredo, Plácido e Flávio. Quando ele chegou na casa de Timbaúba para almoçar, Pompeu estava lá.

— *Olhe aqui, mestre, o dinheiro que você depositou está em cadernetas de poupança no nome dos seus filhos. Guarde.*

— *Não, o senhor mesmo guarda. Quando eles forem de maior, o senhor entrega.*

Ficaram meio aborrecidos um com o outro novamente, mas assim foi feito.

Cerca de quatorze anos depois, quando completei dezoito, meu pai me chamou, me entregou a caderneta de poupança e me contou a história. A essa altura, o meu avô já havia falecido. Eu era estudante de Engenharia Mecânica em João Pessoa e tinha como fonte de renda, além das mesadas de meu pai, uma bolsa de monitor no Laboratório de Energia Solar da UFPB. Mal era suficiente para comer uma pizza depois de uma sessão de cinema com a namorada – Nadja, hoje minha esposa.

A primeira coisa que fiz foi contar a ela a história e partimos para agência da Caixa Econômica da cidade baixa. No ônibus, a caminho, íamos planejando o que fazer com tanto dinheiro, considerando que o valor depositado há quatorze anos – equivalente a cerca de mil dólares –, tendo sido acrescentado com juros e correção monetária, seria uma pequena fortuna. Chegamos ansiosos na agência da Caixa e fomos direto ao balcão. Apresentei a velha caderneta ao caixa, que olhou e saiu para a sala de arquivos. Foram minutos de ansiedade. O caixa voltou com uma ficha, abriu a gaveta, tirou algumas notas e umas poucas moedas e me entregou, pedindo para assinar o recibo. A nossa reação imediata foi cair na gargalhada ainda dentro do banco. O valor que recebi era irrisório em comparação com as nossas expectativas. Não passava de cinquenta reais em valores de hoje, ou seja, menos de dez dólares! Uma disputa de egos, quatorze anos

antes, causou a desvalorização de cem vezes de um valor que poderia ter sido aplicado em algo mais produtivo.

Pompeu continuou com a sua agricultura na “Bacatela”, plantando cana e os roçados, moendo as canas e fazendo açúcar no engenho. O ano era o de 1959. Aparecida, grávida mais uma vez, esperava o quarto filho. O casal sonhava em ter o seu canto, construir as suas coisas. Viver na casa-grande de Oriente não era o sonho da sonhadora Aparecida, ela sempre desejou muito mais do que isso. A vida deles não tinha sido, até então, um conto de fadas. Dificuldades financeiras, muitas mudanças e instabilidade. Pelo menos em Oriente estavam tendo uma vida mais estável e promissora, mas longe ainda do que Aparecida sonhou para si.

Na noite do dia 22 de novembro, ela sentiu dores prematuras e foi levada às pressas para a maternidade de Timbaúba, onde haviam nascido todos os filhos anteriores.



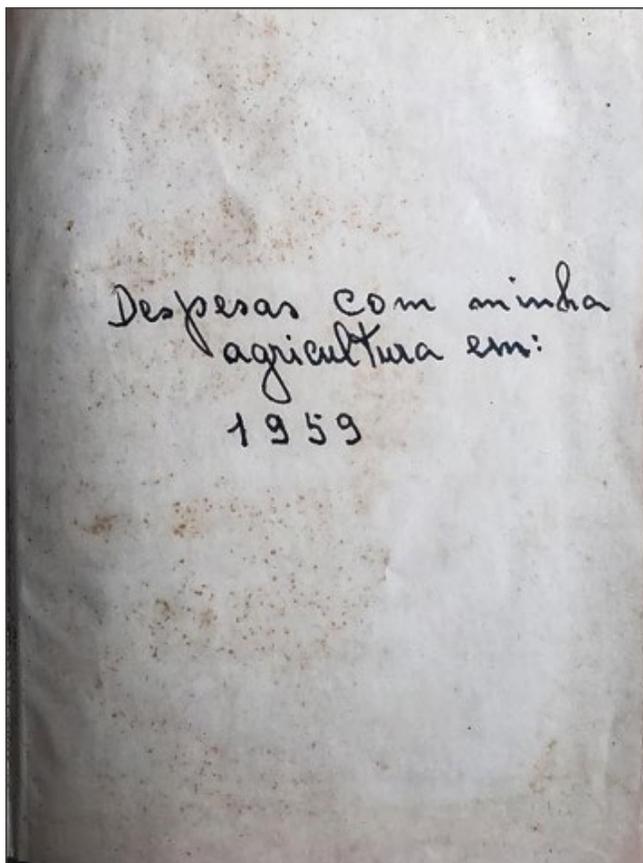
Quadro pintado por Aparecida que ficava na parede da sala de jantar da casa-grande do Engenho Oriente. Atualmente está com o seu filho Alfredo (acervo da família).



*Aparecida e os três filhos,
Alfredo, Plácido e Flávio -
Engenho Oriente (acervo
da família).*



*Vital e os três sobrinhos,
Alfredo, Plácido e Flávio -
Engenho Oriente
(acervo da família).*



Capa da caderneta de anotações de Pompeu, de 1959 - Engenho Oriente (acervo da família).

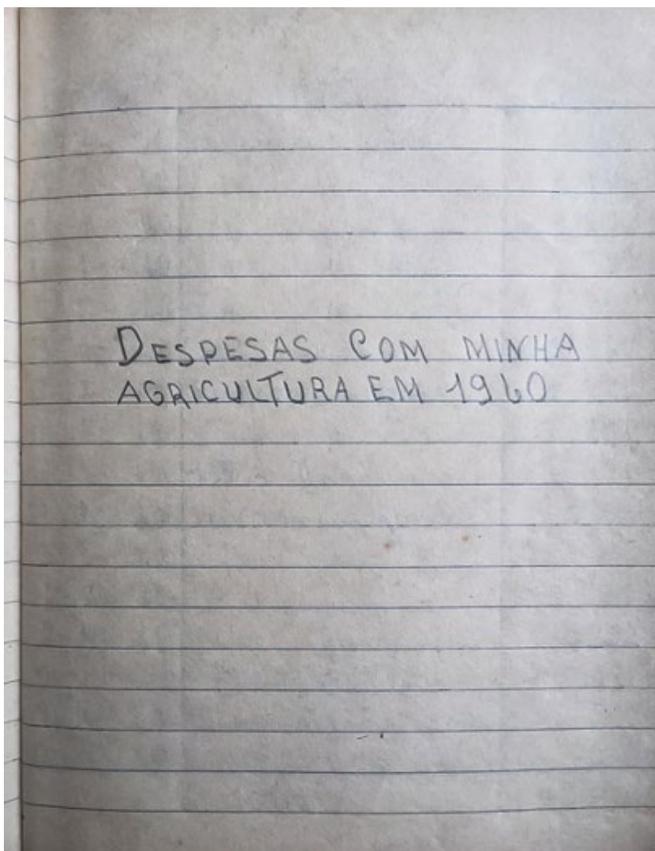
DATA	DIAS	CRs.
15-3-59	28 Quadras de limpa	2.750,00
21-3-59	35 " " "	3.300,00
21-3-59	preparação de terra e batata	440,00
28-3-59	" " " "	475,00
28-3-59	33 quadras de limpa	3.140,00
4-4-59	42 $\frac{1}{2}$ " 28 $\frac{1}{2}$ de soca	3.860,00
4-4-59	Planta de batata	685,00
11-4-59	" " "	1.010,00
11-4-59	18 quadras limpa	1.740,00
17-4-59	Roupa de Titim e Zeimão	500,00
18-4-59	13 quadras de limpa	1.300,00
18-4-59	a. e p. de batata e l. ca	750,00
25-4-59	Arumagem e limpa de batata	1.370,00
25-4-59	Limpa e destocamento	4.500,00
2-5-59	Arumagem planta e limpa de batata	1.160,00
3-5-59	45 $\frac{1}{2}$ q. de limpa	2.905,00
	TOTAL	29.885,00

Caderneta de anotações de Pompeu, de 1959 - Engenho Oriente (acervo da família).

DATA	DIAS	C.Rs.
23-8-59	Planta de batata	570,00
30-8-59	Adubo sp. " "	1.340,00
6-9-59	C. de arbor sp. "	1.008,00
13-9-59	Adubo e " "	2.270,00
20-9-59	Planta de batata	1.430,00
27-9-59	" " "	1.150,00
3-10-59	" " "	1.220,00
9-10-59	7 Quadras de limpa de cama	840,00
16-10-59	Planta de batata	1.155,00
15-10-59	7 Quadras de limpa	840,00
23-10-59	7 " " "	870,00
12-10-59	Planta de batata extraída	1.300,00
24-10-59	Armaçagem e limpa de batata	964,00
31-10-59	1ª limpa na cama	4.500,00
31-10-59	Armaçagem de batata e cama	1.269,00
7-11-59	" " " " "	963,00
	TOTAL	21.489,00

5/6

Caderneta de anotações de Pompeu, de 1959 - Engenho Oriente (acervo da família).



Capa da caderneta de anotações de Pompeu, de 1960 - Engenho Oriente (acervo da família).

DATA	DIAS	CR\$.
9-1-60	Serviços em geral	1.180,00
16-1-60	" " "	1.146,00
23-1-60	" " "	1.872,00
31-1-60	" " "	952,00
6-2-60	" " "	1.345,00
13-2-60	65 Quadras	2.860,00
13-2-60	Serviços em geral	1.200,00
20-2-60	" " "	2.100,00
20-2-60	138 1/4 Quadras	6.127,00
27-2-60	Serviços em geral	1.433,00
5-3-60	" " "	1.318,00
19-3-60	" " "	810,00
9-4-60	" " "	6.680,00
8-4-60	Empreiteiros	10.281,00
9-4-60	Limpa de cama e cara	840,00
16-4-60	" " "	240,00
	TOTAL	40.434,00

Caderneta de anotações de Pompeu, de 1960 - Engenho Oriente (acervo da família).

Desaparecida

*“E agora... tudo é silêncio.
Por entre as flores deitada,
com gesto triste e sentido,
um ar dolente contido,
um triste aceno de adeus...!”
(Cláudio Araújo)*

Tenho o dia 23 de novembro de 1959 como um filme, mudo e muito antigo, na minha mente. É uma sequência de imagens estáticas, pouco claras, mas que falam, para mim, melhor do que qualquer outra coisa sobre esse dia.

A Rural do meu avô está parada no terreiro da casa-grande de Oriente; pela posição, deve ter acabado de chegar. A silhueta dele está emoldurada pela porta larga da sala, entrando na casa. Ele está triste, parece que está chorando. Eu tenho um sentimento estranho, nunca vi o meu avô chorar, nunca vi nenhum homem da minha família chorar.

Estão me arrumando para viajar, todos estão tristes. De repente estou sentado no colo do meu pai em um lugar estranho. Ao lado, em uma cama ou alguma coisa parecida, minha mãe está deitada. Meu pai está chorando. Eu me sinto estranho. Não sei se inibido ou amedrontado, sem saber o que fazer. Nunca vi meu pai chorar. Minha mãe está deitada...

Agora estou na sala da casa do meu outro avô. Tem muita gente e flores e velas e um caixão no centro, muito alto. Não vejo quem está dentro. As pessoas choram, olham para mim. Meu pai está chorando...

Agora estou na varanda da casa, fora da sala, brincando com outro menino. Estou rindo e dizendo alguma coisa engraçada sobre o que está acontecendo na sala. Algo sobre uma festa de aniversário.

Subitamente todos estão no cemitério, muita gente. A imagem é nebulosa, se confunde, talvez, com outras de outras épocas.

A cena muda para a cozinha da minha avó, no Engenho Oriente. Estou em pé em cima da mesa larga, que fica encostada na parede, meus irmãos estão ao meu lado, estamos sendo enxugados com toalhas. É noite e as pessoas estão estranhas, têm pena de mim, de nós. Não gosto desse sentimento de pena...

Não lembro de nada mais desse dia.

VELHO TRIGUEIRO*

*Trigueiro, meu velho Trigueiro,
por que estás tão calado?
Tu pensas no teu futuro,
ou choras o teu passado?*

*Trigueiro amigo responde:
o que é feito do teu povo
que em teu seio habitou?
Onde foi? Aonde foi?
Para que lado este povo
a morte negra mandou?*

*O que é feito dos teus Martins,
teus Bezerras, teus Altinos,
Arquimedes, Agripinos,
teus Biones e teus Lelés?*

*Onde estão o Zé Salvino,
o laranjeira, e o Severino
de muitos bichos nos pés?*

*O que é feito de teu rebanho
tão bonito e tão formoso?
Onde estão os bois corante,
canadá, jasmim, jardim,
onde está o boi mimoso?*

*Onde está o bujarí
tão manso e tão macio
como o canto de um concri?*

*Onde está o boi modelo,
o que é feito do rouxinho,
do coruja, do bagaço,
que além do couro trazia
João Samuel no espinhaço?*

*Onde estão os bois buick,
brasileiro, o condado
que viviam no arado
trabalhando sol a sol?*

*E as vacas muribecas, meia-noite,
lenço branco, patativa,
gasolina e girassol?*

*Onde estão as tuas festas,
aqueles doces folguedos
que os tempos não trazem mais?*

*O que é feito dos teus são João,
tão festivos, tão alegres,
e teus lindos carnavais?*

*Ainda trago à memória
aquela música saudosa
do teu alegre São João.*

*onde as morenas fezeiras
ao passar sobre as fogueiras
soltavam traque-salão.*

*Ainda me lembro chorando
da doce canjicada
que a negra "Sá Quina" fazia.*

*Enquanto lá fora meu pai
com a turma toda jogava,
numa enorme gritaria.*

*E quando por fim a festa
pouco a pouco se acabava,
o povo se retirava
com o nascer do novo dia,
nós víamos também chorosos
entre os adeuses saudosos
a fogueira que morria.*

*Lembro-me às vezes sorrindo
de nossas brincadeiras
às sombras dos quintais.*

*Lembro-me das coisas passadas,
de nossas velhas caçadas
por dentro dos matagais.*

*Lembro-me do Abdon, do Zito,
do Totô, do Bibiu,
Derei, do Clóvis, Teté,
Zé de Freitas, Gabrié
e toda turma que partiu.*

*Lembro-me agora chorando,
da mana querida CICI
que partiu na flor dos anos,
deixando uma saudade contida
em minha alma ferida
pelos cruéis desenganos.*

*Lembro-me dela brincando
de ciranda, cirandinha,
de boneca de comadre
e tão contente a sorrir...
Também a vejo fardada
no velho alpendre emperrada
com saudades de partir.*

*Vejo-a chegando contente,
sempre alegre, sorridente
sobre a ponte do ribeiro.*

*Inda sinto o seu abraço,
inda sinto o seu cansaço
ao chegar ao seu Trigueiro.*

*E agora... tudo é silêncio.
Por entre as flores deitada,
com gesto triste e sentido,
um ar dolente contido,
um triste aceno de adeus...!*

*Trigueiro, meu velho Trigueiro,
por que estás tão calado,
como pensando em alguém?*

*Eu tenho toda certeza...
a causa de tua tristeza...
tu choras por ela também.*

*Homenagem póstuma à mana CICI
e à terra que nos viu nascer.*

Junho/65 (Cláudio Araújo)

** Cici - Aparecida - minha mãe, morreu aos vinte e oito anos devido a uma grave hemorragia durante o parto e por falta de sangue na maternidade de Timbaúba. Apesar de meu pai procurar desesperadamente por doadores, não foi possível salvar a sua vida e nem a da criança.*



A família enlutada com a trágica morte de Aparecida - Engenho Oriente (acervo da família).



Mário e os sobrinhos Alfredo e Plácido, em 1959 - Engenho Oriente (acervo da família).



Pompeu e os filhos Plácido e Flávio - Engenho Oriente (acervo da família).



Alfredo, no cavalo, e Plácido - Engenho Oriente (acervo da família).



Pedro Campos com os filhos Paulinho e Jorge, Vital e os outros sobrinhos: Alfredo, Plácido e Flávio - Engenho Oriente (acervo da família).

Concita

Viúvo aos vinte e seis anos e com três filhos, Pompeu continuou trabalhando em Oriente, na “Bacatela”. Os filhos aos cuidados da avó, D. Luízinha, e das tias, que se desdobraavam para aliviar a falta da mãe. E assim transcorreu o ano de 1960, com meu pai totalmente voltado para o trabalho.

Mas, em algum momento, ele começou a se interessar por sua prima Maria da Conceição Lins Borba - Concita -, pouco menos de seis anos mais nova do que ele. Concita é filha do irmão da mãe de Pompeu, Álvaro Veloso Borba - o padrinho Álvaro - e Antônia Lins Borba - a tia Tonita.

Em janeiro de 1961, durante os preparativos para o casamento de tia Elzinha, irmã do meu pai, surgiu a oportunidade para ele se declarar a Concita. Nos dias anteriores estavam as irmãs e primas no Engenho Oriente ajudando nos preparativos da festa do casamento. Em um desses dias, Concita e outras pessoas estavam na cozinha preparando os doces e outras guloseimas e Pompeu, querendo encontrar oportunidade para falar com ela, se juntou às mulheres na preparação de bolinhos de goma e biscoitos. A certa altura, concentrado na atividade culinária de fazer bolinhas de goma, um dos seus filhos pequenos entrou na cozinha e, vendo aquilo, quis fazer bolinhos também. Pompeu foi logo descartando:

— Não, meu filho. Você é muito pequeno e não sabe fazer bolinhos! Vá brincar!

Uma cena que todos, quando se lembram dela, inclusive Concita, riem muito.

Padrinho Álvaro, o pai de Concita, desde muito moço trabalhava no Engenho Lages, que era do seu pai, padrinho Mário. Quando se casou com tia Tonita, ele construiu uma casa mais moderna do que a antiga casa-grande do engenho. Além de Concita, a filha mais velha, o casal teve mais seis filhos: Maria Clarice, Mário, Marconi, Marlene, Marluce e Eduardo. Com a aposentadoria de padrinho Mário, padrinho Álvaro arrendou Lages, onde trabalhou por toda a vida.

Concita nasceu em Lages, em abril de 1939, e aos oito anos foi estudar em Goiana. Passou dez anos interna no Colégio Sagrada Família, só indo nas férias para o engenho.

Com dezoito anos foi estudar em Recife, na Faculdade de Filosofia, no curso de Pedagogia. Passou quatro anos lá. Quando Pompeu se declarou, ela ainda não havia concluído o curso, ficou indecisa. Não respondeu logo. Segundo ela:

— Seria uma mudança muito grande, eu sairia de uma vida para outra completamente diferente.

Aceitou, finalmente, e pensou em deixar o curso de Pedagogia para preparar-se para o casamento, mas padrinho Álvaro pediu para que ela se formasse antes de se casar.

Já noivo de Concita, Pompeu conversou com o avô, padrinho Mário, provavelmente através da sua mãe, para arrendar a Fazenda Grossos, que ele tinha na caatinga parai-bana, no recém-criado município de Itatuba, antigo distrito de Ingá do Bacamarte. Com tudo acertado, ele tomou posse da fazenda em fevereiro de 1962.

Concita concluiu o curso aos vinte e dois anos e casou-se em 22 de abril de 1962, dia em que completou vinte e três anos. Pompeu estava a menos de dois meses de completar vinte e nove anos. O casamento foi realizado no Engenho Lages e nele estavam presentes os três filhos de Pompeu.

Eu, com quase sete anos na época, ainda tenho uma vaga lembrança do casamento do meu pai.

Depois de uma breve lua de mel em Recife, o casal foi definitivamente para a Fazenda Grossos. Os filhos de Pompeu foram levados para a fazenda apenas três meses depois, pelos avós Luizinha e José Borba. Eu não fiquei na fazenda. Como já estava na idade de começar os estudos, foi combinado que eu ficaria morando com os meus avós maternos em Timbaúba, indo para lá apenas nas férias escolares.

José Borba queria muito que Plácido – Pinto – ficasse morando com ele. Consultado, meu pai respondeu:

– Não, ele vai para onde ele quiser. Eu não vou forçar ele a nada!

Já entendendo o que se passava, Pinto dizia:

– Eu quero ir com papai! Eu quero ir com papai!

O meu avô, que adorava o neto, fez uma última tentativa pedindo à sua irmã Flora para interceder junto ao meu pai. Ela o chamou na sua casa e disse:

– Zé Borba quer que você deixe o seu menino com ele.

Meu pai retrucou definitivamente:

– Tia Flora, eu não vou fazer uma coisa dessa, não. O meu filho vai para onde ele quiser. Vai ficar com quem ele quiser.

Assim foi feito e Pinto foi para os Grossos satisfeito.

Em algum momento que não me recordo precisamente, talvez um pouco antes do casamento, meu pai teve uma conversa com os seus três filhos sobre como deveríamos chamar Concita, que seria a nossa madrasta.

– Olhem, vocês devem chamar Concita de “madrinha”, certo?

E, assim, a jovem Concita passou a ser a madrinha de três meninos, de seis, quatro e três anos.

Perguntada, recentemente, se dávamos muito trabalho, ela respondeu:

– *Eles davam trabalho. Faziam muitas trelas! Mas, numa fazenda, menino não aperreia muito em casa, não. Viviam fazendo trelas fora de casa. Eu só ouvia as notícias.*



Álvaro Veloso Borba - padrinho Álvaro - e Antônia Lins Borba - tia Tonita (acervo da família).



As irmãs Clarice e Concita (acervo da família).



Pompeu e Concita saindo para a lua de mel - Engenho Lages (acervo da família).



Foto de casamento de Concita e Pompeu (acervo da família).

Oriente Ameaçado

No final da década de 1950 e início de 1960 o mundo estava em ebulição. A chamada Guerra Fria, iniciada após a Segunda Guerra Mundial, mantinha uma crescente tensão entre o bloco ocidental, formado pelos Estados Unidos e seus aliados, e o bloco oriental, pela União Soviética e seus aliados. A Revolução Cubana, em janeiro de 1959, aumentou ainda mais o atrito entre os dois blocos, trazendo um dos focos para a América Latina. A crise dos mísseis cubanos, em 1962, elevou o conflito ao ponto máximo.

Em paralelo, o Brasil vivia uma crise alimentada pela geopolítica internacional. Jânio Quadros, presidente eleito em outubro de 1960, renunciou inesperadamente em 1961, ano da sua investidura. A posse do seu vice-presidente, João Goulart, não foi aceita por militares, que o acusavam de ser comunista. A sua posse foi aceita só após alteração da forma de governo para o parlamentarismo, ficando o presidente da República apenas como chefe de estado. Mas, em 1963, através de um plebiscito, o sistema de governo volta a ser presidencialista. João Goulart assume, então, a presidência da República com plenos poderes, o que aumenta a inquietação política no país.

Em Pernambuco, as Ligas Camponesas, desde meados da década de 1950, vinham trazendo inquietações para a região canavieira. Com a eleição de Miguel Arraes para governador do estado, em 1962, apoiado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), a situação no campo ficou insustentável, e ocorreram vários conflitos graves.

Atraídos por essa conjuntura de agitação política que colocava em confronto camponeses e senhores de engenho em um sistema semifeudal ainda em lento processo de mudança, foram para Itambé, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, militantes do *Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT)*, que tinham como objetivos, explicitamente declarados na Convocação do 1º Congresso dos Camponeses do Município de També, em 1963 [sic]:

- a) *Devem-se ocupar as terras.*
- b) *Deve-se preparar o movimento para fazer frente à violência dos latifundiários e derrotá-los.*
- c) *Devem-se constituir milícias camponesas.*
- d) *Devem-se constituir Tribunais Populares para julgar e punir os crimes dos latifundiários.*
- e) *Deve-se fazer a Aliança operário e camponesa. Dirigir um apêlo ao proletariado do Recife, ao Nordeste, ao proletariado de todo o país, para que se unam a nós na luta pela terra.*
- f) *A luta pela terra é a luta pelo socialismo e pelo Governo Operário e Camponês. A luta pela terra está indissoluvelmente unida à luta pela expulsão do imperialismo, pela expulsão do capitalismo e pela construção do socialismo. Dirigir um apelo aos operários e militantes anti-imperialistas a unir estas lutas.*
- g) *Deve-se apelar aos soldados, cabos e sargentos e aos oficiais anti-imperialistas e revolucionários a solidarizar-se com esta luta.*
- h) *Deve-se exigir em toda parte o pagamento íntegro do salário mínimo e do 13o mês, e reivindicar a escala móvel de salários acompanhando o aumento dos preços.*³²

Estes militantes, liderados por um jovem de Minas Gerais chamado Paulo Roberto Pinto, cujo codinome era Jeremias, assumiram a direção do Sindicato de Trabalhadores Rurais, com sede no distrito de Serrinha, em Itambé.

Ironicamente, os objetivos declarados nos discursos do sindicato para os trabalhadores eram apenas os indicados

32 Convocação do 1º Congresso dos Camponeses do Município de També - 1963

no item “h” do manifesto, ou seja, o pagamento do 13º salário, que havia sido garantido aos trabalhadores rurais através do *Estatuto do Trabalhador Rural*, lei federal sancionada em 2 de março de 1963. Grande parte dos proprietários rurais vinham reclamando da nova lei, seja por alterar um sistema secular, seja por dificuldades financeiras para arcar com os novos custos. No entanto, tratando-se de lei, ela seria, cedo ou tarde, obedecida mesmo que em alguns casos o sindicato tivesse que usar processos judiciais para tanto.

Mas, liderados por Jeremias, o sindicato decidiu adotar a tática de reunir trabalhadores de vários engenhos para invadir cortes de cana de outros engenhos, declarando greve e saindo em passeatas claramente de cunho revolucionário. Não raro foram os casos em que estas passeatas se encontravam com proprietários rurais e suas famílias nas estradas esburacadas entre os canaviais, paravam o carro e, num gesto de humilhação, faziam o proprietário gritar palavras de ordem, como, por exemplo, “Viva Cuba!”.

Até meados de 1963, vários engenhos em volta de Oriente tinham tido seus trabalhos de campo paralisados e trabalhadores levados em passeatas de agitação. Mas Oriente até então tinha sido poupado. No entanto, meu avô, José Borba, estava muito preocupado com a situação.

Os trágicos fatos que ocorreriam no Engenho Oriente, frutos dessa conjuntura insustentável na região, foram culpa de um estado omissivo que lavou as mãos e deixou os conflitos chegarem ao ponto que chegaram.

Para descrever os fatos como realmente aconteceram, entrevistei a única pessoa da família, ainda viva, que testemunhou os acontecimentos do dia 8 de agosto de 1963, Elza Maria Borba Correia de Oliveira, tia Elzinha.

Ela morava em Limoeiro nesta época. Cerca de uma semana antes dos acontecidos, o meu avô foi a Limoeiro falar com o genro, Nilton Farias Correia de Oliveira, mas ele estava em Recife. Meu avô, então, deixou um recado. Ao chegarem em casa no dia seguinte, tia Elzinha e Nilton receberam o recado de que Seu Zé Borba tinha passado lá para falar com eles.

O recado deixou Nilton muito preocupado, considerando a situação muito tensa na região. No final de semana seguinte ele foi com a família (tia Elzinha e as duas filhas, uma com um ano e meio e a outra com cinco meses) e levou dois vigias, já desconfiando que estava ocorrendo algum problema mais sério. Chegando lá, meu avô externou a sua preocupação com a situação, pois existiam muitos boatos sobre possíveis ataques e invasões de engenhos, principalmente no dia de pagamento.

Em Oriente, o pagamento semanal era feito aos domingos de manhã. Eles observaram pessoas estranhas nesse dia, mas nada de mais aconteceu. Na segunda-feira, Nilton voltou para Limoeiro, deixando a família em Oriente. Neste mesmo dia, Abel, o tratorista do engenho, foi ao povoado de Ferreiros e na volta foi até a casa-grande, muito agitado:

— D. Luizinha, D. Luizinha! Olhe, o boato na rua é que Jeremias vem invadir Oriente na quarta-feira.

— Valha-me deus, Abel!

Estavam na casa-grande do engenho nesta segunda-feira, além dos meus avós, tia Zuzica, Basília (uma professora antiga do meu avô), Caca, uma moradora antiga do engenho, além de tia Elzinha e as filhas pequenas. Ou seja, Oriente estava completamente desprotegido, à mercê das ameaças que circulavam de boca em boca. Na terça-feira, Nilton voltou para Oriente. Tia Elzinha contou a ele a história da ameaça de invasão do engenho marcada para a

próxima quarta-feira. Tendo que tomar providências para proteger Oriente, Nilton foi, então, falar com alguns parentes para pedir ajuda. Na quarta-feira pela manhã, meu avô foi a Timbaúba conversar com o seu genro Rômulo Borba, o Rominho. Pediu para ele ir para o engenho, mas antes passasse pela Fazenda Camará e levasse dois dos filhos de Seu Inácio, vaqueiros da fazenda. Assim foi feito.

Chegaram para almoçar. Rominho levou a mulher, tia Nitinha, com ele para o engenho. Ela foi com a filha de um ano e grávida da segunda. Tia Elzinha estava na cozinha com a minha avó preparando o almoço. Fizeram almoço adicional para um total de doze homens que fazia a segurança do engenho e da família naquele dia. A minha avó, na cozinha, fazia queijo de coalho, como de costume. Depois do almoço do pessoal de casa, tia Elzinha colocou os pratos na mesa para o almoço dos seguranças, na mesa grande da sala de jantar. Ela lembra que ao lado de cada prato colocou uma laranja. Depois, saiu para a calçada do oitão e foi até a frente da casa. Meu avô estava na janela da sala, que dá vista para a moita do engenho e para o açude, à direita. Nilton estava no pátio do engenho, abaixo, conversando com os homens, visando organizar a proteção da casa-grande no caso de uma tentativa de invasão realmente acontecer. Tia Elzinha gritou para ele mandar o povo subir para almoçar. Nesse exato momento ela olhou para a direita na altura da porteira do pé de mulungu e viu uma multidão caminhando em direção ao balde do açude. Olhando para o seu pai, que ainda estava na janela, perguntou:

— *Papai, o que é aquilo?*

— *São eles que já vêm!*

“*Meu coração caiu até os pés!*”, foi a descrição dela na conversa comigo.

O meu avô, metódico como sempre, foi fechar as portas da casa e o portão do quintal, preocupado com uma tentativa de invasão pelos fundos da casa-grande, que dava para a mata.

Nilton subiu e ficou em pé na calçada, na frente da casa. Na janela da frente ficaram meu avô, Rominho e o motorista de Nilton. As outras janelas da frente estavam todas fechadas, como de costume.

Antes de chegar ao engenho, a multidão tinha passado pela planta de cana e arrebanhando os trabalhadores do engenho — muitos a contragosto, como foi o caso do feitor, Manuel Correia, obrigado a caminhar ao lado do líder.

A porteira do final do balde do açude, ao lado da moita do engenho, estava fechada e tinha um homem armado junto a ela. Outros homens armados foram colocados no prédio do engenho. Quando o líder, Jeremias, chegou à porteira, a multidão de camponeses atrás dele preenchia todo o balde do açude e mais além. Estima-se em torno de 500 a 600 pessoas portando os seus instrumentos de trabalho: foices, cutelos, enxadas, facões, estrovengas e espingardas de caça. “Era uma visão aterradora”, lembra tia Elzinha.

Os homens que protegiam a porteira receberam uma ordem para que fosse permitida a entrada do líder sozinho, se quisesse falar com o meu avô. Mas não poderia ser permitido à multidão ultrapassar a porteira e invadir a casa-grande.

Comunicado sobre a condição para entrar sozinho, Jeremias não aceitou e incitou a multidão em um claro movimento de avanço em massa para a porteira, com a evidente intenção de ultrapassá-la e subirem na direção da casa-grande. Nesse instante, o vigia que estava na porteira atirou no líder da multidão em avanço. O tiro o atingiu no peito.

Ocorreram então muitos tiros e a multidão foi tomada pelo pânico, alguns recuando em debandada, outros se jogando no açude ou para o outro lado do balde. Tudo isso aconteceu em não mais do que cinco minutos. Quando a multidão se dispersou, Jeremias permaneceu caído. Estava morto.

O feitor, Manuel Correia, nos primeiros tiros, se desven-
cilhou de quem o estava segurando e pulou na ribanceira
do balde do açude, escapando pela bagaceira, por trás do
prédio do engenho, apavorado.

Grande parte das ferramentas de trabalho foram aban-
donadas em cima do balde do açude.

Durante todo o tempo, as mulheres na casa-grande,
com as crianças, ficaram trancadas na sala de jantar rezando.
Quando o tiroteio acabou, tia Elzinha perguntou ao meu avô:

– *Papai, e agora?*

– *Furar mundo sem destino!*

Fecharam a casa e partiram em três carros, suficientes para
levar todos da família e mais os homens envolvidos no tiroteio.

Começou, então, a jornada itinerante do meu avô pe-
las casas de familiares e amigos pelos próximos nove me-
ses, quando pode, então, voltar ao engenho sem risco de
ser preso. A família tem a convicção de que, caso ele ti-
vesse sido preso, muito provavelmente morreria na cadeia.
O Estado não lhe daria a mínima segurança, além disso ele
tinha diabetes avançada.

Quando ocorreu o evento de Oriente, Mário Gouveia
Borba – tio Mário – estava no último ano da faculdade de
Arquitetura em Recife.

Ele me contou:

— Eu soube da notícia pelos jornais. A manchete do jornal era “Chacina no Engenho Oriente”. Fiquei muito aperreado, não sabia se o pessoal estava vivo, não sabia de nada. Ninguém me avisou nada, eu soube da notícia no outro dia pelos jornais! Então fui de ônibus para Timbaúba e de lá arrumei um transporte e fui para Oriente.

Ao chegar, lá ele encontrou apenas um vigia, a casa-grande aberta e uma empregada antiga. A mesa da sala de jantar ainda estava posta, com uma laranja ao lado de cada prato.

A manchete “Chacina no Engenho Oriente” saiu na primeira página do jornal Última Hora, do Recife. Esse jornal, que dava suporte ao governo do estado e às Ligas Camponesas, deu a notícia com essa manchete sensacionalista na manhã do dia seguinte sem a menor preocupação com a verdade. Em várias edições posteriores do jornal as versões inverídicas, intencionalmente distorcidas, se acumulavam. De todas as mentiras publicadas, a que mais feriu a nossa família foi a versão de que meu avô armou uma “emboscada” para “assassinar” o líder trotskista do Sindicato de Trabalhadores Rurais. Essa versão foi criada pelo jornal Última Hora e é, até hoje, repetida em livros e em dezenas de trabalhos acadêmicos, sem o menor compromisso com os fatos. Foi criada uma narrativa historicamente desonesta.

Tenho dois motivos para rechaçar essa versão mentirosa: em primeiro lugar, e suficiente para a família, é a honra do meu avô, José Borba. Ele foi durante toda a sua vida um homem honrado. Seria incapaz de praticar um ato de covardia. Em segundo lugar, não existe a menor lógica em atrair mais de quinhentas pessoas para uma emboscada em sua própria casa, onde estavam sua mulher, suas filhas – uma delas, grávida – e suas netas.

Eu refleti muito se deveria incluir esse assunto nas memórias do meu pai, que não estava presente no dia fatídico. Mas cheguei à conclusão que seria minha obrigação contar a versão real em tributo ao meu avô.

Com a ausência do meu avô do engenho, meu pai, que a essa altura já estava na Fazenda Grossos, na Paraíba, e o seu irmão Cláudio Gouveia Borba, na época arrendatário do Engenho Areia Branca, no distrito de Buenos Aires, em Nazaré da Mata, revezaram-se na administração do Engenho Oriente até tirar toda a safra de 63/64.

Tio Cláudio ficava no engenho de segunda à quarta-feira e meu pai, de quinta-feira a domingo. Lembro de ter ficado algumas vezes na casa-grande nesse tempo. Lembro, também, de uma guarnição de seis soldados da polícia que ficou em Oriente para desestimular uma nova invasão, fruto de frequentes ameaças. Passavam os dias deitados em redes em uma das garagens ao lado da casa-grande.

Felizmente nada aconteceu, além de ameaças. A safra foi colhida e fornecida para a usina e o meu avô voltou ao engenho em 1964, inocentado do processo aberto contra ele. No entanto, ele perdeu o gosto pelo trabalho no engenho e arrendou Oriente ao filho Cláudio.

Aposentadoria de José Borba

O trágico evento ocorrido em Oriente, em 1963, levou o meu avô a passar a administração do engenho para tio Cláudio, através de um contrato de arrendamento, e se aposentar prematuramente, com apenas cinquenta e sete anos.

Faço um parêntese aqui para contar um pouco da história do meu tio Cláudio, um dos homens mais íntegros e justos que conheci.

Claudio Gouveia Borba (1939-2016), tio Cláudio, nasceu em abril de 1939. Depois do período inicial de estudos em Timbaúba, ele foi para o Colégio São José de Nazaré da Mata concluir o ginásio. Para cursar o científico, foi para o Carneiro Leão, em Recife, onde estudou apenas um ano antes de desistir.

Em Nazaré ele conheceu a moça que seria a sua primeira esposa, Rosaly Farias Correia de Oliveira, em 1958. Começaram a namorar antes dele ir para o Recife. Depois de apenas um ano, desistiu de estudar e voltou para Nazaré da Mata, em 1960, já noivo, para assumir o arrendamento do Engenho Areia Branca, do seu sogro, José Higino Correia de Oliveira, mais conhecido como Seu Zeca.

Tio Cláudio e Rosaly casaram-se em janeiro de 1961 e foram morar no Engenho Areia Branca por um curto período, pois ela não gostava de lá. Mudaram-se, então, para uma casa alugada em Nazaré da Mata.

Com a aposentadoria do meu avô, tio Cláudio saiu de Areia Branca e arrendou o Engenho Oriente do pai. No início, morou com a família na casa do pai em Timbaúba, indo para o engenho todo dia, nas estradas esburacadas da época, em um carro bem velho. Era um começo difícil, de muito trabalho. Mas o esforço rendeu frutos e ele comprou uma casa em Timbaúba e uma propriedade em Alagoa Nova, no brejo paraibano.

Nessa propriedade, montou o Engenho Santa Rita, de produção de cachaça, com máquina a vapor recondicionada e montada por ele, além de vários equipamentos que também adaptou – tio Cláudio adorava inventar novos usos para equipamentos usados.

Ficou trabalhando nos dois engenhos e numa terceira propriedade que comprou no Rio Grande do Norte, onde plantava cana e fornecia para usinas da região. Seu casamento não ia bem, a mulher a essa altura morava em Recife e ele, nos engenhos. Até que, com vinte e dois anos de casados, ocorreu o divórcio. Eles tiveram duas filhas e três filhos, já crescidos à época.

Tio Cláudio conheceu, então, em Campina Grande, a sua segunda esposa, com quem teve uma filha e um filho. Mas também não foi feliz nesse casamento, separando-se pela segunda vez.

Ele ficou como rendeiro do Engenho Oriente até o falecimento de minha avó, em 1991, quando houve a partilha da propriedade entre os herdeiros. Nessa partilha, ele ficou com a “Bacatela”.

Já no final da vida encontrou, em Alagoa Nova, a mulher que foi a sua verdadeira companheira até o fim, Ana Glória Marques – Cida. Não tiveram filhos.

Tio Cláudio foi um grande homem, um exemplo de perseverança e trabalho. Um coração enorme. A vida, no entanto, foi muito dura com ele. Mas não dobrou o seu espírito bem humorado e otimista. Ele tinha um ditado mais ou menos assim: “Quando as coisas estão muito ruins é porque já estão perto de melhorar”.

A mãe dele, minha avó, vendo as atitudes do filho frente às desventuras dos casamentos, confidenciou certa vez a uma parente próxima:

— Tenho quatro filhos homens, mas nenhum deles é como Cláudio. Ele tem um coração de mãe...

Um fato que ocorreu comigo mostra bem a dimensão do caráter de tio Cláudio: quando eu e meus irmãos éramos crianças, com idades entre oito e onze anos, e ele rendeiro do Oriente, fazíamos todos os tipos de travessuras possíveis e imagináveis quando estávamos no engenho, com a cobertura do nosso avô. Mas esses malfeitos, via de regra, bagunçavam as coisas de tio Cláudio.

Certa vez fizemos alguma coisa mais grave, não me lembro bem o quê, e ele conseguiu me pegar no momento da travessura, me deu um muito merecido tapa. Nunca lembrei disso com o menor sinal de mágoa, pois acho que estávamos sempre errados nas nossas molecagens de criança no engenho.

Sempre tive o maior respeito e carinho por tio Cláudio, e ele por mim, durante toda a nossa convivência, que infelizmente não foi tão frequente quanto eu gostaria. Mais de quarenta anos depois do educativo tapa, em um dia muito triste para todos, especialmente para ele, durante o sepultamento do seu filho Carlos, nos encontramos e, dando-lhe um abraço de solidariedade, ele me falou daquele tapa, como que se desculpendo. Aquilo me comoveu muito e fiz o

possível para assegurá-lo de que ele fez o que era certo e que eu não tinha guardado qualquer mágoa, muito pelo contrário. Foi uma das últimas vezes que estive com ele.

Voltando a 1964, o ano em que meu avô arrendou o engenho e dedicou mais tempo aos seus trabalhos com madeira, às suas passas de banana e aos netos. Todos os sábados ele ia, na sua Rural vermelha e branca, à Timbaúba fazer a feira da semana. Depois da feira, ia pegar os netos – eu e meus dois irmãos, Plácido e Flávio – para levar para o engenho. Para me apanhar, ele ia à casa dos meus avós maternos. Os meus dois avós davam-se muito bem. Sempre tinha um cacho de uva para José Borba, especialmente guardado no pé do quintal de Seu Alfredo Araújo. Enquanto comiam uva conversavam animadamente, e eu esperava, ansioso para ir logo para o engenho.

Passávamos, invariavelmente, os finais de semana em Oriente, exceto nas férias escolares, quando íamos para a Fazenda Grossos, onde meu pai morava. Eu vivia em três mundos diferentes: durante as aulas em Timbaúba, cidade do interior, onde eu tinha muitas colegas, me deslocava de bicicleta, assistia a filmes, jogava peladas, ouvia músicas da Jovem Guarda e algumas dos Beatles; nos finais de semana, virava menino de engenho, pés descalços, banhos de açude, mil possibilidades de aventuras – que via de regra terminavam em castigos da minha avó, sempre perdoados pelo meu avô; na fazenda, nas férias, campos cobertos de marmeleiro, pés de juá, cardeiros, xique-xique, mandacaru, facheiro e umbuzeiros, na Caatinga da Paraíba. No inverno, tudo verde; no verão, tudo cinza, menos os juazeiros e os cactos. Tomar leite cru no curral, andar a cavalo o dia todo, tomar banho de açude, pescar piaba e traíra, caçar lagartixa com baleadeira para alimentar a seriema criada em casa, caçar rolinha com

a espingarda 40 que meu pai me deu quando eu tinha doze anos e mil outras aventuras naquele mundo tão diferente do brejo da Zona da Mata.

Nos finais de semana em Oriente sempre fazíamos alguma coisa com a qual os adultos não estavam de acordo. Quando sentíamos que o castigo seria mais pesado nos escondíamos no prédio do engenho, que tinha mil lugares próprios para isso. O que usávamos com mais frequência era o tanque de mel de furo da casa de purgar, desativada há anos. Sumir o dia todo, às vezes até à noite, só deixava minha avó muito mais preocupada e aborrecida. Lembro quando fugimos pela primeira vez para o Engenho Boa Vista, para a casa de tia Detinha, depois de alguma traquinagem. Saímos ainda de manhã, antes do almoço. Flávio, meu irmão mais novo na época, tinha no máximo oito anos. O nosso maior medo era atravessar o trecho de mata ainda em terras de Oriente. Ouvíamos histórias sobre cachorros doentes, com hidrofobia, que atacavam crianças, contadas e recontadas exatamente para amedrontar meninos levados. Enfim chegamos a Boa Vista, para surpresa e alegria de tia Detinha, que era como uma mãe para nós. Contamos, encabulados, o que tinha acontecido (na nossa versão, é claro). Ela prontamente fez um bilhete para minha avó dizendo que passaríamos o dia com ela e que nos levaria de volta à noite. Mandou o bilhete por um portador e ficamos em Boa Vista com nossos primos Jorge, Paulinho e Fátima. À noite, ela nos levou para Oriente e falou com a nossa avó, que a essa altura já havia nos perdoado, como sempre fazia. Fugimos mais algumas vezes para Boa Vista, sempre com o mesmo acolhimento de tia Detinha e de tio Pedrinho, bem como com o perdão da minha avó.

Isso tudo aconteceu na década de 1960, os anos de aposentadoria do meu avô. Raramente recebíamos alguma bronca dele. Lembro apenas de duas ocasiões em que ele

ficou muito aborrecido conosco. Certo dia, em um dos nossos finais de semana, meu pai apareceu lá para nos ver. Ele estava de carro novo, o mais bonito que já tínhamos visto: uma camionete *Ford F-100* com motor V8 a gasolina, ano 68, modelo 69, amarela com faixas laterais pretas. Ficamos vidrados no carro do nosso pai, especialmente Pinto. No final de semana seguinte estávamos novamente no engenho. Pinto, ainda entusiasmado com o carro, pegou uma lata vazia, encheu com óleo usado que meu avô guardava na garagem, adaptou um pincel com um pedaço de madeira e um molambo e saiu na nobre missão de escrever em quase todas as paredes do prédio do engenho, recém-caiadas, a frase: “CARRO É FORD”. Meu avô viu a frase escrita em óleo preto sobre a cal branca de uma das paredes do engenho e ficou furioso. Quando soube que foi Pinto, o seu neto favorito, aliviou na bronca e disse para ele nunca mais fazer aquilo de novo. No dia seguinte ele viu a mesma frase escrita em outra parede e pensou que Pinto tinha pintado a parede após a bronca anterior, o que seria uma falta de respeito inadmissível. Pela primeira vez vimos nosso avô realmente aborrecido.

De outra feita, estavam no engenho os cinco primos – Jorge e Paulinho, filhos de tia Detinha; Pinto, Flávio e eu –, como sempre procurando alguma coisa para fazer. Jorge e Paulinho tinham levado com eles as suas espingardas. Meu avô teve, então, uma ideia: nos deu a tarefa de matar os saguis que chupavam os cajus plantados por ele ao longo das cercas nas estradas do engenho. Para aumentar o “poder de fogo”, ele nos cedeu duas espingardas dele. Pronto, já tínhamos o que fazer! Caçar saguis! Não é uma coisa da qual me orgulho hoje, mas crianças não têm esse tipo de peso de consciência. Não demoramos a descobrir, entretanto, que acertar saguis nos topos das árvores, com uma espingarda de cartucho 40, não era tarefa fácil. Em pouco tempo desistimos da missão e fomos chupar laranja no “sítio”, uma área

cercada com muitos pés de laranja de várias espécies próprias para chupar. Depois da segunda laranja, bolamos uma atividade interessante: gastar os cartuchos não usados praticando tiro ao alvo no tronco de um velho pé de laranjas-bahia. Melhor ainda, por que não atirarmos todos ao mesmo tempo para ver o estrago no tronco? Meu avô, ouvindo da casa-grande aquele tiroteio, estranhou. Procurando, descobriu que os tiros vinham do sítio de laranjas. Chegou sem avisar e nos flagrou na atividade de fuzilamento do velho pé de laranja. Foi a segunda vez que vimos ele muito aborrecido, para dizer o mínimo. Convenhamos, todos os adultos estavam certos em nos castigar.

Vasculhando a memória sobre a minha infância, elaborei uma lista enorme de travessuras e aventuras perigosas que vivemos entre os dez e os quinze anos que daria um livro a parte. Ainda tenho algumas cicatrizes que me remetem àqueles tempos excepcionais, quando tínhamos toda a liberdade do mundo. É inacreditável como nunca quebramos um único osso, eu e meus irmãos, apesar de incontáveis quedas de cavalo. Realmente os nossos anjos da guarda eram muito bons!

Não posso falar em Oriente na década de 1960 sem falar em tio Vital – Vital Maria Gouveia Borba –, o mais novo entre os irmãos do meu pai. Nasceu em janeiro de 1946, em Oriente, como todos os filhos dos meus avós. Começou os estudos ainda no engenho, com professora particular, depois foi estudar em Timbaúba, seguindo os passos dos irmãos, com cerca de sete para oito anos, morando na casa de uma parente, Dona Nenê Veloso. Segundo ele:

– *Uma velha braba da bexiga! Solteirona!*

Morava com Dona Nenê mas estudava em outra casa, primeiro com Dona Rosemira e depois com Dona Cristina, perto do Cine Alvorada.

– Era uma ordem danada! Não podia sair, não. Era de casa pra escola e da escola pra casa. Era ordem do meu pai!

Com cerca de doze anos, foi para o Colégio São José, interno em Nazaré da Mata, que tinha sido do famoso Padre Mota, que nessa época já era bispo e tinha deixado a direção do colégio. Ocorria muita falta de água na cidade e os alunos iam tomar banho no Engenho Bomba, na periferia da cidade, onde havia alguns cacimbões. Os meninos tinham que puxar latas de água para tomar banho. Certa vez o padre deu férias antecipadas para reduzir o consumo de água. Para ir para casa, tio Vital pegou um ônibus para Timbaúba e, de lá, foi a pé para Oriente. Chegando ao engenho, meu avô espantou-se:

– Oxente, o que foi que houve, mestre?!

Tio Vital contou o motivo das férias antecipadas.

– Isso é um miserável pirangueiro!

No ano seguinte, ele tirou tio Vital do colégio de Nazaré e o colocou no colégio Nóbrega, de Recife, onde passou dois anos. Até que ocorreu o evento de 1963 em Oriente, o que fez com que ele mudasse para o Colégio Marista de João Pessoa, onde era mais fácil para a família visitá-lo.

Tio Vital já havia repetido a segunda série ginásial dois anos em Recife, escutando os desaforos do pai no final de cada um desses anos perdidos, sempre de cabeça baixa. No final de 1965, ele já tinha repetido mais dois anos em João Pessoa, completando quatro anos na segunda série ginásial. No final do ano, meu avô foi no colégio para saber dos resultados do filho. A essa altura, Nilton Correia, casado com tia Elzinha, já tinha tido uma conversa com ele:

— *Seu Zé, o senhor está perdendo o seu dinheiro. Vital não está fazendo coisa errada, só não quer estudar. Traga ele pra cá, para dirigir para o senhor! O senhor vai gastar tudo que tem e ele não sai do segundo ano.*

Chegando no colégio, José Borba soube que tio Vital tinha sido reprovado mais uma vez. Ouviu a argumentação do padre:

— *Não se preocupe, Seu José Borba, para o ano ele passa.*

Respondendo na bucha:

— *Não! Para o ano ele não vem mais, não. Pra ser burro, o que eu gastei já dá!*

Tio Vital, que não queria estudar mesmo, vibrou com a decisão. Foi para Oriente e ficou trabalhando para o pai, dirigindo o carro dele, fazendo as viagens do engenho para a Fazenda Camará a cavalo, quando era só, ou de carro quando era com o pai, levando gado do engenho para a fazenda e vice-versa.

Ficou algum tempo dessa forma, ajudando o pai e o irmão, tio Cláudio, nas tarefas do engenho e da fazenda. Depois passou a vender água no povoado de Ferreiros, com um tanque adaptado em uma carroça puxada por um boi, e plantava pequenos roçados. Já perto de falecer, meu avô confidenciou a um parente que iria separar uma área do engenho para ele quando fosse renovar o arrendamento de tio Cláudio. Mas, infelizmente, meu avô morreu antes disso. Sabendo do desejo dele, a minha avó prontamente providenciou a área que ele havia pensado, a “Bacatela”. Mas tio Vital, ainda solteiro e vivendo na casa-grande do engenho, com pouca despesa, cedeu essa área para tio Cláudio trabalhar e ficou com uma menor. Depois tio Cláudio cedeu uma área, usada originalmente como pasto, para tio Vital plantar cana.

Em 1972 tio Vital se casou com Luci – Maria Luci Barbosa de Moura Borba. Tiveram duas filhas e um filho, cujo nome é uma homenagem ao meu avô, José Gouveia Pereira Borba. Com a partilha do engenho, ele ficou com a casa-grande, onde nasceu, sempre morou e mora até hoje. Devo à excelente memória e ao dom de contador de histórias de tio Vital muitos acontecimentos sobre o Engenho Oriente e sobre o meu avô transcritos neste livro.

Além de tia Detinha, a irmã mais velha do meu pai, de quem já falei na Parte 2 deste livro, meus avós tiveram mais três filhas: Ana Emília Gouveia Borba (1937-2017), a tia Nitinha; Elza Maria Borba Correia de Oliveira (1941), a tia Elzinha; e Inêz Maria Gouveia Borba (1950-), que tem apenas cinco anos a mais do que eu e a quem tenho como irmã mais velha. Não a chamo, portanto, de tia.

Tia Nitinha nasceu em Oriente, no dia 19 de fevereiro de 1937. Estudou no internato em Goiana até concluir o ginásio. Terminando, não quis fazer o Pedagógico, pois não queria ensinar. Foi, então, para o Colégio das Neves, em João Pessoa, e concluiu o curso Comercial.

Ao final do curso, ela pensou em ser freira. Escreveu para a minha avó pedindo permissão. Minha avó disse que não discordava, mas que ela viesse passar um tempo em casa, no engenho, para avaliar se era mesmo essa a sua vocação. Ela ficou em Oriente por um período, chegando a ensinar os primeiros fundamentos a Inêz, sua irmã mais nova. Era uma prática, na época, ser alfabetizado em casa antes de ir para uma escola na cidade. Em 1959, meus avós instalaram tia Nitinha na casa de Timbaúba, com os irmãos mais novos, tio Vital e Inêz, que estudariam lá.

Para tomar conta de tia Nitinha foi designada uma parente mais velha, que passou a morar com eles. Ficaram nesse esquema os anos de 1959 e 1960. Nesse meio tempo, tia Nitinha começou a namorar com o primo Rômulo Veloso Borba (1932-2012) - Rominho. Por conta do namoro, ela não poderia mais ficar morando fora de casa, na cidade. Voltou, então, para Oriente e Inêz e tio Vital foram para internatos em Nazaré e em Goiana, respectivamente.

Em janeiro de 1962, ela casou-se com Rominho, indo morar na Fazenda Espinho Preto, do pai dele, tio Domingos. Teve duas filhas e dois filhos. Em 1974, foi morar em Timbaúba, na casa do meu avô. Nesse período, fez curso de pintura com o professor Amaro, de Timbaúba, onde também começou a dar aula de pintura. Alguns anos depois mudaram-se para João Pessoa, onde ela continuou dando aulas de pintura. Quando Rominho adoeceu, ela se mudou para a Fazenda Santa Rosa, no Ingá, para cuidar dele. Com a sua morte, ela voltou para a casa de João Pessoa, onde viveu até falecer.

Era uma pessoa muito dedicada, talentosa e caprichosa. Muito simples também. Foi muito presente na vida de todos os irmãos e muito companheira em todos os momentos.

Tia Elzinha nasceu também em Oriente, em 13 de outubro de 1941. Com sete anos, foi interna no Colégio Sagrada Família, em Goiana, e vinha nas férias para o engenho. Ficou no internato de freiras até os dezoito anos, quando saiu para se casar com Nilton Farias Correia de Oliveira, tio Nilton, irmão da futura esposa de tio Cláudio.

Tio Cláudio era noivo de Rosaly quando tia Elzinha foi para a posse de um bispo em Nazaré da Mata, representando o colégio, com sua prima Clarisse. Foram jantar na casa de Seu Zeca, pai de Rosaly, a convite do seu irmão Cláudio, que queria apresentar a irmã à família da noiva.

A partir desse dia, Nilton ficou tentando namorar com ela, mandando recado por tio Cláudio, mas ela não queria. Dizia que não queria se casar, que iria estudar em Recife e se formar. Mas acabaram se casando, em 14 de janeiro de 1961, e tiveram cinco filhas.

Inêz Maria Gouveia Borba nasceu em Oriente, no dia 18 de julho de 1950. O seu nome foi uma homenagem à tia Idalina, cujo nome religioso era irmã Inêz Maria, religiosa do Sagrada Família. Ela era irmã de minha avó Luizinha e faleceu no mês que Inêz nasceu. Minha avó não pôde participar do sepultamento da irmã pois estava de resguardo.

Em 1959 e 1960, fez o primeiro e segundo anos do primário em Timbaúba, no Colégio Santa Maria. Em 1961 foi para o internato do Sagrada Família, em Goiana, ficando lá até 1965, quando as freiras aumentaram muito a anuidade do colégio. Meu avô pediu um desconto, sem sucesso, então tirou Inêz do colégio e a levou para o colégio de Nazaré da Mata. Segundo ela:

– Para a minha felicidade, pois eu não gostava do colégio de Goiana.

Certa vez, Inêz foi a uma feira de livros do colégio e comprou O Diário de Ana Maria, o relato de uma judia que escapou do holocausto. Leu em uma de suas idas ao engenho, deixando-o lá. Tempos depois procurou o livro e não o encontrou, vindo a saber que tia Zuzica – Maria José da Cruz Gouveia, irmã de madrinha Candinha, minha trisavó – havia convencido a minha avó de que o livro era “imoral”, que não era apropriado para uma jovem. A “imoralidade” do livro era: Ana Maria relatava os seus períodos menstruais! Inêz só foi encontrar O Diário de Ana Maria décadas depois, na casa da irmã mais velha, tia Detinha, no Engenho Boa Vista.

— Eu fui da geração ‘sanduíche’, saindo daquele rigor da criação de papai e o mundo desabrochando, o movimento hippie, os Beatles influenciando a juventude do mundo inteiro; eu querendo entrar naquela onda e a criação puxando para o lado oposto. Era um drama.

Em Nazaré, ela ficou no internato ainda por dois anos (1966/67). No final de 1967, tia Elzinha foi morar em Nazaré e Nilton Correia falou com o meu avô para Inêz morar na casa deles, fora do internato. Morou lá por três anos, durante o Pedagógico, terminando o curso em dezembro de 1970, seis meses depois da morte do meu avô.

Depois do curso, Inêz voltou para Oriente. Os irmãos não queriam que ela continuasse os estudos, preferiam que ela ficasse no engenho fazendo companhia a minha avó. Mas tio Mário intercedeu, afirmando que ela não poderia parar os estudos assim. Então levou-a para Recife, para fazer cursinho pré-vestibular.

O choque cultural ao chegar em Recife foi grande. Mas, depois de seis meses, ela começou a se adaptar. Tentou Arquitetura, fazendo por três vezes o vestibular. A falta de amadurecimento preponderou, ela não conseguiu realizar o sonho de ser arquiteta. Resolveu, então, numa última tentativa, fazer licenciatura em Desenho e Artes Plásticas, conseguindo passar no vestibular em quinto lugar – mesmo assim, não entraria em Arquitetura com a nota obtida. Ela não se arrepende de ter feito o curso, mas sente o drama de ser professora no nosso país.

Em 1978, começou a namorar com o pai do seu filho. Casou-se grávida e separou-se quando o filho estava com cinco anos.

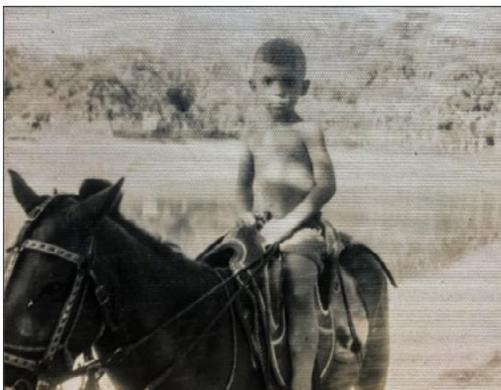
— Foi a melhor coisa que eu fiz.

Criou Henrique sozinha. Enfrentou muita dureza, mas venceu! Se orgulha muito do filho e se considera muito feliz. Tornou-se um ponto de aglutinação da família, que considera muito importante.

José Gouveia Pereira Borba, Seu Zé Borba, o meu avô, faleceu em Recife, no dia 22 de junho de 1970, aos sessenta e dois anos. A minha avó, Luizinha, continuou no Engenho Oriente, como o ponto central da família, até a sua morte, em 14 de fevereiro de 1991, aos oitenta e três anos. Está sepultada junto ao marido no cemitério de Timbaúba.



Inêz Maria e tio Vital, com o sobrinho Jorge Luiz de Borba Campos ao centro – Timbaúba (acervo da família).



Alfredo, filho mais velho de Pompeu - Engenho Oriente, década de 1960 (acervo da família).

Os primos Paulinho, Alfredo, Plácido, Flávio e Fátima - Engenho Oriente, década de 1960 (acervo da família).



Pintura de Ana Emília Gouveia Borba (Nitinha). Esse quadro ficava na sala principal da casa-grande do Engenho Oriente. Hoje está na casa do Engenho Boa Vista, sob os cuidados dos primos Jorge, Paulinho e Fátima de Borba Campos (acervo da família).

Os Grossos

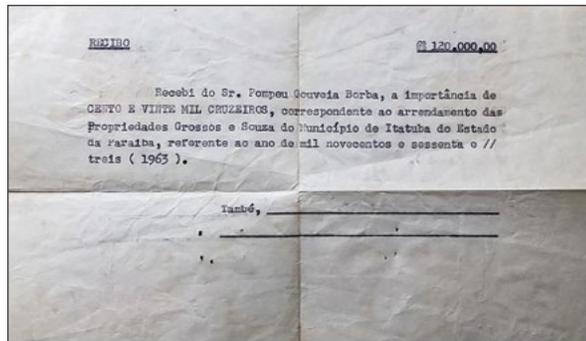
• O Início

Meu pai assumiu a Fazenda Grossos em fevereiro de 1962, com um contrato de arrendamento com o seu avô, Mário Veloso Borba, padrinho Mário. O contrato foi redigido pelo Dr. Simplício Tavares de Melo, do Engenho Perori, e incluía a Fazenda Souza, de menor tamanho, também no município de Itatuba - Paraíba.

Para meu pai começar a sua criação, padrinho Mário deu cem vacas de “meia” - de sociedade - a ele, ou seja, a produção das vacas era dividida entre os dois.

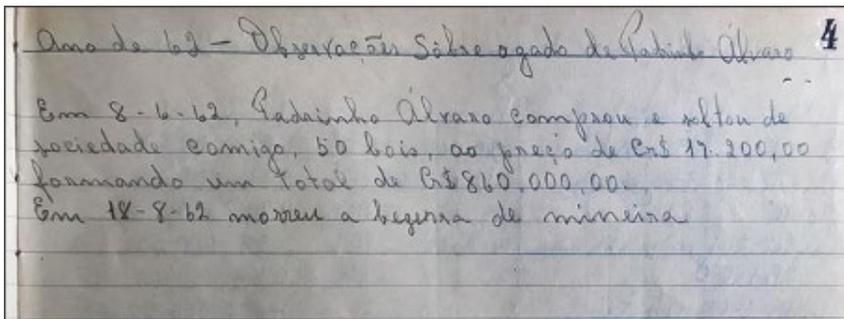
O valor da parcela anual do arrendamento, em 1963, foi de Cr\$ 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros). Esse era o valor aproximado de três novilhas, realmente baixo. Foi uma grande ajuda e demonstração de confiança do avô para o neto. Era a chance que o meu pai esperava e ele correspondeu mostrando toda a sua capacidade de trabalho, organização e um talento inato para a pecuária.

No balanço de 1965, meu pai lançou o valor de Cr\$ 300.000,00 para o arrendamento.



Recibo de arrendamento, de 1963, das fazendas Grossos e Souza (acervo da família).

Em junho de 1962, padrinho Álvaro, seu tio e sogro, comprou 50 bois, no valor total de Cr\$ 860.000,00, e soltou nos Grossos de sociedade com o meu pai.



Anotações sobre o negócio com padrinho Álvaro, em 1962 (acervo da família).

Meu pai mantinha um controle detalhado de todos os seus negócios, custos, receitas, bens e lucros.

Como evidência do seu dinamismo e capacidade empreendedora, além das cem vacas que pegou de sociedade com o avô para produzir leite e repartir as crias, ele pegou gado para engorda com outros parceiros. Costumava contar que, com dois anos de trabalho nos Grossos, já possuía cerca de 600 reses suas.

Nos primeiros anos nos Grossos o leite era vendido para a queijeira de Félix Piancó, localizada perto da sede da fazenda, onde se fazia queijos de manteiga, tendo José Germano como mestre queijeiro. Anos depois, Félix Piancó fechou a queijeira e meu pai construiu a sua própria, mas de queijos de coalho, mantendo José Germano. Antes de iniciar a fabricação, ele e madrinha Concita fizeram várias experiências em casa, usando uma pequena prensa. Uma vez acertado o ponto do queijo, ele passou a receita para Seu Zé Germano e iniciaram a fabricação em maior escala, usando todo o leite da fazenda.

A fabricação de queijo era a melhor alternativa que ele tinha, pois Itatuba fica na confluência do rio Surrão com o riacho Quaty, que na época das chuvas enchiam e não davam passagem durante dias, inviabilizando o transporte diário de leite.

Antes da construção da ponte sobre o rio Surrão era comum, no inverno, ter que deixar o carro em Itatuba e seguir a cavalo os seis quilômetros que separam a cidade da fazenda. Para diminuir a dificuldade da população durante as cheias do rio, meu pai ajudou a prefeitura a construir uma ponte pênsil, com cabos de aço, para a passagem de pedestres. A ponte da rodovia PB-90, sobre o rio Surrão, foi construída na década de 1980, resolvendo definitivamente o problema.

As anotações detalhadas de todas as suas atividades, criteriosamente guardadas em vários livros no seu bureau de trabalho, nos possibilita conhecer a extrema responsabilidade com a qual ele cuidava do gado em sociedade, bem como da utilização de todos os recursos econômicos possíveis de utilização comercial nas fazendas, como é evidenciado nas imagens a seguir.

Ano de 63 - Apurados diversos

Data	Espécies	Quantidade	Preço	Total
24-1-63	ebocos	400	15,00	x 6.000,00
16-2-63	algodão	103 kg	70,00	x 7.210,00
11-2-63	agave	85 kg	30,00	x 2.550,00
15-3-63	edcor	120	20,00	x 2.400,00
4-6-63	leite líquido dogado de Adalberto			x 995.000,00
9-7-63	loiator	15	40.000,00	x 600.000,00
21-7-63	leite líquido dogado de Lucene			x 40.000,00
25-7-63	movilhas	20	50.000,00	x 1.000.000,00
11-11-63	garotas	3	30.000,00	x 90.000,00
11-9-63	leite líquido dogado de Adalberto			x 644.880,00
9-11-63	leite	100 kg	300,00	x 30.000,00
16-11-63	"	45 "	300,00	x 13.500,00
21-11-63	algodão	1044 "	100,00	x 104.400,00
3-12-63	leite	77 "	200,00	x 15.400,00
16-12-63	"	35 "	200,00	x 7.000,00
15-12-63	gado	5 negos	76.000,00	x 380.000,00

Anotações de apurados diversos, em 1963 (acervo da família).

Ano 63 Negócios de gado com padrinho Mário

Data	Quantidade	Preço	Total
19-1	23 movilhas	20.000,00	R\$ 580.000,00
12-1	33 garotas	12.000,00	R\$ 396.000,00
Total	62		R\$ 976.000,00
Preço de juros até 14-9-62			R\$ 78.000,00
Total			R\$ 1.054.000,00
Em 14-9-62 abati			454.000,00
Em 14-9-62 fiquei restante			R\$ 600.000,00
27-7	23 bezuros	13.000,00	R\$ 299.000,00
14-9	23 garotas	20.000,00	R\$ 460.000,00
1-10-63	avulso de padrinho Mário		
6-10-63	fiquei restante		R\$ 1.000.000,00
11-11-63	transfiro com padrinho		R\$ 600.000,00
6-10-63	fiquei restante w. Mário		R\$ 1.600.000,00

Anotações sobre negócios de gado com padrinho Mário (acervo da família).

Observações sobre o gado de Padrinho Álvaro:

Movimento de gado de solta de Padrinho Álvaro, da sociedade comigo:

Em 8-6-62 - 50 rezes, ao preço de 17.200,00 = Cr\$ 860.000,00
 " 22-2-63 - 25 " " " " 30.000,00 = Cr\$ 750.000,00
 " 22-2-63 - 10 " " " " 22.000,00 = Cr\$ 220.000,00
 " 17-4-63 - 41 " " " " 33.121,35 = Cr\$ 1.358.000,00

Em 25-3-63 morreu um boi da solta do Souza (que foi de Adalberto)
 " 23-8-63 " existência (de cobra)
 " 11-9-63 foi vendida castanholas por 55.000,00
 " 11-9-63 " " 60 rezes da solta, a 47.000,00 = 2.820.000,00

Em 11-9-63 ficaram 65 rezes de Padrinho Álvaro da sociedade comigo, ao preço de Cr\$ 25.504,00 por cabeça formando um total de Cr\$ 1.657.760,00

Anotações sobre o gado de padrinho Álvaro (acervo da família).

• Itatuba

Segue a transcrição do resumo da história de Itatuba, como descrita no site IBGE | Cidades@:³³

Itatuba Paraíba – PB

Histórico

O município teve sua origem na vila de Cachoeira das Cebolas, pertencente a Ingá.

Situado numa depressão de terreno, nasceu às margens do rio Surrão ou Cayuaré e do riacho Quaty que fez confluência nas proximidades da Cidade.

A região era primitivamente habitada, mas foi no século passado que surgiram os primeiros proprietários organizados como João Rodrigues de Lima, Francisco Antônio de Vasconcelos e o Coronel Coriolano Arruda Câmara, precursores da evolução da Cidade.

Na Divisão Administrativa do Brasil de 1936 e de 1939, bem como nas referente ao quinquênio 1939-43, figurou como Distrito de Ingá com o nome de Cachoeira das Cebolas. Já no quinquênio 1944-48, o seu topônimo foi modificado para Itatuba, repetindo-se no quinquênio 1949-53, e permanecendo até hoje.

Gentílico: itatubense

Formação Administrativa

Em divisão territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Ingá o distrito de Cachoeira de Cebolas.

Pelo decreto-lei estadual nº 1164, de 15-11-1938, o distrito Cachoeira de Cebolas passou a denominar-se Itatuba.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o distrito de Itatuba ex-Cachoeira de Cebolas, figura no município de Ingá.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Elevado à categoria de município com a denominação de Itatuba, pela lei estadual nº 2603, de 01-12-1961, desmembrado de Ingá.

³³ IBGE | Cidades@ | Pernambuco | Ferreiros | História & Fotos – Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/itatuba/historico>>. Acesso em: 23 set. 2020.

Sede no antigo distrito de Itatuba. Constituído do distrito sede. Instalado em 17-12-1961.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído do distrito sede.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Alteração toponímica municipal

Cachoeira de Cebolas para Itatuba, alterado pelo decreto-lei estadual nº 1164, de 15-11-1938.

• Solução para os Três Filhos

Em 1962, quando meu pai assumiu a Fazenda Grossos, eu, o filho mais velho, já estava em idade de estudar. A solução adotada foi me deixar morando em Timbaúba, com os meus avós maternos.

Os meus irmãos, Plácido e Flávio, foram para os Grossos com meu pai e madrinha. Mas não demorou a Plácido ir também estudar em Timbaúba, morando inicialmente numa escola particular, de Dona Irene. Um ano depois foi a vez de Flávio ir para Timbaúba, igualmente para a escola de Dona Irene. Os dois ficaram juntos durante alguns anos, passando por várias casas de senhoras que os hospedavam, como pensão. Após a alfabetização, estudamos no Colégio Timbaubense, do professor José Mendes. No final da década de 1960, Flávio foi morar com tio Cláudio Araújo, irmão da nossa mãe.

Como já contei, passávamos os finais de semana no Engenho Oriente e as férias na Fazenda Grossos. Nas férias de verão era comum irmos veranear na praia de Pitimbu-PB, onde padrinho Álvaro havia comprado uma ampla casa à beira-mar, em 1960.

E, assim, a nossa infância e adolescência giraram por esses lugares diferentes, alguns muito bons, inesquecíveis, outros nem tanto.



Alfredo e Plácido na praia de Pitimbu-PB (acervo da família).



Flávio, à direita, e o primo Eduardo Lins Borba (Dudu) na praia de Pitimbu-PB (acervo da família).



*Paulinho e Fátima Campos na Fazenda Grossos
(acervo da família).*



*Alfredo, Plácido, Flávio e os primos Paulinho e Jorge Campos na
Fazenda Grossos (acervo da família).*



Alfredo, Plácido e Flávio na casa dos avós maternos, em Timbaúba, com tios e primos (acervo da família).



Casa dos meus avós maternos em Timbaúba, na rua Regente Amaro Jorge, 76 (acervo da família).

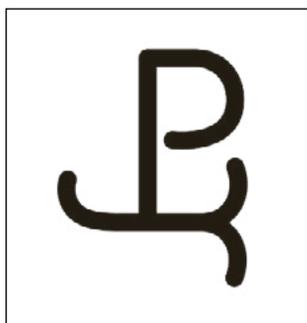
• A Marca “P”

A marca de ferrar gado em forma da letra “P” estilizada, usada pelo meu pai desde o seu início como criador de gado, é atualmente famosa entre criadores de quase todas as regiões do Brasil. Mas poucos sabem que essa marca foi do seu avô Pompeu Americano Pereira Borba, o padrinho Pompeu, senhor do Engenho Oriente.

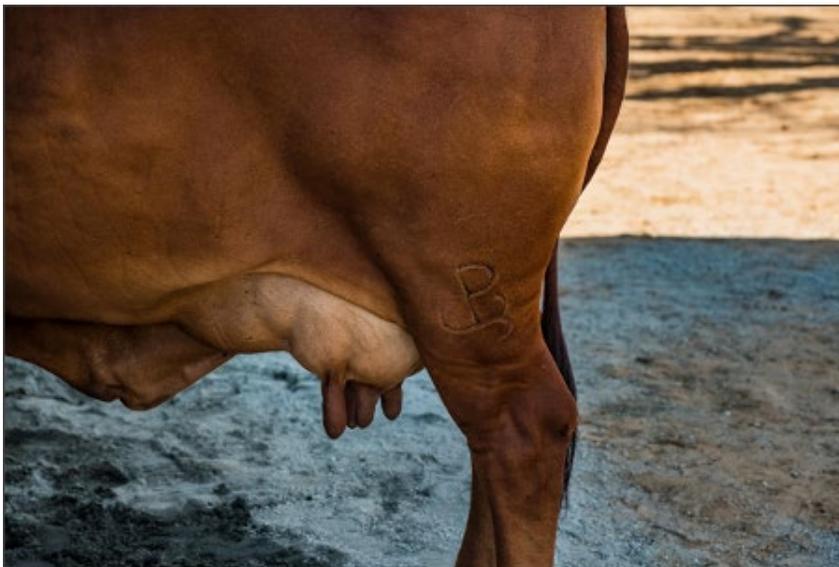
Ele contava que, vasculhando um depósito onde meu avô, José Borba, guardava quinquilharias, encontrou essa marca e descobriu que tinha sido a marca de padrinho Pompeu. Decidiu, então, adotá-la como sua.

Meu pai contou uma vez que Pompeu Americano, seu primo, filho de tio Domingos, fez uma visita a Oriente e viu uns bois de meu pai marcados com este ferro. Disse, então, que queria a marca para ele, pois era o neto mais velho e tinha o mesmo nome de padrinho Pompeu. Nessa época ele já era bem de vida e tinha muito gado na Fazenda Espinho Preto. Meu pai respondeu a ele, em tom entre sério e de gozação, que trocava a marca e o gado dele ferrado pelo de Pompeu Americano. Não falaram mais no assunto.

Meu pai honrou a marca do seu avô e a tornou nacionalmente conhecida.



Um ferro de marcar se transformou em uma marca de qualidade (acervo da família).



Vaca Sindi marcada com o "P" estilizado (acervo da família).



A marca "P" (foto de João Medeiros).

• Mãos à Obra

Pompeu não perdeu tempo, arregaçou as mangas e utilizou todos os recursos disponíveis nas fazendas Grossos e Souza, tais como venda de leite da vacaria para a queijeira, gado de solta em sociedade com parentes e amigos, roçados em sociedade com agricultores locais, criação de peixes nos dois açudes dos Grossos e criação de ovinos. Na agricultura em sociedade, plantava algodão, milho e feijão.

Todas as atividades eram detalhadamente registradas e contabilizadas em livros. Eram feitos um levantamento dos seus bens e dívidas no início de cada ano e um balanço no final. Todos os detalhes, por menores que fossem, como um bezerro que morreu por mordida de cobra ou uma novilha transferida do Souza para os Grossos, eram registrados. Todas as vacas eram cadastradas em um fichário, com acompanhamento das crias – tudo isso antes da popularização do computador e das planilhas eletrônicas, as quais ele nunca usou!

BALANÇO DOS APURADOS E DESPESAS DO ROÇADO DE SOCIEDADE COM ANTONIO SOTEIRO, NO ANO DE 1966:		APURADOS DO ROÇADO D. J. MATA	
APURADO BRUTO	R\$ 2.528,610	14-10-66 - 18 sacos de milho	130,000
DESPESAS	R\$ 1.555,280	22-10-66 - 3,931 Kg de algodão a 310	1.218,610
LUCRO LÍQUIDO	0.973,330	30-3-67 - 56 sacos de feijão	1.120,000
		Total	2.528,610
		LIQUIDADO	
973,33012			
17	484,665		
13			
13			
13			
10			
0			
	LIQUIDADO		

Balanço das receitas e despesas de um roçado em sociedade, em 1966 (acervo da família).

Todas essas informações estão arquivadas no seu antigo bureau, mantido pela família. A seguir, estão representadas algumas de suas anotações como exemplo do nível de organização pessoal do meu pai e a evolução do seu patrimônio, fruto de muito trabalho.

	Cds.
34	
Iniciei o ano de 1965, com:	
115 vacas solteiras a 130.000 =	14.950,000
103 bezerros nascidos em 64, a 35.000 =	3.605,000
150 negs. de vacaria a 80.000 =	12.000,000
4 touros a 250.000 =	1.000,000
3 bois de carro a 200.000 =	600,000
5 animais de sela a 200.000 =	1.000,000
3 potros e 5 equas a 50.000 =	400,000
1 caminhão de willis 63 =	3.000,000
1 motor MWM de 11HP com máquina de ferrar e gerador	1.500,000
1 trator Valmet com 2 carroções e 1 no cadreira	6.500,000
Total do que possuo	44.555,000
Dividas:	
Ao Banco do Brasil do negócio do trator	5.530,000
" " " " " " " motor	350,000
A Ladinho Mário de negócios de gado	3.775,000
A " " emprestado	1.100,000
A meu Pai Tomé emprestado	1.100,000
Ao Banco de Timbaúba Tomé emprestado	565,000
Total de minhas dividas	12.420,000
	*
Total do que possuo	44.555,000
Total de minhas dividas	12.420,000
Total liquido do que possuo	32.135,000

Levantamento dos seus bens e dívidas no início de 1965 (acervo da família).

Ano de 1965 - Observações sobre o meu gado:

No dia 6-2-65, trouxe do Souza para os Grossos uma novilha pelo fato de estar parida. Filha de foice, que tomou o nome de D'Amorim.

No dia 11-2-65, Retirei do Souza os 35 boiões que vendi a Gilvan Xavier.

No dia 11-2-65, Fiquei com 10 boiões, do gado que vendi a Gilvan, para partir lucros, ao preço de 90.000 por cabeça. Foram eles, os filhos de: Guanabara, Moeda, Manga Nova, Mococa, Vila Nova, Ventente, Barquinha, Manchete, Timbaúba e Gavota.

No dia 6-3-65, vendi a Mario boiões, 5 ganadinhos do gado do Souza, ao preço de 80.000 por cabeça, para ficar de sociedade comigo, e recebi mais 15 dele, formando um total de 20 ganadinhos ficando ao preço de 90.500, um pelo outro.

No dia 30-3-65 morreu uma novilha do gado do Souza (f. de ^{Comício} ~~Comício~~ ^{Comício} ~~Comício~~).

No dia 6-5-65, trouxe do Souza para os Grossos, 2 novilhas pelo fato de estarem amojadas, foram elas as filhas de castanho e manga nova, que tomaram os respectivamente, os nomes de Guanabara e Taquetá.

No dia 18-9-65 foi feita a partilha do gado de Radinho Alvaro, que estava no Souza, tocando para mim, nove novilhas e um ganadinho.

No dia 5-10-65 morreu o bezerro filho de Favarita A

No " 27-11-65 " a bezerro " " Fantasia B

No " 30-11-65, Comprei o restante do gado de radinho Mario, 55 vacas, um touro e 4 bois mantos, pela importância de Cr\$ 6.000.000. E a parte que tocava a ele nos bezerros nascidos em 1964 por Cr\$ 1.200.000. Formando um total de Cr\$ 7.200.000, sendo para pagar no dia 2-3-66 Cr\$ 3.600.000 e os outros Cr\$ 3.600.000 para pagar no dia 25-11-1966. Deste mesmo gado vendi 10 vacas por Cr\$ 1.150.000 e boti 10 vacas e 2 bois mantos no Souza para engordar e vender.

Observações gerais sobre o gado em 1965 (acervo da família).

BALANÇO DO ANO DE 1965	
	Cr\$.
APURADOS:	
LEITE: 56.530 LITROS	5.060,720
VENDA DE GADO E OUTROS APURADOS	19.494,770
TOTAL DOS APURADOS	24.555,490
DESPESAS:	
53 FÔLHAS DE PAGAMENTO, CONTENDO TODAS AS DESPESAS DA FAZENDA, INCLUSIVE PASTA, JURAS, PRESTAÇÕES DE MÁQUINAS ADQUIRIDAS, ETC.	17.042,278
EMPRESTIMO AGRICOLA AO BANCO DO BRASIL	1.500,000
ARRENDAMENTO DA FAZENDA	300,000
4.500 LITROS DE MEL PARA O GADO	90,000
PRESTAÇÃO, FISCALIZAÇÃO E SEGUROS DO TRATOR, REFERENTES AO ANO DE 1966	1.307,000
TOTAL DAS DESPESAS	20.239,278
APURADOS	24.555,490
DESPESAS	20.239,278
LUCRO LÍQUIDO	04.316,212

Balanço do ano de 1965 (acervo da família).

INÍCIO DO ANO DE 1966, COM:	
146 VACAS SOLTEIRAS À 150.000	R\$ 21.900,000
93 BEZERRAS, NASCIDOS EM 65, À 50.000	4.650,000
123 RÊZES DE RECRIA À 100.000	12.300,000
4 TOUROS À 300.000	1.200,000
6 BOIS DE CARRO À 250.000	1.500,000
10 ANIMAIS DE SELA À 200.000	2.000,000
5 PÔTROS E SEGURAS À 50.000	500,000
1 CAMINHONETE WILLIS 63	3.000,000
1 TRATOR VALMET, COM 2 CARROÇÕES E 1 ROCADÉIRA	6.500,000
1 MOTOR MWM DE 11HP. COM MÁQUINA DE FORRAGEM E GEARBOX	1.500,000
TOTAL DO QUE POSSUO	55.050,000
DÍVIDAS:	
AO BANCO DO BRASIL, DO NEGÓCIO DO TRATOR	3.600,000
A PADRINHO MARIO, DE NEGÓCIO DE GADO	3.600,000
AO BANCO DO BRASIL, EMPRÉSTIMO AGRÍCOLA	9.500,000
TOTAL DE MINHAS DÍVIDAS	19.700,000
TOTAL BRUTO DO QUE POSSUO	55.050,000
TOTAL DE MINHAS DÍVIDAS	19.700,000
TOTAL LÍQUIDO DO QUE POSSUO	45.350,000

Levantamento dos seus bens e dívidas no início de 1966 (acervo da família).

VENDAS DE GADO DE ALFREDO - E				MOVIMENTO DE CONTA CORRENTE		
DATAS	Quant	ESPÉCIES	TOTAL EM Cds	CAPITAL	DÉBITO	SALDO
11-1-65	14	BOIATOS	430,000	430,000		430,000
3-3-66	-	-	-	430,000	200,000	230,000
7-4-66	1	BOIATOS	160,000	330,000	-	330,000
28-7-66	1	Buzina	100,000	430,000	-	430,000
16-10-66	1	BOIATO	200,000	630,000	-	630,000

Anotações sobre vendas de gado do filho Alfredo (acervo da família).

Ano de 1966 - Observações 56

No dia 29-8-66 comprei 27 ~~hectares~~ hequitares de Terrenos da Fazenda Riachão, ao Sr. José Otávio de Silva, ao preço de Cr\$150,000 por hequitar, formando um total de Cr\$4.050,000. Gastei para esbiturar este terreno, a importância de Cr\$273,000.

Para comprar o referido terreno, vendi 19 vacas.

No dia 10-9-66, vendi o mesmo terreno ao Sr. Eraldo Bezerra, ao preço de Cr\$200,000 por hequitar, formando um total de Cr\$5.400,000.

Observações do ano de 1966, detalhando a compra de 27 hectares da Fazenda Riachão, com o valor, custos, como obtive os recursos e a venda posterior com lucro (acervo da família).

58 INÍCIO DO ANO DE 1967 - COM:	
152 VACAS SOLTEIRAS À CR\$ 200,000	CR\$ 30.400,000
113 BEZERRAS NASCIDOS EM 66 À 60,000	6.780,000
131 REZES DE RECRIA À 140,000	18.340,000
6 TOUROS A 600,000	3.600,000
6 BOIS DE CARRO À 400,000	2.400,000
10 ANIMAIS DE SELA À 200,000	2.000,000
1 CAMIONETE WILLIS 66	7.000,000
1 TRATOR VALMET COM 2 CARROÇÕES E 1 ROÇADEIRA	6.500,000
1 MOTOR MWM DE 11 HP COM MÁQUINA DE FORRAGEM E GEM	1.500,000
TOTAL DO QUE POSSUO	78.520,000
DIVIDAS: B.B. TIMBAUBA NEGÓCIO DO TOURO	1.000,000
AO BÃO DO BRASIL DO NEGÓCIO DO TRATOR	3.000,000
" " " " " " DA CAMIONETE	3.500,000
" " " " EMPRESTIMO AGRICOLA	2.000,000
TOTAL DAS MINHAS DIVIDAS	9.500,000
TOTAL BRUTO DO QUE POSSUO	78.520,000
TOTAL DAS MINHAS DIVIDAS	9.500,000
	69.020,000

Levantamento dos seus bens e dívidas no início de 1967 (acervo da família).

INICIEI O ANO DE 1968 COM:	
170 VACAS SOLTEIRAS à NCR\$ 300,00	NCR\$ 51.000,00
140 BEZERRAS NASCIDOSEM 67 à NCR\$ 80,00	11.200,00
167 REZES DE RECRIA à NCR\$ 200,00	33.400,00
6 TOUROS à NCR\$ 1.000,00	6.000,00
8 BOIS DE SEVIÇO NCR\$ 500,00	4.000,00
10 ANIMAIS DE SELA à NCR\$ 200,00	2.000,00
1 CAMIONETE WILLIS 66	6.000,00
1 TRATOR VALMET C/2 CARROÇÕES, 1 GRADÉ, 1 ROCADÉIRA	6.500,00
1 MOTOR MWM C/11 HP E MÁQUINA DE FORRAGEM E GERADOR	1.500,00
TOTAL	NCR\$ 121.600,00
DÍVIDAS:	
AO BANCO DO BRASIL (TABIANA) NEGÓCIO DO TRATOR	NCR\$ 2.000,00
" " " " " " CAMIONETE	2.500,00
" " " " " " EMPRÉSTIMO COMERCIAL	2.800,00
" " " " (TIMBAUBA) NEGÓCIO DO TOURO	500,00
TOTAL	NCR\$ 7.800,00
TOTAL DO QUE POSSUO	NCR\$ 121.600,00
TOTAL DO QUE DEVO	7.800,00
TOTAL LÍQUIDO DO QUE POSSUO	NCR\$ 113.800,00
NO DIA 9-3-1968, COMPREI AO SR. ERCÍDIO COELHO, A PROPRIEDADE JUCA LIMPO PÊLA IMPORTÂNCIA DE NCR\$ 40.000,00 SENDO NCR\$ 20.000,00 ^{EM DINHEIRO} E CINQUENTA VACAS PARIDAS.	
NO DIA 4-10-68, TROQUEI A MINHA CAMIONETE WYLLIS 66, POR UMA FORD 68, E VOLTEI A IMPORTÂNCIA DE NCR\$ 9.500,00	

Levantamento dos seus bens e dívidas no início de 1968 (acervo da família).

SEMANA DE SA 11-5-71. COMPRA DE LEITE E OUTRAS DESPESAS				APURADOS DA SEMANA DE SA 11-5-71				
DATA	FORNECEDORES			COMPRADOR	Kg	ESPÉCIE	PREÇO	TOTAL CR\$
5-5-71	FAZENDA	L. VAGUEIRO		FELIX GALDINO	142	QUEIJO	4,20	635,00
6-5-71	282	17 LITROS		ELIARDO DUAS	59	"	1,00	258,00
7-5-71	288	"						
8-5-71	304	"						
9-5-71	276	"						
10-5-71	284	"						
11-5-71	272	"						
TOTAL	1.994 LITROS	176 LITROS	1.994					
			176					
TOTAL DO LEITE DA SEMANA			2.170					
			35					
			1.085,00					
			1.510					
			749,50					
SEMANA DE JOSÉ GERMANO			30,00					
15 SACOS DE FARLEO			85,00					
DESPESAS DE VIAGEM			35,00					
TOTAL DAS DESPESAS DA SEMANA			909,50					

Anotações sobre a movimentação do negócio de queijo de coalho em uma semana de 1971. Nota-se que a receita mal dá para cobrir os custos (acervo da família).

SEMANA DE 29-12-71 A 4-1-72 - COMPRA DE LEITE E OUTRAS DESPESAS				APURADOS DA SEMANA DE 29-12-71 A 4-1-72				
DATA	FORNECEDORES			COMPRADOR	Kg	ESPECIE	PREÇO	TOTAL CR\$
29-12-71	FAZENDA	L. VAQUEIRO		LEITE GORDO	20	QUEIJO	5,50	440,00
30-12-71	152	LITROS	70	GRANDE DUARÉ	50	"	3,50	275,00
31-12-71	148	"	74	ROMIXMO	8	MANTEIGA	8,20	64,00
1-1-72	147	"	73	BASI CAMPANA	555	PORCOS	3,19	3.481,50
2-1-72	165	"	80	PEDRA CAMPANA	200	PORCOS	3,50	700,00
3-1-72	163	"	76					
4-1-72	153	"	76					
	160	"	78					
TOTAL	1.079	LITROS	527					4.965,50
TOTAL DO LEITE DA SEMANA			1.079					
			527					
			1.606					
			40					
			6.424,00					
SEMANA DE JOSÉ GERARDO			30,00					
DESPESAS DE VIAGEM			35,00					
TOTAL DAS DESPESAS SEMANA			7.074,00					
PERCENTAGEM EM RELAÇÃO AOS PORCOS			418,25					
1.620 Kg DE MEXILHO			405,00					
TOTAL DAS DESPESAS DA SEMANA			1.530,65					

Anotações sobre a movimentação do negócio de queijo de coalho em uma semana de 1972. Nota-se um grande aumento da receita devido à venda de porcos. Na realidade, o negócio com queijo servia para remunerar a produção de leite da fazenda no valor do mercado local e subsidiar a criação de porcos, arcando com os custos da ração e usando o soro do leite, subproduto da fabricação do queijo. O maior ganho, portanto, era com a criação de porcos, além das crias da vacaria (acervo da família).

Nesse meio tempo, enquanto trabalhava com afinco para aumentar o seu patrimônio nos dez anos que ele teria de arrendamento com o seu avô, meu pai e madrinha Concita tiveram quatro filhos. A primeira filha, Lúcia Helena, nasceu em março de 1964, em João Pessoa. Passou a primeira infância em casa, na Fazenda Grossos. Com cerca de seis anos de idade, foi estudar em Itambé, morando na casa da sua tia Clarice, irmã de Concita.

No final de dezembro de 1964 nasceu a segunda filha, Eliana. O parto estava programado para acontecer em João Pessoa, mas saíram muito tarde da fazenda e, no caminho, meu pai teve que desviar para Itambé, onde Eliana nasceu. Pouco mais de dois anos depois ela adoeceu na fazenda, evoluindo rapidamente para um quadro de desidratação grave. Meu pai e madrinha correram com ela para João Pessoa, mas não deu tempo de chegar ao hospital, ela faleceu no caminho.



Alfredo, em pé, ladeado pelos irmãos Lúcia Helena, Sérgio e Álvaro – Fazenda Grossos (acervo da família).

Pompeu Borba na organização da vaquejada de Itatuba - Década de 1960 (foto publicada no perfil @itatubesfrases do Instagram - autor desconhecido)



O terceiro filho nasceu em março de 1966, em Recife, recebeu o nome de Álvaro em homenagem ao avô materno, padrinho Álvaro. Em agosto de 1967, nasceu o quarto e último filho, Sérgio, também em Recife.

Álvaro e Sérgio passaram a infância na Fazenda Grossos e iniciaram a alfabetização na escola rural local, até 1972, quando meu pai entregou a fazenda e mudou com toda a família para Timbaúba.



Álvaro - João Pessoa (acervo da família).



Álvaro e Sérgio - João Pessoa (acervo da família).

• A Raça Santa Inês

Na década de 1970, meu pai iniciou a seleção de ovelhas Santa Inês, desenvolvidas a partir de um rebanho de ovelhas “pelo de boi” – mestiças de Morada Nova e Somalis – herdadas de seu avô Mário. Essas ovelhas receberam a introdução de sangue de carneiros da raça Bergamácia, oriundos da Itália e já criados à época no interior do Nordeste. O resultado desse cruzamento foi um animal de médio porte com melhor aptidão para produção de carne e mais adaptado às regiões tropicais semiáridas. Esse trabalho foi desenvolvido paralelamente por criadores de vários estados da região, sendo meu pai um dos pioneiros na criação dessa raça e referência na ovinocultura nacional.

Ele foi várias vezes a Sergipe nas décadas de 1980 e 1990, onde eu morava na época, comprar reprodutores da raça Santa Inês. Fez muitos bons amigos entre os criadores sergipanos.

• A Raça Quarto de Milha

A sua criação de cavalos teve início a partir de uma égua de nome Rancheira, que ele ganhou de presente de padrinho Mário, ainda na década de 1950, em Oriente. Essa égua lhe serviu durante muito tempo como montaria, enquanto paria os potros e potras que deram início ao seu rebanho de éguas, já na Fazenda Grossos.

Nos anos de 1980 ele recebeu de presente do amigo José Ivanildo Xavier um potro Quarto de Milha oriundo de São Paulo, o qual recebeu o nome de Tietê. Esta raça de cavalos, de origem norte-americana, tem muita habilidade na lida com o gado e no esporte da vaquejada, muito popular no interior do Nordeste. A partir daí ele iniciou o cruzamento absorvente das éguas descendentes de Rancheira com cavalos Quarto de Milha.

Com os cruzamentos absorventes ele chegou a obter animais puros por cruza (PC), com 31/32 de Quarto de Milha, mas a *Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Quarto de Milha* (ABQM) fechou o registro e, portanto, ele não chegaria à animais puros de origem (PO) com esse tipo de seleção.

Ele tinha um garanhão PO muito bom. Com esse garanhão e uma única égua PO, desenvolveu todo um rebanho de éguas e potros puros de origem de alta qualidade.

• Zé Lagoa

Campina Grande era a cidade que meu pai mais gostava e onde resolvia a maior parte dos seus negócios. Com a sua facilidade inata de fazer amizade, era natural que tivesse um grande círculo de amigos na cidade. Não me atrevo a citar todos aqui, pois são tantos que eu correria o risco de esquecer alguém, o que seria uma falha imperdoável. Mas resolvi citar um, considerando a sua importância para a cultura nordestina: Rosil Cavalcanti.

Rosil de Assis Cavalcanti nasceu em Macaparana, Pernambuco, em 20 de dezembro de 1915. Filho de Francisco de Assis de Melo Cavalcanti, senhor do Engenho Zabelê, teve origem semelhante à do meu pai e na mesma região canavieira de Pernambuco. Coursou primário e ginásio em Recife, trabalhou em Sergipe e em João Pessoa como funcionário da Secretaria de Agricultura da Paraíba e, em 1943, foi transferido para Campina Grande como servidor público.

Não demorou a compor músicas e a apresentar programas no rádio e na televisão usando o pseudônimo de Zé Lagoa. Compôs cerca de cento e trinta músicas, várias dela em parceria com artistas famosos, como Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga. Rosil foi o autor de vários clássicos nordestinos: *A Festa do Milho*, *Aquarela Nordestina*, *Faz Força Zé*, *Forró do Zé Lagoa*, *Na Base da Chinela*, *Sebastiana* e *Tropeiros da Borborema*, entre outros.

Rosil tinha como hobby a pesca, como grande parte dos campinenses – a outra parte tinha a caça. O açude da Fazenda Grossos era um dos seus pontos de pesca. Era comum ele chegar numa sexta-feira à tarde com vários amigos e todos os apetrechos para a pescaria para montar acampamento embaixo dos juazeiros que ficavam atrás do balde do açude. Armavam as redes de pesca no açude e as redes de dormir nos juazeiros. Com redes, tarrafas e anzóis, pegavam dezenas de quilos de curimatãs e de traíras. À noite, meu pai gostava de ir até o acampamento para conversar com os amigos e comer o saboroso pirão de peixe que eles faziam. Lembro de ter ido várias vezes, com os meus irmãos Plácido e Flávio, para essas noitadas na beira do açude. Flávio, o mais novo, chamava Rosil de “Seu Zé”, pensando que o seu verdadeiro nome era mesmo Zé Lagoa. Lembro que os moradores e moradoras da fazenda, fãs do programa *Forró de Zé Lagoa*, ficavam felizes de ver e falar com o ídolo pessoalmente.

Certa vez, Rosil foi passar um final de semana na praia de Pitimbu, onde veraneávamos na casa de padrinho Álvaro. O local de pesca escolhido por ele foi a Barra do Abiaí, uma barra de rio de difícil acesso na década de 1960. Tínhamos que deixar o carro no final da estrada, em cima das falésias, e carregar toda a tralha de pesca por uns dois ou três quilômetros até a parte onde o rio Abiaí corria paralelo ao mar, separados por uma estreita faixa de areia. Na volta, ao peso dos equipamentos era acrescentado o dos peixes pescados. Mas temos muito boas lembranças dessa época (*sic*).

Em 1968, no início da tarde, Rosil se sentiu mal quando descansava sob a sombra do Umbuzeiro e da Quixabeira. Em vez da música introdutória na voz vibrante de seu parceiro Café, se ouviu uma fúnebre anunciando o falecimento do poeta da caatinga, dos cariris, do Nordeste. O Nordeste parou. Campina Grande assistiu a mais profunda comoção que a atingira. Desaparecera subitamente sua síntese poética, suas alegrias e suas tristezas.³⁴

• Férias

As férias na Fazenda Grossos eram esperadas com ansiedade. Tínhamos uma liberdade na fazenda que não tínhamos na cidade. Era comum vários primos irem também: Jorge e Paulinho, filhos de tia Detinha, e Eduardo Lins Borba (Dudu), filho mais novo de padrinho Álvaro. Algumas vezes estava presente Saulo, um primo que mora em João Pessoa.

Todos os primos citados foram criados no campo, exceto Saulo, nascido e criado em João Pessoa. Eu, Plácido e

³⁴ ROSIL CAVALCANTI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rosil_Cavalcanti&oldid=52129679>

Flávio fomos criados em Oriente e, mesmo estudando em Timbaúba, passávamos os finais de semana no engenho e as férias na fazenda; Jorge e Paulinho foram criados no Engenho Boa Vista, estudavam em Recife, mas sempre que podiam estavam no engenho. Dudu foi criado no Engenho Lages, também estudava em Recife, mas estava com frequência no engenho. Como o único “da cidade”, Saulo sofria por não ter a mesma habilidade de montar a cavalo e nem com as inúmeras outras atividades que só os meninos do mato adquiriam, como caçar, pescar, nadar no açude, guerrear de baleadeira com fruto de joá, correr a cavalo nas estradas enlameadas para sujar os que ficavam para trás e chegar à noite na fazenda.

Não gostávamos quando tínhamos que ir para Campina Grande com meu pai. Era um dia perdido das férias na fazenda. Certa vez, ele nos deixou em um salão de barbeiro, para cortar o cabelo, e foi resolver suas coisas. Tínhamos cerca de dez, oito e sete anos. Terminamos o corte de cabelo e o tempo passava, mas meu pai não chegava. Depois de um tempo, que para nós foram horas, começamos os três a chorar, pois achávamos que tínhamos sido abandonados. Ficamos os três chorando na porta da barbearia e olhando para a rua ansiosos pela chegada de nosso pai. Quando ele chegou riu muito do nosso choro.

Era comum passarmos horas dentro do carro esperando-o comprar alguma coisa para a fazenda. Ele dizia:

*— Fiquem aí que vou na farmácia veterinária comprar remédios.
Volto logo!*

Nunca voltava logo, sempre encontrava um amigo, iniciava uma conversa e perdia a noção do tempo. Quando chegava, tirava o carro, dirigia por uns cinco ou dez minutos e parava novamente:

— *Fiquem aí que vou comprar ração para os cavalos. Volto logo!*

Mais uma hora de espera entediados. O único lugar que gostávamos e nunca ficávamos no carro esperando era a loja de artigos de caça e pesca B. Bezerra, onde meu pai comprava cartuchos e munição para nossas espingardas, varas e anzóis para pesca de traíra no açude.

Na Fazenda Grossos, nossos irmãos mais novos, Lúcia Helena, Álvaro e Sérgio, eram muito pequenos ainda e não nos acompanhavam. Foram anos inesquecíveis.

• A Entrega dos Grossos

Alguns anos antes de terminar o arrendamento, meu pai foi a Oriente, onde padrinho Mário morou nos últimos anos de vida, fazer uma oferta para comprar os Grossos. Estava acompanhado do Dr. José Martins, um dos seus amigos de Itatuba. Na mesa da sala, quando ele fez a proposta, padrinho Mário disse:

— *E só vale isso, Pompeu?*

Nesse momento meu avô, que estava presente, alfinetou:

— *Adianta não! Você pode dobrar o preço que ele ainda vai achar barato, ele não vende, não!*

Minha avó retrucou para o meu avô:

— *Se fosse sua você também não venderia pelo preço que ele está querendo!*

Meu avô ficou calado e a negociação acabou.

Meu pai entregou a fazenda para os herdeiros no final do período do arrendamento, em 1972. Levou a família para Timbaúba, para a casa que o meu avô mantinha lá. Pela primeira vez moramos todos na mesma casa. No ano seguinte, 1973, eu fui para João Pessoa fazer o terceiro ano do científico e estudar para o vestibular, morando em pensão, inicialmente, e depois em república. Em 1974, meu pai levou a família para João Pessoa, para a casa que ele comprou na rua Padre Ayres, no bairro Miramar.



Casa da Fazenda Grossos na década de 1960 (acervo da família).



Casa da Fazenda Grossos em 2020, praticamente em ruínas (acervo da família).

Campo Verde

• Jucá Limpo

Em 9 de março de 1968, quatro anos antes do fim do arrendamento da fazenda, meu pai deu um grande passo para a sua independência: comprou a Fazenda Jucá Limpo, medindo 168 hectares. A propriedade era coberta de mato, não tinha nada construído. Lembro bem do dia que ele me levou para conhecer. Fomos a cavalo da Fazenda Grossos até lá. A velha porteira da entrada da propriedade dava para uma trilha dentro de um mato alto, praticamente uma mata. Descemos uma ladeira pouco inclinada durante uns dez minutos e chegamos no leito de um riacho seco dentro de uma pequena mata. Ele então falou:

— É aqui que será o açude. Aqui onde estamos será o porão, ali será o balde.

Descemos dos cavalos e andamos mais um pouco pelo mato fechado, até chegar às pedras de um lajeiro. Ele disse:

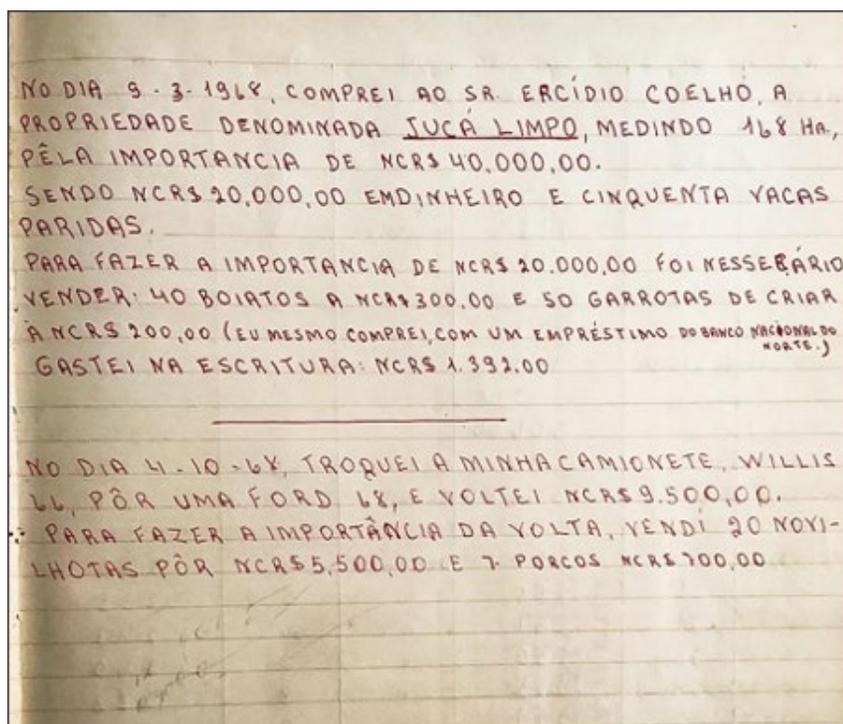
— Aqui será o sangradouro do açude. Onde estamos, quando o açude sangrar, terá uns três metros de profundidade. No porão terá cerca de quinze metros de profundidade com o açude cheio.

Ele falava como se estivesse vendo o açude, como se não estivéssemos dentro de uma mata. Aquilo me causou uma admiração enorme por ele, pela sua visão e determinação.

Depois ele comprou do Dr. José Martins a parte chamada Campo Verde, que veio a dar o nome a toda a

fazenda. Essa parte já tinha um pequeno açude, visto logo ao entrar-se na fazenda, cruzando-se o mata-burro.

Nos anos seguintes, antes de sair dos Grossos, ele iniciou a construção do açude e das demais instalações.



NO DIA 9-3-1964, COMPREI AO SR. ERÍDIO COELHO, A PROPRIEDADE DENOMINADA JUCÁ LIMPO, MEDINDO 168 HA., PÊLA IMPORTANCIA DE NCR\$ 40.000,00. SENDO NCR\$ 20.000,00 EM DINHEIRO E CINQUENTA YACAS PARIDAS. PARA FAZER A IMPORTANCIA DE NCR\$ 20.000,00 FOI NECESSÁRIO VENDER: 40 BOIATOS A NCR\$ 300,00 E 50 GARROTAS DE CRIAR A NCR\$ 200,00 (EU MESMO COMPREI, COM UM EMPRÉSTIMO DO BANCO NACIONAL DO NORTE.) GASTEI NA ESCRITURA: NCR\$ 1.392,00

NO DIA 4-10-64, TROQUEI A MINHA CAMIONETE, WILLIS 66, PÔR UMA FORD 64, E VOLTEI NCR\$ 9.500,00. PARA FAZER A IMPORTANCIA DA VOLTA, VENDI 20 NOY-LHOTAS PÔR NCR\$ 5.500,00 E 7 PORCOS NCR\$ 700,00

Anotações da compra do Jucá Limpo (acervo da família).

• Construções

Para a construção do açude ele contratou tropeiros do sertão da Paraíba, usando um método lento, mas tradicional. Um grande contingente de trabalhadores retirava terra do leito do açude e transportava em jumentos para a construção do balde. Era bonito de ver aquela fila de jumentos e seus condutores levando e descarregando terra no balde, que lentamente tomava forma. A localização do balde foi determinada por topografia. Uma vez, meu pai me disse:

— Esse método com uso de jumentos tem a vantagem de deixar o balde bem compactado.

Além do açude, ele já sabia onde seria o curral, a queijeira, as garagens, o galpão das máquinas e as casas. A atual casa da fazenda começou sendo construída como uma casa para o vaqueiro, a casa principal seria construída em uma parte alta com uma ampla visão para o açude. Mas meu pai, com a sua simplicidade e aversão a luxos, gostou do local da casa do vaqueiro, alterou um pouco o projeto inicial e a transformou na casa da fazenda.

Meu pai costumava dizer que tinha puxado ao seu avô, padrinho Mário: tudo que construía era para a vida toda.

Junto com os tropeiros veio de Patos, no sertão da Paraíba, um casal com um filho pequeno: Seu Inácio, Dona Rosa e o filho, Antônio. Vieram para a construção do açude, mas acabaram ficando na fazenda com o meu pai, morando na casa vizinha às garagens.

Seu Inácio trabalhava nos serviços da fazenda e Dona Rosa cuidava da casa, como empregada. Mas ela era muito ativa e, além dos serviços da casa, fazia roçados e plantava

ANO DE 1971 - DESPESAS COM	
CONSTRUÇÕES NO JUCÁ LIMPO:	
CURRAL, CISTERNA E CASA:	
240 SACOS DE CIMENTO	1.880,00
62 KGS. DE FERRO De 1/4	105,40
40 KGS " PREGOS	100,00
10 TABUAS DE 5M. X 1P.	100,00
SEMANA DE 21 A 28 - 8 - 71 - TRABALHOS	466,00
FRETE PAGO A M. GERMANO	300,00
SEMANA DE 29 A 4 - 9 - 71 TRABALHOS	533,50
PREGOS E PARAFUSOS	43,00
FRETE AREIA (2 CAMINHÕES)	60,00
SEMANA DE 5 A 11 - 9 - 71 TRABALHOS	437,50
DOBRADIÇAS E PARAFUSOS PORTEIRAS	230,00
SEMANA DE 12 A 18 - 9 - TRABALHOS	455,00
3.000 TÊLHAS C/FRETE	250,00
SEMANA DE 19 A 25 - 9 - 71 TRABALHOS	617,50
" " 26 A 2 - 10 - 71 "	574,00
3.000 TÊLHAS C/FRETE	250,00
50 SACOS DE CIMENTO	400,00
TOTAL	6.604,90

Anotações de despesas com construções no Jucá Limpo (acervo da família).

de tudo um pouco: gergelim, arroz vermelho, algodão. O algodão ela tecia e fazia linha para tricô. Fazia também game-la de madeira, colher de pau, sabão, café de algaroba, entre outras coisas. O quintal da casa dela parecia um zoológico. Tinha borrego enjeitado, gansos, galinhas, porco, gatos, entre outros bichos.

Seu Inácio gostava de beber. Um dia que tinha bebido, foi trabalhar na máquina forrageira e sofreu um grave acidente, perdendo uma mão. Depois disso, foi aposentado. O casal acabou se separando e Seu Inácio foi morar em outra fazenda próxima.

O filho Antônio cresceu e aprendeu a dirigir o trator. Ficou um tempo como tratorista da fazenda. Depois foi contratado para trabalhar com Mário Lins, irmão de madrinha Concita, no Engenho Lages, e infelizmente perdeu a vida em um acidente grave com o trator.

Dona Rosa, agora sozinha no mundo, continuo cuidando da casa da fazenda, dos seus bichos e dos seus roçados. Ela tinha a fama de não tomar banho, o que era evidenciado pelo odor que exalava ao passar. Certo dia um ginecologista primo da madrinha foi passar o dia na fazenda e ela decidiu que Dona Rosa deveria fazer uma consulta com ele, pois nunca tinha ido a um ginecologista na vida. Mas antes madrinha preparou o médico, informando-o sobre a notória falta de higiene de Dona Rosa. Após a consulta, o ginecologista disse que ela estava ótima, sem problemas, deixando todos surpresos. Dona Rosa faleceu muitos anos depois, em um hospital de Campina Grande.

• O Trabalho em Campo Verde

A Fazenda Campo Verde foi construída do zero por Pompeu Borba. O açude maior e vários pequenos açudes, todas as casas e instalações, os cercados, a remoção do marmeleiro e do mata-pasto e a plantação de capim adequado para o semiárido, entre outras inúmeras atividades necessárias para a formação de uma fazenda produtiva na caatinga da Paraíba, foram frutos do seu trabalho diário.

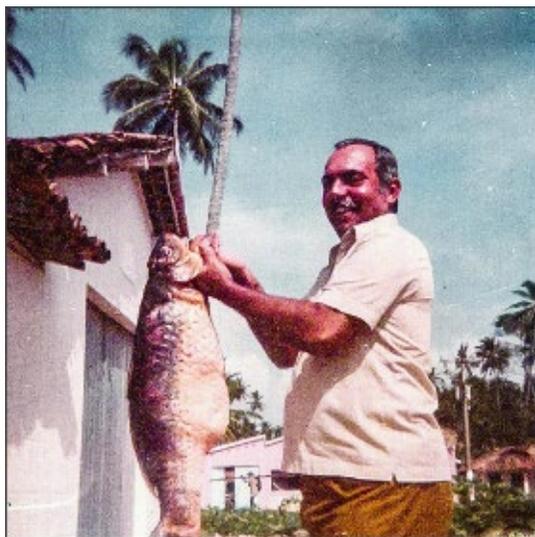
Para a remoção do marmeleiro e outras vegetações que cobriam a fazenda, meu pai adotou o sistema de cessão de áreas de terra para quem quisesse botar roçado por dois anos. No final do segundo ano, a área retornava para a fazenda limpa e destocada, pronta para desenvolvimento da pastagem para o gado. Foram anos motivados por uma persistência e crença extraordinárias no trabalho que tinha que ser feito. Durante algum tempo ele manteve a vacaria, a fabricação de queijos de coalho e a criação associada de porcos no mesmo sistema dos últimos anos nos Grossos.

Desenvolveu a sua seleção de cavalos e éguas Quarto de Milha e de carneiros Santa Inês, com a introdução de reprodutor da raça Bergamácia. Além disso, desenvolveu a piscicultura no açude maior, onde passou a criar tambaqui, um peixe oriundo da Amazônia que se adaptou muito bem à criação em açudes.

Aconteceu um fato interessante relacionado com a criação de tambaquis de meu pai. Um dia eu estava na Fazenda Campo Verde com o meu cunhado, Gilberto Santos de Albuquerque, irmão da minha mulher, e decidimos

pescar traíras no açude, como eu sempre fazia quando estava de férias na fazenda. Estávamos na beira do açude com os anzóis na água na maior expectativa de sentir o puxão característico das traíras. De repente, Gilberto fisgou um peixe e o puxou. Pensei, a princípio, que se tratava de uma tilápia, devido ao formato arredondado. Era um peixe de tamanho médio e com dentes muito afiados.

Eu não conhecia tambaqui e nem sabia que meu pai tinha soltado alguns no açude, a título de experiência. Ficamos olhando aquele peixe estranho, que parecia uma piranha. Mas, no final da pescaria, o levamos para casa para mostrar ao meu pai a nossa “descoberta”. Quando ele viu, deu uma boa risada e disse que era um dos cinco tambaquis que ele tinha soltado muito pequenos no açude. Rimos muito com a história de como Gilberto pegou um dos únicos tambaquis que tinha no açude. Nos anos seguintes, meu pai soltou milhares de tambaquis. A piscicultura ajudava a pagar parte das despesas da fazenda.



*Carpa de 12 kg pescada no açude de Campo Verde
- Pitimbu, década de 1980 (acervo da família).*



Momento de lazer com a família na Fazenda Campo Verde, 2015 (acervo da família).



Álvaro e Sérgio Borba treinando cavalos Quarto de Milha na Fazenda Campo Verde (acervo da família).



Álvaro e Sérgio Borba treinando cavalos Quarto de Milha na Fazenda Campo Verde (acervo da família).

• A Raça Sindi

O Sindi é um gado bovino Zebu oriundo do Paquistão e muito bem adaptado às condições adversas do sertão nordestino. É uma raça conhecida há muitas décadas no Brasil. A primeira importação de um lote de Sindi, juntamente com outras raças zebuínas, ocorreu em 1930, para São Paulo. No entanto, não houve interesse dos pecuaristas pela raça, ao contrário das outras como Nelore, Gir e Guzerá. Apenas um fazendeiro de São Paulo manteve um núcleo da raça Sindi. A segunda importação ocorreu em 1952, pela Embrapa, para o Pará. Esses dois núcleos da raça foram mantidos, mas não se expandiram.

O ingresso do meu pai na raça Sindi foi influenciado pelo amigo Manelito Dantas, um tradicional criador de gado Guzerá da Fazenda Carnaúba, no município de Taperoá, região dos Cariris Velhos da Paraíba. Manelito era primo e sócio de Ariano Suassuna na criação de bodes adaptados ao semiárido.

Para contar a história do rebanho Sindi P, a marca de Pompeu Borba, que obteve por doze vezes o título de melhor criador nacional, transcrevo a seguir uma matéria publicada na revista Sindi Brasil, na edição 2 - Ano II:

O Rebanho Sindi P

A história do Rebanho Sindi P começa efetivamente em 1962, quando arrendou do seu avô, Mário Borba, a fazenda Grossos, no município de Itatuba - PB e, posteriormente, em 1970, quando adquiriu a Fazenda Campo Verde, dando continuidade a sua seleção de gado leiteiro e ovelhas Santa Inês, além de cavalos Quarto de Milha. Nesse período, a habilidade nata de Seu Pompeu só aflorou ainda mais e a experiência foi só se acumulando. Era difícil «tirar leite de pedra» em função das dificuldades de adaptação de determinadas algumas raças às condições climáticas do semiárido nordestino.

Em 1981, Seu Pompeu encantou-se com o gado Sindi, uma raça com animais de porte médio, rústicos, com dupla aptidão e com milhares de anos de história. Este encantamento ocorreu em uma visita que Pompeu fez ao Rebanho Sindi da Universidade Federal de Patos, na Paraíba, que possuía exemplares da raça com origem no tradicional Rebanho de José Cesário de Castilho (Sertãozinho - SP). Convencido dos atributos e potencial da raça Sindi, neste mesmo ano Seu Pompeu adquiriu um lote de 9 (nove) novilhas e um touro provenientes do Rebanho da Capri Agropecuária/ Ribeirão-PE.

Iniciada a seleção, Seu Pompeu constatou que as qualidades e potencial dos animais eram muito maiores do que se falava. Além de serem animais rústicos, precoces e de excelente acabamento de carcaça, o Sindi possuía um diferencial importantíssimo para a pecuária tropical: a capacidade de engordar muito rapidamente em um curto período de oferta de pastagens verdes - ou seja - um verdadeiro milagre biológico para o semiárido com as vacas Sindi produzindo leite para as crias, ciclando e emprenhando com facilidade e garantindo a bezerrada do ano vindouro.

Em 1985 houve mudanças e o Rebanho Sindi P foi transferido em definitivo para a Fazenda Riacho do Navio, em Campina Grande, Paraíba.

Desde a aquisição dos primeiros exemplares da raça em 1981, e ao longo de mais de 35 anos, Seu Pompeu não mediu esforços, adquirindo animais representantes de linhagens oriundas das importações da raça para o Brasil, uma em 1930 e outra em 1952. Investindo em qualidade genética e com olho apuradíssimo para acasalamentos corretos, Seu Pompeu focou na evolução e melhoria contínua do seu plantel e, atualmente, o Sindi P é garimpado por todos os criadores e selecionadores da raça e constitui a base genética de praticamente todos os rebanhos Sindi do país.

Nesses mais de 35 anos de seleção, o Rebanho Sindi P tornou-se recordista em títulos nacionais e regionais de Melhor Criador, Melhor Expositor, Melhores Progênieis de Pai e de Mãe e muitos títulos de Grandes Campeões com seus animais, que se tornaram verdadeiros ícones e referências da raça, como Tonelada P, Violeta P, Aurora P, Alcatifa P, Sabido P, Leonez P, Universal P, Ucelo P, Vinagre P, Zélio P, Bolero P, Comando P, Dileto P e tantos outros animais de destaque.

Hoje, o Rebanho Sindi P é conduzido pelos filhos Álvaro e Sérgio que seguirão os passos do pioneiro com base em seus ensinamentos e paixão pelo Sindi.

FAZENDA CAMPO VERDE

AZEITONA _____ 1183 _____ Pompeu B. BORBA
Nome Número Proprietário

SINDI _____ CASTANHA ESCURO _____ 13-06-2003
Raça Pelagem Data de Nascimento

FAZ. CAMPO VERDE _____
FILIAÇÃO

LATERAL P-265 _____ GALOPIM D-1212 _____
Pai Avó

ODALISCA _____ HISTÓRIA P-3670 _____
Mãe Avó

CARROTE DE SOLTA 5m _____
Avó

MAKAIRO II _____
Avó

CRIAS

Data de Nascimento	Sexo	Côr	Nome	Número	Nome do Pai	Condições Parto	OBS.
13-07-2006	F	Parda		1269	PREÁ	Normal	Parto Suave
11-08-2007	M	Verde			SERVIO P	Normal	Parto 7.16
18-12-2008	M	Verde			SERVIO P	Normal	Parto 7.37
04-01-2010	M	Verde			SERVIO P	Normal	Parto 7.58
15-02-2011	M	Verde			VINAGRE P	Normal	Parto 11.40
20-03-2011	F	Verde			SERRA P	Normal	Parto 12.14
20-03-2012	M	Verde			ZORARO P	Normal	Parto 12.14
06-07-2014	F	Verde			BARRANA P	Normal	Parto 15.28
05/10/16	M	Verde			APLO (SINDI)	Normal	

Exemplo de ficha de cadastro e acompanhamento das vacas (acervo da família).



Vista aérea da Fazenda Campo Verde (foto de Douglas Rocha).



Vista aérea da Fazenda Campo Verde (foto de Douglas Rocha).



Vista aérea da Fazenda Campo Verde (foto de Douglas Rocha).



Fazenda Campo Verde (acervo da família).



Sérgio Lins Borba trabalhando na Fazenda Campo Verde (acervo da família).



Álvaro Lins Borba trabalhando na Fazenda Campo Verde (acervo da família).



Flávio Gouveia Borba e Sérgio Lins Borba trabalhando na Fazenda Campo Verde (acervo da família).



Sala da casa da Fazenda Campo Verde, com o bureau de Pompeu Borba (acervo da família).



Fazenda Campo Verde (acervo da família).



Fazenda Campo Verde (acervo da família).

PLUVIÔMETRO DE LEITURA DIRETA

PROPRIEDADE: CAMPO VERDE

MUNICÍPIO: ITATUBA

ANO: 1978

DATA	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.
01					19							
02			10,5		18							
03					62							
04					21				56			
05			15					3				9,5
06	10			42								
07			38	5								
08												
09				130	16							
10	12,5			3,5			17,5					
11	4				17,5		20					
12							12,5					
13	8,5	5			11							
14					8	23,5						
15						8,5	22					
16					14,5							
17									10			
18					2,5							
19												
20				17,5								
21					13,5							
22												
23				19					12			
24				4								
25							12					
26												
27	9,5					10,5	52,5					
28	5					17,5	7,5				22,5	
29									14			
30												
31					29							
TOTAL	000	49,5	69,5	221,0	238,0	60,0	144,0	3	92	000	22,5	9,5
TOTAL DO ANO: 969												

Exemplo de acompanhamento de precipitações pluviométricas na Fazenda Campo Verde em 1978. Com um total de 969 mm é considerado um ano normal, com concentração entre abril e julho (acervo da família).

PLUVIÔMETRO DE LEITURA DIRETA

Propriedade: FAZENDA CAMPO VERDE

Município: ITATUBA

Ano: 1998

Ano	Jan.	Fev.	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Set.	Out.	Nov.	Dez.
01												
02												
03												
04										6		
05												
06			7					12,5				
07												
08						13						
09							17,5					
10							7					
11					2,5							
12												
13								28				
14												
15					4	6		6				
16			7									
17												
18			3									
19												
20							8					
21	3											
22							4					
23												
24				7	5			25				
25												
26							2,5					
27					4		7					
28			5									
29												
30								2,5				
31												
Total	3	000	15	7	15,5	19	46	74,000	6	000	000	

TOTAL DO ANO: 200,5

Exemplo de acompanhamento de precipitações pluviométricas na Fazenda Campo Verde, em 1998. Com um total de apenas 200 mm, é considerado um ano muito ruim (acervo da família).



Local de trabalho de Pompeu Borba na Fazenda Campo Verde. Simples como ele sempre foi (acervo da família).

Riacho do Navio

A Fazenda Riacho do Navio foi comprada pelo meu pai em 1983. Fica a cerca de 25 km de Campina Grande, na região do Cariri. Ele passou a usar a fazenda para a criação e desenvolvimento de seus rebanhos Sindi e Santa Inês. Riacho do Navio ficou conhecida nacionalmente pelo seu trabalho em genética e melhoramento dessas raças.

A casa da fazenda foi projetada por sua filha arquiteta, Lúcia Helena. Fica dentro de uma área quadrada, cercada, com exatamente um hectare.

Por trinta e cinco anos meu pai dividiu seu tempo entre a sua residência em João Pessoa, aonde chegava semanalmente às sextas-feiras, no final da tarde; a Fazenda Campo Verde, onde chegava às segundas-feiras de manhã; e a Fazenda Riacho do Navio, aonde chegava, geralmente, às quartas ou quintas-feiras.



Casa da Fazenda Riacho do Navio (foto de Lúcia Helena Borba da Costa).

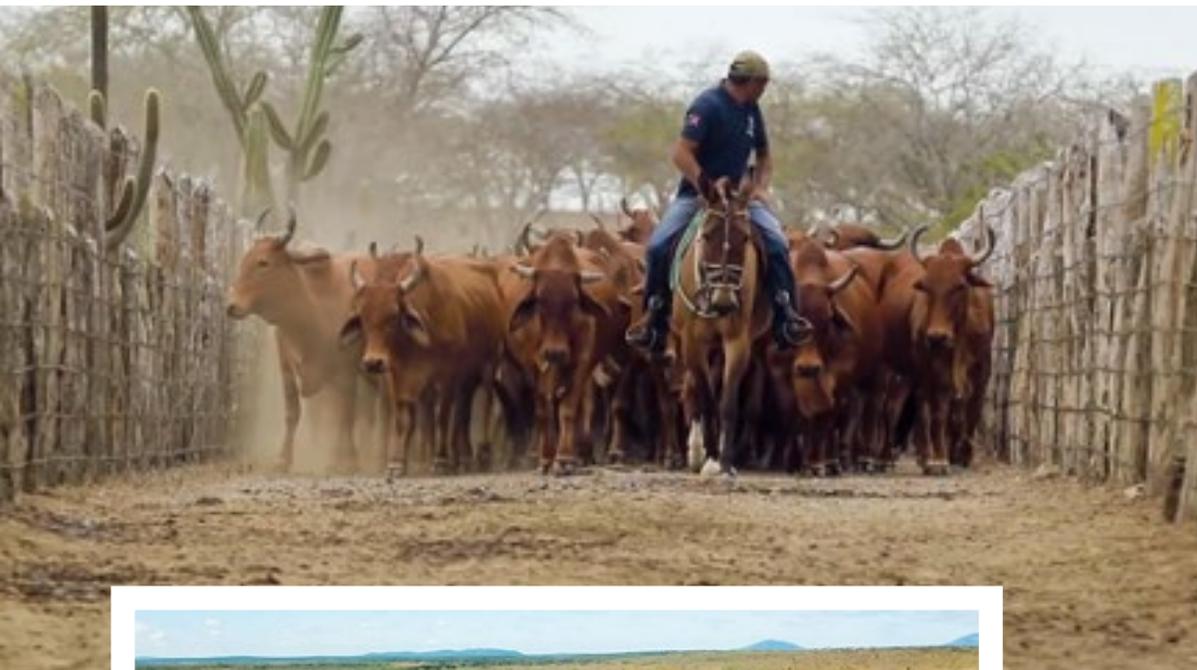


Vista aérea da Fazenda Riacho do Navio (foto de Douglas Rocha).



Vista aérea da Fazenda Riacho do Navio (foto de Douglas Rocha).

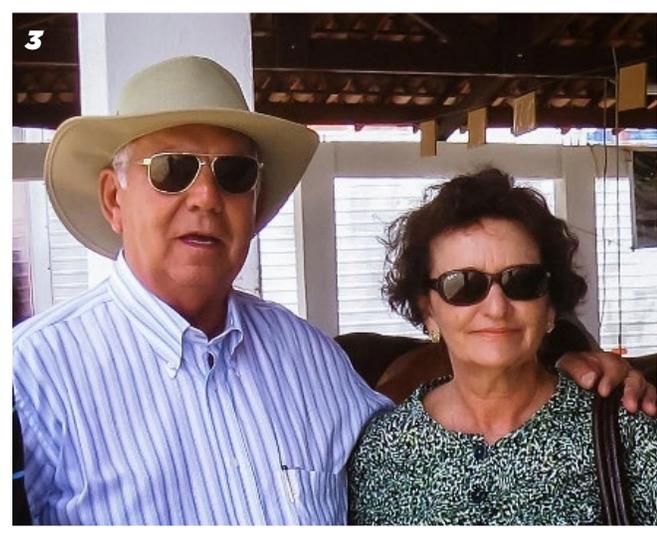
Abaixo, a Fazenda Riacho do Navio (foto de João Medeiros).

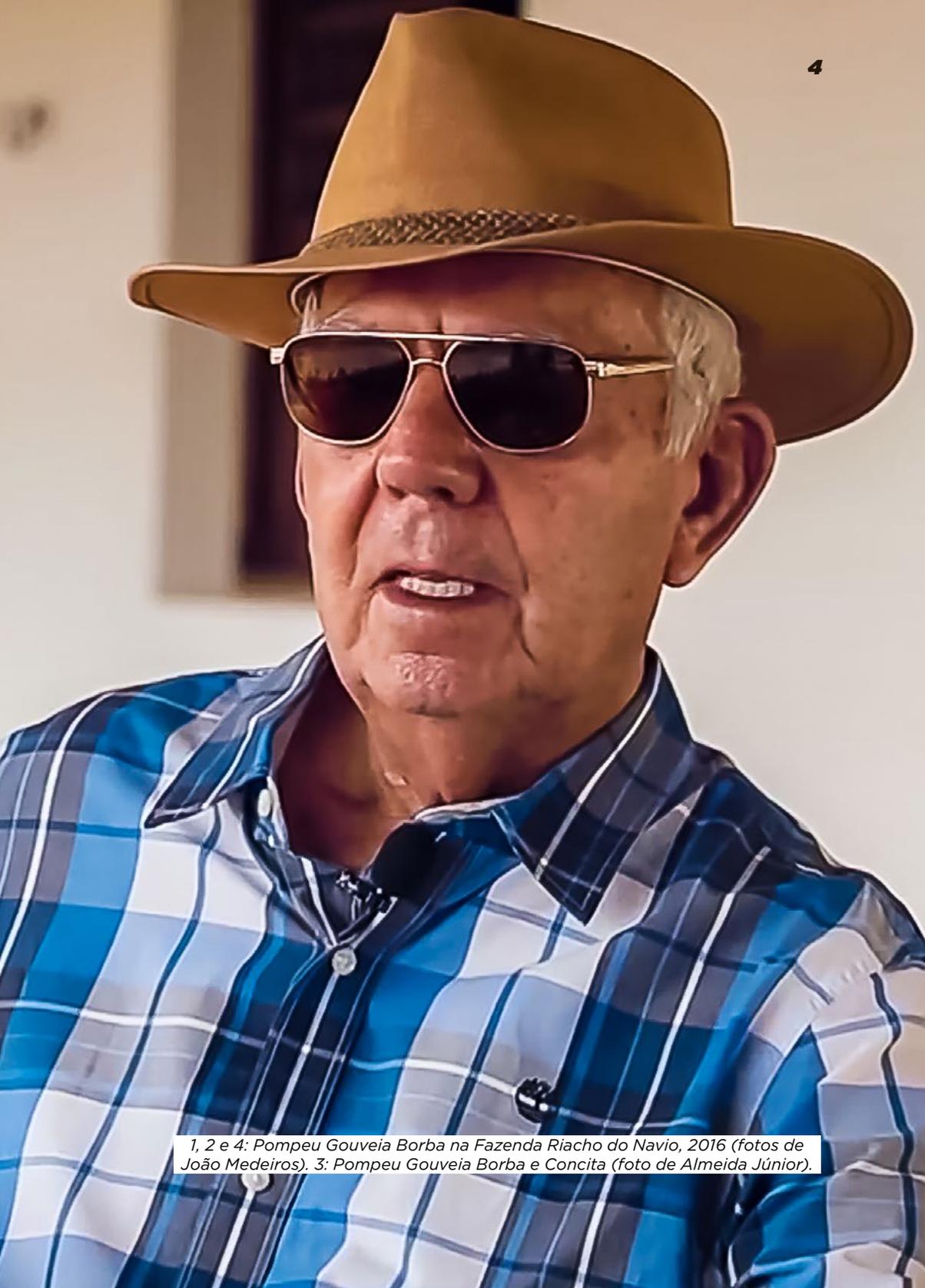


Acima, vista aérea da Fazenda Riacho do Navio (foto de Douglas Rocha).



Fazenda Riacho do Navio (foto de João Medeiros).





1, 2 e 4: Pompeu Gouveia Borba na Fazenda Riacho do Navio, 2016 (fotos de João Medeiros). 3: Pompeu Gouveia Borba e Concita (foto de Almeida Júnior).

PARTE 4:
ANOS DE COLHEITA



*Desenho a bico de pena por **Mário Gouveia Borba***

Exposições

Para um pecuarista que seleciona raças, as exposições agropecuárias são fundamentais para tornar o rebanho e a genética conhecidos. As premiações valorizam os reprodutores e matrizes, principalmente quando são a nível nacional. Com as premiações vêm as matérias nas revistas especializadas de cada raça, aumentando a exposição e o valor do plantel. Meu pai desde cedo entendeu a importância de participar dessas exposições, mesmo sendo uma atividade que envolve custos significativos e muito trabalho.

A primeira exposição que lembro de sua participação foi a de Timbaúba, ainda na década de 1960. Nessa época ele ainda não fazia seleção de raças, a participação na exposição teve o objetivo de fazer negócios. Lembro que uma de suas vacas participou de um concurso leiteiro. Como curiosidade, ele levou duas cobras cascavéis capturadas na fazenda Grossos. As cobras foram “expostas” em uma caixa de madeira com uma tela de aço na parte superior da tampa. Foi uma atração muito procurada. Eu tinha, então, cerca de doze a treze anos e a exposição, com o meu pai participando com animais, foi uma festa e um orgulho para mim.

Com a criação de ovinos Santa Inês, registrados, ele começou a participar de exposições com o objetivo de obter premiações importantes para seu rebanho. Foram muitas, em toda a região Nordeste, com inúmeras premiações. A sua habilidade inata de selecionador começou a ser conhecida e, eventualmente, foi reconhecida nacionalmente. O mesmo aconteceu com a sua seleção da raça Sindi.

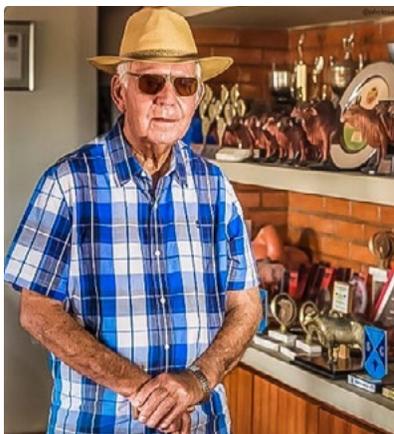
Foram incontáveis premiações de animais e de melhor criador. Ele obteve por doze vezes o título de melhor criador nacional.

A revista *SINDI BRASIL*, na edição 2 – Ano II, publicou uma matéria que descreve bem os momentos vividos pelo meu pai no ambiente das exposições agropecuárias, a qual transcrevo abaixo:

Aula imperdível “no mourão da porteira” com o professor Pompeu Borba

Quem conviveu com o Mestre Pompeu Borba sabe que para um bom papo e uma conversa longa, instrutiva e agradável, não deveria ir procurá-lo em mesas pomposas, stands, rodas de autoridades ou salas vip’s. O lugar para encontrar Seu Pompeu era no corredor do pavilhão do seu gado – sempre sentado no seu baú de tralhas, com a elegância de sempre e cercado do “povo do gado”. Ali, fala-se de gado, puxava-se animais para contemplar, contavam-se histórias, loas, lorotas e até bebia-se e comia-se. O papo ia longe...

Quem teve a oportunidade de participar dessas “aulas de corredor de baias” sabe do que estamos falando e podem botar no currículo. Porém, os mais sortudos e abençoados são os que tiveram o privilégio de participar de uma “aula no mourão da porteira” nos currais da Fazenda Riacho do Navio. Quando os alunos chegavam o professor já estava ansiosamente elegante, com o seu melhor gado amarrado e tratado e, embaixo de sol mesmo, começava uma valiosa e saudosa aula magna. Como terminava? Não terminava. Continuava sempre no alpendre da casa grande do Riacho onde bebia-se uma safra especial de Cachaça Cobiçada com farta mesa de “criação de casa” e com o professor muito mais à vontade e puxando a turma.



Pompeu Gouveia Borba junto a uma parte dos troféus recebidos – Fazenda Riacho do Navio (foto de João Medeiros).

Os Leilões

O primeiro “Leilão Pompeu Borba” da raça Santa Inês foi realizado em João Pessoa, no ano 2000. No ano seguinte, Pompeu, Dr. Luiz Felipe Brennand, Álvaro e Sérgio Borba juntaram-se para criar o leilão itinerante “Três Ases e Um Curinga”. Os “Três Ases” eram representados pelos criadores Pompeu Borba, Fazenda Campo Verde, Luiz Felipe Brennand, Rebanho Carotá e os sócios Álvaro e Sérgio Borba, meus irmãos. O “Curinga” era sempre um criador local, que participava com o seu rebanho. Esses leilões disponibilizavam, além de ovinos da raça Santa Inês, ovinos da raça Dorper e caprinos da raça Boer.

Os leilões foram muito bem sucedidos e vendiam o que tinha de melhor nas raças apresentadas. A raça Santa Inês teve um boom de preço entre 1998 e meados da primeira década de 2000, mas chegou em 2008 com preços muito abaixo dos praticados no pico. A partir desse ano meu pai deixou de realizar os leilões de ovinos e caprinos.

Com a crescente “descoberta” da raça Sindi pelos criadores, meu pai começou, em 2016, a realizar leilões com animais do rebanho Sindi P em João Pessoa.



Entrevista para a TV - Fazenda Riacho do Navio (acervo da família).

SINDI P

O rebanho Sindi P, de Pompeu Gouveia Borba, está entre os melhores do país na raça. É uma referência de qualidade genética, procurada por todos que querem o melhor no seu rebanho. Na Parte 3 deste livro já foi contada a história da sua formação. Aqui vamos mostrar alguns exemplos de campeões da raça, que representam o coroamento de um trabalho de mais de trinta e cinco anos, um exemplo da rara habilidade, perseverança e paixão do meu pai.

Uma medida do reconhecimento angariado são as mais de trezentas premiações obtidas pelo rebanho Sindi P e o título de melhor criador nacional recebido por doze vezes.

Além disso, em 2014, ele recebeu a Medalha do Mérito ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, na Expozebu em Uberaba (MG). Em 2016, na exposição de João Pessoa e na comemoração dos 35 anos da seleção Sindi P, meu pai recebeu a comenda “Cesário de Castilho”, a maior homenagem da ABCSindi - Associação Brasileira dos Criadores de Sindi. Segundo a revista *SINDI BRASIL*, na edição 2 - Ano II:

Em 2018, as devidas homenagens não pararam. O tatersal de leilões do Parque de Exposições de J. Pessoa - PB passa a chamar-se Arena de Leilões Pompeu Borba. Na sede da ABCSindi em João Pessoa foi afixada placa em reconhecimento ao seu grande associado. E a ABCSindi instituiu o Troféu Pompeu Borba a ser entregue pela primeira vez na XVI Exposição Nacional do Sindi, em Natal, para premiar as Melhores Progênie de Pai e de Mãe da Raça, conquista que Seu Pompeu considerava especial e que sabia fazer com esmero - como só ele.



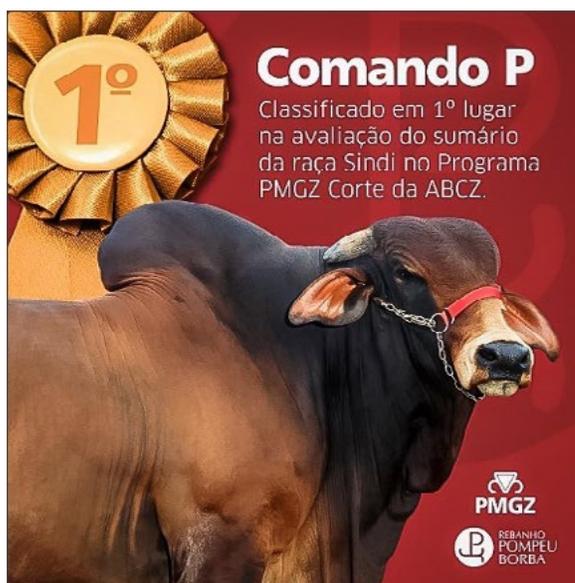
Pompeu Borba com a Medalha do Mérito ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (acervo da família).



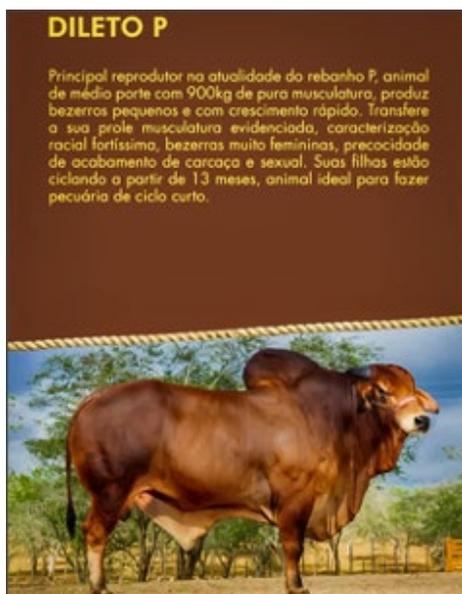
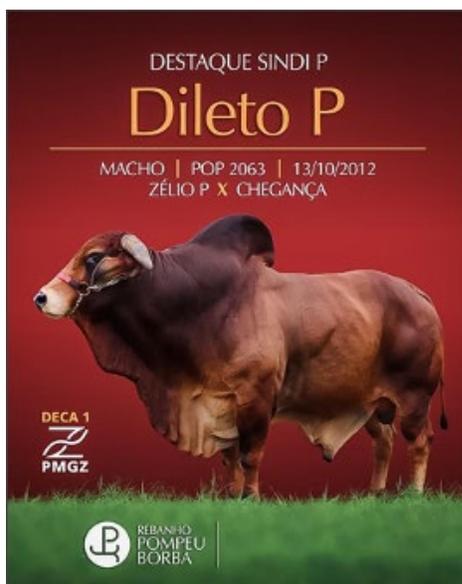
Rebanho Sindi P na Fazenda Riacho do Navio (foto de João Medeiros).



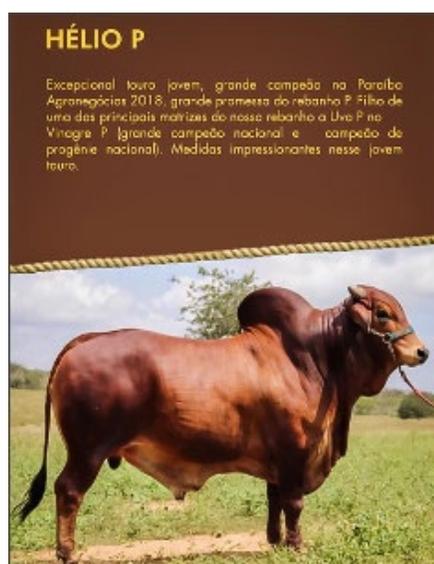
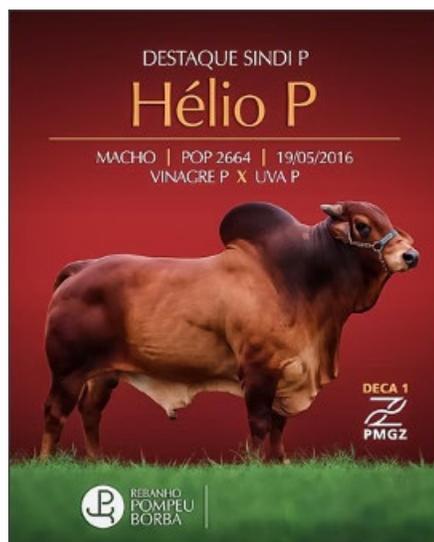
Pompeu Borba apresentando um exemplar Sindi P na Fazenda Riacho do Navio (acervo da família).



Comando P, líder do sumário de touros da raça Sindi (acervo da família).



Dileto P, touro de maior destaque no rebanho Sindi P na atualidade (acervo da família).



Hélio P, 3º melhor touro nacional em 2019 (acervo da família).



Bolero P, grande campeão nacional da raça Sindi (acervo da família).



TONELADA P
Grande Campeã
Nacional

Tonelada P, grande campeã nacional da raça Sindi (acervo da família).

DESTAQUE SINDI P

Hestância P

FÊMEA | POP 2809 | 19/11/2016
APOLO FIV AJCF X BANDEJA P



DECA 1
PMGZ

 REBANHO
POMPEU
BORBA

Hestância P, atual campeã nacional da raça Sindí (acervo da família).

As Viagens pelo Interior do Brasil

Pompeu Borba nunca teve interesse em conhecer outro país. Ele era apaixonado pelo Brasil, notadamente pelas regiões agropecuárias. Fazia viagens de avião apenas quando ia visitar a filha e o genro, Lúcia Helena e Marco Aurélio, no Rio de Janeiro; quando ia visitar o amigo Waldevan Alves de Oliveira e família, em Brasília; ou para alguma exposição ou leilão fora do Nordeste. O que ele gostava mesmo era de viajar de carro com os amigos pelas regiões agropecuárias do Nordeste, do Norte e do Centro-Oeste brasileiros. Eventualmente era necessário tomar pequenos aviões para ter acesso a algumas fazendas no Pará ou no Mato Grosso. Eram viagens sem o menor luxo. Dormia em hotéis de pequenas cidades e, às vezes, na sua rede em algum posto de gasolina em algum lugar perdido no mapa.

Mais uma vez transcrevo um texto relevante publicado na revista *SINDI BRASIL*, na edição 2 – Ano II:

O Lado Andarilho de Pompeu Borba

Os animais com ferro P, a fama, as histórias e as notícias sobre Seu Pompeu rodaram pelo país inteiro. Mas, o que poucos sabem é que o próprio personagem – em pessoa – rodou e percorreu este imenso país – de cabo a rabo, e do mar ao sertão, da floresta ao pântano.

Grande companheiro de conversas, de mesa e memória lúcida para papos sobre variados assuntos, Seu Pompeu era uma fonte privilegiada quando o mote era sobre a imensidão e as múltiplas faces do Brasil. Este era um assunto sobre o qual o homem gostava de falar, conhecia profundamente e transmitia as suas lembranças e impressões, numa verdadeira e agradável aula. Até mesmo o mais experiente dos viajantes calava-se para ouvir o mestre discorrer sobre suas andanças pelo país afora, durante anos e sempre com o objetivo de conhecer o Brasil Rural, ainda

pouco propalado e divulgado anos atrás e que para conhecer era preciso ser aventureiro, disposto e determinado.

Parte do conhecimento que Pompeu tinha do cenário e da realidade brasileira se devia a suas viagens para participar de exposições e outros eventos agropecuários por diversos lugares. Mas, o que poucos sabem é que Seu Pompeu foi um andarilho e desbravador como poucos. Rasgou esse imenso país, conhecia estradas, rotas, veredas, rios e caminhos. Conversar com ele sobre suas muitas viagens desbravando o país era uma oportunidade única para conhecer o Brasil, sua gente, seus bichos, suas plantas, sua cultura, seus hábitos, curiosidades e diversidade. Isto tudo, num papo molhado por uma boa cachaça, adoçada por uma fruta e vendo a imensidão do seu Cariri com o Sindi avermelhando o lugar.

Meu pai tinha uma capacidade incomparável de fazer amizades. Em cada viagem, em cada exposição ou leilão ele ampliava a sua enorme constelação de bons amigos. Ao citá-los é impossível não incorrer na falha de deixar de citar muitos. Mas, mesmo assim, gostaria de homenagear alguns que foram muito especiais e, através destes, todos os outros.

Ao chegar em Itatuba, em 1962, meu pai tornou-se amigo do chefe político da cidade, o “major” Honório Valeriano, cuja casa ficava na praça principal. Foi uma longa amizade. Lembro de ter ido várias vezes na casa do “major” Honório e, em quase todas, ouvi o seguinte diálogo entre os dois, ao se cumprimentarem:

– *Como vai, Major Pompeu?*

– *“Major” que nada. O major aqui é o senhor, eu sou de cabo pra baixo!*

Um outro grande amigo foi o também pecuarista Valfredo Tavares, da fazenda Trapiá, em Itatuba. Ele morava com a família em Timbaúba. Fizeram muitas viagens juntos.

Um outro amigo muito próximo foi o Dr. Milton Cunha, nosso vizinho em João Pessoa. Foi uma amizade para a vida toda.

Outro grande amigo que eu gostaria de citar foi o Dr. Waldevan Alves de Oliveira, advogado paraibano radicado em Brasília há muitos anos. Fizeram inúmeras viagens juntos pelas regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

Faço aqui uma citação especial a Mário Antônio Pereira Borba, primo legítimo de meu pai e grande incentivador do seu trabalho. Mário Borba tem uma longa trajetória de luta pelos interesses da agropecuária da Paraíba e do Brasil, tendo exercido cargos como presidente da Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba (FAEPA), 1º vice-presidente de Secretaria da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Sindi (ABCSindi), entre outros, que muito orgulham a família.

O Legado

Em 2013 meu pai sofreu um micro-AVC (pequeno acidente vascular cerebral) que limitou a sua capacidade de trabalho por um curto período. Ele recuperou-se quase completamente e não se deixou abater pela doença. No entanto, nos anos seguintes ele voltou a sofrer uma sequência de micro-AVCs que limitaram a sua capacidade de locomoção, sendo necessária a ajuda dos filhos Álvaro e Sérgio na administração dos seus negócios.

Meu pai nunca se deixou abater por doenças ou pela inevitabilidade da morte. Nunca o vi preocupado com a possibilidade de morrer. Mas após a doença e já com mais de oitenta anos, ele conversou com alguns dos seus filhos, em diferentes ocasiões, sobre o local onde desejaria ser sepultado: o túmulo do seu avô materno, Mário Veloso Borba, o padrinho Mário, em Itambé. Uma demonstração do apreço, admiração e respeito que ele tinha pelo avô, que confiou nele e lhe deu a mão em momentos difíceis da vida. Ele chegou ao ponto de detalhar o seu desejo dizendo que, no caso de impossibilidade de ser sepultado no túmulo do avô, gostaria de ser sepultado no túmulo da avó paterna, madrinha Naninha, localizado bem próximo ao túmulo de padrinho Mário.

Em 2018 resolvemos fazer uma comemoração especial dos seus oitenta e cinco anos, que seriam completados em 4 de junho. Por dificuldades de conciliar os compromissos e as viagens de todos os filhos e da maior parte dos netos, decidimos antecipar a comemoração para o sábado 26 de maio.

O evento foi organizado na fazenda Campo Verde, com a presença da família e de muitos amigos.

Os filhos, noras, genros e vários netos chegaram no dia anterior, uma sexta-feira. Fizemos um farto jantar em família e conversamos na varanda até tarde, com o meu pai muito animado, rindo muito. O dia seguinte foi extraordinário, ele estava muito feliz com a presença de tanta gente querida. Conversou animadamente com os familiares e com os velhos amigos. A comemoração foi até a noite, muitos deixando para viajar depois do jantar.

Na tarde do domingo eu e Nadja, minha mulher, nos despedimos do meu pai, pois tínhamos que dormir em Recife e pegar um avião na segunda-feira bem cedo. Na despedida, vi o meu pai emocionado, o que me emocionou também. Talvez tivéssemos uma premonição de que essa seria a última vez que nos abraçaríamos. Em torno de dez dias depois ele teve uma complicação de saúde e foi internado em um hospital de João Pessoa. Na noite de 13 de junho de 2018, o meu pai faleceu. Foi sepultado no dia 14 de junho de 2018 no túmulo do seu avô, como era o seu desejo.

A antecipação da comemoração do seu aniversário foi um oportunidade que todos tivemos de nos despedir dele com alegria, entre os amigos, como ele gostava.

Alguns dias após a sua morte nós, os irmãos, conversamos sobre o futuro e decidimos por unanimidade criar um consórcio para gerenciar as propriedades e o seu legado. O consórcio arrendou a parte de madrinha Concita, mantendo a totalidade das fazendas dedicada à manutenção da criação e desenvolvimento genético das raças selecionadas pelo nosso pai. Álvaro Lins Borba foi o irmão que recebeu a delegação para administrar e representar o consórcio, com a ajuda de Sérgio e Flávio Borba.

Desde então foram realizados os seguintes eventos:

- 3º Leilão Sindi Pompeu Borba, durante a Paraíba Agronegócios 2018;
- 1º Genética Pompeu Borba, fazenda Riacho do Navio, em 2019;
- 4º Leilão Sindi Pompeu Borba, durante a Paraíba Agronegócios 2019;
- 5º Leilão Sindi Pompeu Borba & Genética P - Edição Virtual, 2020.

Todos os eventos foram muito bem-sucedidos, oferecendo ao mercado o que a seleção genética realizada pelo meu pai tem de melhor. Ainda antes do falecimento dele, o filho Álvaro Borba declarou:

“Eu diria que ele pode ficar tranquilo com esse cuidado que ele tem com a continuidade que nós vamos dar. Será uma continuidade com muito prazer, com muito orgulho e com muito zelo neste trabalho dele e pensando em deixar isso para os nossos herdeiros. Da forma como herdamos, estamos trabalhando e cumprindo nossa missão, nós queremos para nossos filhos uma terra bem cuidada e um trabalho a ser seguido”.

O filho Sérgio Borba fez igualmente uma declaração de compromisso:

“Ele conseguiu por ter essas qualidades, essas virtudes, de ter muita garra, muita perseverança e acreditar no que faz. É uma responsabilidade grande, um desafio e a gente quer continuar. É gratificante, mas com uma responsabilidade muito grande”.

Todos os seus seis filhos estão muito unidos neste compromisso de levar em frente o legado de Pompeu Gouveia Borba: contribuir para o desenvolvimento da pecuária do país, notadamente da região do semiárido, com muito trabalho, técnica, perseverança, responsabilidade e muita paixão!



Aniversário de 85 anos de Pompeu Borba, na Fazenda Campo Verde - maio de 2018 (acervo da família).



Sérgio, Flávio, Pompeu e Álvaro Borba - Fazenda Riacho do Navio
(foto de João Medeiros).



Homenagem da ABCSindi ao seu sócio-fundador Pompeu Gouveia Borba
(foto: ABCSindi).

UM LEILÃO EM TRIBUTO
À UM BARRIARTE DA
AGROPECUÁRIA NORDESTINA.

3º LEILÃO
Sindi
POMPEU BORBA
& CONVIDADOS

21 de SETEMBRO
SEXTA-FEIRA • 19H

Centro de Eventos
Dr. Henrique Vieira de Melo
João Pessoa - PB
DURANTE A PARAÍBA
AGRONEGÓCIOS 2018

Transmissão ao Vivo:
www.agresteleiloes.com.br

CHAVEIRA
ABCZ



3º Leilão Sindi Pompeu Borba, durante a Paraíba Agronegócios 2018.








1º GENÉTICA

POMPEU BORBA

03 e 04 AGOSTO
A partir das 8h

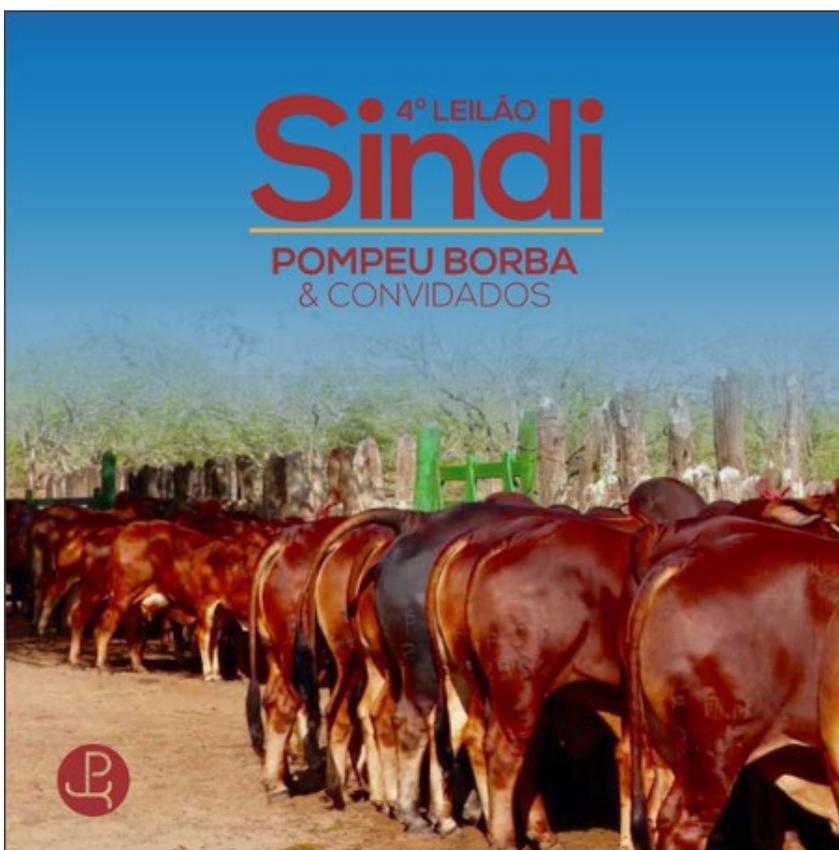
Fazenda Riacho do Navio
 Rodovia PB 138
 Distrito de Catolé de Boa Vista
 Campina Grande / PB

- PALESTRAS • DEBATES • WORKSHOPS
- SHOPPING COM CAVALOS

QUARTO DE MILHA, BOVINOS SINDI,
 MUARES, JUMENTOS PÊGA E OVINOS
 CRUZADOS DORPER E SANTA INÊS.



1º Genética Pompeu Borba, fazenda Riacho do Navio, 2019.



4º Leilão Sindi Pompeu Borba, durante a Paraíba Agronegócios 2019.



5º Leilão Sindi Pompeu Borba & Genética P - edição virtual, 2020.

Linha de Tempo

30/01/1848 – Nascimento de Pompeu Americano Pereira Borba (padrinho Pompeu)

Pai: Antonio Vicente Pereira Borba

Mãe: Ana Joaquina do Sacramento

12/08/1857 – Nascimento de Idalina Clara da Cunha Gouveia (irmã solteira de madrinha Naninha, que morou em Oriente com ela)

19/07/1859 – Nascimento de Manoel Generoso de Araújo Lima (padrinho Generoso)

Pai: Cosme Ignácio de Araújo Lima

Mãe: Idalina Veloso de Araújo Lima

19/03/1864 – Nascimento de Manoel Antônio Pereira Borba (Manoel Borba)

Pai: Simão Velho Pereira Borba

Mãe: Ignez Maria de Andrade Lima

Entre 1875 e 1885 – Montagem do Engenho Oriente

18/10/1879 – Nascimento de Mário Veloso Borba (padrinho Mário)

28/12/1884 – Nascimento de Teófila Cândida Gouveia Borba

Pai: Manoel Generoso de Araújo Lima (1859-1921)

Mãe: Cândida Inocência Gouveia de Araújo Lima

Cerca de 1869 – Nascimento de Anna Gouveia D'Arruda Borba (madrinha Naninha)
Pai: Manoel Paulino da Cunha Gouveia
Mãe: Rita de Arruda Gouveia

13/05/1888 – Abolição da Escravidão no Brasil (Lei Áurea)

15/11/1889 – Proclamação da República

1895 – João Gomes da Cunha Pedrosa compra o Engenho Trigueiro por 8:000\$000 (oito contos de réis)

27/12/1897 – Nascimento de Alfredo Gomes de Araújo
Pai: José Gomes de Araújo
Mãe: Ana Barbosa de Araújo

Cerca de 1898 – Falecimento de Idalina Veloso Borba

Cerca de 1899 – Casamento de padrinho Pompeu com Anna Gouveia D'Arruda Borba

1900 – Construção da casa-grande de Oriente

02/08/1902 – Nascimento de Maria Barbosa de Araújo (D. Lia)
Pai: Antônio Francisco de Araújo
Mãe: Joaquina Barbosa de Araújo

05/1906 – Padrinho Pompeu foi assaltado na estrada entre Itambé e Oriente

16/03/1907 – Nascimento de Luiza Gouveia Borba
Pai: Mário Veloso Borba
Mãe: Teófila Cândida Gouveia Borba

17/07/1907 – Nascimento de José Gouveia Pereira Borba
Pai: Pompeu Americano Pereira Borba
Mãe: Anna Gouveia D'Arruda Borba

1909 – João Gomes da Cunha Pedrosa comprou o sítio Linda Flor, anexo a Trigueiro, por 700\$000 (setecentos mil réis)

31/08/1911 – Nascimento de Antônia Lins Borba (Tonita)
Pai: Eduardo Hugo Cavalcanti Lins
Mãe: Alzira Carneiro Lins

16/03/1912 – Nascimento de Álvaro Veloso Borba
(padrinho Álvaro)
Pai: Mário Veloso Borba
Mãe: Teófila Cândida de Gouveia Borba

28/07/1914 – Início da Primeira Guerra Mundial

18/12/1915 – Manoel Borba toma posse como governador de Pernambuco

23/07/1916 – Falecimento de Pompeu Americano Pereira Borba

1917 – Aquisição do Engenho Lages por Mário Veloso Borba

24/10/1918 – Casamento de Alfredo Gomes de Araújo e Maria Barbosa de Araújo

11/11/1918 – Fim da Primeira Guerra Mundial

18/12/1919 – Manoel Borba conclui o mandato de governador de Pernambuco

11/08/1921 – Falecimento de Manoel Generoso de Araújo Lima

09/03/1923 - O Engenho Trigueiro passa para a administração de Alfredo Gomes de Araújo através de contrato de renda por três anos, no valor de cinco contos de réis anuais

18/11/1924 - O Engenho Trigueiro passa para a propriedade de Alfredo Gomes de Araújo através de escritura pública, no valor de 85:000\$000 (oitenta e cinco contos de réis)

11/08/1928 - Falecimento de Manoel Antonio Pereira Borba (aos 64 anos)

20/04/1929 - Casamento de José e Luiza Gouveia Borba

24/10/1929 - Quebra da Bolsa de Nova Iorque

13/02/1930 - Nascimento de Maria Bernadete (Detinha)

03/10/1930 - Revolução de 30

27/09/1931 - Nascimento de Maria Aparecida

1932 - Segundo parto de Luizinha (a menina faleceu no parto)

04/06/1933 - Nascimento de Pompeu Gouveia Borba

27/12/1933 - Falecimento de Anna Gouveia D'Arruda Borba

24/04/1935 - Nascimento de Mário Gouveia Borba

23/10/1936 - Falecimento de Idalina Clara da Cunha Gouveia

19/02/1937 - Nascimento de Ana Emília Gouveia Borba (Nitinha)

10/11/1937 - Instituído o Estado Novo por Vargas

07/04/1939 - Nascimento de Cláudio Gouveia Borba

01/09/1939 - Início da Segunda Guerra Mundial

13/10/1941 - Nascimento de Elza Borba

01/11/1942 - Entra em vigor a nova moeda, cruzeiro (Cr\$); mil réis passaram a valer 1 cruzeiro (Rs 1\$000 = Cr\$ 1)

02/07/1943 - Nascimento de Plácido Borba (Cidinho)

14/08/1945 - Fim da Segunda Guerra Mundial

06/01/1946 - Nascimento de Vital Borba

31/01/1946 - Fim do Estado Novo

18/07/1950 - Nascimento de Inêz Maria Gouveia Borba

1950 - Compra da Fazenda Camará

Pompeu sai do Engenho Oriente e vai trabalhar na Fazenda Camará

23/10/1953 - Carta de Luizinha para Pompeu (então com 20 anos)

1953 - Pompeu conhece Aparecida

1954 - Pompeu vai trabalhar em São Bento do Una (com Manoel Caboclo)

16/09/1954 - Casamento de Pompeu e Aparecida

13/07/1955 - Nascimento de Alfredo José Gouveia de Araújo Borba, em Timbaúba, na Maternidade Darcy Vargas, Hospital João Ferreira Lima

1955 - Pompeu deixa São Bento do Una e volta para Timbaúba

1956 - Pompeu monta a saboaria em Itambé

10/1956 - Falecimento de Plácido Gouveia Borba (Cidinho)

17/03/1957 - Nascimento de Plácido Gouveia de Araújo Borba (Pinto), em Timbaúba

1957 - Pompeu volta para Oriente para trabalhar na “Bacatela”

12/04/1958 - Nascimento de Flávio Gouveia de Araújo Borba, em Timbaúba

01/01/1959 - Revolução Cubana

23/11/1959 - Falecimento de Aparecida

01/1961 - Início do namoro de Pompeu e Concita (casamento de Tia Elzinha, em Oriente)

08/09/1961 - João Goulart assume o governo do Brasil

01/1962 - Início do arrendamento da Fazenda Grossos

22/04/1962 - Casamento de Pompeu e Concita

10/1962 - Crise dos mísseis de Cuba

31/01/1963 - Eleição de Miguel Arraes para o governo de Pernambuco

08/08/1963 - Evento com Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Oriente

01/11/1963 - Falecimento de Teófila Cândida de Gouveia Borba

22/11/1963 – Assassinato de John F. Kennedy, presidente dos EUA

08/03/1964 – Emancipação do município de Ferreiros (PE)

18/03/1964 – Nascimento de Lúcia Helena Lins Borba, em João Pessoa

31/03/1964 – Intervenção militar no Brasil

30/12/1964 – Nascimento de Eliana Lins Borba, em Itambé

29/01/1966 – Falecimento de Eliana Lins Borba

07/03/1966 – Nascimento de Álvaro Lins Borba, em Recife

13/02/1967 – Entra em vigor a nova moeda, o cruzeiro novo (NCr\$); na ocasião, mil cruzeiros passaram a valer 1 cruzeiro novo (Cr\$ 1.000 = NCr\$ 1)

28/05/1967 – Falecimento de Mário Veloso Borba

03/08/1967 – Nascimento de Sérgio Lins Borba, em Recife

09/03/1968 – Compra da Fazenda Jucá Limpo (futura Campo Verde), por NCR\$ 40.000,00 (20.000,00 em dinheiro + 50 vacas paridas)

02/1969 – Início da fabricação de queijo de coalho na Fazenda Grossos

15/05/1970 – Entra em vigor a nova moeda, cruzeiro (Cr\$); não houve corte de zeros, 1 cruzeiro novo passou a valer 1 cruzeiro (NCr\$ 1 = Cr\$ 1)

09/06/1970 – Falecimento de Álvaro Veloso Borba

22/06/1970 - Falecimento de José Gouveia Pereira Borba

1970 - Início da construção do açude maior de Campo Verde

1971 - Início da construção das instalações de Campo Verde (casas, currais, garagens etc.)

1972 - Término do arrendamento da Fazenda Grossos

1972 - Mudança com a família para Timbaúba (casa do meu avô)

1973 - Compra da casa de João Pessoa

1974 - Mudança com a família para João Pessoa

1981 - Início da criação da raça Sindi, com a aquisição de nove novilhas e um touro ao criador Rômulo Monteiro, da Usina Aripibu (PE)

1982 - Compra do touro Sindi Dalton DZ, da Universidade de Patos

09/1985 - Compra da fazenda Riacho do Navio (por 290 milhões de cruzeiros)

28/02/1986 - Entra em vigor a nova moeda, cruzado (Cz\$); mil cruzeiros passaram a valer 1 cruzado (Cr\$ 1.000 = Cz\$ 1)

23/04/1989 - Falecimento de Alfredo Gomes de Araújo

16/03/1990 - Entra em vigor a nova moeda, cruzeiro (Cr\$); 1 cruzado novo passou a valer 1 cruzeiro (NCz\$ 1 = Cr\$ 1)

14/02/1991 - Falecimento de Luiza Gouveia Borba

01/08/1993 - Entra em vigor a nova moeda, cruzeiro real (CR\$); com a nova mudança, mil cruzeiros passaram a valer 1 cruzeiro real (Cr\$ 1.000 = CR\$ 1)

01/07/1994 - Entra em vigor a nova moeda, real (R\$); 2.750 cruzeiros reais equivaliam a uma unidade real de valor (URV), que valia 1 real (CR\$ 2.750 = URV 1 = R\$ 1)

19/05/1995 - Falecimento de Maria Barbosa de Araújo (D. Lia)

2000 - Primeiro Leilão (Santa Inês)

30/08/2001 - Falecimento de Maria Bernadete de Borba Campos (Tia Detinha)

15/10/2016 - Falecimento de Cláudio Gouveia Borba (Tio Cláudio)

22/03/2017 - Falecimento de Ana Emília Gouveia Borba (Tia Nitinha)

13/06/2018 - Falecimento de Pompeu Gouveia Borba

Apêndice

• O Engenho Martiniano

Em maio de 2005 meu irmão Álvaro Lins Borba comprou o Engenho Martiniano, localizado no município de Serraria, no brejo paraibano. Ele tinha uma fazenda no Cariri, região semiárida sujeita a secas periódicas. A ideia, então, era ter uma propriedade para criação de gado na região do brejo, onde as chuvas são regulares. O engenho funcionava precariamente fabricando rapaduras, mas tem um belo casario colonial, uma história, uma parte de mata atlântica primária e um clima excelente. Tudo isso, associado à tradição da família com engenhos de açúcar, fez Álvaro se apaixonar pela propriedade e decidir manter o plantio de cana para fabricação de rapadura e de cachaça.

As instalações do engenho precisaram ser reformadas e montados novos equipamentos. Logo cedo ele viu que o negócio de rapadura não compensava e concentrou a produção na cachaça.

Conversando com o amigo Rodrigo Loureiro, diretor da Agreste Leilões, sobre os planos de produzir cachaça e que precisava escolher um nome para a marca, Rodrigo lembrou de um carneiro Santa Inês que Álvaro teve e que deu muitos bons resultados, chamado Cobiçado. Assim nasceu a Cachaça Cobiçada, produzida com muito rigor no Engenho Martiniano.

Ele também não descuidou do secular e muito bonito casario do engenho. Restaurou a casa-grande, a capela e as casas vizinhas. O interior da casa-grande ficou ao encargo de sua esposa, Márcia Henrique Borba, que, com seu bom gosto e energia peculiares, decorou-a com móveis antigos, mantendo a maioria dos originais. O Engenho Martiniano está no *Caminho dos Engenhos*, rota turística dos engenhos produtores de cachaça do brejo paraibano.

Mais recentemente Álvaro decidiu acrescentar à sua produção uma nova marca de cachaça, a Serra Velha, mantendo o padrão de qualidade e seriedade, características dele em tudo que faz e, certamente, herdadas dos pais e avós.



Casa-grande do Engenho Martiniano - Serraria, Paraíba (acervo da família).

Casario e capela do Engenho Martiniano - Serraria, Paraíba (acervo da família).





Alfredo, Pompeu, Concita e Álvaro Borba, Engenho Martiniano - Serraria, Paraíba (acervo da família).



Álvaro Borba e Álvaro Filho - Engenho Martiniano, 2009 (acervo da família).

• Engenhos e Proprietários

Apresento uma compilação dos principais engenhos abordados neste livro e os seus proprietários em anos específicos, os quais foi possível encontrar registros em antigos almanaques, periódicos ou escrituras.

Engenho Glória - Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1881	Cosme Ignácio de Araújo Lima	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1881
1894	Proprietário: Cosme Ignácio de Araújo Lima Rendeiro: Cosme Ignácio de Araújo Lima Sobrinho	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1894
1901	Manoel Generoso de Araújo Lima	Almanach de Pernambuco (PE), 1901
1925	Augusto Gouveia Lima José Ignácio Gouveia Lima (herdeiros de Manoel Generoso de Araújo Lima)	Almanak Laemmert (RJ),
1934	Augusto Gouveia Lima	Brasil Açucareiro - ano II volume III - Maio 1934
1948	Augusto Gouveia Lima	Revista Lavoura e Criação, de jan.-mar. de 1948

Engenho Glória - Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1983	Herdeiros de Augusto Gouveia Lima	Augusto Gouveia Lima faleceu em 17/02/1983

Engenho Oriente - Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1881	Pompeu Americano Pereira Borba	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1881
1894	Pompeu Americano Pereira Borba	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1894
1916	Anna Gouveia D'Arruda Borba (viúva de Pompeu Americano Pereira Borba)	Pompeu Americano faleceu em 23/07/1916
1934	José Gouveia Pereira Borba	Com a morte da mãe, em 27/12/1933, José Borba herdou o engenho
1970	Luiza Gouveia Borba (viúva de José Gouveia Pereira Borba)	José Borba faleceu em 22/06/1970
1991	Herdeiros de José Gouveia Pereira Borba	Luiza Borba faleceu em 14/02/1991

Engenho Boa Vista - Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1860	Herdeiros de Felipe Nery de Mendonça	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1860
1881	Manoel Correia de Oliveira Lima	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1881
1894	Fábio César de Araújo Lima	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1894
1925	Fábio César de Araújo Lima	Almanak Laemmert (RJ), 1925
1929	Joaquim Pereira Campos	Revista O Assucar e o Algodão em Pernambuco, 1929
1982	Herdeiros de Joaquim Pereira Campos	Joaquim Pereira Campos faleceu em 1982

Engenho Bonfim - Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1894	Henrique Luiz de Queiróz David	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1894
1925	Benjamin Nunes Machado	Almanak Laemmert (RJ), 1925
1936	Benjamin Nunes Machado	Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), 1936 - p. 1.023
1940	Flora Veloso Nunes Machado (viúva de Benjamin Nunes Machado)	Benjamin Nunes Machado faleceu em junho/1940
1969	Herdeiros de Flora Veloso Nunes Machado	Flora Veloso Nunes Machado faleceu em 04/03/1969

Engenho Perori – Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1860	Major José Joaquim da Rocha Farias e Henrique Luiz Farias David	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1860
1881	Belarmino Gonçalves Farias	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1881
1894	Tenente Coronel Belarmino Gonçalves N. Farias	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1894
1925	Benjamin Nunes Machado	Almanak Laemmert (RJ), 1925
1936	Benjamin Nunes Machado	
1940	Flora Veloso Nunes Machado (viúva de Benjamin Nunes Machado)	Benjamin Nunes Machado faleceu em junho/1940
1969	Herdeiros de Flora Veloso Nunes Machado	Flora Veloso Nunes Machado faleceu em 04/03/1969

Engenho Recreio (Bacurau) - Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1894	Manoel Generoso de Araújo Lima	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1894
1901	Manoel Generoso de Araújo Lima	Almanach de Pernambuco, 1901
1934	José Ignácio Gouveia Lima	Brasil Açucareiro - ano II volume III - Maio de 1934
1943	Maria do Carmo de Gouveia Lima (Yayazinha) (viúva de José Ignácio Gouveia Lima)	José Ignácio faleceu em 12/09/1943
Cerca de 1944	José Gouveia Lima assumiu como rendeiro após a morte do seu tio José Ignácio Gouveia Lima. Alguns anos depois, José Gouveia adquiriu a propriedade do engenho	José Gouveia Lima também é conhecido na família como "José Veloso"

Engenho Vundinha - Itambé/Ferreiros (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1860	Ernesto Justiniano da Silva Freire (barão de Itambé)	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1860
1881	Capitão José da Cruz Gouveia	Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola (PE), 1881
1894	Capitão José da Cruz Gouveia	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1894
1925	João da Cruz Gouveia	Almanak Laemmert (RJ), 1925
1936	João da Cruz Gouveia	Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), 1936
1948	Nelson da Cruz Gouveia	Revista Lavoura e Criação, de jan./mar. de 1948
1962	Herdeiros de Nelson da Cruz Gouveia	Nelson da Cruz Gouveia faleceu em 22/03/1962

Engenho Pará - Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1881	Tenente Coronel Paulino Velloso Freire	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1881
1894	Coronel Paulino Velloso Freire	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1894
1925	Helena Veloso Borba (viúva de Paulino Velloso Freire)	Almanak Laemmert (RJ), 1925
1973	Pompeu Veloso Borba (herdeiro de Helena Veloso Borba)	Helena Veloso Borba faleceu em 15/11/1972
1989	Herdeiros de Pompeu Veloso Borba	Pompeu Veloso Borba faleceu em 11/12/1988

Engenho Lages - Itambé (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1881	Proprietário: o Estado Rendeiro: major Joaquim Monteiro Guedes Gondim	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1881
1901	Proprietário: O Estado Rendeiro: D. Anna Cândida B. d'Andrade	Almanach de Pernambuco, 1901
1917	Mário Veloso Borba	Ano da compra por leilão público
1967	Herdeiros de Mário Veloso Borba	Mário Veloso Borba faleceu em 28/05/1967

Engenho Paquevira - Itambé/Timbaúba/São Vicente (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1860	Simão Velho Pereira Borba	Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de Pernambuco, 1860
1903	Herdeiros de Simão Velho Pereira Borba	Simão Velho Pereira Borba faleceu em 10/06/1903

Engenho Trigueiro - Nazaré/Vicência (PE)

Ano	Proprietário	Obs.
1881	Manoel de Oliveira e Silva	Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola (PE), 1869
1894	Joaquim Alves Camello Araújo Pereira	Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola (PE), 1881
1901	Joaquim Alves Camello Araújo Pereira	Almanak Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola (PE), 1894
1903	João Gomes da Cunha Pedros compra o Engenho Trigueiro por 8:000\$000 (oito contos de réis)	Escritura de 26/06/1895, no Cartório do 1º Ofício de Nazaré da Mata
1910	João Gomes da Cunha Pedros compra o sítio Linda Flor, anexo a Trigueiro, por 700\$000 (setecentos mil réis)	Escritura de 20/12/1909 de Nazaré da Mata
1923	João Gomes da Cunha Pedrosa assina contrato de arrendamento do Engenho Trigueiro, em 09 de Março de 1923, para Alfredo Gomes de Araújo	No manuscrito, João Gomes da Cunha Pedrosa alega problemas de saúde e faz algumas exigências para o caso de sua morte
1924	Alfredo Gomes de Araújo	Escritura de 18/11/1924, no Cartório do 1º Ofício de Nazaré da Mata
1989	Proprietário: Maria Barbosa de Araújo (D. Lia) (viúva de Alfredo Gomes de Araújo) Rendeiros: herdeiros de Maria Barbosa de Araújo	Alfredo Gomes de Araújo faleceu em 23/04/1989
1995	Herdeiros de Maria Barbosa de Araújo	Maria Barbosa de Araújo faleceu em 19/05/1995

• História de uma Pintura

No trabalho de pesquisa para este livro tive a ajuda de muitas pessoas, as quais me enviaram uma quantidade enorme de fotos antigas, que eu jamais tinha visto, muitas delas do meu pai ainda menino, no Engenho Oriente. Uma delas me fez viajar no tempo até o engenho no final da década de 1930: meu pai dentro do açude com água até os joelhos, minha tia Detinha, sua irmã mais velha, sentada à beira d'água e, atrás dela, mais duas crianças e três mulheres, entre as quais a minha avó Luizinha. A fotografia, desconhecida, estava de costas para o sol da tarde, a sua sombra aparecendo no canto inferior direito da foto. Ao fundo vê-se parte do prédio do engenho e parte da bagaceira e da casa de bagaço.

Ela está mal conservada e, na tentativa de melhorar a sua resolução, fiz algumas experiências com um software que, entre outras funcionalidades, adiciona cores em fotografias em preto e branco. Não utilizei a foto colorizada no livro, mas a minha viagem ao passado ficou mais realista. Tive, então, uma feliz ideia: porque não encomendar uma pintura do Engenho Oriente composta do ponto de vista dessa foto?

Não perdi tempo, procurei Sérgio Amorim, um dos mais importantes pintores baianos da atualidade, e levei a foto “colorida” juntamente com várias outras do engenho, mostrando a casa grande na década de 1930, a moita do engenho, o bueiro de seção quadrada com a parte final cônica, a bagaceira, a porteira que existia no final do balde do açude, o pé de flamboyant depois da porteira, um carro de boi com duas juntas e um carreiro devidamente paramentado, entre outros detalhes que fui lembrando da década de 1960.

Decidi, também, que o meu pai seria representado como ele estava em uma outra foto, também no açude.

Sérgio topou o trabalho e mergulhou na obra, usando seu estilo de pintura impressionista com espátulas. Foram várias visitas ao estúdio do artista para discussão de detalhes. Finalmente a obra foi concluída e pendurada na sala do meu apartamento. Eu e Nadja adoramos a pintura. Ela tem um valor inestimável para nós, pois representa as origens do meu pai e de nossa família, além de ter uma grande beleza artística. É um subproduto maravilhoso do esforço realizado para escrever este livro.

Conversando com uma amiga, que estava no estúdio de Sérgio Amorim em um dos dias que estivemos lá, sobre a história do meu pai, o menino que estava esboçado no centro da tela, ela ficou escutando o meu breve e entusiasmado relato sem dizer uma palavra. Poucos dias depois, enviou para a minha esposa um poema, um verdadeiro presente, que transcrevo a seguir:

*Um açude,
Brinca criança na água,
doce e calma.
Tempo que fotografa,
e corre solto no vento,
evapora como a fumaça,
da chaminé do engenho.
No verde do campo,
no vermelho da árvore que fronda,
um jovem desponta,
pela altivez e bravura.
E eis que no seu caminho passa, uma linda moça que o enlaça,
amansa sua coragem,
e provoca encantamento.
Sai das suas terras e peregrina,
Leva contigo a sinhá menina,
anda em campos diversos,
cuida da fazenda alheia,
mas retorna à sua raiz,
faz sua prole, sua riqueza,
e tange seu gado matriz.
Mas parte o seu primeiro amor,
de forma prematura,
deixa no coração a amargura.*

*Surge, então, um alento,
pra curar essa dor,
um bálsamo, um novo casamento.
E a família cresce,
o homem agora comanda,
o casarão, o engenho,
a árvore em galhos floresce,
as mágoas, a vida entenece,
a dor, a fortaleza curou,
a história se faz,
e ao final,
o reinado fica em paz.*

*Maria Paula Simões
Salvador, 29 de junho de 2020*

A seguir, mostro algumas das fotos utilizadas e uma pequena sequência da realização da pintura.



*Engenho Oriente no final
da década de 1930
(acervo da família).*

*Foto acima colorida
digitalmente (acervo
da família).*





Pompeu e Detinha no Engenho Oriente - foto colorida digitalmente (acervo da família).

Engenho Oriente na década de 1950 - foto colorida digitalmente (acervo da família).



Casa-grande do Engenho Oriente na década de 1930 - foto colorida digitalmente (acervo da família).



Engenho Oriente na década de 1980 (acervo da família).



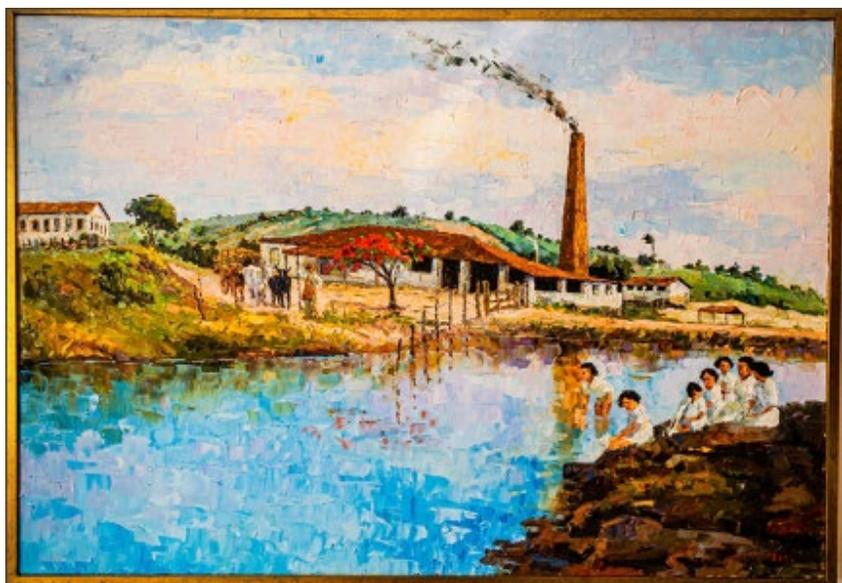
Moita do Engenho Oriente na década de 1980 (acervo da família).



Esboço da pintura “Engenho Oriente” - estúdio de Sérgio Amorim em Salvador (BA) (acervo da família).



Estúdio de Sérgio Amorim em Salvador (BA) (acervo da família).



Pintura "Engenho Oriente", obra de Sérgio Amorim – Salvador (BA).



Pintura "Engenho Oriente" no apartamento de Alfredo e Nadja Borba, em Salvador (BA) (acervo da família).

Considerações Finais

Dizer que após escrever um livro você é outra pessoa é um velho clichê. Mas, no meu caso foi realmente uma verdade, aconteceu de fato. Hoje me dou conta do quanto eu desconhecia a minha própria família. Da história dos meus pais eu só conhecia o que se manteve na minha memória. Como cresceram, como se conheceram e quais eram os seus sonhos não eram assuntos que me faziam refletir. Menos ainda em relação aos meus avós. Quanto aos antepassados, as gerações anteriores, não passavam de velhas fotografias penduradas em paredes, nomes eventualmente citados ou lápides em alguns cemitérios.

Hoje, passados cerca de seis meses do dia que iniciei minhas pesquisas com o firme propósito de escrever essa memória, sou realmente outra pessoa em relação a como vejo a minha família, suas origens, a grande quantidade de pessoas que nasceram, cresceram, tiveram sonhos e alegrias, sofreram perdas e frustrações, sentiram o gosto de grandes realizações e de fracassos, passaram por tragédias pessoais, transferiram suas esperanças para seus filhos e morreram. Eu sou o resultado disso tudo.

Foram, para mim, momentos de prazer por desvendar o desconhecido intercalados por momentos de certa tristeza, nostalgia, por reviver – ou mesmo “viver” – épocas que não voltam mais. É estranho como me dei conta da brevidade da vida contando histórias inteiras em poucas páginas. Alguns tiveram vidas mais interessantes, do ponto de vista literário, com mais realizações, mas nem por isso foram mais felizes, presumo.

Outros não deixaram muita coisa, ou quase nada, para ser contada. Será que foram infelizes? O que significa “deixar coisas para serem contadas”? Deixar memórias escritas, construções sólidas, terras, notícias em jornais, grandes heranças? Como registrar coisas intangíveis, tais como cuidado, carinho, conselhos, exemplos, aconchego, ensinamentos, desprendimento, perdão, amor?

Para registrar essas coisas tão valiosas são necessários os testemunhos escritos ou orais. Sem isso, muitas pessoas realmente iluminadas passam despercebidas pela vida. Por isso o registro escrito é muito importante, desde que seja objetivo e, sobretudo, honesto.

Espero que tenha conseguido realizar um pouco disso com esse livro. Que os mais jovens dessa geração e das próximas possam se inspirar nas pessoas lembradas aqui, sejam ou não da família, pois a experiência humana se repete e se reproduz em todos os lugares habitados.

Agradeço a todos que conseguiram chegar até aqui. Que não seja um fim!



POMPEU BORBA

MEMÓRIAS

O livro narra a história do meu pai, Pompeu Gouveia Borba. Mas, como não poderia deixar de ser, conta também a história do Engenho Oriente, onde ele nasceu, cresceu e começou a trabalhar. Achei importante retroceder algumas gerações e contar um pouco da história dos nossos antepassados e seus engenhos de açúcar na Mata Norte de Pernambuco, com o objetivo de registrar as memórias não apenas do meu pai, mas de todos que contribuíram para que ele se tornasse o homem que foi e para as suas realizações como pecuarista na Caatinga da Paraíba.

Alfredo José G. de Araújo Borba